



PAULA DE CAMPOS MORAIS

UM ESTUDO DE NORMAS ORTOGRÁFICAS E DE CONFIGURAÇÕES LEXICAIS  
EM INSCRIÇÕES TUMULARES EM CEMITÉRIOS DO SUDESTE GOIANO

CATALÃO (GO)

2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
REGIONAL CATALÃO  
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E  
LINGUÍSTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*  
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM



PAULA DE CAMPOS MORAIS

**UM ESTUDO DE NORMAS ORTOGRÁFICAS E DE CONFIGURAÇÕES LEXICAIS  
EM INSCRIÇÕES TUMULARES EM CEMITÉRIOS DO SUDESTE GOIANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – nível Mestrado – da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

**Área de Concentração:** Linguagem, Cultura e Identidade.

**Linha de Pesquisa:** Língua, Linguagem e Cultura.

**Orientação:** Profa. Dra. Maria Helena de Paula

CATALÃO (GO)

2015

Ficha catalográfica elaborada automaticamente  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob orientação do Sibi/UFG.

Morais, Paula de Campos  
UM ESTUDO DE NORMAS ORTOGRÁFICAS E DE  
CONFIGURAÇÕES LEXICAIS EM INSCRIÇÕES TUMULARES EM  
CEMITÉRIOS DO SUDESTE GOIANO [manuscrito] / Paula de  
Campos Moraes. - 2015.  
317 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Dra. Maria Helena de Paula.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Regional  
Catalão, Catalão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da  
Linguagem, Catalão, 2015.

Anexos.

Inclui abreviaturas, gráfico, tabelas, lista de tabelas.

1. Incrições tumulares. 2. Ortografia da Língua Portuguesa. 3. Léxico.  
4. Morte. 5. Vida. I. Paula, Dra. Maria Helena de, orient. II. Título.

PAULA DE CAMPOS MORAIS

**UM ESTUDO DE NORMAS ORTOGRÁFICAS E DE CONFIGURAÇÕES  
LEXICAIS EM INSCRIÇÕES TUMULARES EM CEMITÉRIOS DO SUDESTE  
GOIANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - nível Mestrado - da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Área de concentração: Linguagem, Cultura e Identidade.

Linha de pesquisa: Língua, Linguagens e Cultura.

Aprovado em: 24/09/2015

BANCA EXAMINADORA

*Maria Helena de Paula*

---

Profa. Dra. Maria Helena de Paula  
Universidade Federal de Goiás / Regional Catalão (Orientadora)

*Braz José Coelho*

---

Prof. Dr. Braz José Coelho  
Universidade Federal de Goiás / Regional Catalão

*Eliana Dias*

---

Profa. Dra. Eliana Dias  
Universidade Federal de Uberlândia

À minha Família, a qual compreende a importância da aquisição de novos saberes.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida.

Às orientadoras: Professora Dra. Gisele da Paz Nunes, que por motivo de saúde ficou impossibilitada de nos acompanhar nesta jornada, e Professora Dra. Maria Helena de Paula, pela acolhida, pela imprescindível e valiosa orientação, bem como pela compreensão nos momentos de dificuldade.

À Professora Dra. Eliana Dias e ao Professor Dr. Braz José Coelho pela participação em nossa banca de defesa, em especial pelo precioso momento de diálogo.

À Professora Dra. Kênia Mara Freitas Siqueira e à Professora Dra. Vanessa Regina Duarte Xavier que, junto com nossa orientadora, compuseram a banca referente à nossa qualificação e deram importantes sugestões para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos meus familiares pelo incentivo, apoio, carinho e compreensão, em especial, nos momentos de dificuldade: Laurencina, Adalberto, Lucas, Augusto César, Maristela, Gabriel, Carolina, Sebastiana, Francisco, Zeferina, Márcia, Amanda, Augusto de Paula, Ariadne, Luciana, Marcelo Vicente, Auristela, Julia, Marise, Felipe, Julia Peixoto, João Vitor, Leide, José Francisco, Aparecida, Deusvanda, Carlos, Maria, Eurípedes, Renner, Ana Paula.

Aos amigos pelo incentivo e apoio: Bruna, Wesley, Hugo, Udaína, Adriana Toledo, Mônica, Lílian, Ulysses, Luana, Neuza, Fabiana, Luciene, Mara, Lucí, Tânia, Aparecida Almeida, Manoel, Idelvone, Estevane, Ariell, Samuel, Jozimar, Maria Gabriela, Fabrícia, Ítala, Virgínia, Dorcas, Cinara, Marcelo, Kelly Cristina, Adriana Sadoyama, Geraldo, Dóbia, Samara, Françoise.

Aos Professores do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem: Erislane, Grenissa, Maria Imaculada, Antônio, Alexander, Luciana Borges.

Aos Secretários de Administração dos municípios de Catalão, Ipameri, Santa Cruz de Goiás e Silvânia, os quais, gentilmente, liberaram a coleta das inscrições tumulares para a realização desta pesquisa.

Agradeço, ainda, a todos que, de qualquer forma, colaboraram para a conclusão desta pesquisa.

O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.

Cora Coralina

## RESUMO

Na presente pesquisa interessou-nos fazer um estudo do uso de normas ortográficas e das expressões da língua portuguesa em inscrições tumulares coletadas em quatro cemitérios do Sudeste Goiano, mais precisamente nos municípios de Catalão, Ipameri, Santa Cruz de Goiás e Silvânia, sendo um cemitério por município. Para tanto, nosso objetivo principal foi investigar o léxico e o uso de normas ortográficas do português em inscrições tumulares nestes cemitérios e, assim, responder aos questionamentos: se houve a utilização de normas ortográficas nas inscrições tumulares; se nas expressões inventariadas das inscrições tumulares foi necessário conter as palavras vida, morte ou seus sinônimos para que essa ideia seja representada. Para tanto, nossa hipótese principal foi de que as inscrições tumulares, como manifestações escritas, poderiam apresentar desvios à norma ortográfica vigente à época em que foram escritas e que não seria imprescindível a presença de palavras como morte, vida ou seus sinônimos para representar essa ideia nas expressões inventariadas das inscrições tumulares. A metodologia utilizada para a separação dos dados em ambas as perspectivas, ortográfica e lexical, foi a adotada por Megale e Toledo Neto (2005), sendo esses dados, vocábulos e expressões, organizados por município e pelos períodos pré-estipulados, levando em consideração os seguintes períodos da ortografia do português no Brasil: 1931 – Primeiro Acordo Ortográfico entre Brasil e Portugal; 1943 – Publicação do Formulário Ortográfico (Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa); 1971 – Lei com ênfase na alteração dos acentos gráficos; 1990 – Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, aprovado em 2008, com tempo de adaptação de 2009 a 2012 e que deveria ser implantado definitivamente em 2013, mas adiado para o ano de 2016. Para a análise dos dados na perspectiva ortográfica, os vocábulos foram selecionados, ao nosso olhar, como se possuíssem desvios ortográficos, sendo a análise feita tomando por base a época em que foram inscritos, baseados nas normas ortográficas vigentes nos períodos e em dicionários das épocas. Para a análise dos dados na perspectiva lexical, selecionamos as expressões inventariadas das inscrições tumulares coletadas através do critério de amostragem. Tão logo as expressões foram selecionadas, os vocábulos presentes nas mesmas foram analisados com base na visão de diversos dicionaristas.

**Palavras-chave:** Inscrições tumulares; Ortografia da Língua Portuguesa; Léxico; Morte; Vida.

## ABSTRACT

In this research interested in doing a study of the use of orthographic norms and expressions of Portuguese language in tomb inscriptions collected in four cemeteries of Goiano Southeast, specifically in the municipalities of Catalão, Ipameri, Santa Cruz de Goiás and Silvânia, one cemetery by municipality. For this purpose, our main objective was to investigate the lexicon and the use of orthographic norms of Portuguese in tomb inscriptions in cemeteries of Goiano Southeast and, thus, answer the questions: if there was the use of orthographic norms in the tomb inscriptions; if in the inventoried expressions of tomb inscriptions was necessary contain the words life, death or its synonyms for this idea to be represented. Thus, our main hypothesis was that the tomb inscriptions, as written manifestations, could present deviations to the orthographic norms in vigor at the time they were written and that would not be necessary the presence of words like death, life or their synonyms to represent this idea in the inventoried expressions of tomb inscriptions. The methodology used for the separation of data in both perspectives, orthographic and lexical, was adopted by Megale and Toledo Neto (2005), and these data, words and expressions, organized by municipality and the pre-stipulated periods, taking into consideration the following periods of orthography of the Portuguese in Brazil: 1931 – First Orthographic Agreement between Brazil and Portugal; 1943 – Publication of the Orthographic Form (Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa); 1971 – Law with emphasis on changing of the accent marks; 1990 – New Orthographic Agreement of the Portuguese Language, approved in 2008, with adaptation time of 2009 to 2012 and would be permanently implanted in 2013, but postponed to the year 2016. For the analysis of the data in the orthographic perspective the words were selected, to our eyes, as if they had orthographic deviations, and the analysis made considering the time they were registered, based on the orthographic norms in vigor on the periods and dictionaries of the epoch. To analyze the data in lexical perspective, we selected the inventoried expressions of tomb inscriptions collected by sampling criteria. Once the expressions have been selected, the words present in the same was analyzed based on the view of many lexicographers.

**Key-words:** Tomb Inscriptions; Orthography of Portuguese Language; Lexicon; Death; Life.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro – 1</b>	Classificação dos estilos no gênero textual inscrição tumular	p. 24
<b>Quadro – 2</b>	Percentual, por cemitério, do total geral de inscrições tumulares coletadas	p. 49
<b>Quadro – 3</b>	Percentual, por cemitério, do uso do substantivo <b>saudade</b> nas inscrições tumulares coletadas	p. 190
<b>Quadro – 4</b>	Total de uso de variações do substantivo <b>saudade</b> , por cemitério, nas inscrições tumulares coletas	p. 190
<b>Quadro – 5</b>	Variações de uso do substantivo <b>saudade</b> nas inscrições tumulares coletadas	p. 192

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela – 1</b>	Data de coleta das inscrições tumulares por município e modelo de câmeras fotográficas utilizadas	p. 48
<b>Tabela – 2</b>	Quantidade de inscrições tumulares coletadas por cemitério e total geral de inscrições coletas nos quatro cemitérios	p. 48
<b>Tabela – 3</b>	Vocábulos e suas etimologias	p. 131
<b>Tabela – 4</b>	Vocábulos em conformidade com Aulete (1881)	p. 132
<b>Tabela – 5</b>	Vocábulos em conformidade com Figueiredo (1913)	p. 132
<b>Tabela – 6</b>	Vocábulos em conformidade com o Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (1943)	p. 138
<b>Tabela – 7</b>	Vocábulos em conformidade com Freire (1957)	p. 139
<b>Tabela – 8</b>	Vocábulos em conformidade com Bueno (1964)	p. 139
<b>Tabela – 9</b>	Vocábulos em conformidade com Bueno (1975)	p. 146
<b>Tabela – 10</b>	Vocábulos em conformidade com Luft (2000)	p. 146
<b>Tabela – 11</b>	Vocábulos em conformidade com o Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (1943), coexistindo com o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa	p. 150
<b>Tabela – 12</b>	Vocábulos em conformidade com Houaiss e Villar (2009), coexistindo com o Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (1943)	p. 150
<b>Tabela – 13</b>	Síntese do uso de variações do substantivo “saudade”	p. 192

## LISTA DE ABREVIATURAS

<b>adj.:</b>	adjetivo
<b>adv.:</b>	advérbio
<b>art.:</b>	artigo
<b>+:</b>	combinação
<b>conj.:</b>	conjugação
<b>f.:</b>	feminino
<b>fut.:</b>	futuro
<b>ger.:</b>	gerúndio
<b>imp.:</b>	imperativo
<b>imperf.:</b>	imperfeito
<b>ind.:</b>	indicativo
<b>inf.:</b>	infinito
<b>m.:</b>	masculino
<b>m. q. perf.:</b>	mais que perfeito
<b>num.:</b>	numeral
<b>p.:</b>	particípio
<b>pas.:</b>	passado
<b>perf.:</b>	perfeito
<b>prep.:</b>	preposição
<b>pres.:</b>	presente
<b>pret.:</b>	pretérito
<b>pron.:</b>	pronome
<b>s.:</b>	substantivo
<b>subj.:</b>	subjuntivo
<b>v.:</b>	verbo

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1</b>	<b>O QUE SÃO INSCRIÇÕES TUMULARES?</b> .....	18
1.1	Inscrições tumulares.....	18
1.2	A morte e suas representações .....	30
<b>2</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	42
2.1	A escolha do tema .....	42
2.2	Os locais da pesquisa .....	44
2.3	A coleta do material .....	47
2.4	O material da pesquisa .....	48
2.5	A transposição das inscrições tumulares para o <i>corpus</i> .....	49
2.6	A organização dos dados na perspectiva ortográfica e análise .....	50
2.7	A organização dos dados na perspectiva lexical e análise .....	51
<b>3</b>	<b>DADOS E ANÁLISE</b> .....	52
3.1	Breve história da escrita .....	52
3.2	Dados para o estudo da ortografia .....	56
3.2.1	Índice de frequência e ocorrência dos vocábulos para o estudo da ortografia .	56
3.2.1.1	Índice de frequência e ocorrência dos vocábulos em Catalão .....	56
3.2.1.2	Índice de frequência e ocorrência dos vocábulos em Ipameri .....	73
3.2.1.3	Índice de frequência e ocorrência dos vocábulos em Santa Cruz de Goiás.....	93
3.2.1.4	Índice de frequência e ocorrência dos vocábulos em Silvânia .....	105
3.3	Análise dos usos de normas ortográficas nas inscrições tumulares.....	120
3.3.1	1931 – Primeiro Acordo Ortográfico entre Brasil e Portugal .....	133
3.3.2	1943 – Publicação do Formulário Ortográfico – Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.....	135
3.3.3	1971 – Lei com ênfase na alteração dos acentos gráficos .....	140
3.3.4	(1990) 2009 – Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa .....	148
3.4	Dados para o estudo lexical .....	151
3.4.1	Índice de frequência e ocorrência de expressões para o estudo lexical .....	151
3.4.1.1	Índice de frequência e ocorrência de expressões em Catalão .....	152
3.4.1.2	Índice de frequência e ocorrência de expressões em Ipameri .....	160
3.4.1.3	Índice de frequência e ocorrência de expressões em Santa Cruz de Goiás .....	173

3.4.1.4	Índice de frequência e ocorrência de expressões em Silvânia .....	177
3.5	Estudo lexical: a morte (e a vida) inscrita nas inscrições tumulares.....	186
3.5.1	Saudade eterna / eterna saudade .....	189
3.5.2	Sono eterno .....	196
3.5.3	Descanso eterno .....	198
3.5.4	Repouso eterno .....	200
3.5.5	Dorme para sempre .....	201
3.5.6	Descanse em paz .....	202
3.5.7	R.I.P. ....	204
3.5.8	Entes queridos .....	204
3.5.9	Alma acrisolada .....	205
3.5.10	Cabelos brancos .....	206
3.5.11	Preito de gratidão .....	207
3.5.12	Restos mortais .....	208
3.5.13	Orai por ele .....	211
3.5.14	Lição de vida .....	213
3.5.15	Vida eterna .....	214
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	217
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	219
	<b>ANEXO A</b> – Decreto nº 20.108, de 22 de julho de 1931.....	225
	<b>ANEXO B</b> – Decreto-lei nº 292, de 23 de fevereiro de 1938.....	238
	<b>ANEXO C</b> – Decreto-lei nº 5.186, de 13 de janeiro de 1943.....	240
	<b>ANEXO D</b> – Lei nº 5.765, de 18 de dezembro de 1971.....	241
	<b>ANEXO E</b> – Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.....	242
	<b>ANEXO F</b> – Decreto nº 7.875, de 27 de dezembro de 2012.....	285
	<b>ANEXO G</b> – Instruções para a organização do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.....	286

## INTRODUÇÃO

Na presente pesquisa, vinculada ao Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem da Regional Catalão, Universidade Federal de Goiás, interessou-nos fazer uma análise lexical das expressões e do uso de normas ortográficas da língua portuguesa em inscrições tumulares, as quais foram coletadas em quatro cemitérios do Sudeste Goiano, mais precisamente nos municípios de Catalão, Ipameri, Santa Cruz de Goiás e Silvânia.

A perspectiva sobre inscrições tumulares adotada neste estudo é a assumida por Basseto (2005, p. 114), segundo a qual tais registros são “[...] inscrições de caráter permanente, geralmente em pedra ou mármore, e por isso mais cuidadas”. Nelas, além da conservação linguística, são expostos traços da escrita de diversos períodos.

Os cemitérios eleitos para a coleta das inscrições tumulares localizam-se na área urbana cuja administração está sob a responsabilidade das prefeituras dos supracitados municípios. Há, nos municípios, cemitérios rurais, os quais foram refutados em nossa pesquisa de campo porque suas inscrições, por terem sido escritas geralmente em cruces de madeiras ou lápide em cimento e estarem sem o devido cuidado para sua conservação, não apresentam qualidade mínima para leitura.

Os municípios em questão foram selecionados por estarem localizados na área delimitada para a realização da pesquisa, Sudeste Goiano, bem como terem sido elevados à categoria de município há mais de cem anos, perpassando pelos seguintes períodos da ortografia do português no Brasil: 1931 – Primeiro Acordo Ortográfico entre Brasil e Portugal; 1943 – Publicação do Formulário Ortográfico (Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa); 1971 – Lei com ênfase na alteração dos acentos gráficos; 1990 – Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, aprovado em 2008, com tempo de adaptação de 2009 a 2012 e seria implantado definitivamente em 2013, o qual, a partir do Decreto nº 7875, de 27/12/2012, publicado no Diário Oficial da União (DOU) em 28/12/2012, teve o prazo de implantação adiado para o ano de 2016.

Nosso interesse por utilizar inscrições tumulares como material de estudo surgiu durante nossa graduação em Letras – Português/UFG, na disciplina Filologia Românica, ano de 2005. Naquela época desenvolvemos uma breve pesquisa a fim de verificar a existência da conservação linguística nas inscrições tumulares colhidas no Cemitério Municipal de Catalão.

A intenção é demonstrar que existem outros gêneros textuais e outros espaços que podem ser empregados nos estudos linguísticos e, desse modo, independentemente do espaço

em que o texto é concretizado, ele pode ser objeto dos estudos sobre as fases de uso de uma dada língua.

Quanto à importância do nosso estudo, entendemos que é relevante para os Estudos da Linguagem, pois possibilita conhecermos fases anteriores da língua portuguesa em nosso país, especificamente no estado de Goiás, para que possamos melhor compreender as transformações ocorridas em nossa língua, tanto na sua grafia quanto no seu acervo lexical.

Ao se referir à língua, Dubois *et al.* (1993, p. 379) a compreendem como “[...] a parte da linguagem que existe na consciência de todos os membros da comunidade lingüística, a soma das marcas depositadas pela prática social de inúmeros atos de fala concretos”.

Em consonância com Borba (2005, p. 2), percebemos que a língua é fundamental para a vida social, pois “[...] a língua é uma necessidade social, é o laço que une e integra os indivíduos num mesmo universo; só ela dá acesso à vida cultural e espiritual”. A língua é uma “atividade criadora” e, como tal, é utilizada em várias situações no contexto social (persuasão, sugestão, aconselhamento etc.).

Coelho (2005, p. 79, destaque do autor) também se refere à língua como intrínseca à vida social. Por essa razão, o autor declara que a língua é

[...] um sistema de símbolos convencionais produzido historicamente pela atividade dos homens em sociedade. As pessoas ao nascerem já encontram, à disposição delas, um sistema lingüístico elaborado pela sociedade em que nasceram e de que vão participar. Nesse sentido a *língua* é exterior e anterior ao indivíduo, existe na memória coletiva, na memória dos que a aprenderam e a falam, é um fato e fenômeno social, encontrando-se à disposição das pessoas pertencentes à mesma comunidade lingüística.

Percebida dessa forma, a língua, concretizada através da escrita, é a que nos interessa, haja vista que é com o uso dela que as inscrições tumulares são materializadas e, assim, por serem de cunho social e constituírem memórias, perpetuam-se. As inscrições tumulares eternizam representações, sob a forma de lembranças escritas, de alguém falecido, constituindo-se uma forma de a língua continuar existindo.

A língua, na forma escrita, faz uso de sinais gráficos que correspondem, em sua maioria, aos sons da fala. Entretanto, é perceptível que uma das dificuldades de escrever está relacionada com o sistema ortográfico do português, que não é necessariamente fonético, fazendo com que os sons produzidos no ato da fala não tenham correspondência única e exclusiva com as suas representações escritas. As mudanças que ocorrem na língua falada são mais rápidas porque estão sujeitas a vários fatores tanto de ordem linguística como de natureza extralingüística (fatores geográficos, culturais, sociais, históricos). Na história da

língua portuguesa, enquanto escrita, as mudanças ocorrem tanto no léxico quanto no arranjo gramatical e no que lhe é externo, imposto, como as normas ortográficas.

Para este estudo, objetivamos investigar o léxico e o uso de normas ortográficas do português em inscrições tumulares nos cemitérios do Sudeste Goiano e, mais especificamente, realizar a análise lexical de expressões a partir delas inventariadas; identificar a presença da morte e da vida nestas expressões inventariadas; analisar as inscrições em conformidade com a norma ortográfica vigente à época de sua escrita; verificar possíveis desvios às normas ortográficas supostamente vigentes e os motivos que levaram a tal desvio.

A partir dos objetivos propostos, buscamos responder se há ou não a utilização de normas ortográficas nas inscrições tumulares; se nas expressões é necessário conter as palavras vida, morte ou seus sinônimos para que essa ideia seja representada.

Para tanto, acreditamos, hipoteticamente, que as inscrições tumulares, como manifestações escritas, podem apresentar desvios à norma ortográfica vigente à época em que foram escritas e que é imprescindível a presença de palavras como morte, vida ou seus sinônimos para representar essa ideia nas expressões inventariadas das inscrições tumulares.

Cabe informar que houve a necessidade de submissão do nosso projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (COEP/UFG). O projeto foi submetido ao COEP/UFG por as inscrições tumulares conterem informações pessoais relacionadas aos falecidos, classificadas como informações secundárias<sup>1</sup>, pois a pessoa está morta. Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo COEP/UFG, ficou estabelecido que se deve haver absoluto sigilo quanto aos dados dos falecidos.

Com a intenção de agilizarmos a coleta do material, fotografamos as inscrições e na sequência, fizemos a transposição das mesmas para que fosse formado o nosso *corpus* e para que houvesse total descaracterização dos túmulos, bem como a supressão das informações pessoais dos falecidos, sendo inserido [...] em substituição a elas, conforme recomenda o COEP/UFG.

É essencial justificar que os escritos que contenham apenas nomes e datas de nascimento / falecimento não fazem parte de nossa pesquisa por questões de ética e pela ausência de uma mensagem que nos possa servir para investigar a ortografia e os sentidos para a vida e a morte.

---

<sup>1</sup> Apesar de os textos referirem-se às pessoas já falecidas, o zelo e o cuidado por tudo que lhes referem, inclusive a memória inscrita nos túmulos, dizem respeito a seus familiares, parentes e amigos, o que justifica a submissão do projeto ao COEP/UFG.

Destarte, a partir dos nossos propósitos de pesquisa, apresentamos no primeiro capítulo, intitulado “O que são inscrições tumulares?”, o que compreendemos por inscrições tumulares; como as inscrições tumulares são constituídas em sua forma linguística; histórico sobre a morte e suas representações. Utilizamos, para tanto, os apontamentos teóricos de Basseto (2005), Àries (2012), Bakhtin (1997), Santana (2011), Brito (2012), Gagnebin (2006), Rosendahl (2007), Foucault (2009), Rodrigues (2000), Borges (2008), Coulanges (2006), Caputo (2008), Houaiss e Villar (2001), Silva (1789), Pinto (1832), Bluteau (1728).

No segundo capítulo, “Percurso Metodológico”, descrevemos o passo a passo do desenvolvimento da pesquisa, compreendendo o local, os procedimentos de coleta de material escrito, como se deu a transposição para como material de investigação e como compusemos os dados e antecipamos, brevemente, caminhos para a descrição e a análise que empreendemos de parte dos dados, no que se conhece como análise por amostragem do *corpus*. Em primeiro momento, reelaboramos o projeto de pesquisa, adequando-o conforme as sugestões por ocasião do processo seletivo e a partir das primeiras orientações. Na sequência, procedemos à submissão do referido projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (COEP/UFG), uma vez que lidaríamos com dados relacionados às pessoas, mesmo que fossem falecidas.

O terceiro capítulo, “Dados e análise”, expõe uma breve história da escrita, a partir de nossas leituras de Higounet (2003), Sampson (1996), Fischer (2009) e uma discussão sobre ortografia da língua portuguesa, levando em consideração os seguintes autores: Houaiss (1991), Basso e Gonçalves (2014), Aulete (1881), Houaiss e Villar (2010), Dubois (1993), Cagliari (2009), Silva (2009a), Silva (2009b), Pessoa (1999), Leme e Pacheco (1989), Massini-Cagliari e Cagliari (1999), Morais (2008), Coutinho (2011) e Williams (1973). Além da breve história da escrita e da discussão acerca da ortografia da língua portuguesa, apresentamos as análises do uso de normas ortográficas do português em inscrições tumulares, levando em consideração os períodos ortográficos citados anteriormente e dicionários das épocas: Aulete (1881), Figueiredo (1913), Freire (1957), Bueno (1964), Bueno (1975), Luft (2000) e Houaiss e Villar (2009).

Sobre o estudo lexical de expressões inventariadas, a abordagem teórica teve como suporte Biderman (2001), Borba (2006), Coutinho (2011), Camara Jr. (2002), Dubois (1993), Houaiss e Villar (2010), Carvalho e Nascimento (1972) e Villalva e Silvestre (2014), enquanto a análise foi feito com base em diversos dicionários da língua portuguesa: Aulete (1881), Figueiredo (1913), Freire (1957), Bueno (1964), Bueno (1975), Luft (2000), Houaiss e Villar (2009), Houaiss e Villar (2010), Silva (1789), Pinto (1832) e Bluteau (1728).

Na sequência, nas “Considerações Finais”, apresentamos os resultados alcançados com a presente pesquisa; nas “Referências”, obras e autores utilizados para que chegássemos aos resultados, findando com a parte dos “Anexos”, os quais apresentam as leis referentes aos períodos da ortografia da língua portuguesa no Brasil utilizados na pesquisa.

Ressaltamos que este estudo apresenta como o léxico do campo da morte aponta também para memórias da vida dos(as) falecidos(as) e, como matéria escrita, expõe faces da ortografia da língua portuguesa no Brasil, mais precisamente no Sudeste Goiano. Por isso, entendemos que o material é pouco comum nos estudos linguísticos e mais que desmistificar este tipo de texto para os Estudos da Linguagem, traz à tona escritas de épocas e contextos relevantes para os estudos do léxico e da ortografia da língua portuguesa.

Mediante essas palavras introdutórias, destinamo-nos, na sequência, à apresentação do que sejam as inscrições tumulares, além de um histórico sobre a morte e suas representações. Reconhecemos que o nosso material de estudo somente sobrevive frente à presença da morte, o que poderia torná-lo tema desagradável para muitos. Contudo, nossa perspectiva é a de que ele é fonte de conhecimento, como notaremos nas considerações de natureza lexical dos dados inventariados.

## 1 – O QUE SÃO INSCRIÇÕES TUMULARES?

Entender o que são inscrições tumulares requer o conhecimento histórico de quando e para qual fim surgiram. Na sequência, abordaremos, ainda, como as inscrições tumulares são constituídas em sua forma linguística.

Logo após, apresentaremos, resumidamente, a história da morte e suas representações, tendo em vista que é a partir da morte que nascem as inscrições tumulares.

### 1.1 Inscrições tumulares

Durante a latinização do Império Romano, o latim em sua norma vulgar teve grande importância na propagação e estabilidade da língua nas províncias. De acordo com Basseto (2005), as inscrições populares, ainda que de forma fragmentada, propiciaram um número considerável de informações linguísticas que a epigrafia se encarregou de trazer aos nossos conhecimentos. O autor apresenta as mais importantes inscrições para a Romanística, sendo: as inscrições parietais, as *tabellae defixionum* e as inscrições tumulares.

As inscrições parietais, gravadas principalmente com estilete, mas em algumas vezes com carvão (“graffiti”), possuíam “[...] um tipo considerado oficial, formas mais ou menos fixas e estereotipadas, contendo louvores dos deuses, elogios fúnebres, loas a figuras nobres ou proeminentes, atas públicas ou particulares e outros assuntos semelhantes” (BASSETO, 2005, p. 111).

Todavia, a Filologia Românica se interessa pelas inscrições datadas do período do final do Império Romano, as de cunho popular por conter a linguagem das classes classificadas como incultas. Assim, essas inscrições apresentavam uma escrita com grande quantidade de vulgarismos, o que demonstrava o pouco domínio das regras da escrita por parte de seus escreventes.

*Tabellae defixionum* ou “plaquinhas de execração” eram, em sua maioria, gravadas em metal, mas também em mármore e terracota. Apresentam “[...] fórmulas cabalísticas, entregando aos deuses do inferno os inimigos ou rivais, ou tentando neutralizar malefícios e maldições” (BASSETO, 2005, p. 113) e eram encontradas em todo o Império Romano. A principal área em que as plaquinhas de execração foram encontradas foi no norte da África.

Os autores das mensagens, as quais eram de cunho popular, foram os escravos, soldados, as pessoas libertas etc. Essas plaquinhas apresentavam linguagem bastante vulgar e eram colocadas em diferentes locais como sepulturas e poços ou eram enterradas.

As inscrições tumulares são, conforme Basseto (2005, p. 114, grifo do autor), “[...] inscrições de caráter permanente, geralmente em pedra ou mármore, e por isso mais cuidadas” e, “além de seguirem formulários e modelos, pode haver erros cometidos pelo incisor<sup>2</sup> ao copiar o que o *ordinator*<sup>3</sup> havia escrito [...]”. Nessas inscrições, há a conservação linguística, expondo traços da escrita, empregados por um determinado povo em diversos períodos.

No que diz respeito à conservação da língua, Sapir (1969) ressalta que as mudanças linguísticas ocorrem de forma mais lenta que as mudanças culturais. Assim, as formas linguísticas, com o decorrer do tempo, não mais expressarão as culturais e podem reproduzir uma fase cultural anterior de um modo mais claro que a própria cultura atual. Borba (2005, p. 279) explica que “vista como instrumento de comunicação e veículo de expressão da cultura, a língua é uma instituição social e, como tal, está ligada a seu passado”.

No mencionado tipo de inscrição observou-se que a norma linguística ia da literária ao latim falado e Basseto (2005, p. 114) explica que somente “[...] na época latina mais tardia, as inscrições tumulares se nivelam linguisticamente pelo latim vulgar. [...] A partir de 180 d.C., aparecem as inscrições tumulares cristãs”.

Devemos considerar a disseminação do cristianismo que, no princípio, foi em meio às classes consideradas como as mais pobres que continham nas grandes cidades. Outro fator importante é que nas inscrições cristãs eram observados os mesmos padrões, bem como os vulgarismos. Seguiam os mesmos padrões, porém, modificando apenas no teor que é o religioso.

Assim, como é asseverado por Basseto (2005, p. 115), podemos observar que “as inscrições populares em geral [...] espalham as tendências lingüísticas do latim vulgar que explicam as características das línguas românicas”.

Nessas inscrições, podemos perceber, ainda, que os escreventes possuíam um baixo conhecimento gramatical, sendo mais notado o aspecto ortográfico, “[...] mesmo em termos que são elementos integrantes de fórmulas e modelos seguidos em toda parte [...]” (BASSETO, 2005, p. 115).

---

<sup>2</sup>Incisor: aquele que corta, que copia para o suporte a inscrição do ordinator.

<sup>3</sup> Ordinator: aquele que ordena a gravação da inscrição.

Sob esta perspectiva, consideramos o cemitério como um espaço que evidencia a questão do social, da memória e da cultura de um povo, ou seja, é um espaço de manifestação cultural, o qual tem na escrita uma de suas formas de expressão.

Ariès (2012, p. 78, grifo do autor) torna explícita a relação do cemitério com a sociedade, onde “a cidade dos mortos é o inverso da sociedade dos vivos ou, mais que o inverso, sua imagem, e sua imagem *intemporal*. Pois os mortos passaram pelo momento da mudança, e seus momentos são os signos visíveis da perenidade da cidade”. O cemitério readquire seu espaço junto à sociedade, na cidade, tanto físico quanto moral, o qual fazia parte na Antiguidade e deixou no início da Idade Média.

O cemitério, como lugar sagrado, tendo em vista que “os lugares sagrados não são somente uma série de dados acumulados, mas envolvem também experiências humanas” (ROSENDAHL, 2007, p. 189), pode ser considerado um espaço onde ocorre a produção, a reprodução e a resistência de culturas, as quais fazem parte de uma determinada sociedade e uma fração destas poderá ser reconstruída através da memória das pessoas.

Todavia, tecendo reflexões sobre memória, Gagnebin (2006) menciona os estudos de Benjamin (1940), o que compreendemos ser pertinente, pois “[...] articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele propriamente foi’. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela cintila num instante de perigo” (BENJAMIN, 1940 *apud* GAGNEBIN, 2006, p. 40, grifo da autora).

O passado não pode ser recuperado e conhecido em sua totalidade no presente, mas em partes, em fragmentos, sendo a memória, concretizada através da escrita uma forte aliada nesse processo. Benjamin (1940) explica que não há como descrever o passado ao fazer uma comparação com um objeto físico. O passado é o resultado da abstração da memória das pessoas, podendo ser contestado, pois não é possível termos uma exata descrição do mesmo.

Um aspecto relevante a ser destacado é a pedra como suporte desse tipo de escrita, desse gênero textual. Guthke (2003 *apud* SANTANA, 2011) afirma que a pedra é um material resistente e menos perecível frente às intempéries do tempo. No entendimento dos antigos, a utilização da pedra era um modo de tornar duradoura a memória do falecido. Portanto, “as inscrições lapidárias [...] seriam documentos da morte que deveriam sobreviver à morte. [...] as pedras, na representação da morte, validam e garantem a presentificação do morto na memória social” (SANTANA, 2011, p. 61).

Em nosso estudo, identificamos diferentes suportes, tais como: pedras de mármore, nas quais os textos eram talhados, pintados à mão ou apresentavam letras de metal fixadas; cimento grosso, usado como cobertura das sepulturas, com escrita à mão; papel, onde

as mensagens eram impressas e colocadas em porta-retratos ou dispostas em placas de vidro fixadas em pedras de mármore; metal, com mensagens pintadas à mão ou com letras também em metal. As mensagens pintadas à mão foram as que tivemos maior dificuldade para entender, pois a ação do tempo sobre as tintas tende a apagar o escrito. Outro suporte que dificultou a legibilidade foi o cimento grosso, que se desgata, confundindo o talhar das letras.

Quanto à identidade e ao pertencimento, Santana (2011, p. 61-62, grifo da autora), como também é de nosso consenso, assegura que o epitáfio<sup>4</sup> é constituído por

[...] valores e virtudes relacionados a um tempo e a um lugar particulares, a uma realidade sócio-histórica específica, em que se constrói uma identidade ‘ideal’ associada aos anseios do falecido e/ou da própria comunidade a que pertenceu. Por outro lado, representam um gesto que expressa o sentimento do enlutado. Alguns desses constructos identitários são estereotipados, obedecem aos modelos socialmente aspirados pelos grupos.

Assim, retomando a discussão sobre cemitério, na concepção de Foucault (2009, p. 417), “o cemitério é certamente um lugar diferente em relação aos espaços culturais habituais, é um espaço que está [...] em ligação com um conjunto de todos os posicionamentos da cidade ou da sociedade ou do campo, já que cada indivíduo, cada família tem parentes no cemitério”. Em seguida, Foucault (2009, p. 418, grifo do autor) apresenta o cemitério como uma “‘outra cidade’, onde cada família possui sua morada sombria”. É considerado uma “outra cidade” por, geralmente, se localizar fora das cidades ou em suas periferias e possuir moradas sombrias por haver a presença da morte. Porém, há casos onde essa “outra cidade” ou “cidade dos mortos” está em meio à “cidade dos vivos”, como em dois dos cemitérios que visitamos.

Acerca dos cemitérios de Catalão, Ipameri, Santa Cruz de Goiás e Silvânia – Sudeste Goiano, onde coletamos as inscrições tumulares, todos têm a administração sob a responsabilidade das prefeituras das respectivas cidades. Ressaltamos que, apesar da existência de outros cemitérios, selecionamos apenas um por cidade, os quais estão localizados na zona urbana, totalizando quatro cemitérios visitados nesta pesquisa.

A cidade de Catalão tem dois cemitérios na zona urbana, bem como inúmeros outros na zona rural e distrito. O Cemitério Municipal é o mais antigo da cidade e já não mais comporta a construção de novos túmulos e os sepultamentos que ali são realizados são de membros de famílias que são proprietárias de terrenos ou jazigos. Sua localização é próxima ao centro da cidade, que cresceu e deu ao cemitério local privilegiado.

---

<sup>4</sup> Epitáfio e inscrição tumular tem o mesmo significado, conforme veremos no item 1.2.

Já o Cemitério Jardim São Pedro é o mais novo, com cerca de trinta anos de existência. É onde, atualmente, acontece a maior parte dos sepultamentos. Ele está situado próximo à saída para Goiânia, rodovia GO-330, em local populoso.

Em Ipameri, o Cemitério Municipal da cidade situa-se às margens da rodovia GO-330, em uma parte pouco habitada. À época da coleta das inscrições tumulares (26/03/2014), por estar quase que completamente lotado, estava ocorrendo a ampliação do cemitério por meio de um terreno lateral, mais ou menos do mesmo tamanho do terreno de sua parte antiga.

Santa Cruz de Goiás possui um cemitério muito pequeno, em relação aos outros cemitérios em que a pesquisa foi realizada. É considerado um dos mais antigos do estado de Goiás, encontrando-se a poucos metros da GO-020, em uma parte da cidade pouco movimentada e habitada.

Diferentemente do de Santa Cruz de Goiás, o Cemitério Municipal de Silvânia está em um local muito movimentado e habitado, ao lado da rodoviária, próximo à GO-139. Na ocasião da pesquisa de campo (22 e 23/04/2014), estava sendo construído um ossário em uma parte do cemitério, no intuito de ampliar a sua capacidade, uma vez que este estava quase lotado.

É importante salientar que o cemitério é um espaço onde sobrevive a memória e a identidade das pessoas, como observado nas inscrições tumulares abaixo apresentadas:

[...] <sup>5</sup>

EXEMPLO DE TRABALHO, HONESTIDADE E AMOR. <sup>6</sup>

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

[...]

SUA ALMA GENEROSA SÓ SOUBE FAZER O BEM ENQUANTO VIVEU.  
SUA LEMBRANÇA FICARÁ SEMPRE VIVA EM NOSSAS MEMÓRIAS.

SAUDADES DE SEUS FAMILIARES

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

---

<sup>5</sup> Quando, nos recortes das inscrições tumulares, constar [...] significa que suprimimos informações de natureza pessoal, conforme recomenda o Comitê de Ética em Pesquisa da UFG.

<sup>6</sup> O uso de caixa alta e caixa baixa nas inscrições tumulares não serve para algum destaque especial – apenas representa como a mensagem estava disposta na placa.

UM GRANDE HOMEM, UMA FIGURA SIMPLES, UM AMOR IMENSO, UM PAI GENEROSO E BONDOSO.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

Podemos perceber o quão importante é perpetuar a identidade e a memória das pessoas, ou seja, enaltece-se o morto, destacando o que se deseja eternizar, imortalizar em relação a este enquanto em vida.

É com esse intuito que no cemitério encontramos, dentre outros tipos, a manifestação por meio da escrita, a qual acreditamos ser a de maior relevância. É utilizada para distinguir os túmulos, identificando-os, ou para a confecção de mensagens, inscrições sobre aquela pessoa que já não está mais entre seus entes queridos.

Essas inscrições, em consonância com Basseto (2005), podem evidenciar uma escrita com traços linguísticos mais conservados, podendo ser possível uma aproximação com a oralidade quando quem a escreveu apresentar um baixo domínio da escrita considerada padrão.

Assim, para entendermos o que são inscrições tumulares é necessário nos atentarmos para o conhecimento dos gêneros do discurso. Para tanto, nos baseamos nos ensinamentos de Bakhtin (1997), o qual inicia o texto “Os gêneros do discurso” com uma importante observação:

todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais — mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Esses três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação (BAKHTIN, 1997, p. 279, grifo do autor).

As palavras de Bakhtin (1997) evidenciam que, para que a língua se realize em forma de enunciado, é necessária a presença da oralidade ou da escrita. Em nossa pesquisa, a qual leva em consideração a escrita, concretizada através das inscrições tumulares,

entendemos que essas inscrições são um gênero textual (discursivo), mesmo levando em consideração o exposto por Bakhtin (1997), que fazem uso dos estilos fúnebre, religioso (bíblico e não bíblico) e saudosista.

Nesse sentido, Cassettari (2012, p. 145) exterioriza que “o gênero textual dirige-se à materialização do discurso, enquanto prática concreta [...]. É uma decorrência das necessidades humanas e ajustam-se às alterações cotidianas”.

No que tange ao tipo de gênero, é secundário, considerando que estão em circunstância complexa, em uma esfera onde atividades socioculturais requerem um modo, relativamente formal ao serem concretizados pela escrita.

No quadro abaixo apresentamos, de forma ilustrativa, a classificação dos estilos no gênero textual inscrição tumular:



**Quadro 1** - Classificação dos estilos no gênero textual inscrição tumular.

Entretanto, ressaltamos que os gêneros não são totalmente puros, podendo apresentar hibridismos. A seguir, apresentamos exemplos de inscrições tumulares, as quais foram classificadas conforme o quadro acima:

- Estilo fúnebre

AQUI JAZEM OS RESTOS MORTAES DA SAUDOSA CREENÇA [...]

NASCIDA A [...]

FALLECIDA EM [...]

SAUDADE DE SEUS PAES

Fonte: Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás.

SOB ESTA LÁPIDE DORME A INTERESSANTE [...]

SAUDADES DE SEUS PAIS E IRMÃOS

Fonte: Cemitério Municipal de Ipameri.

- Estilo religioso - bíblico:

[...]

SÊ FIEL ATÉ A MORTE, E DAR-TE-EI A COROA DA VIDA.

APOC. 2-10

[...]

Só em Deus repousa minha alma, só dele me vem a salvação

Sl. 61

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

- Etulo religioso - não bíblico:

[...]

TUDO AQUELE QUE CRÊ EM DEUS SERÁ SALVO.

SAUDADES DE SEUS FILHOS E NETOS.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás.

[...]

QUEM NUNCA TEVE FELICIDADE NA TERRA, TERÁ UMA GLÓRIA NO CÉU.

SAUDADES DE SEUS FAMILIARES

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

- Etilo saudosista:

[...]

ETERNA SAUDADE DE SEUS FAMILIARES

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

[...]

ELA DEIXOU EM NOSSO CORAÇÃO UMA LEMBRANÇA VIVA E UMA AFEIÇÃO QUE JAMAIS SE APAGARÁ.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás.

Por conseguinte, analisaremos o mencionado gênero, levando em conta o contexto em que ele foi produzido e está inserido. Assim, como postulado por Bakhtin (1997), os gêneros são criados ou alterados, adaptando-se às necessidades da atividade humana.

Na perspectiva bakhtiniana, os gêneros do discurso são considerados tipos relativamente estáveis de enunciado. Dentro da formação dos enunciados devem ser destacados três aspectos: a construção composicional, o conteúdo temático e o estilo.

A construção composicional refere-se à estruturação e ao aspecto formal do gênero; o conteúdo temático, às escolhas e propósitos comunicativos do autor acerca do tema tratado; o estilo diz respeito à apresentação do conteúdo, que utiliza “[...] recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais”, os quais estão ligados à construção composicional (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Na concepção de Cassettari (2012, p. 137, grifo nosso), “os três elementos [construção composicional, conteúdo temático e estilo] fundem-se para a formação do gênero. Um não deve ser considerado mais relevante do que o outro, hierarquicamente superior, mas sim como integrantes de uma relação interdependente”.

Assim, ao observarmos o gênero inscrição tumular, notamos que sua construção composicional ou a forma como o enunciado é organizado é variada, haja vista que o volume de texto é diversificado, tendo uso de no mínimo uma palavra, além de não haver um número máximo de palavras a serem utilizadas. O espaço de apresentação dos enunciados ao leitor é o cemitério e seus suportes são fixos. O conteúdo temático diz respeito às demonstrações de como a ausência da pessoa falecida afetará a vida de seus entes queridos. Referindo-se ao estilo, no gênero inscrição tumular são apresentados três tipos específicos: fúnebre; religioso, o

qual se divide em religioso bíblico e religioso não bíblico – destaca-se a presença da crença em Deus em ambos os estilos; saudosista.

No estilo fúnebre, é utilizada a linguagem formal, com temas que vão do repouso do morto à entrega de seus restos mortais à sua última morada terrestre. As frases não são padronizadas, não havendo um modelo a ser seguido (advérbio + verbo + artigo + substantivo + adjetivo + preposição + substantivo + preposição + pronome + substantivo + conjunção + substantivo; verbo + artigo + substantivo + preposição + substantivo + preposição + verbo + artigo + verbo + artigo + substantivo; pronome + substantivo + adjetivo + advérbio + verbo + preposição + preposição + advérbio + verbo + verbo + preposição; advérbio + verbo + preposição + substantivo + preposição + substantivo + substantivo + preposição + pronome + substantivo + substantivo + substantivo + substantivo + conjunção + substantivo), como é notado nos exemplos que seguem:

[...]

AQUI JAZEM OS RESTOS MORTAES DE [...]

SAUDADES DE SEU ESPOSO E FILHOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás.

ROGAE A DEUS PELA ALMA DO [...]

NASCIDO A [...]

FALLECIDO A [...]

SAUDADE

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

SEUS RESTOS MORTAIS AQUI ESTIVERAM DE [...]

ATÉ [...]

QUANDO FORAM TRASLADADOS PARA [...].

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

AQUI DESCANÇA NA PAZ DE DEUS [...]

SAUDADE DE SUA ESPOSA MÃE FILHOS GENROS E NETOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

O estilo religioso bíblico faz uso da linguagem formal, uma vez que apresenta excertos bíblicos para demonstrar a religiosidade do falecido ou de seus familiares, seguindo o modelo presente na Bíblia ou no Evangelho Segundo o Espiritismo (verbo + substantivo + pronome + verbo + artigo + substantivo + conjunção + artigo + substantivo + pronome + verbo + preposição + pronome + advérbio + pronome + verbo + adjetivo + verbo; verbo + artigo + substantivo + verbo + artigo + substantivo + verbo + artigo + substantivo etc.), conforme os exemplos na sequência:

[...]

DISSE JESUS: EU SOU A RESSURREIÇÃO E A VIDA. QUEM CRÊ EM MIM AINDA QUE ESTEJA MORTO VIVERÁ.

SAUDADE DE SEUS FAMILIARES

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

“Combati o bom combate, terminei a carreira, guardei a fé.”

(2tm 4:7)

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

No estilo religioso não bíblico são utilizadas as linguagens formal e informal, com mensagens onde há a presença de elementos de fé, como apelos à salvação da alma do falecido ou mesmo para expressar algo que acreditam que esteja ligado à religiosidade. As mensagens não possuem um modelo, pois são criadas pelos familiares ou sugeridas por outros (conjunção + artigo + substantivo + verbo + preposição + substantivo; pronome + substantivo + pronome + verbo + preposição + substantivo + verbo + adjetivo + substantivo + preposição + substantivo + conjunção + substantivo etc.). Vejamos:

[...]

E a vida continua na eternidade...

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

[...]

TUDO AQUELE QUE CRÊ EM DEUS SERÁ SALVO.

SAUDADES DE SEUS FILHOS E NETOS.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás.

Já no estilo saudosista também são utilizadas as linguagens formal e informal, em que as mensagens expõem e/ou descrevem esse sentimento, independentemente de frases padronizadas, ou seja, não apresenta um modelo único a ser seguido (substantivo; adjetivo + substantivo + preposição + pronome + substantivo; substantivo + preposição + pronome + substantivo; substantivo + preposição + substantivo + substantivo + substantivo + conjunção + substantivo; substantivo + conjunção + substantivo + substantivo + adjetivo etc.), como:

[...]

SAUDADES

**Fonte:** Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás.

[...]

ETERNAS SAUDADES DE SEUS FAMILIARES

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

SAUDADES DE SUAS IRMÃS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

SAUDADES DE ESPOSO, FILHOS. FAMILIARES E AMIGOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

[...]

PAI E MÃE

SAUDADES ETERNAS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

Podemos concluir, a partir desta análise, que a individualidade do autor e sua visão de mundo fazem com que um enunciado se diferencie de outro. Ao fazer, por exemplo, o uso do estilo religioso dentro da esfera tumular, a intencionalidade torna-se diferente do

discurso proferido nos templos religiosos, uma vez que nesses espaços as mensagens são transmitidas às pessoas vivas.

As inscrições tumulares, bem como os símbolos, como a cruz, a qual observamos ser o de maior recorrência nos cemitérios visitados, colaboram para a composição da esfera tumular. No entanto, como nossa pesquisa leva em consideração apenas as inscrições da esfera tumular, ou seja, somente a parte escrita, não nos deteremos no campo da simbologia.

Na sequência, discorreremos sobre a morte e suas representações, visto que é a partir da morte que as inscrições tumulares são criadas, são construídas, fortalecendo de forma quantitativa nosso material de estudo.

## 1.2 A morte e suas representações

Quando se diz que o ser humano nasce, cresce, reproduz e morre, entendemos que este ciclo termina em uma condição da qual ninguém pode escapar, ou seja, todos temos a certeza de que algum dia a morte nos alcançará. A partir do momento em que nascemos estamos suscetíveis à morte. Caputo (2008, p. 75) expressa o que consideramos relevante, a saber:

a morte é caracterizada pelo mistério, pela incerteza e, conseqüentemente, pelo medo daquilo que não se conhece, pois os que a experimentam não tiveram chances de relatá-la aos que aqui ficaram. Todos esses atributos da morte desafiam e desafiam as mais distintas culturas, as quais buscaram respostas nos mitos, na filosofia, na arte e nas religiões, buscando assim pontes que tornassem compreensível o desconhecido a fim de remediar a angústia gerada pela morte (CAPUTO, 2008, p. 75).

Borges (2008), em estudo que trata acerca da fotografia mortuária, explicita o quão é difícil tratar sobre a morte. Assim,

o homem urbano ocidental se sente atemorizado pelo fato de que a morte é certa, definitiva e repleta de mistérios. Numa era de tantos avanços técnicos e científicos, a morte parece ser a única capaz de desafiar a capacidade do ser humano atual de dominar todos os territórios e assuntos (BORGES, 2008, p.1).

Outro fator que é considerado pela autora é a questão morte *versus* sexo, em que este último é visto como vida, enquanto a morte é uma ruptura da vida. Por mais que o sexo seja um assunto polêmico nas culturas ocidentais, a morte se sobressai, haja vista ser

algosobre o qual o ser humano não tem controle, pois possui caráter definitivo. Nesse sentido, Borges (2008, p. 5) afirma ser a morte “[...] o grande tabu contemporâneo”. Para Brito (2012, p. 92),

[...] o pensamento sobre a morte é algo que percorre a mente de homens e mulheres, trata-se de um problema dos seres humanos, que sabem da sua passividade diante do irrecorrível. A humanidade conhece a sua finitude e, muitas vezes, expressa sentimentos em relação à morte, se apropria culturalmente desse fenômeno que aflige as sociedades.

Percebemos que várias são as concepções sobre a morte. Durante a Idade Média, como afirma Rodrigues (2000), a morte era vista como um sono, onde os mortos dormiam à espera do Grande Despertar, independentemente de quanto tempo estavam sepultados. O Grande Despertar era o momento em que os mortos despertavam de forma gloriosa do sono da morte, ou em outras palavras, a ressurreição, assim como aconteceu com Jesus Cristo.

Visto dessa maneira, confirmamos que, mesmo em tempos recentes, século XX, essa concepção da morte era levada em consideração. Para tanto, a inscrição tumular que segue demonstra a crença no Grande Despertar:

[...]

DORMINDO ATÉ QUE O SENHOR VENHA

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

A morte era vista como algo calmo, uma vez que para os cristãos medievais havia a crença de que quase todos poderiam ir para o céu. Rodrigues (2000, p. 48) ressalta essa crença ao mesmo tempo em que explica que “o batismo nesses tempos representava um verdadeiro passaporte para a salvação”, cabendo ao cristão medieval seguir as leis da igreja.

Assim, o cristão medieval estava tranquilo quanto à questão morte, pois acreditava que o seu ressurgimento, o seu despertar seria de forma gloriosa. Rodrigues (2000) destaca que o morrer era algo familiar, ou seja, era parte do cotidiano, considerando que nesse período era grande o índice de mortalidade. Por essa perspectiva, o autor deixa evidente que não havia necessidade da preparação para a morte, pois tinham a certeza de que um dia ela chegaria e já estariam familiarizados com ela. A forma natural com que a morte era vista consentia na condução dos rituais fúnebres, juntamente com o auxílio de familiares e amigos, pelo próprio moribundo.

O ato de morrer não era visto apenas pelo lado fúnebre, mas pelo lado festivo, o despertar de forma gloriosa. No entanto, em consonância com Rodrigues (2000, p. 48),

essa imagem medieval de morte persiste ainda, de certa forma, em nossos tempos. É claro que hoje nossas teologias e nossa visão científicista do mundo não permitem mais, em geral, que acreditemos na ressurreição da carne. Não obstante, se considerarmos nossos bastidores culturais, de algum modo permanece, não tendo sido de todo banida, a idéia de que a morte seja um sono e de que as pessoas se devam reencontrar no além.

Essa forma de ver a morte em nossos tempos não tem a mesma força como em tempos medievais. Mudanças ocorreram no que diz respeito à familiaridade coma forma natural com que a morte era vista.

No que se refere ao sepultamento dos mortos, Coulanges (2006) expõe que na Antiguidade acreditavam na necessidade de ter uma sepultura para que a alma do morto pudesse gozar de repouso e felicidade. É importante mencionar que se o morto não fosse sepultado, sua alma tornar-se-ia miserável.

Coulanges (2006) afirma que ritos tradicionais deveriam ser seguidos, bem como a pronúncia de certas fórmulas da cerimônia fúnebre, não sendo apenas o enterro do corpo. O homem antigo temia que os ritos fúnebres não fossem realizados devidamente. Assim, “temia-se menos a morte que a privação da sepultura, pois desta última dependia o repouso e felicidade eterna” (COULANGES, 2006, p. 22).

No culto aos mortos, as crenças antigas foram substituídas pelas regras de conduta. Acreditava-se que era necessário o morto se alimentar e beber, o que os vivos tinham a obrigação de fazer. Nesse sentido,

os mortos eram considerados criaturas sagradas. Os antigos davam-lhes os epítetos mais respeitosos que podiam encontrar; chamavam-nos de bons, de santos, de bem-aventurados. Tinham por eles toda a veneração que o homem pode ter para com a divindade, que ama e teme. Segundo seu modo de pensar, cada morto era um deus (COULANGES, 2006, p. 27).

Na sequência, o autor explica que não existiam “distinções entre os mortos”, todos eram vistos da mesma maneira, sem privilégios. O homem de bem e o do mal se tornavam deuses, cada um com as tendências que tiveram na existência anterior.

Para Rodrigues (2000), aos poucos foram surgindo outras concepções sobre a morte e a vida eterna, tendendo a deixar de lado a forma tranquila com que a morte era vista. A ideia do Grande Despertar vai saindo de cena no momento em que surgem novas ideias

sobre a morte e sobre a eternidade, as quais apresentavam grande afinidade com as teorias que surgiam acerca do valor da vida terrena.

No entendimento de Santana (2011, p. 27, grifo da autora) a individualização das sepulturas, bem como “[...] a retomada à epígrafe funerária foram dois importantes fenômenos que contribuíram para a tomada de consciência da individualidade própria da vida de cada homem, a *morte de si mesmo* [...]”, o que surgiu nos fins do século XII e continuou até a modernidade.

Ao prosseguir, a autora postula que no século XVIII, mais precisamente ao seu final, surge um novo sentido à morte dado pelo homem das sociedades ocidentais. Agora o que é levado em consideração é a “[...] *morte do outro*, pela saudade e lembrança provocada pela ausência do outro. [...]. Essa nova atitude inspirará, nos séculos XIX e XX, o culto dos túmulos e dos cemitérios” (SANTANA, 2011, p. 27, grifo da autora).

Preocupando-se com a morte do outro, caberá à família do moribundo assumir e conduzir os ritos fúnebres. Esse novo direcionamento dos ritos fúnebres está diretamente ligado à laicização dos testamentos. Nesse sentido, o testamento referia-se unicamente às questões econômicas, enquanto a família se dedicava a organizar e realizar os ritos fúnebres.

Em relação às cerimônias fúnebres, Santana (2011) destaca que elas, até o início do século XVIII, tinham como condutores a própria família do moribundo, além de serem de caráter leigo. Somente a partir do século XIX a Igreja Católica Romana e as Irmandades Religiosas passam a ditar as regras da chamada cultura funerária. Com a condução destas últimas, eram seguidos os manuais de bem morrer, ou seja, esses manuais orientavam o modo de proceder com os derradeiros instantes do moribundo. No período de utilização dos manuais de bem morrer havia

[...] a idéia do purgatório como lugar de purificação dos pecados. Desta forma, justificam-se as preces, as missas e todos os sufrágios feitos pelos vivos que pudessem permitir uma chance de salvação tanto dos vivos quanto dos mortos. Criou-se um maior intercâmbio e solidariedade entre os vivos e os mortos (SANTANA, 2011, p. 32).

Brito (2012) destaca o controle, por parte da Igreja Católica, de várias práticas, em especial ligadas à morte. A intenção do catolicismo era “[...] a educação da sociedade, na ânsia de inserir-se no âmago das vivências familiares. Nesse intuito, o episcopado doutrinava seus fiéis formando os sacerdotes para serem pedagogos dos paroquianos (BRITO, 2012, p. 174).

Para tanto, *As constituições primeiras do arcebispado da Bahia*, obra escrita pelo Arcebispo Sebastião Monteiro da Vide no ano de 1707, foi um dos primeiros compêndios utilizados pela Igreja Católica no Brasil para a divulgação dos ensinamentos católicos na sociedade. Esse compêndio foi bastante empregado durante o período imperial brasileiro e, segundo Brito (2012), a partir da proclamação da República as práticas religiosas não ficaram muito distantes das que *As constituições primeiras do arcebispado da Bahia* orientavam.

De acordo com Santana (2011), no período oitocentista, o qual a mesma elegeu para sua pesquisa, além dos manuais de bem morrer, foram identificadas outras práticas relacionadas à morte, ao morrer. Dentre algumas destas práticas estão os epitáfios, os testamentos, as notícias de falecimento, os obituários, o convite de missas fúnebres etc.

Os epitáfios, como esclarece Santana (2011, p. 33), são a “[...] prática discursiva das mais antigas ligadas à morte [...]”. Ao levarmos em consideração tal esclarecimento, buscamos a acepção do termo epitáfio em Aulete (1881, p. 644): “**Epitaphio** (e-pi-tá-fi-u), *s. m.* inscrição, letreiro tumular ou sepulcral. || Elogio breve de pessoa que faleceu [...]. || F. lat. *Epitaphium*.” e em Houaiss e Villar (2001):

■ substantivo masculino **1** inscrição sobre lápides tumulares ou monumentos funerários **2** Derivação: por metonímia. a lápide contendo essa inscrição **3** enaltecimento, elogio breve a um morto **4** Rubrica: literatura. tipo de poesia, nem sempre de inscrição lapidar, que encerra um lamento pela morte de outrem, ou com notada intenção satírica, que trata de um vivo como se estivesse morto / lat. *epitaphiūs*, lí 'inscrição tumular', do gr. *epitáphion*; no port. coexistem a f. erud. *epitáfio* e a divg. pop. *bitafe*; f.hist. sXIV *epitafeo*

Silva (1789) e Pinto (1832) apresentam a mesma acepção, inscrição sepulcral. Já Bluteau (1728) apresenta a derivação de epitáfio, a qual vem do grego *Epi* e *Taphos*. Na sequência, o autor dá a conhecer que epitáfio é uma inscrição, em forma de verso ou prosa, colocada sobre a sepultura.

Dessa forma, partindo das acepções encontradas para o termo epitáfio, podemos compreender que a pesquisa de Santana (2011) trata, também, de inscrições tumulares, mas com nomenclatura e enfoque diferentes dos nossos. Em nosso caso utilizamos o termo inscrição tumular, conforme Basseto (2005).

Rodrigues (2000) e Coulanges (2006) também utilizam o termo epitáfio. Assim, ao tratar sobre os ritos fúnebres, nos quais se inclui o epitáfio, Coulanges (2006, p. 19-20) destaca que

era costume, no fim da cerimônia fúnebre, chamar três vezes a alma do morto pelo nome do falecido, desejando-lhe vida feliz sobre a terra. Diziam-lhe três vezes: Passe bem. — E acrescentavam: Que a terra lhe seja leve — tanta era a certeza de que a criatura continuava a viver sobre a terra, conservando a sensação de bem-estar ou sofrimento. No epitáfio declarava-se que o morto ali repousava, expressão que sobreviveu a essas crenças, e que de século em século chegou até nós. Nós usamos ainda este costume, embora ninguém hoje pense que um ser imortal possa repousar em um túmulo. Mas antigamente acreditava-se tão firmemente que ali vivia um homem, que nunca deixavam de enterrar junto com o corpo objetos que supunham ser-lhe necessários, como vestidos, vasos e armas. Derramava-se vinho sobre o túmulo, para matar-lhe a sede; levavam-lhe alimentos, para saciar-lhe a fome. — Degolavam-se cavalos e escravos, pensando que essas criaturas, sepultadas juntamente com os mortos, prestar-lhes-iam serviços dentro do túmulo, como o haviam feito durante a vida.

A respeito do epitáfio que expressa o repouso do morto, como exposto por Coulanges (2006), quando da coleta do material, deparamo-nos com várias inscrições tumulares com esse teor nos quatro cemitérios visitados, conforme exemplos que seguem:

AQUI DESCANÇAM OS RESTOS MORTAES DE [...]  
 FALLECIDO A [...]  
 COM [...] ANOS DE EDADE  
 ETERNA SAUDADES DE SUA ESPOSA E FILHOS  
**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

AQUI REPOUZA OS RESTOS MORTAES DE [...]  
 FALLECIDA A [...]  
 COM [...] ANOS  
 SAUDADES DE FILHOS GENROS E NETOS  
**Fonte:** Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás.

REPOUSAM NESTA CAMPA: [...]  
 E [...]  
 DOLOROSO PREITO DE SEUS FILHOS E [...]  
**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

AQUI REPOUSAM OS RESTOS MORTAES DO [...]  
 FALLECIDO EM [...]

E [...]

FALLECIDA EM [...]

SAUDADES DA FAMÍLIA.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão

Ariès (2012), ao tratar da individualização das sepulturas, menciona que em Roma Antiga, às vezes, um escravo poderia ter direito a uma sepultura. Ressalta que esse local, essa sepultura, na maioria das vezes, apresenta uma inscrição. Portanto,

as inscrições funerárias são inumeráveis. São geralmente numerosas no começo da época cristã. Significam o desejo de conservar a identidade do túmulo e a memória do desaparecido. Por volta do século V tornam-se escassas, desaparecendo com certa rapidez, segundo a localidade (ARIÈS, 2012, p. 62).

Os sarcófagos de pedra traziam os nomes dos defuntos e seus retratos, os quais desaparecem e deixam as sepulturas anônimas. Existem cemitérios da Idade Média (primeira metade) e cemitérios onde permaneciam costumes antigos que contemplam inúmeros sarcófagos de pedra que estão em completo anonimato.

De acordo com Ariès (2012), as inscrições funerárias foram reencontradas no século XII e até antes, uma vez que estavam sumidas, quase completamente, num período de 800 a 900 anos.

Essas inscrições funerárias ressurgem nos túmulos dos ilustres, mas de forma rara. Retornaram com maior frequência no século XIII. Assim, há, também, a volta da efígie. Para Ariès (2012, p. 62-63), essa retomada

evoca a beatitude ou o eleito descansando à espera do Paraíso. [...]. Para uma certa categoria de personagens ilustres, clérigos ou leigos – os únicos que possuíam grandes túmulos esculpidos –, passou-se então do completo anonimato à inscrição curta e ao retrato realista. A arte funerária evoluiu no sentido de uma maior personalização até o início do século XVII, e o defunto pôde ser, então, duplamente representado sobre o túmulo: jazendo e orando.

Dentro da cultura funerária, até metade do século XVIII, um fator a ser levado em consideração é o enterro nas igrejas. A proximidade com as imagens sacras e com o solo sagrado da igreja proporcionava ao morto um modo de estar mais próximo de Deus e dos santos.

Rodrigues (2000, p. 53) traz ao nosso conhecimento que os cemitérios medievais eram localizados dentro das cidades e, também, dentro das igrejas. Todos queriam ser enterrados dentro de uma igreja, “todos queriam ser enterrados perto de um santo, na proximidade de um mártir fundador”. A obstinada concorrência era vencida pelos poderosos, “no sentido de ser inumado o mais próximo possível das relíquias ou do corpo do mártir”. Já o “povo comum” era enterrado ao lado da igreja, onde ao menos uma das paredes dela fazia divisa com o cemitério.

O enterro dentro da igreja propiciava a continuação do contato do morto com os vivos, “além de servir como uma memória da permanência do morto no grupo que antes integrava”, em conformidade com o que assegura Santana (2011, p. 37).

Ariès (2012) nos relata que no século XIII havia placas (de 20cm a 40cm) ao lado dos grandes túmulos, fixadas na parede interna ou externa da igreja ou em um pilar. “Constituíram a forma mais difundida de monumentos funerários até o século XVIII. Algumas são simples inscrições em latim ou em francês: aqui jaz tal pessoa, morta em tal data, com tal função” (ARIÈS, 2012, p. 64). Abaixo apresentamos algumas inscrições tumulares coletadas, datadas do século XX, as quais utilizam os dizeres citados por Ariès (2012), a título de exemplo:

AQUI JAZ [...]

FALLECIDO A [...]

LEMBRANÇAS DE SUA ESPOSA E FILHOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

AQUI JAZ [...]

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

AQUI JAZ [...]

FALECIDA A [...]

ETERNA SAUDADE DE SEU ESPOSO E FILHOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

AQUI JAZEM OS RESTOS MORTAIS DA SAUDOSA [...]

SAUDADES DE SEUS PAIS.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás.

Existiam, ainda, placas maiores que continham a inscrição e uma cena, onde o morto era apresentado sozinho ou ao lado do Cristo, de uma cena religiosa ou de seu santo padroeiro. Em consonância com Ariès (2012), essas placas estavam presentes em todas as igrejas, com maior frequência nos séculos XVI, XVII e XVIII. Elas simbolizam a tentativa de eternizar a lembrança do morto e, além disso, o desejo da individualização do lugar da sepultura. “No século XVIII, as placas de inscrição simples tornam-se cada vez mais numerosas, ao menos nas cidades onde os artesãos, essa classe média da época, empenhavam-se, por sua vez, em sair do anonimato e em conservar sua identidade após a morte” (ARIÈS, 2012, p. 64).

Todavia, consideramos necessário enfatizar que boa parte dessas placas desapareceu, devido à indiferença dos historiadores da arte e, assim, são pouco conhecidas. Compreendemos que as placas eram, e ainda são, uma forma de perpetuar a identidade e a memória do morto, além de trazer uma identificação para a sepultura.

A posição da igreja era contrária a esse tipo de enterro em suas dependências. Todavia, era comum os poderosos lograrem êxito e serem enterrados nesse local. Esse tipo de enterro representava uma forma de prestígio, um privilégio frente à sociedade medieval, uma maneira particular de demonstrar sua ascensão social.

No período medieval, as sepulturas eram coletivas e, até serem completamente enchidas, ficavam entreabertas. Para Rodrigues (2000, p. 53), referindo-se às sepulturas, “[...] não existia nesse tempo a idéia moderna de que fossem como um domicílio pessoal, nem que fossem uma espécie de propriedade privada que o defunto detivesse até a eternidade”. Tais características começaram a ser introduzidas e visualizadas depois do século XII. Assim, em consonância com Rodrigues (2000, p. 53-54, grifo do autor),

na verdade, no passado e principalmente hoje em dia, isso que costumamos chamar de “jazigo perpétuo” tem esta característica apenas no imaginário, porque, de fato ou de direito, são quase sempre concessões com prazo determinado. Mas esse imaginário não é gratuito, pois a ilusão que contém expressa de modo bastante realista os efetivos sentimentos que passam a vigorar.

O surgimento dos túmulos individuais demonstra a tendência à sobrevivência individual, individualista. “O fato de que alguém queira marcar a sua passagem individual pela Terra, pelo rei dos *temporalia*, fixando-a por um monumento, sugere certa vontade de permanência concreta e material no aqui” (RODRIGUES, 2000, p. 54, grifo do autor). As

sepulturas individuais, com o passar do tempo, serão transformadas em jazigos, que serão compartilhados entre os mortos e seus familiares. Já

outras sepulturas vão ser encimadas pela representação estatuária de um morto que dorme, deitado sobre a sepultura em jaz, projetando na pedra a concepção medieval de que a morte fosse um sono. Com frequência, esta estátua representa inequivocamente o próprio morto, pois não raro o rosto dela é uma máscara realista que tinha sido moldada diretamente sobre o do moribundo no momento mesmo da morte, como se visasse a marcar o instante exato da passagem deste mundo ao outro (RODRIGUES, 2000, p. 54).

Essa concepção medieval da morte como um sono está presente em algumas das inscrições tumulares estudadas por nós, tal como o exemplo que segue:

AQUI JAZ [...]  
 NO SONNO ETERNO  
 NASCIDO A [...]  
 FALLECIDO A [...]  
 SAUDADES DE SUA ESPOSA E FAMILIA

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

A redução do tamanho das obras artísticas segue a tendência do capitalismo, haja vista a questão individualista e privada. No decorrer de seu estudo, Rodrigues (2000, p. 55) compara as sepulturas com cofres, pois as mesmas guardam os corpos, ou seja, os “[...] patrimônios cadavéricos de famílias [...]”. Sobre as sepulturas privadas, o autor explicita que as pessoas mais abastadas já não mais se contentavam com os enterros de forma coletiva na igreja. Desse modo, construía suas próprias igrejas, onde poderiam ter sua sepultura privada, bem como seus familiares.

Essas sepulturas privadas ocorrem primeiro dentro das igrejas, depois em seu entorno. Por conseguinte, ocorrem nas áreas designadas para esse propósito, ou seja, os cemitérios. A individualização dos túmulos foi dominada, primeiramente, pelos nobres e pelos clérigos. Na sequência, os burgueses, seguidos pelos pequenos burgueses e, por fim, os proletários, os operários e os camponeses.

Nesse processo, as sepulturas privadas deixaram de ser privilégio daqueles que detinham o poder, havendo uma democratização desse tipo de espaço. Com a democratização houve a “transformação do sepultamento individual em obrigação, a ponto de se chegar ao

momento em que não se conceba mais, não passe mais pela cabeça de ninguém, que as coisas poderiam não se dar desse modo” (RODRIGUES, 2000, p. 56).

Em conformidade com Rodrigues (2000), há que se destacar a redução daqueles que cultuavam o túmulo individual ou particular, o que ficava a cargo dos familiares do morto, apenas de algumas pessoas. Assim, outras pessoas são indiferentes a esse túmulo, chegando, literalmente, a passar por cima dele. Além disso,

[...] essas sepulturas transmitem também, para todos e para cada um, uma espécie de recusa privada e coletiva da morte. E o fazem de modo cada vez mais ruidoso. Elas são habitadas por alguém que ainda deseja viver, quer porque tenha nome e endereço individuais, quer porque pratique gestos de alguém desperto, quer porque envie patéticas mensagens por meio de seus epitáfios...Mais tarde, assim que as técnicas o permitirem, virão as fotografias do morto sobre o local de inumação, retratos que não são mais as antigas máscaras realistas moldadas sobre o rosto do cadáver, mas imagens dele quando jovem, do defunto quando saudável. Tais adornos sepulcrais indicam insistentemente que os habitantes daquelas moradas não se sentem plenamente em casa, que não mais dormem tranquilamente e que o epitáfio-síntese poderia perfeitamente ser: “aqui jaz fulano de tal, muito a contra vontade” (RODRIGUES, 2000, p. 57, grifo do autor).

A nova visão da morte, ou melhor dizendo, esse não aceitamento da morte, demonstra os novos moldes de vida das pessoas. Torna-se mais palpável o aspecto da individualização, ainda que esteja acontecendo de forma lenta. A individualização é compatível com o sistema econômico que estava se desenvolvendo e tinha como maior finalidade a rentabilidade do tempo, motivo pelo qual a vida não mais poderia ser breve, e, conseqüentemente, o acúmulo de riquezas. Portanto, na visão capitalista o viver muito era uma maneira que havia para enriquecer.

A morte passa a se tornar preocupação, em meio ao século XVIII, uma vez que surge a preocupação com questões sanitárias e de saúde pública. Destarte, foram proibidos os enterros em igrejas, havendo a retomada dos enterros nos cemitérios.

O medo da morte torna-se perceptível a partir do fim do século XVIII e início do século XIX. Ariès (2012, p. 151) descreve que

o morto podia despertar desejo, mas o vivo também podia ser encerrado na prisão do túmulo e acordar em meio a indizíveis sofrimentos. Eis o que provocou grande medo, ainda que fossem possivelmente raras as probabilidades de tais acidentes; na realidade, o que assim se traía era uma angústia mais fundamental. Até então a sociedade intervinha com todas as suas forças para manter a tranquilizante familiaridade tradicional. O medo da

morte aparente foi a primeira forma reconhecida e aceitável do medo da morte.

O morto e seu cadáver passaram a ser repugnantes e a arte e a literatura romântica e pós-romântica não continuaram deslumbrando-se com os corpos mortos e decompostos. Nesse quesito, a pintura belga e alemã apresentavam algumas exceções. Deste modo, “[...] a partir do século XIX, as imagens da morte são cada vez mais raras, desaparecendo completamente no decorrer do século XX; o silêncio que [...] se estende sobre a morte significa que esta rompeu seus grilhões e se tornou uma força selvagem e incompreensível” (ARIÉS, 2012, p. 152).

No que tange à elaboração dos registros de óbitos, esse era um papel que ficava a cargo dos padres. É importante destacar que essa prática era de responsabilidade dos padres no século XIX e em parte do século XX, mesmo após a laicização. Entretanto,

apesar de manter-se alguma tradição nos ritos funerários, inicia-se, nas décadas de 1930, um esvaziamento dessas práticas que integram os ritos de passagem realizados, na maioria das vezes, em casa para o trespasse seguro do morto para o Paraíso, segundo a ideologia cristã (SANTANA, 2011, p. 43).

A morte é vivida no hospital, de forma solitária, e não mais em casa, onde o moribundo estava cercado pela família. Apresenta-se, assim, a maneira de morte em nosso cotidiano, em parte do século XX e no século XXI.

Nas quatro cidades que fazem parte de nosso estudo, tem-se, hodiernamente, a prática do velório em igrejas, centros comunitários e casas de velórios. Por outro lado, ainda se podem encontrar velórios feitos em casa de familiares do falecido.

Neste prisma, compreendemos que a individualização tem tomado o lugar das relações sociais, mesmo frente à morte. Há, ainda, em algumas situações, a espetacularização da morte, devido às tragédias ou à morte de alguém famoso.

A partir do que foi apresentado, podemos concluir que, diferentemente da visão da morte em tempos medievais, a qual era uma situação familiar, doméstica, a concepção de morte na modernidade é algo maldito.

Findada esta parte, apresentamos os processos metodológicos, como será exposto no próximo capítulo, para que se identifiquem os procedimentos teóricos e de campo em cada etapa de nosso estudo e como propomos efetivar a pesquisa de modo a atingir os objetivos e refutar ou confirmar as hipóteses iniciais.

## 2 – PERCURSO METODOLÓGICO

Para o bom desenvolvimento de uma pesquisa, seja ela qual for, há a necessidade de uma teoria que a sustente. Não somente a parte teórica, mas também a parte metodológica, ou seja, o método escolhido para desenvolver a pesquisa é de suma importância para que os objetivos propostos possam ser alcançados e se haveria confirmação ou não das hipóteses.

Nesse sentido, este capítulo tem por finalidade apresentar os caminhos percorridos no decorrer da pesquisa que culminaram para os resultados, colocados a conhecimento no próximo capítulo.

### 2.1 A escolha do tema

Escolher utilizar inscrições tumulares como material de estudo surgiu durante as aulas de Filologia Românica em nossa graduação em Letras pela UFG, no ano de 2005. A princípio esse material havia nos despertado interesse por ser uma forma diferente de concretização da língua, tanto por seu conteúdo, quanto, principalmente, pelo espaço onde é encontrado.

Com essa escolha, procuramos demonstrar a existência de outros gêneros, bem como outros espaços onde podem ser feitos estudos linguísticos. E por que não em um cemitério? Porém, o espaço em que estão inseridas as inscrições tumulares vincula-se à morte, pois só a partir desta que o nosso material de estudo é produzido, é concretizado através da escrita.

Assim, na atual pesquisa, em que as inscrições tumulares são o nosso material e a transcrição destas forma o nosso *corpus*, o nosso objetivo inicial era investigar o uso de normas ortográficas do português em inscrições tumulares em cemitérios do Sudeste Goiano, conforme sugestão de nossa primeira orientadora, Professora Dra. Gisele da Paz Nunes, a qual, por motivos de saúde, não pôde continuar nos orientando, com o intuito de responder se havia a observância às normas ortográficas no referido tipo de inscrição.

Durante o desenvolvimento da pesquisa e mediante discussões acerca do assunto, a nossa pesquisa tomou novos rumos, pois acreditávamos que as inscrições tumulares eram datadas do mesmo ano de falecimento das pessoas. Entretanto, deparamo-nos com inscrição tumular coletada no Cemitério Municipal de Catalão que revela o falecimento datado do ano de 1953 e a inscrição tumular do ano de 1960.

A partir desse momento descobrimos que existe um prazo estabelecido entre o sepultamento e a colocação da placa com a inscrição tumular, que é de um ano e, dessa forma, tornou nossa pesquisa equivocada quanto a acreditarmos que as placas eram confeccionadas no mesmo ano de falecimento.

Mesmo sabendo desse equívoco e em consonância com nossa atual orientadora, Professora Dra. Maria Helena de Paula, continuamos com o estudo sobre o uso de normas ortográficas em inscrições tumulares, sem, todavia, buscar estabelecer se as inscrições atendiam a normas de acordos ortográficos vigentes nas datas das escritas tumulares. Assim, acrescentamos ao estudo uma perspectiva lexical das expressões inventariadas a partir de tais inscrições, para entender como a morte (e a vida) se configurava nestes textos.

Para a realização da pesquisa, houve a necessidade de submetermos nosso projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (COEP/UFG). O projeto de pesquisa foi submetido ao COEP/UFG pela primeira vez em 23/10/2013<sup>7</sup>, sendo solicitadas adequações ao mesmo. Em 31/10/2013, após serem feitas as adequações, submetemos o projeto novamente, o qual precisou passar por novas adequações que foram atendidas e, assim, encaminhado para o COEP/UFG em 11/11/2013. Dessa vez a submissão do projeto foi aceita e o parecer, liberando o desenvolvimento da pesquisa, foi divulgado em 17/12/2013, sob número de processo CAAE: 23179113.5.0000.5083

A razão pela qual o projeto foi submetido ao COEP/UFG se deve ao fato de as inscrições tumulares conterem informações relacionadas aos falecidos, ou seja, são informações de origem pessoal. Assim sendo, são classificadas como informações secundárias, uma vez que a pessoa está morta.

Outro fator relevante, considerado por nós e pelo COEP/UFG, é que o cemitério é um espaço composto por terrenos ou jazigos que são pagos. A família do falecido paga para que o mesmo seja sepultado ali e adquire direitos sobre aquele pedaço de terra, com exceção de casos de indigentes. Os túmulos se configuram, pois, como pequeno espaço “particular” que fica em espaço “público”, no que diz respeito às visitas.

Para tanto, como a administração dos cemitérios municipais de Catalão, Ipameri, Santa Cruz de Goiás e Silvânia é de responsabilidade das prefeituras, coube a nós procurar esses órgãos para assinatura de um termo de anuência, autorizando a coleta das inscrições tumulares para a esta pesquisa.

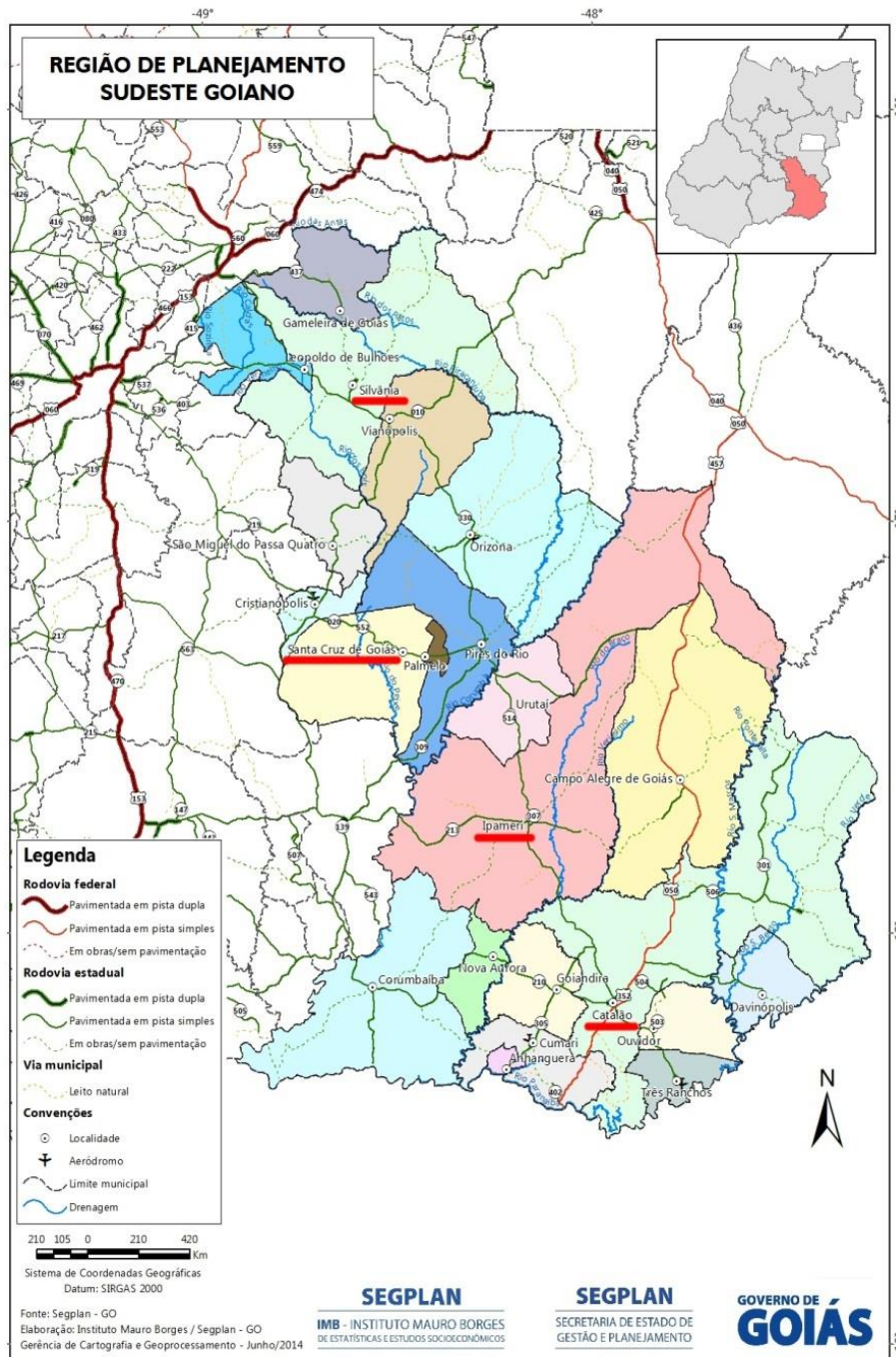
---

<sup>7</sup> Comprovante de envio: 088691/2013.

## 2.2 Os locais da pesquisa

A pesquisa foi realizada em cemitérios de quatro municípios do Sudeste Goiano: Catalão, Ipameri, Santa Cruz de Goiás e Silvânia, que constam em destaque no mapa da Região de Planejamento Sudeste Goiano (abaixo), apresentado, na sequência, um cemitério por município. Esses cemitérios estão localizados na zona urbana e são administrados pelas prefeituras dos referidos municípios. Foi a partir da liberação por parte desses órgãos que iniciamos a coleta do material, ou seja, das inscrições tumulares.

No mapa apresentado visualizamos os vinte e dois municípios que compõem o Sudeste Goiano. No entanto, dois critérios foram observados para a seleção dos municípios onde foi feita a coleta do material (inscrições tumulares). O primeiro critério era o município estar situado na área delimitada para a realização da pesquisa. O segundo era o município ter mais de cem anos, o que, dessa forma, perpassaria por todos os períodos ortográficos selecionados para o estudo.



**Figura 1** - Mapa da região de planejamento Sudeste Goiano.

**Fonte:** Instituto Mauro Borges de Estatística e Estudos Socioeconômicos (IMB).

Catalão foi elevado à condição de cidade em 20/08/1859. Este município situa-se a uma altitude de 835m, latitude Sul 18° 09' 57'' e longitude Oeste 47° 56' 47'', distando, aproximadamente, 290 km de Brasília (DF), 265 km de Goiânia (GO) e 110km de Uberlândia (MG). De acordo com a Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação do Estado de Goiás (SEPIN/GO), no ano de 2010 Catalão possuía um total de 86.647 habitantes, sendo 81.064 habitantes na área urbana e 5.583 na área rural. Este município é conhecido nacional e

internacionalmente por suas riquezas minerais, bem como pela Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, realizada no mês de outubro e considerada uma das maiores festas religiosas do país. Em Catalão existem dois cemitérios urbanos: o Municipal, sendo este o mais antigo e o Jardim São Pedro, com cerca de trinta anos de existência, além de inúmeros outros cemitérios localizados na área rural.

Chaul (1997, p. 159) destaca que a estrada de ferro trouxe maior desenvolvimento e progresso para os municípios por onde ela passa, destacando o município de Catalão, haja vista que “a estrada de ferro foi o elo de ligação que faltava na corrente comercial de Catalão com o Triângulo Mineiro e São Paulo”, além do município de Ipameri.

Na data de 12/09/1870, Ipameri é elevado à condição de cidade e está localizado entre os rios Corumbá, Braço e Veríssimo, latitude Sul 17° 43' 20'' e longitude Oeste 48° 09' 44''. Limita-se ao norte com Luziânia (GO) e Cristalina (GO), a noroeste com Urutaí (GO) e Orizona (GO), a nordeste com Paracatu (MG) e Campo Alegre de Goiás (GO), ao sul com Goiandira (GO), Catalão (GO) e Nova Aurora (GO), a sudeste com Corumbáiba (GO) e ao norte com Pires do Rio (GO).

O nome Ipameri é de origem indígena, sendo “entre águas” ou “entre rios” o seu significado. Em 1845, quando se tornou Freguesia foi denominado como Entre Rios. O topônimo foi alterado para Ipameri por lei estadual em 1904 para evitar os inúmeros problemas para os Correios, uma vez que havia outras cidades brasileiras com o mesmo nome e ainda não havia, no Brasil, o serviço de código de endereçamento postal.

O município, em 2010, possuía 24.735 habitantes, dentre estes 21.336 habitantes estavam na área urbana, enquanto 3.399 na área rural. A economia é baseada na agropecuária. Outro aspecto importante do município de Ipameri é presença da 23ª Companhia de Engenharia de Combate do Exército Brasileiro.

Já Santa Cruz de Goiás é considerada uma das primeiras povoações do Estado. Manoel Dias da Silva descobriu o local da sede do município por volta do ano de 1730, época de início do povoamento e colonização de Goiás, mas sendo elevado à categoria de cidade, pela Lei nº 735, apenas em 29 de abril de 1884. Distancia-se, aproximadamente, a 128km da capital Goiânia, 25 km de Pires do Rio, 5 km de Palmelo e 65 km de Caldas Novas e sua economia gira em torno da agropecuária, em especial a criação de gado para o abate, gado leiteiro e de raça. Santa Cruz de Goiás, um dos municípios mais antigos do estado de Goiás, preserva até hoje a realização da encenação das Cavalhadas, uma luta entre mouros e cristãos, que acontece durante dois dias consecutivos. É uma das festas mais importantes do estado de Goiás e atrai os olhares de centenas de turistas para a região.

No que diz respeito à Silvânia, o foro de cidade foi obtido em 05/10/1857, mas com a denominação de Bonfim. Em 31/12/1943 houve a alteração do topônimo de Bonfim para Silvânia, por motivos semelhantes ao que ocorreu com Entrerrios, a existência de outras cidades brasileiras com igual nome e a confusão daí advinda. Ainda de acordo com Gonçalves (2011), em estudo que trata sobre toponímia e a estrada de ferro de Goiás, a alteração do topônimo de Bonfim para Silvânia serviu para a homenagem à família de um morador da região, o qual era considerado influente, chamado Vicente Miguel da Silva.

Silvânia limita-se com os municípios de Abadiânia, Alexânia, Luziânia, Orizona, Vianópolis, São Miguel do Passa Quatro, Bela Vista, Caldazinha, Leopoldo de Bulhões, Gameleira de Goiás, Anápolis. Dista, aproximadamente, 82 km de Goiânia, 78 km de Anápolis e 160 km de Brasília. Atualmente, Silvânia possui a economia voltada para a agricultura, a pecuária e para o comércio. Quando do surgimento de Silvânia, a economia baseava-se na mineração, devido à descoberta de ouro na região, motivo pelo qual se deu seu povoamento e seu primeiro nome, Bonfim, por referência à imagem de Nosso Senhor do Bonfim, a qual teriam trazido alguns baianos que para a região vieram em busca de riquezas minerais.

### **2.3 A coleta do material**

Após a aprovação do projeto junto ao COEP/UFG, demos início à coleta das inscrições tumulares, com o consentimento dos responsáveis pelas secretarias de administração dos municípios de Catalão, Ipameri, Santa Cruz de Goiás e Silvânia, uma vez que os quatro cemitérios visitados estão sob a responsabilidade destes órgãos. Logo após a coleta do material, o qual foi fotografado para agilizar esta parte da pesquisa, fizemos a transposição das inscrições tumulares para a organização do *corpus* da pesquisa. Nesse momento, excluímos do *corpus* toda e qualquer identificação dos falecidos, tais como nomes e datas de nascimento / falecimento, substituindo por [...], além da descaracterização dos túmulos, para manter o total anonimato, como solicitado pelo COEP/UFG.

Para a coleta do material de nossa pesquisa nos quatro cemitérios já informados, deslocamo-nos, antes, às autoridades municipais para as autorizações e assinaturas dos termos de anuência. Embora se tratem de localidades próximas, o tempo dispendido para a etapa de coleta de inscrições compreendeu três meses, dada a quantidade significativa encontrada. Primeiramente, coletamos em Catalão, cidade onde moramos e que, por isso, apresentou as facilidades ante dificuldades próprias desta etapa, como a necessidade de refazer imagens cuja

qualidade não foi satisfatória, a seleção prévia das inscrições. Na coleta do Cemitério Municipal de Ipameri, recebemos o auxílio de uma pessoa para darmos cabo a essa ação em único dia.

O nosso estudo, pela natureza do seu material de investigação, exigiu-nos que registrássemos por meios digitais os textos que propusemos descrever e analisar. Como aos suportes diversos das inscrições não caberiam outras formas de digitalização que não pela câmera fotográfica, a coleta das inscrições ocorreu nas datas e com a utilização dos modelos de câmera fotográfica, como apresentamos na Tabela 1:

<b>Município</b>	<b>Data da coleta</b>	<b>Modelo de câmera fotográfica</b>
Catalão	13 e 14/02/2014	Sony Cyber-shot DSC-HX1
Ipameri	26/03/2014	Sony Cyber-shot DSC-HX1 Sony Cyber-shot DSC-W110
Santa Cruz de Goiás	09/05/2014	Sony Cyber-shot DSC-W110
Silvânia	22 e 23/04/2014	Sony Cyber-shot DSC-W110

**Tabela 1** - Datas de coleta das inscrições tumulares por município e modelos de câmeras fotográficas utilizadas.

## 2.4 O material da pesquisa

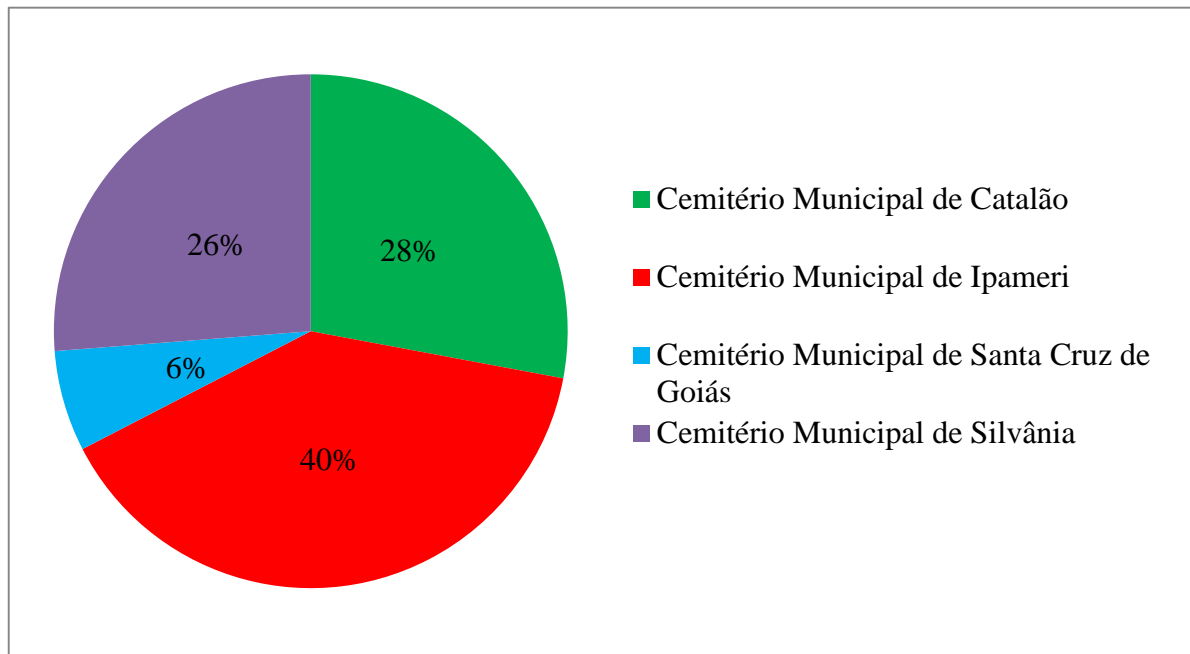
O material da pesquisa é composto por 2.756 inscrições tumulares, as quais foram coletadas em cemitérios dos municípios já referidos item 2.2. Cabe-nos explicar que as placas que contêm apenas o nome e as datas de nascimento / falecimento não fazem parte de nossa pesquisa.

Demonstramos, na tabela abaixo, a quantidade de inscrições tumulares coletadas por cemitério, bem como o total geral de inscrições coletadas nos quatro cemitérios visitados:

<b>Cemitério</b>	<b>Quantidade de inscrições tumulares</b>
Cemitério Municipal de Catalão	770
Cemitério Municipal de Ipameri	1.088
Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás	175
Cemitério Municipal de Silvânia	723
<b>Total de inscrições tumulares coletadas nos quatro cemitérios goianos</b>	<b>2.756</b>

**Tabela 2** - Quantidade de inscrições tumulares coletadas nos quatro cemitérios.

Em termos de porcentagem de inscrições tumulares coletadas, verificamos, através do gráfico a seguir, que, a maior parte, 40%, o que corresponde a 1.088 inscrições, foi coletada no município de Ipameri, seguido por Catalão com 28%, equivalendo a 770 inscrições tumulares.



**Quadro 2** - Percentual, por cemitério, do total geral de inscrições tumulares coletadas.

A coleta no município de Silvânia obteve 26%, 723 inscrições e, por último, em Santa Cruz de Goiás apenas 6%, sendo equivalente a 175 do total de 2.756 inscrições tumulares coletadas nos quatro cemitérios mencionados.

## 2.5 A transposição das inscrições tumulares para o *corpus*

Findada a coleta das inscrições tumulares, procedemos à sua transposição para a formação do *corpus* a ser empregado em nossa pesquisa. Houve a necessidade da transposição do material coletado para que fosse feita a descaracterização dos túmulos, além de não apresentar informações de cunho pessoal, o que garante total anonimato, uma vez que as inscrições tumulares foram fotografadas para agilizar a pesquisa de campo.

A transposição foi a etapa em que eliminamos os nomes das pessoas falecidas e as datas de nascimento / falecimento, ou seja, foram suprimidas as informações de natureza

peçoal, devido a recomendação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFG, passando a constar apenas [...] no lugar dessas informações e, assim, o *corpus* de nossa pesquisa foi formado.

## 2.6 A organização dos dados na perspectiva ortográfica e análise

Os dados foram organizados na perspectiva ortográfica, de acordo com os períodos da ortografia da língua portuguesa no Brasil: 1931 – Primeiro Acordo Ortográfico entre Brasil e Portugal; 1943 – Publicação do Formulário Ortográfico (Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa); 1971 – Lei com ênfase na alteração dos acentos gráficos; 1990 – Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, aprovado em 2008, com tempo de adaptação de 2009 a 2012, com implantação definitiva no ano de 2013, sendo, a partir do Decreto nº 7875, de 27/12/2012, publicado no Diário Oficial da União (DOU) em 28/12/2012, o prazo de implantação adiado para o ano de 2016.

Para tanto, com o intuito de facilitar nossa análise, estipulamos períodos para a separação do *corpus*, a saber: até 1930; de 1931 a 1942; de 1943 a 1970; de 1971 a 2008; de 2009 em diante, para cada cemitério visitado. É essencial esclarecermos que cada período de separação do *corpus* é referente ao período de adaptação às mudanças ortográficas e sua implantação definitiva.

Assim, para o estudo da ortografia nas inscrições tumulares preparamos um índice de frequência com suas respectivas variações, conforme Megale e Toledo Neto (2005). Os autores instruem que

no índice de frequência e ocorrência dos vocábulos, com poucas informações gramaticais, apresentam-se as formas no estado da língua em que foram escritas [...]. Ao total da frequência de um vocábulo seguem-se as várias formas. As entradas em negrito recebem colchetes no caso de a forma usual hoje não ter registro neste *corpus* (MEGALE E TOLEDO NETO, 2005, p. 327).

Esse índice de frequência e ocorrência dos vocábulos para o estudo da ortografia nas inscrições tumulares foi separado por local de pesquisa, como também pelos períodos já mencionados. Em seguida, foram analisados conforme os períodos ortográficos selecionados para este estudo, mesmo já tendo reconhecido, antes, que nossa primeira hipótese foi refutada por termos encontrado inscrição cuja datação difere do seu efetivo registro. Para esta etapa, baseamo-nos nas normas ortográficas vigentes nos períodos e em dicionários das épocas.

## **2.7 A organização dos dados na perspectiva lexical e análise**

Para a organização dos dados na perspectiva lexical, as expressões inventariadas das inscrições tumulares coletadas foram divididas nos mesmos períodos estipulados para o estudo na perspectiva ortográfica, tendo em vista que a organização dos dados nas duas perspectivas foi feita concomitantemente.

O critério adotado para a seleção das expressões a serem analisadas foi a amostragem, uma vez que levamos em consideração a grande quantidade de dados. Tão logo as expressões foram selecionadas, os seus vocábulos foram analisados com base na visão de dicionaristas, tais como Bluteau (1728), Silva (1789), Pinto (1832), Aulete (1881), Figueiredo (1913), Freire (1957), Houaiss e Villar (2009), Houaiss e Villar (2010).

Escolhemos por proceder à análise desta forma para averiguar se mesmo não utilizando palavras como vida, morte, ou mesmo seus sinônimos, as expressões analisadas fariam referência à dicotomia vida e morte.

Destarte, após a apresentação do desenrolar dos processos metodológicos, partiremos para o capítulo que corresponde à apresentação dos dados e sua análise.

### 3 DADOS E ANÁLISE

O primeiro ato, ao tratarmos de normas ortográficas e léxico, é adentrarmos à história da escrita, pois é a partir desta e de sua evolução que surgem as normas ortográficas, ocorrendo também as renovações lexicais. Nesse sentido, apresentamos uma breve história da escrita, conforme verificamos a seguir.

#### 3.1 Breve história da escrita

Ao fazermos o estudo das inscrições tumulares, as quais se concretizam através da escrita, torna-se relevante discorrermos, de forma breve, sobre a história da escrita.

Na busca por uma forma de expressão durável, o homem primitivo fez uso de diversos métodos na tentativa de concretizá-la. Os maiores exemplos desses métodos são os desenhos, os nós e os entalhes. A simbologia das pinturas rupestres, bem como dos petroglifos (desenhos incisos em pedra) corroboram para, de acordo com Higounet (2003, p.12), a “[...] eclosão da escrita sintética”. Em seguida, o autor explica que

a mentalidade do primitivo não lhe permite desenvolver a decomposição da frase, que postula a reprodução gráfica, para além da sucessão de idéias que ela contém. Por isso o estágio mais elementar da escrita é aquele em que um sinal ou um grupo de sinais serviu para sugerir uma frase inteira ou as idéias contidas numa frase. São esboços desse tipo que são chamados de escritas sintéticas ou ainda, segundo o termo alemão, *Ideenschrift*, escrita de idéias. Como o número desses sinais é limitado, enquanto o das idéias e das frases é infinito, a leitura dessas escritas depende a maior parte do tempo de rébus (HIGOUNET, 2003, p. 13, grifo do autor).

O termo rébus, em conformidade com Houaiss e Villar (2001), significa “enigma figurado que consiste em exprimir palavras ou frases por meio de figuras e sinais, cujos nomes produzem quase os mesmos sons que as palavras ou frases representam”. Esse foi o caminho utilizado pelos primitivos, pois sua mentalidade ainda não estava desenvolvida o suficiente para criar e usar um sistema complexo como a escrita.

Ao citar J. Février, Higounet (2003) aborda o que deve ser feito para que haja escrita. Para tanto, é necessário um conjunto de sinais que tenha sentido e que seja pré-estabelecido pela comunidade social, sendo utilizado pela mesma. Além disso, é necessário que o conjunto de sinais possa “gravar e reproduzir uma frase falada”, ou seja, reproduzir a

oralidade. Assim, adquirir esse sistema é uma tarefa que requer tempo, dependendo da mentalidade e da língua da sociedade em que se encontra.

No que diz respeito ao material, a escrita é grafada em um suporte através de um instrumento (estilete, produto colorante etc.). Tal instrumento é manuseado por um gravador ou escriba, independentemente de sua habilidade.

Para Higounet (2003, p. 15), “[...] toda escrita apresenta uma série de caracteres que lhe são próprios e que pertencem ao grupo social, à língua e à época da qual ela é expressão, mas também ao registro material subjetivo, à natureza do instrumento, à mão e aos hábitos do escriba”.

Substâncias variadas eram suporte para as escritas, podendo hoje serem utilizadas em algumas circunstâncias especiais. Os suportes compostos por matérias duras, tais como pedra, osso, metais, dentre outros, são onde as chamadas inscrições eram grafadas.

Higounet (2003, p. 28) postula que a história da escrita possui um vasto e diversificado campo. Dessa forma,

quem poderia se gabar de conhecê-la ou mesmo de poder percorrê-la toda? Ela se especializa em múltiplos cantões que limitam com outras disciplinas que suas descobertas quase sempre contribuíram para promover: a assiriologia, a egiptologia, a sinologia, o indianismo, o americanismo, os estudos semíticos e árabes, os estudos antigos e medievais. Mas ela também solicita a colaboração da filologia, da etnologia, da psicologia e da história e serve, por sua vez, a cada uma dessas ciências. A escrita, fundamento da civilização, está no fundamento das ciências humanas.

A escrita é um elemento importantíssimo na história da humanidade, tanto que Higounet (2003, p. 10) registra que a “a escrita faz de tal modo parte de nossa civilização que poderia servir de definição dela própria”. Destarte, no entendimento do autor

[...] a escrita é mais que um instrumento. Mesmo emudecendo a palavra, ela não apenas a guarda, ela realiza o pensamento que até então permanece em estado de possibilidade. Os mais simples traços desenhados pelo homem em pedra ou papel não são apenas um meio, eles também encerram e ressuscitam a todo momento o pensamento humano. Para além de modo de imobilização da linguagem, muda certamente, mas, segundo a expressão de L. Febvre, “centuplicada”, que disciplina o pensamento e, ao transcrevê-lo, o organiza (HIGOUNET, 2003, p. 9-10, grifo do autor).

O alicerce da sociedade moderna é a escrita. A sociedade é dependente dessa forma assumida pela língua. Higounet (2003) destaca, que a história da humanidade é dividida

em duas eras: antes e a partir da escrita. Contudo, já é pensada uma, possível, terceira era, a qual é pré-denominada de depois da escrita.

Fischer (2009, p. 32, grifo do autor) enfatiza que “a maior parte dos estudiosos prefere acreditar que a escrita foi originada independentemente em muitas regiões do mundo como expressão de a sociedade ter atingido um nível ‘avançado’ de civilização”. Entretanto, é a partir das necessidades sociais que a escrita tende a ser “elaborada” ou “reelaborada”, sofrendo as modificações conforme as necessidades apresentadas.

Dessa forma, dada a importância da escrita, Sampson (1996, p. 11-12) leva em consideração que “[...] a escrita é muito mais que um enfeite supérfluo à margem do comportamento linguístico”, bem como critica o fato de ter passado “[...] da hora de a linguística reconhecer que a língua escrita é parte integrante de seu domínio”. O autor ressalta, o que também é nosso entendimento, que há mérito no estudo linguístico da escrita.

Sampson (1996) evidencia que é no ato da escrita que selecionamos o que há de melhor em nosso conhecimento linguístico e evitamos<sup>8</sup> o uso de certas palavras, expressões, visando “um produto final elaborado”, que realmente possa transmitir a mensagem desejada sem o cometimento de equívocos. Fora isso,

[...] antes do desvio das atenções para a análise linguística sincrônica, que ocorreu nos primeiros anos do nosso século [século XX], os estudiosos se dedicaram às formas linguísticas contemporâneas tendo em vista principalmente sua etimologia histórica; isto também tendeu a dirigir a atenção para a escrita como algo oposto à fala, pois em muitas línguas a forma escrita é relativamente conservadora em comparação com a falada. De fato, até o final do século XIX, os linguistas simplesmente não possuíam um vocabulário para fazer afirmações precisas sobre os *sons* da língua; a ciência fonética ainda não existia, e os filólogos forçosamente discutiam o desenvolvimento histórico das palavras em termos das mudanças das “letras”, mesmo com relação aos primeiros estágios, quando a língua em questão ainda não possuía forma escrita. (SAMPSON, 1996, p. 8-9, acréscimo nosso e grifos do autor).

Historicamente, a escrita é precedida pela fala, mesmo nos dias atuais existem comunidades que não têm e não fazem uso de nenhum sistema de escrita, o que pode ser considerado absurdo para alguns, pois dependemos de nosso sistema de escrita para repassarmos ensinamentos através dos livros etc.

---

<sup>8</sup> Neste contexto, Sampson (1996) utiliza o verbo censurar. Entretanto, acreditamos que o significado deste verbo é muito pesado no contexto utilizado e preferimos usar o verbo evitar, pois selecionamos, escolhemos um determinado uso linguístico em detrimento de outro.

Nessa perspectiva, a escrita é vista por Sampson (1996) como tendo uma história total menos extensa que a da língua na forma falada. A escrita é permanente, enquanto a língua falada é momentânea. É-nos explicado pelo autor que o termo escrita é concebida, no que diz respeito à linguagem comum, com superficialismo, uma vez que se refere à aparência da escrita, ou seja, à parte visual.

Na compreensão de Fischer (2009), os estudiosos consideram que a origem da escrita se deu, em várias partes do mundo, devido ao avanço da sociedade, da civilização. Visto por esse ângulo, cabe esclarecer que “[...] a escrita não é uma recompensa automática pela sofisticação social. A escrita precisa ser *elaborada* e isso requer um prolongado processo, determinado pelo desenvolvimento de necessidades sociais” (FISCHER, 2009, p. 32, grifo do autor).

Os linguistas, na compreensão de Sampson (1996, p. 9, grifo do autor), “[...] sempre foram um pouco românticos ao pensarem a língua falada, ou pelo menos a fala casual e rápida, como algo “natural”, não maculado pelas artificiais regras prescritivas”. Todavia, entendemos que os tipos de linguagem sofrem influências por parte do social, as quais tendem “[...] modificar nossa linguagem para fins de prestígio social [...]”.

A escrita é um elemento intrínseco e exclusivo da cultura. De certa maneira este fato não tinha importância para os estudiosos e sim “[...] o maquinário biológico do intelecto humano” (SAMPSON, 1996, p.10).

De acordo com Borba (2005), a atividade de comunicação está presente na vida animal, mas é na espécie humana que essa atividade apresenta nível mais complexo. Sampson (1996) destaca que a distinção entre homem e animal caracteriza-se pelo uso da língua e é motivo de atenção e estudo por parte de linguistas, bem como outros pesquisadores. Dessa forma, a língua falada é um acontecimento “natural” que antecede à escrita.

Nesse sentido, Sampson (1996, p. 10), ao tratar das questões biológicas voltadas à questão da língua, expõe que a ideia da adaptação biológica

durante as décadas de 1960 e 1970, muitos linguistas foram influenciados pela ideia de que a adaptação biológica à língua foi muito mais uma questão de capacidade de articular e ouvir uma gama relativamente ampla de sons; os teóricos argumentavam que nossa capacidade de aprender a usar as complexas e abstratas regras sintáticas, semânticas e fonológicas que constituem uma língua depende basicamente das estruturas do cérebro herdadas biologicamente e que fixam com antecedência a maior parte dos aspectos das regras linguísticas, restando à criança aprender apenas um pequeno número dessas regras por meio da experiência que os mais velhos têm da língua.

Deste modo, munidos de informações sobre a história da escrita, passaremos à análise dos usos de normas ortográficas e, logo após, ao estudo lexical, com o qual buscamos explicitar a vida e a morte nas inscrições tumulares.

### **3.2 Dados para o estudo da ortografia**

Para o estudo da ortografia nas inscrições tumulares, os dados estão apresentados em forma de índice de frequência e ocorrência dos vocábulos com suas respectivas variações, assim como propõem Megale e Toledo Neto (2005) e já explicitado no item 2.6 do capítulo anterior.

#### **3.2.1 Índice de frequência e ocorrência dos vocábulos para o estudo da ortografia**

Prosseguindo com nosso estudo, apresentamos, a seguir, o índice de frequência e ocorrência dos vocábulos para o estudo da ortografia nas inscrições tumulares, organizado por local de pesquisa e pelos períodos especificados.

##### **3.2.1.1 Índice de frequência e ocorrência dos vocábulos em Catalão**

###### **Até 1930**

###### **A**

[ano] s. m. (2) annos (1); anos (1)

###### **D**

[dormir] v. (1) pres. ind., dorme (1)

###### **E**

esposo s. (4) esposa (3); esposo (1)

###### **F**

**[falecer]** v. (11) p. pas., falecida (7); falecido (4)

**família** s. f. (2)

**[filho]** s. (4) filha (1); filhos (3)

## **G**

**genro** s. m. (1)

## **H**

**homenagem** s. f. (1)

## **I**

**idade** s. f. (1)

**inconsolável** adj. (1)

## **J**

**[jazer]** v. (7) pres. ind., jaz (2); jazem (5)

## **M**

**marido** s. m. (1)

**[mortal]** adj. (5) mortaes (5)

## **N**

**[nascer]** v. (7) p. pas., nascida (5); nascido (2)

## **R**

**[recordação]** s. f. (1) recordações (1)

[repousar] v. (1) pres. ind., repousam (1)

## S

**saudade** s. f. (5) saudade (1); saudades (4)

[sono] s. m. (1) somno (1)

## De 1931 a 1942

## A

**alegria** s. f. (2) alegria (1); alegrias (1)

[alma] s. (1) prep. + s., n'alma (1)

**anjo** s. m. (1)

## C

[confortar] v. (1) pres. subj., conforte (1)

## E

[efêmero] adj. (1) ephemero (1)

[esperança] s. f. (1) esp'rança (1)

**esposo** s. (8) esposa (5); esposo (3)

**eternidade** s. f. (1)

**eterno** adj. (2) eterna (1); eterno (1)

## F

[falecer] v. (6) pret. perf. ind., faleceu (1); p. pas., falecida (1), fallecido (4)

**família** s. f. (3)

[familiar] s. m. (1) familiares (1)

[filho] s. (5) filha (1); filhos (4)

**G**

**genro** s. m. (4) genro (1); genros (3)

**I**

**[inscrito]** adj. (1) inscripta (1)

**[irmão]** s. m. (1) irmãos (1)

**J**

**[jazer]** v. (3) pres. ind., jaz (3)

**M**

**mãe** s. f. (1)

**[morto]** adj. (1) mortas (1)

**morte** s. f. (1)

**N**

**[nascer]** v. (5) p. pas., nascida (1); nascido (4)

**[neto]** s. m. (1) netos (1)

**[nora]** s. f. (2) noras (2)

**O**

**orgulho** s. m. (1)

**[outro]** pron. (1) prep. + pron., n'outra (1)

**P**

**[pai]** s. (2) paes (2)

**S**

**saudade** s. f. (12) saudade (4); saudades (8)

[**saudoso**] adj. (1) saudosos (1)

[**sono**] s. m. (1) sonno (1)

**T**

**triste** adj. (1)

**De 1943 a 1970****A**

**amargura** s. f. (1)

[**amigo**] s. m. (3) amigos (3)

**amor** s. m. (1)

**ano** s. m. (11) ano (1); anos (10)

[**avô**] s. avós (1)

**B**

**brado** s. m. (1)

**C**

**campa** s. f. (1)

[**ceifar**] v. (2) p. pas., ceifada (1); ger., ceifando (1)

**céu** s. m. (2)

**chacina** s. f. (1)

[**chorar**] v. (3) pret. perf. ind., choraram (1); chorei (1); pret. imperf. subj., chorasse (1)

**coração** s. m. (5)

**Cristo** s. m. (1)

**cunhado** s. m. (1)

**D**

**[descansar]** v. (3) imp., descance (1); descanse (2)

**Deus** s. m. (5)

**dor** s. f. (2) dor (1); dôr (1)

**[dormir]** v. (3) pres. ind., dorme (3)

**E**

**ele** pron. (5) ela (1); ele (2) eles (2)

**esposo** s. (28) esposa (18); espôsa (2); espôso (1); esposo (7)

**eterno** adj. (9) eterna (8); eterno (1)

**eternamente** adv. (1)

**[extinguir]** v. (1) fut. pres. ind., extinguirá (1)

**F**

**[falecer]** v. (3) p. pas., falecido (3)

**família** s. f. (12)

**[familiar]** s. m. (31) familiares (31)

**filho** s. (25) filha (1); filhas (1); filho (1); filhos (22)

**G**

**galardão** s. m. (1)

**[gemido]** s. m. (1)

**[genro]** s. m. (2) genros (2)

**gratidão** s. f. (1)

**H**

**herança** s. f. (1)

**homenagem** s. f. (9)

**I**

**idade** s. f. (3)

**[irmão]** s. (13) irmã (3); irmãos (10)

**J**

**[jazer]** v. (7) pres. ind., jaz (6); jazem (1)

**Jesus** s. m. (1)

**L**

**[lágrima]** s. f. (1) lágrimas (1)

**lembrança** s. f. (3)

**M**

**mãe** s. f. (4)

**memória** s. f. (2)

**menino** s. m (1)

**miserável** adj. (1)

**[murmurar]** v. (1) pret. perf. ind., mormuraram (1)

**morrer** v. (2) inf., morrer (1); pret. perf. ind., morri (1)

**[mortal]** adj. (1) mortais (1)

**morte** s. f. (1)

**morto** adj. (1)

**N**

**nascer** v. (3) inf., nascer (1); pret. perf. ind., nasci (1); p. pas., nascido (1)

**[neto]** s. m. (7) netos (7)

**nora** s. f. (4) nora (1); nóras (1); noras (2)

**P**

**pai** s. (13) pae (1); paes (6); pai (1); pais (5)

[**parente**] s. (3) parentes (3)

**paz** s. f. (2)

**pranto** s. m. (1)

**preito** s. m. (2)

**R**

**recordação** s. f. (1)

**renascer** v. (1) inf.

**ressurreição** s. f. (2)

[**rogar**] v. (2) fut. pres. ind., rogação (1); imp., roguemos (1)

[**rutilo**] s. m (1) rutilos (1)

**S**

**salvação** s. f. (1)

**sangue** s. m. (1)

**saudade** s. f. (83) saudade (28); saudades (55)

[**saudoso**] adj. (1) saudosos (1)

[**sobrinho**] s. m. (3) sobrinhos (3)

**sono** s. m. (1)

**T**

[**tio**] s. (1) tios (1)

**triste** adj. (2) triste (1); tristes (1)

**V**

**vida** s. f. (3)

**viva** adj. (1)

[**viver**] v. (2) fut. pres. ind., viverá (1); viverás (1)

## De 1971 a 2008

### A

**adeus** s. m. (1)

[**alegrar**] v. (2) imp. + pron., alegrai-vos (1); fut. pres. ind., alegrará (1)

**alegre** adj. (2)

**alegria** s. f. (25) alegria (22); alegrias (3)

**alma** s. f. (7) alma (5); almas (2)

**amar** v. (47) pres. ind., ama (1); amam (1); amamos (8); imp. + pron., amai-vos (1); pres. ind. + pron., ama-la (1); ama-lo (4); ger., amando (1); inf., amar (6); pret. perf. ind., amaram (1); amei (21); amou (1); fut. pres. ind., amaremos (1)

**amado** adj. (5)

**amigo** adj. (5) amiga (2); amigo (3)

[**amigo**] s. (29) amigos (29)

**amizade** s. f. (1)

**amor** s. m. (29) amor (28); amores (1)

**anjo** s. m. (19) anjo (13); anjos (6)

[**ano**] s. m. (2) anos (2)

**avô** s. (4) avô (2); avós (2)

### B

[**bisneto**] s. (14) bisnetos (13); bisnettos (1)

### C

**carne** s. f. (1)

**celeste** adj. (1)

**celestial** adj. (3)

**certeza** s. f. (3)

**céu** s. m. (7)

**chorar** v. (18) pres. ind., choram (2); choramos (1); ger., chorando (1); inf., chorar (2); pret. perf. ind., choraram (3); chorei (4); pret. imperf. ind., chorava (1); choravam; pres. subj., choreis (1); chores (1); imp., chorem (1);

**companheira** s. f. (1)

**companheiro** adj. (2) companheiro (1); companheiros (1)

**conviver** v. (1) inf.

**convívio** s. m. (1)

**[coração]** s. m. (20) corações (20)

**[criança]** s. f. (1) criancinhas (1)

**Cristo** s. m. (3)

**[cunhado]** s. m. (1) cunhados (1)

## D

**[deixar]** v. (1) pret. perf. ind., deicharam (1)

**[descansar]** v. (16) imp., descança (4); descansa (2); descanse (3); pres. ind., descança (1); descansa (1); fut. pres. ind., descansará (5)

**descanso** s. m. (1)

**[desencarnar]** v. (1) pret. perf. ind., desencarnou (1)

**Deus** s. m. (59)

**doloroso** adj. (1)

**dor** s. f. (5) dor (4); dores (1)

**[dormir]** v. (1) ger., dormindo (1)

## E

**ele** pron. (14) ela (3); ele (8); êle (1); eles (2)

**[entristecer]** v. (1) p. pas., entristecido (1)

**espírito** s. m. (3)

**esposo** s. (46) esposa (32); espôsa (6); espôso (2); esposo (6)

**[eterno]** adj. (34) eterna (24); eternas (10)

**eternamente** adv. (4)

**eternidade** s. f. (1)

**eternizar** v. (1) inf.

**eterno** adj. (3)

## F

**[falecer]** v. (1) p. pas., falecido (1)

**família** s. f. (44) família (20); familia (23); familias (1)

**[familiar]** s. m (249) familiares (249)

**fé** s. f. (5)

**filho** s. (65) filha (4); filhas (8); filho (4); filhos (49)

**flor** s. f. (9) flor (1); flôres (1); flores (7)

**[funcionário]** s. m. (1) funcionários (1)

## G

**genro** s. m. (21) genro (5); genros (15); genros (1)

## H

**[haver]** v. (1) fut. pres. ind., haveremos (1)

**homenagem** s. f. (10) homenagem (9); omenagem (1)

## I

**imortalidade** s. f. (1)

**inconsolável** adj. (2)

**irmão** s. (16) irmã (1); irmão (1); irmãos (12); irmãs (2)

## J

**[jazer]** v. (1) pres. ind, jaz (1)

**Jesus** s. m. (14)

## L

**[lágrima]** s. f. (10) lágrimas (10)

**[lembrar]** v. (1) p. pas., lembradas (1)

**lembrança** s. f. (17) lembrança (13); lembranças (4)

## M

**mãe** s. f. (13) mãe (12); mamãe (1)

**[mano]** s. m. (1) manos (1)

**matar** v. (2) pres. ind., mata (1); inf., matar (1)

**memória** s. f. (3) memória (1); memórias (2)

**menino** s. m. (1)

**[morrer]** v. (18) pres. subj., morra (2); pres. ind., morre (6); morrem (1); ger., morrendo (2); fut. pres. ind., morrerá (1); morrereis (1); pret. perf. ind., morreram (1); morreu (1); morri (3)

**[mortal]** adj. (2) mortais (2)

**morte** s. f. (9)

**morto** adj. (10)

## N

**nascer** v. (12) inf., nascer (2); pret. perf. ind., nasceu (2); nasci (5); p. pas., nascida (1); nascido (2)

**nem** conj. (2) nem (1); nen (1)

**neto** s. m. (33) neto (1); netos (30); nettos (2)

**noiva** s. f. (1)

**no-lo** pron. + pron. (1)

**nora** s. f. (18) nora (3); noras (15)

## O

**ódio** s. m. (3)

**ofensa** s. f. (2)

**oração** s. f. (30) oração (29); orações (1)

**[olho]** s. m. (1) zóios (1)

**P**

**pai** s. (34) pae (1); paes (1); pai (19); pais (10); papai (3)  
**[parente]** s. (8) parentes (8)  
**paz** s. f. (19)  
**pecado** s. m. (3) pecado (2); pecados (1)  
**pecar** v. (1) inf.  
**perdão** s. m. (2)  
**perdoar** v. (5) p. pas., perdoado (2); ger., perdoando (2); inf., perdoar (1)  
**pranto** s. m. (1)

**R**

**raiva** s. f. (1)  
**rancor** s. m. (2) rancor (1); rancôr (1)  
**renascer** v. (1) inf. (1)  
**[repente]** s. (1) prep. + s., direpente (1)  
**[repousar]** v. (3) pres. ind., repousa; fut. pres. ind., repousara (1)  
**repouso** s. m. (1)  
**[ressuscitar]** v. (1) fut. pres. ind., ressucitarão (1)  
**ressurreição** s. f. (12)

**S**

**[sacrifício]** s. m. (1) sacrifícios (1)  
**saudade** s. f. (377) saudade (104); saudades (273)  
**saudoso** adj. (3) saudosa (2); saudoso (1)  
**[sobrinho]** s. m. (2) sobrinhos (2)  
**sogro** s. (1)  
**sono** s. m. (1)

**T**

**triste** adj. (5) triste (2); tristes (3)

**tristeza** s. f. (9) tristeza (7); tristezas (2)

**túmulo** s. m. (1)

## V

**[velar]** v. (1) pres. ind., vela (1)

**vida** s. f. (39) vida (37); vidas (2)

**viver** v. (34) pres. subj., vivam (1); pres. ind., vive (3); vivemos (1); ger., vivendo (1); inf., viver (9); fut. pres. ind., viverá (14); pret. pref. ind., viveram (2); viveu (3)

**vivo** adj. (17) viva (11); vivo (5); vivo (1)

**vo-lo** pron. + pron. (1)

## De 2009 em diante

## A

**adormecer** v. (1) inf.

**alegria** s. f. (19) alegria (17); alegrias (2)

**alma** s. f. (8) alma (7); almas (1)

**amar** v. (37) pres. ind., ama (1); amam (1); amamos (7); amo (1); pres. ind. + pron., amá-lo; inf., amar (4); pret. perf. ind., amaram (7); amei (10); amou (1); fut. pres. ind., amaremos (4)

**amado** adj. (6) amada (2); amado (4)

**amigo** adj. (2)

**[amigo]** s. (27) amigos (27)

**amor** s. m. (18)

**anjo** s. m. (8) anjo (6); anjos (2)

**[ano]** s. m. (1) anos (1)

## B

**[bisneto]** s. (10) bisneta (1); bisnetos (9)

**C**

**certeza** s. f. (5) acerteza (1); certeza (4)

**céu** s. m. (2)

**chorar** v. (14) ger., chorando (1); inf., chorar (1); pret. perf. ind., choraram (2); pret. imperf. ind., chorava (1); choravam (1); imp., chore (1); chorem (4); pret. perf. ind., chorei (2); pres. subj., chores (1)

[**confortar**] v. (1) fut. subj., confortarmos (1)

**conquanto** conj. (1)

**contigo** pron. (2)

**conviver** v. (1) inf.

**coração** s. m. (28) coração (10); corações (18)

**Cristo** s. m. (1)

**D**

[**descansar**] v. (3) imp., descanse (3)

**desespero** s. m. (1)

**Deus** s. m. (37)

**dor** s. f. (5) dor (3); dores (2)

**E**

**ele** pron. (8) ela (1); elas (1); ele (2); eles (4)

**espírito** s. m. (1)

**esposo** s. (11) esposa (7); esposo (4)

[**extinguir**] v. (1) pret. imperf. subj., estiguissem (1)

**eternamente** adv. (4)

**eterno** adj. (25) eterna (8); eternas (16); eterno (1)

[**exumar**] v. (1) p. pas., exumada (1)

**F**

**família** s. f. (12)

**[familiar]** s. m. (56) familiares (56)

**fé** s. f. (4)

**filho** s. (23) filha (1); filhas (3); filho (1); filhos (18)

**flor** s. f. (3) flor (1); flores (2)

## G

**genro** s. m. (14) genro (4); genros (10)

## I

**inconsolável** adj. (2) inconsoláveis (1); inconsolável (1)

**inconsolavelmente** adv. (1)

**[irmão]** s. (6) irmã (1); irmãos (4); irmãs (1)

## J

**Jesus** s. m. (7)

## L

**[lágrima]** s. f. (2) lágrimas (2)

**lembrança** s. f. (15) lembrança (8); lembranças (7)

**[lembrar]** v. (2) fut. subj., lembrarmos (2)

## M

**mãe** s. f. (3) mãe (1); mamãe (2)

**medo** s. m. (4)

**memória** s. f. (6) memória (4); memórias (2)

**[morrer]** v. (11) pres. ind., morre (5); morrem (1); ger., morrendo (1); fut. pres. ind., morrerá (1); pret. perf. ind., morreu (1); morri (2)

**morte** s. f. (6)

**morto** adj. (3)

**N**

**nascer** v. (4) inf., nascer (1); pret. perf. ind., nasci (3)

**neto** s. (16) neto (1); netos (15)

**nora** s. f. (10) nora (1); noras (9)

**O**

**ódio** s. m. (1)

**ofensa** s. f. (1)

**[oração]** s. f. (1) orações (1)

**P**

**pai** s. (10) pai (9); papai (1)

**[parente]** s. (2) parentes (2)

**paz** s. f. (8)

**perdoar** v. (3) p. pas., perdoado (1); ger., perdoando (1); inf., perdoar (1)

**R**

**[recordação]** s. f. (1) recordações (1)

**[repousar]** v. (2) pres. ind. repousa (2)

**ressurreição** s. f. (3)

**S**

**salvação** s. f. (2)

**saudade** s. f. (92) saudade (35); saudades (57)

**senão** conj. (2) senão (1); sinão (1)

**[sobrinho]** s. (1) sobrinhos (1)

**[sofrer]** v. (1) fut. pres. ind., sofreremos (1)

**sofrimento** s. m. (1)

**T**

**[treva]** s. f. (1) trevas (1)

**triste** adj. (2)

**tristeza** s. f. (6) tristeza (5); tristezas (1)

**túmulo** s. m. (1)

**V**

**vida** s. f. (23) vida (21); vidas (2)

**viver** v. (11) pres. ind., vive (2); inf., viver (3); fut. pres. ind., viverá (4); pret. pref. ind.,  
viveram (1); viveu (1)

**[vivida]** adj. (1) vividas (1)

**vivo** adj. (9) vivo (5); viva (3) vivas (1)

### 3.2.1.2 Índice de frequência e ocorrência dos vocábulos em Ipameri

#### Até 1930

**A**

**alma** s. f. (2)

**[ano]** s. m. (3) annos (2); anos (1)

**C**

**[céu]** s. m. (1) céo (1); ceu (1)

**[chorar]** v. (1) pres. subj., choreis (1)

**[cristão]** adj. (1) christã (1)

**[contigo]** pron. (1)

**D**

**[descansar]** v. (1) pres. ind., descansa (1)

**Deus** s. m. (1)

## E

**[ele]** pron. (1) elle (1)

**esposo** s. (6) esposa (4); esposo (2)

**eternamente** adv. (1)

**[eterno]** adj. (2) eternas (2)

## F

**[falecer]** v. (10) p. pas., falecida (3); falecido (7)

**[filho]** s. (6) filhos (6)

## I

**idade** s. f. (2) idade (1); idade (1)

**[inconsolável]** adj. (1) inconsolavel (1)

**[inocente]** adj. (1) innocentes (1)

**[irmão]** s. (2) irmãos (2)

## J

**[jazer]** v. (6) pres. ind., jaz (3); jazem (3)

**jazigo** s. m. (1)

**Jesus** s. m. (1)

## L

**lembrança** s. f. (2) lembrança (1); lembranças (1)

## M

**memória** s. f. (1)

[**mês**] s. m. (2) meses (2)

[**mortal**] adj. (4) mortaes (3); mortais (1)

## N

[**nascer**] v. (8) p. pas., nascida (3); nascido (5)

## O

[**orar**] v. (1) imp., orae (1)

## P

[**pai**] s. (6) pae (1); paes (3); pais (2)

**paz** s. f. (1)

## R

[**recordação**] s. f. (1) recordações (1)

[**repousar**] v. (2) pres. ind., repousa (2)

[**rogar**] v. (1) imp., rogae (1)

## S

**saudade** s. f. (11) saudade (3); saudades (8)

[**saudoso**] adj. (1) saudosos (1)

[**sepultado**] v. (1) p. pas., sepultados (1)

## V

**vida** s. f. (1)

**viver** v. (1) inf. (1)

## De 1931 a 1942

**A**

[ano] s. m. (2) anos (2)

**B**

[bisneto] s. (1) bisnetos (1)

**C**

**campa** s. f. (1)

**D**

**Deus** s. m. (1)

**doloroso** adj. (1)

**E**

**esposo** s. (4) esposa (2); esposo (2)

[eterno] adj. (3) eterna (3)

**F**

[falecer] v. (1) p. pas., falecida (1)

[filho] s. (8) filha (1); filhas (1); filhos (6)

**G**

**genro** s. m. (3) genro (2); genros (1)

**H**

**homenagem** s. f. (1)

**I**

**idade** s. f. (1)

**[inolvidável]** adj. (1) inolvidavel (1)

**J**

**[jazer]** v. (4) pres. ind., jaz (4)

**M**

**[mortal]** adj. (1) mortaes (1)

**N**

**[neto]** s. (5) netinha (1); netos (2); nettos (2)

**P**

**preito** s. m. (1)

**R**

**recordação** s. f. (1)

**[repousar]** v. (3) pres. ind., repousa (1); repousam (2)

**S**

**saudade** s. f. (5) saudade (1); saudades (4)

**A**

**alma** s. f. (2)

[**amar**] v. (3) pres. ind., amamos (1); ger., amando (1); pret. perf. ind., amei (1)

**amado** adj., (1)

[**amigo**] s. m. (3) amigos (3)

**amor** s. m. (2)

[**ano**] s. m. (1) anos (1)

**B**

[**bisneto**] s. (1) bisnetos (1)

**C**

**campa** s. f. (1)

**céu** s. f. (1)

**criança** s. f. (1)

**D**

[**descansar**] v. (8) pres. ind., descança (1); descançam (1); descanção (1); descansa (3); imp.,  
descanse (1)

[**descanso**] s. m. (1) descanço (1)

**Deus** s. m. (7)

[**dormir**] v. (3) pres. ind., dorme (3)

**E**

**ele** pron. (5) ele (1); êle (2); eles (2)

**esposo** s. (13) esposa (12); esposo (1)

**eterno** adj. (11) eterna (5); eternas (4); eterno (2)

**eternidade** s. f. (2)

**F**

**[falecer]** v. (1) p. pas., falecida (1)

**família** s. f. (3)

**[familiar]** s. m. (20) familiares (20)

**filho** s. (35) filha (1); filhas (1); filho (1); filhos (32)

**flor** s. f. (2) flor (1); flôr (1)

**G**

**genro** s. m. (11) genro (2); genros (9)

**H**

**homenagem** s. f. (8) homenagem (7); homenagens (1)

**I**

**[irmão]** s. (7) irmãos (7)

**J**

**[jazer]** v. (4) pres. ind. jaz (4)

**jazigo** s. m. (1)

**Jesus** s. m. (3)

**L**

**lápide** s. f. (1)

**lembrança** s. f. (3)

**M**

[**mãe**] s. f. (1) mãezinha (1)

**memória** s. f. (1)

[**mortal**] adj. (1) mortais (1)

**morte** s. f. (1)

**morto** adj. (4) morto (3); mortos (1)

## N

[**nascer**] v. (1) p. pas., nascida (1)

[**neto**] s. (17) neta (1); netos (16)

**nora** s. f. (11) nora (2); noras (9)

## O

[**orar**] v. (2) imp., orai (2)

## P

[**pai**] s. (7) paes (3); pais (4)

[**parente**] s. (4) parentes (4)

**passamento** s. m. (1)

**paz** s. f. (5)

## R

[**recordação**] s. f. (2) recordações (2)

[**repousar**] v. (2) pres. ind., repousa (1); repousam (1)

**ressurreição** s. f. (3)

[**rogar**] v. (1) imp., rogai (1)

## S

**saudade** s. f. (60) saudade (21); saudades (39)

**saudoso** adj. (1)

**[sobrinho]** s. m. (1) sobrinhos (1)

**sono** s. m. (1)

## T

**tristeza** s. f. (1)

## V

**vida** s. f. (10)

**[viver]** v. (3) fut. pres. ind., viverá (3)

## De 1971 a 2008

## A

**acordar** v. (1) inf.

**adeus** s. m. (3)

**adormecer** v. (4) inf., adormecer (1); pret. perf. ind., adormeceu (3)

**adulto** s. m. (1)

**[alegrar]** v. (3) imp. + pron., alegrai-vos (1); alegrá-lo; pret. imperf., alegrava (1)

**alegre** adj. (1)

**alegria** s. f. (33) alegria (29); alegrias (4)

**alma** s. f. (31) alma (29); almas (2)

**amar** v. (122) pres. ind., ama (4); amam (7); amo (3); amamos (10); inf., amar (4); pret. perf. ind., amaram (4), amei (74); amou (7); fut. pres. ind., amarei (2); inf. + pron., amar-te; pret. imperf. ind., amava (2); amavam (2); amavamos (2)

**amado** adj. (4) amada (1); amado (3)

**amargurado** adj. (1)

**amigo** s. (119) amigo (6); amiga (2); amigos (111)

**amigo** adj. (22) amiga (12); amigo (8); amigos (1); amigas (1)

**amizade** s. f. (4)

**amor** s. m. (96) amôr (2); amor (93); amores (1)

**amoroso** adj. (2) amorosa; amoroso (1)

**anjo** s. m. (17) anjinho (1); anjo (14); anjos (2)

[**ano**] s. m. (6) anos (6)

**avô** s. (11) avô (2); avó (4); avós (3); vovô (1); vovó (1)

**azulino** adj. (1)

## B

**bisavô** s. m (1)

[**bisneto**] s. (33) bisnetos (33)

[**bom**] adj. (1) bôa (1)

[**brincar**] v. (1) pret. perf. ind., brincou (1)

**buliçoso** adj. (1)

## C

[**cabelo**] s. m. (1) cabelos (1)

**caixão** s. m. (1)

**campo** s. m. (1)

**cemitério** s. m. (1)

**certeza** s. f. (11)

**céu** s. m. (26) ceu (1); céu (19); céus (6)

**chorar** v. (31) pres. ind., chora (3); choramos (2); ger., chorando (1); inf., chorar (3); pret. perf. ind., choraram (1); chorei (1); chorou (1); pret. imperf. ind., chorava (6); choravam (6); imp., chore (3); chorem (1); pres. subj., choreis (1); chores (2)

**companheiro** adj. (1)

[**consigo**] pron. (1) comsigo (1)

**contigo** pron. (1)

**coração** s. m. (81) coração (45); corações (36)

[**coroa**] s. f. (1) corôa (1)

**criança** s. f. (3) criança (1); crianças (1); criancinhas (1)

**Cristo** s. m. (8)

[**cunhado**] s. (7) cunhada (1); cunhadas (1); cunhados (5)

## D

**[deixar]** v. (1) pres. ind., deicho (1)

**[deitar]** v. (2) fut. pres. ind., deitarei (1); pres. ind., deito (1)

**descansar** v. (29) pres. ind., descança (1); imp., descance (1); descansa (1); descanse (5); inf., descansar (2); fut. pres. ind., descansará (19)

**descanso** s. (4) descançaço (2); descanso (2)

**[descendente]** s. (1) descendentes (1)

**[despertar]** v. (1) pres. ind., desperta (1)

**Deus** s. m. (197)

**[doloroso]** s. m. (1) dolorosa (1)

**dor** s. f. (26) dôr (1); dor (24); dores (1)

**[dormir]** v. (4) pres. ind., dorme (2); dormes (1); fut. pres. ind. dormirei (1)

## E

**egresso** s. m. (1)

**ele** pron. (45) ela (6); elas (2); elê (1); ele (31); eles (5)

**[inconsolável]** adj. (1) enconsolável (1)

**[inquieta]** adj. (1) inquieto (1)

**[irreparável]** adj. (1) enrreparável (1)

**[ente]** s. m. (2) entes (2)

**[entristecer]** v. (2) pres. ind., entristece (2)

**escola** s. f. (1)

**espírito** s. m. (12) espírito (11); espíritos (1)

**[espiritual]** adj. (1) espirituais (1)

**esposo** s. (109) espôsa (5); esposa (69); espôso (1); esposo (34)

**eterno** adj. (85) eterna (54); eternas (13); eterno (16); eternos (2)

**eternamente** adv. (6)

**eternidade** s. f. (6)

**[eternizar]** v. (1) pres. ind., eterniza (1)

**[extinguir]** v. (7) fut. pres. ind., extinguirá (2); pret. imperf. subj., extinguisse (4); extinguissem (1)

## F

**[falecer]** v. (2) p. pas., falecido (2)

**família** s. f. (32) família (14); familia (18)

**[familiar]** s. m. (366) familiares (362); famíliars (4)

**fé** s. f. (18)

**filho** s. (173) filha (8); filhas (4); filho (16); filhos (145)

**flor** s. f. (32) flôr (1); flor (21); flôres (1); flores (9)

**forasteiro** s. m. (2)

## G

**[gêmeo]** s. m. gemêos (1)

**genro** s. m. (55) genro (13); genros (42)

## H

**[haver]** v. (13) fut. pres. ind., haverão (2); haveremos (11)

**herança** s. f. (1)

**homenagem** s. f. (14) homenagem (13); homenagen (1)

## I

**[enlutar]** v. (1) p. pas., ilutado (1)

**[imorredouro]** adj. (1) imorredoura (1)

**imortalidade** s. f. (2)

**inconsolável** adj. (11)

**infância** s. f. (1)

**infantil** adj. (1)

**[inimigo]** s. m. inimigos (3)

**irmão** s. (52) irmã (4); irmão (6); irmãoes (1); irmãos (35); irmãs (5); irmãzinha (1)

## J

**[jazer]** v. (4) pres. ind., jas (1); jaz (2); jazem (1)

**jazigo** s. m. (1)

**Jesus** s. m. (57)

**jovem** s. (2)

**jovem** adj., (2) jovem (1); jovens (1)

## L

**lágrima** s. f. (23) lágrima (5); lágrimas (18)

**lápide** s. f. (1)

[**lembrar**] v. (8) pres. ind., lembramos (1); fut. subj., lembrarem (3); lembrarmos (1); imp., lembrem (3)

**lembrança** s. f. (46) lembrança (37); lembranças (9)

## M

**madrinha** s. f. (1)

**mãe** s. f. (46) mãe (1); mãe (35) mãezinha (1); mamãe (9)

**mano** s. m. (2) mano (1); manos (1)

**marido** s. m. (1)

[**materno**] adj. (1) materna (1)

[**matiz**] s. m. (1) matizes (1)

**medo** s. m. (2)

**memória** s. f. (14) memória (6); memórias (8)

**menino** s. m. (1)

**mocidade** s. f. (1)

[**modelo**] s. m. (1) modelo (1)

**morrer** v. (44) pres. subj., morra (4); pres. ind. morre (23); morrem (1); morremos (1); inf., morrer (1); fut. pres. ind., morrerá (1); morrerá (3); fut. subj., (1); pret. pref. ind., morreste (1); morreu (3); morri (5)

[**mortal**] adj. (1) mortais (1)

**morte** s. f. (23)

**morto** adj. (40) morto (36); mortos (4)

## N

**namorada** s. f. (2)

**nascer** v. (18) pres. ind., nasce (1); inf., nascer (3); pret. perf. ind., nasceu (6); nasci (8)

**neto** s. (105) neta (1); neto (1); netos (103)

**noiva** s. f. (1)

**nora** s. f. (63) nora (17); noras (46)

## O

**oração** s. f. (12) oração (7); orações (5)

[**orar**] v. (2) imp., orai (2)

## P

**padrinho** s. m. (1) padrinhos (1)

**pai** s. (75) pai (45); pais (25); papai (5)

**paraíso** s. m. (4) paraíso (1); paraíso (2); paraizo (1)

[**parente**] s. (21) parentes (21)

**paz** s. f. (29)

[**pequeno**] adj. (1) pequeninos (1)

**perdão** s. m. (1)

**perdoar** v. (4) inf., perdoar; pret. perf. ind., perdoou (3)

**prece** s. f. (5) prece (2); preces (3)

[**primo**] s. (3) primos (3)

[**pugnar**] v. (1) pret. perf. ind., pugnou (1)

## R

**recordar** v. (1) inf.

**religião** s. f. (1)

**renascente** adj. (1)

[**repente**] s. (2) prep. + s., derepente (1)

**repousar** v. (7) pres. ind., repousa (4); inf., repousar (3)

**repouso** s. m (4)

**ressurreição** s. f. (38)

[**reviver**] v. (1) pres. ind., revivo (1)

**rezar** v. (3) pres. ind., rezam (1); inf., rezar (2)

[**rogar**] v. (1) imp. + pron., roga-se (1)

## S

[**saudação**] s. f. (1) saldação (1)

**sangue** s. m. (1)

**sarampo** s. m. (1)

**saudade** s. f. (623) saldades (2); saudade (232); saudades (388); sauddes (1)

**saudoso** adj. (3) saudosa (1); saudoso (2)

[**sepultar**] v. (1) imp. + pron., sepulta-se (1)

[**sobrinho**] s. (16) sobrinha (2); sobrinhos (14)

**sofrer** v. (6) inf., sofrer; fut. pres. ind., sofreremos; fut. subj., sofreremos (1); pret. perf. ind., sofreu (3)

**sofrimento** s. m. (4) sofrimento (3); sofrimentos (1)

**sogro** s. (2) sogra (1); sogro (1)

**solidão** s. f. (1)

**sono** s. m. (3)

## T

[**tataraneto**] s. m. (1) tataranetos (1)

[**tio**] s. (7) tia (3); tios (4)

[**treva**] s. f. (1) trevas (1)

**triste** adj. (2) triste (1); tristes (1)

**tristeza** s. f. (5) tristeza (3); tristezas (2)

**túmulo** s. m. (18) túmulo (14); túmulos (4)

## U

[**ungir**] v. (2) pres. ind., unges (2)

## V

[vazio] adj. (1) vasio (1)

[velho] s. m. (1) velhos (1)

**vida** s. f. (124) vida (115); vidas (9)

**viver** v. (82) pres. ind., vive (5); vives (1); imp., vivei (2); ger., vivendo (1); inf., viver (10); fut. pres. ind., viverá (42); viverás (2); viveremos (1); pret. perf. ind., viveste (1); viveu (16); vivi (1)

[vivenciar] v. (1) pres. ind., vivencia (1)

[vivido] adj. (1) vivida (1)

**vivo** adj. (48) vivo (22); vivos (2); viva (24)

## De 2009 em diante

## A

**adeus** s. m. (1)

**adormecer** v. (2) inf.

[alegre] adj. (1) alegres (1)

**alegria** s. f. (19) alegria (14); alegrias (5)

**alma** s. f. (11) alma (9); almas (2)

**amar** v. (44) pres. ind., ama (1); amam (7); amamos (8); inf., amar (5); fut. pres. ind., amaremos (5); pret. imperf. ind., amavamos (4); pret. perf. ind., amei (10); amou (4)

**amado** adj. (2) amado (1); amados (1)

**amigo** adj. (7) amiga (5); amigo (2)

[amigo] s. (58) amigos (58)

**amizade** s. f. (3) amizade (1); amizades (2)

**amor** s. m. (47)

[amoroso] adj. (1) amorosa (1)

**anjo** s. m. (8) anjo (1); anjos (7)

[ano] s. m. (4) anos (4)

**avô** s. (6) avô (2); avó (3); vovó (1)

**B**

**bisavô** s. (2) bisavó (1); bisavô (1)

[**bisneto**] s. (6) bisnetos (6)

**C**

**certeza** s. f. (11) certeza (10); acerteza (1)

**céu** s. m. (2) céu (1); céus (1)

**chorar** v. (12) pres. ind., choramos (4); inf., chorar (2); pres. subj., chorem (4); choremos (1);  
chores (1)

**compaixão** s. f. (1)

**companheiro** s. (4) companheira (1); companheiro (3)

**coração** s. m. (45) coração (28); corações (17)

**cristã** adj. (3)

**Cristo** s. m. (2)

**D**

[**descansar**] v. (7) imp., descanse (6); fut. pres. ind., desconsará (1)

**descanso** s. m. (3)

**Deus** s. m. (71)

[**doer**] v. (13) pres. ind., doí (5); dói (8)

**dor** s. f. (15)

[**dormir**] v. (1) fut. pres. ind., dormirei (1)

**E**

**ele** pron. (29) ela (4); elas (1); ele (22); eles (2)

[**incerteza**] s. f. (1) incertezas (1)

[**ente**] s. m. (1) entes (1)

**esposo** s. (33) esposa (22); esposo (11)

**eternamente** adv. (10)

**eternidade** s. f. (1)

**eterno** adj. (28) eterna (14); eternas (8); eterno (5); eternos (1)

**[extinguir]** v. (1) pret. imperf. subj., extinguisse (1)

## F

**[falecer]** v. (1) pret. perf. ind., faleceu (1)

**família** s. f. (13) familia (4); família (8); familias (1)

**[familiar]** s. m. (100) familiares (100)

**fé** s. f. (19)

**filho** s. (49) filha (5); filhas (6); filho (4); filhos (34)

**flor** s. f. (5) flor (3); flores (2)

## G

**garoto** s. m. (1)

**genro** s. m. (12) genro (4); genros (8)

## H

**[haver]** v. (2) fut. pres. ind., haveremos (2)

**homenagem** s. f. (8)

## I

**idade** s. f. (1)

**inconsolável** adj. (3)

**irmão** s. (22) irmã (4); irmão (6); irmãos (10); irmãs (2)

## J

**Jesus** s. m. (11)

## L

**[lágrima]** s. f. (7) lágrimas (7)

**lembrança** s. f. (22) lembrança (17); lembranças (5)

**[lembrar]** v. (2) fut. pres. ind., lembraremos (1); inf. + pron., lembrar-nos-emos (1)

## M

**mãe** s. f. (17) mãe (15); mamãe (2)

**matar** v. (1) inf.

**[memória]** s. f. (7) memórias (7)

**[mês]** s. m. (1) meses (1)

**[morrer]** v. (15) pres. ind., morre (15); fut. pres. ind., morrerá (2); pret. perf. ind., morreu (1)

**morte** s. f. (6)

**morto** adj. (7)

## N

**nascer** v. (2) inf., nascer (2)

**[neto]** s. (23) netas (2); netos (20); netos(as) (1)

**[nora]** s. f. (10) noras (10)

## O

**oração** s. f. (1)

## P

**[padrinho]** s. m. (1) padrinhos (1)

**pai** s. (24) pai (18); pais (4); papai (2)

**[parente]** s. (8) parentes (8)

**paz** s. f. (14)

**perdoar** v. (2) inf.

**[pior]** adj. (1) apior (1)

**prece** s. f. (1)

[**primo**] s. (1) primos (1)

## R

[**recordação**] s. f. (1) recordações (1)

**relembrar** v. (1) inf.

**remissão** s. f. (1)

**repousar** v. (3) inf., repousar (1); fut. pres. ind., repousarei (1); imp., repousem (1)

**ressurreição** s. f. (7)

## S

**saudade** s. f. (173) saudade (63); saudades (110)

**sentimento** s. m. (1)

[**sobrinho**] s. (4) sobrinha (1); sobrinhos (2); sobrinhos(as) (1)

**sofrimento** s. m. (2)

**sogro** s. (2) sogra (1); sogro (1)

**sono** s. m. (1)

## T

[**tio**] s. (2) tia (1); tios (1)

[**triste**] adj. (1) tristes (1)

**tristeza** s. f. (4)

**túmulo** s. m. (3) túmulo (2); túmulos (1)

## V

**vida** s. f. (63) vida (60); vidas (3)

**viver** v. (30) pres. ind., vive (6); vivemos (1); ger., vivendo (1); inf., viver (4); fut. pres. ind., viverá (7); pret. perf. ind., viveram (1); viveu (9); vivi (1)

[**vivido**] adj. (1) vividos (1)

**vivo** adj. (28) vivo (11); vivos (3); viva (13); vivas (1)

### 3.2.1.3 Índice de frequência e ocorrência dos vocábulos em Santa Cruz de Goiás

#### Até 1930

#### A

**amor** s. m. (1)

[**ano**] s. m. (1) annos (1)

#### C

**conjugal** adj. (1)

[**criança**] s. f. (1) creança (1)

#### D

[**descansar**] v. (3) pres. ind., descança (2); descançam (1)

[**dor**] s. f. (1) dôr (1)

#### E

[**ele**] pron. (1) elle (1)

**esposo** s. (5) esposa (4); esposo (1)

#### F

[**falecer**] v. (8) p. pas., fallecida (2); fallecido (6)

**filho** s. (6) filho (1); filhos (5)

#### I

[**idade**] s. f. (1) edade (1)

[**irmão**] s. (2) irmãos (2)

**J**

**[jazer]** v. (7) pres. ind., jaz (2); jazem (5)

**L**

**lembrança** s. f. (4) lembrança (3); lembranças (1)

**M**

**menino** s. m. (1)

**[mortal]** adj. (7) mortaes (7)

**N**

**[nascer]** v. (7) p. pas., nascida (2); nascido (5)

**[neto]** s. (1) nettos (1)

**no-lo** pron. + pron. (1)

**O**

**[orar]** v. (1) imp., orae (1)

**P**

**[pai]** s. (3) paes (3)

**S**

**saudade** s. f. (6) saudade (2); saudades (4)

**[saudoso]** adj. (1) saudosa (1)

**V**

**vo-lo** pron. + pron. (1)

## De 1931 a 1942

### A

**alma** s. f. (1)

[**ano**] s. m. (3) annos (3)

### D

[**descansar**] v. (4) pres. ind., descansam (3); descansam (1)

[**dor**] s. f. (1) dôr (1)

### E

**esposo** s. (4) esposa (2); esposo (2)

[**eterno**] adj. (1) eterna (1)

### F

[**falecer**] v. (2) p. pas., falecido (1); falecida (1)

**filho** s. (7) filha (1); filho (1); filhos (5)

### G

[**genro**] s. m. (3) genros (3)

### I

**idade** s. f. (1)

[**irmão**] s. (1) irmãos (1)

**J**

**[jazer]** v. (1) pres. ind., jaz (1)

**L**

**lembrança** s. f. (1)

**M**

**menino** s. m. (1)

**[mortal]** adj. (5) mortaes (5)

**N**

**[neto]** s. (4) netos (4)

**no-lo** pron. + pron. (1)

**P**

**paz** s. f. (1)

**R**

**[repousar]** v. (1) pres. ind., repouza (1)

**S**

**[saudade]** s. f. (6) saudades (6)

**V**

**vo-lo** pron. + pron. (1)

## De 1943 a 1970

## A

**alma** s. f. (2)

[**ano**] s. m. (4) anos (4)

[**avô**] s. (1) avós (1)

## D

[**descansar**] v. (4) pres. ind., descança (1); descançam (2); descansa (1)

**Deus** s. m. (2)

## E

**ele** pron. (3) ele (2); eles (1)

**esposo** s. (8) espôsa (1); esposa (6); esposo (1)

[**eterno**] adj. (3) eterna (2); eternas (1)

## F

[**falecer**] v. (2) p. pas., falecida (1); falecido (1)

**família** s. f. (2)

[**familiar**] s. m. (4) familiares (4)

[**filho**] s. (13) filhas (2); filhos (11)

## G

**genro** s. m. (3) genro (1); genros (2)

## H

**homenagem** s. f. (3)

**I**

**idade** s. f. (1)

**[irmão]** s. (1) irmãos (1)

**J**

**[jazer]** v. (2) pres. ind., jaz (1); jazem (1)

**M**

**[morre]** v. (1) pres. ind., morrem (1)

**[mortal]** adj. (3) mortais (3)

**N**

**[nascer]** v. (1) p. pas., nascida (1)

**[neto]** s. (6) netos (6)

**[nora]** s. f. (1) noras (1)

**O**

**[orar]** v. (4) imp., orai (4)

**P**

**[pai]** s. (3) paes (1); pais (2)

**paz** s. f. (3)

**R**

**[recordação]** s. f. (2) recordações (2)

**S**

**saudade** s. f. (20) saudade (7); saudades (13)

**saudoso** adj. (2) saudosa (1); saudoso (1)

## V

[**viver**] v. (1) pres. ind., vive (1)

## De 1971 a 2008

## A

**alegria** s. f. (1)

**alma** s. f. (4)

[**amar**] v. (10) pres. ind., amamos (1); pret. perf. ind., amaram (1); amei (8)

[**amigo**] s. (7) amigos (7)

**amor** s. m. (3)

## B

[**bisneto**] s. (1) bis netos (1)

## C

[**chorar**] v. (2) pret. perf. ind., choraram (1); chorei (1)

**coração** s. m. (6) coração (3); corações (3)

**cunhado** s. (1)

## D

[**descansar**] v. (2) pres. ind., descansa (1); fut. pres. ind., descansará (1)

**Deus** s. m. (14)

**dor** s. f. (2)

**E**

**ele** s. (3) ela (1); ele (2)

**espírito** s. m. (1)

**esposo** s. (5) esposa (4); esposo (1)

**[extinguir]** v. (1) fut. pres. ind., extinguirá (1)

**[eterno]** adj. (8) eterna (8)

**F**

**[faleceu]** v. (1) pret. perf. ind., faleceu (1)

**família** s. f. (1)

**[familiar]** s. m. (49) familiares (49)

**[filho]** s. (6) filhos (6)

**G**

**[Goiás]** s. m. (1) Goiaz (1)

**H**

**homenagem** s. f. (1)

**I**

**inconsolável** adj. (2)

**[irmão]** s. (2) irmãos (2)

**irreparável** adj. (2)

**J**

**jazigo** s. m. (1)

**Jesus** s. m. (9)

**L**

**[lágrima]** s. f. (1) lágrimas (1)

**[lembrar]** v. (1) imp. + pron., lembrai-vos (1)

**lembrança** s. f. (2) lembrança (1); lembranças (1)

**M**

**misericórdia** s. f. (1)

**[mortal]** adj. (1) mortais (1)

**morto** adj. (5)

**N**

**[nascer]** v. (2) pret. perf. ind., nasci (1); p. pas., nascido (1)

**[neto]** s. (7) netos (7)

**[nora]** s. f. (1) noras (1)

**O**

**[orar]** v. (1) imp., orai (1)

**P**

**pai** s. (2)

**[parente]** s. (2) parentes (2)

**paz** s. f. (1)

**prece** (2)

**R**

**repousar** v. (2) pres. ind., repousa (1); inf., repousar (1)

**ressurreição** s. f. (5)

**S**

**salvação** s. f. (2)

**saudade** s. f. (69) saudade (32); saudades (37)

**sobrinho** s. (3) sobrinho (1); sobrinhos (2)

**T**

**[tataraneto]** s. (1) tataranetos (1)

**túmulo** s. m. (1)

**V**

**vida** s. f. (9)

**[viver]** v. (5) fut. pres. ind., viverá (5)

**[vivo]** adj. (1) viva (1)

**De 2009 em diante****A**

**[amar]** v. (3) pres. ind., amam (2); amamos (1)

**amigo** adj. (1)

**[amigo]** s. (7) amigos (7)

**amor** s. m. (5)

**anjo** s. m. (1)

**[avô]** s. (1) avós (1)

**C**

**certeza** s. f. (2)

**[chorar]** v. (1) pres. subj., chorem (1)

**[confortar]** v. (1) fut. pres. ind., confortará (1)

**conforto** s. m. (1)

**coração** s. m. (5) coração (3); corações (2)

## D

**Deus** s. m. (3)

**divino** adj. (1)

[**doer**] v. (4) pre. ind., dói (1); doí (3)

**dor** s. f. (2)

## E

[**ele**] pron. (3) ela (1); elas (2)

**esposo** s. (3) esposa (2); esposo (1)

[**eterno**] adj. (2) eterna (1); eternas (1)

## F

**família** s. f. (1)

[**familiar**] s. m. (26) familiares (26)

[**filho**] s. (4) filhos (4)

## H

**homenagem** s. f. (2)

## I

**inconsolável** adj. (2)

[**irmão**] s. (2) irmãos (2)

**irreparável** adj. (2) irreparáveis (1); irreparável (1)

## J

**Jesus** s. m. (8)

**L**

**lembrança** s. f. (1)

**M**

**mãe** s. f. (1)

**[memória]** s. f. (2) memórias (2)

**[morrer]** v. (3) pres. ind., morre (3)

**morto** adj. (8)

**P**

**pai** s. (4) pai (1); pais (3)

**[prece]** s. f. (1) preces (1)

**[primo]** s. (1) primos (1)

**R**

**repousar** v. (1) inf.

**ressurreição** s. f. (8)

**S**

**saudade** s. f. (31) saudade (11); saudades (20)

**separação** s. f. (1)

**T**

**[tio]** s. (1) tios (1)

**V**

**vida** s. f. (14) vida (12); vidas (2)

[**viver**] v. (8) fut. pres., vivera (1); viverá (7)

**vivo** adj. (5) vivo (2); viva (3)

### 3.2.1.4 Índice de frequência e ocorrência dos vocábulos em Silvânia

#### Até 1930

#### A

**amor** s. m. (2)

[**ano**] s. m. (1) annos (1)

#### C

**comendador** s. m. (1)

#### D

[**descansar**] v. (2) pres. ind., descança (1); descançam (1)

[**dormir**] v. (1) pres. ind., dorme (1)

#### E

[**ele**] pron. (1) elle (1)

**esposo** (8) esposa (6); esposo (2)

**eterno** adj. (14) eterna (9); eternas (4); eterno (1)

#### F

[**falecer**] v. (11) pret. perf. ind., faleceu (1); p. pas., falecida (4); falecido (6)

**família** s. f. (1)

**filho** s. (13) filha (2); filhas (1); filho (1); filhos (9)

**filial** adj. (2)

**I**

[**idade**] s. f. (1) idade (1)

[**inocente**] adj. (1) inocente (1)

**J**

[**jazer**] v. (9) pres. ind., jaz (7); jazem (2)

**L**

**lembrança** s. f. (2)

**M**

[**mortal**] adj. (5) mortaes (5)

**N**

[**nascer**] v. (9) p. pas., nascida (4); nascido (4); pret. perf. ind., nasceo (1)

[**neto**] s. (1) netos (1)

**O**

[**orar**] v. (1) imp., orae (1)

**P**

[**pai**] s. (2) paes (2)

**R**

[**repousar**] v. (2) pres. ind., repousa (2)

**S**

**saudade** s. f. (15) saudade (8); saudades (7)

[**saudoso**] adj. (1) saudosa (1)

[**sono**] s. m. (1) somno (1)

**T**

**tributo** s. m. (2)

**V**

**veneração** s. f. (1)

**De 1931 a 1942****A**

[**acrisolado**] adj. (1) acrisolada (1)

**alma** s. f. (1)

[**ano**] s. m. (1) annos (1)

**C**

**céu** s. m. (1)

[**cristão**] adj. (1) cristã (1)

**D**

[**dum**] prep. + art. (1) duma (1)

**E**

[**ele**] pron. (1) ella (1)

**esposo** s. (10) esposa (7); esposo (3)

[**eterno**] adj. (2) eterna (2)

## **F**

[**falecer**] v. (2) p. pas., falecida (1); fallecido (1)

**felicidade** s. f. (1)

[**filho**] s. (14) filhinhas (1); filhos (13)

## **G**

[**genro**] s. m. (2) genros (2)

## **H**

**herança** s. f. (1)

**homenagem** s. f. (4)

## **I**

[**irmão**] s. (2) irmãos (2)

## **J**

[**jazer**] v. (2) pres. ind., jaz (2)

## **L**

[**lágrima**] s. f. (1) lagrimas (1)

## **M**

**mãe** s. f. (1)

**N**

[**neto**] s. (5) netos (5)

[**nora**] s. f. (2) noras (2)

**O**

[**orar**] v. (1) imp., orae (1)

**P**

[**pai**] s. (2) paes (2)

**paz** s. f. (2)

[**prece**] s. f. (1) preces (1)

**R**

[**repousar**] v. (3) pres. ind., repousa (2); repousam (1)

**ressurreição** s. f. (1)

**S**

**saudade** s. f. (10) saudade (6); saudades (4)

[**saudoso**] adj. (2) saudosa (1); saudosos (1)

[**sobrinho**] s. (1) sobrinhos (1)

**De 1943 a 1970****A**

[**alegria**] s. f. (1) alegrias (1)

[**amar**] v. (1) pret. perf. ind., amou (1)

[**ano**] s. m. (1) anos (1)

**C**

**coração** s. m. (1)

[**cunhado**] s. (1) cunhados (1)

**D**

[**descansar**] v. (1) pres. ind., descansa (1)

**Deus** s. m. (2)

**E**

**ele** pron. (4) ela (1); ele (2); eles (1)

[**enteado**] s. (1) enteados (1)

[**esposo**] s. (16) esposa (12); espôsa (2); espôso (2)

[**eterno**] adj. (10) eterna (8); eternas (2)

**F**

[**falecer**] v. (1) p. pas., falecido (1)

[**família**] s. f. (3) família (3)

[**familiar**] s. m. (5) familiares (5)

**filho** s. (18) filha (1); filhas (1); filho (2); filhos (14)

**G**

**genro** s. m. (5) genro (1); genros (4)

**gratidão** s. f. (3)

**H**

**homenagem** s. f. (4) homenagem (3); omenagem (1)

**I**

**imortal** adj. (1)

[irmão] s. (5) irmãos (4); irmãs (1)

**J**

[jazer] v. (2) pres. ind., jaz (2)

**M**

**mãe** s. f. (1)

[morrer] v. (3) pres. subj., morramos (1); pret. perf. ind., morremos (1)

[mortal] adj. (1) mortais (1)

**N**

[nascer] v. (1) p. pas., nascido (1)

**neto** s. (11) neto (1); netos (10)

**nora** s. f. (4) nora (2); noras (2)

**O**

[orar] v. (3) imp., orai (3)

**P**

[parente] s. (1) parentes (1)

**paz** s. f. (1)

**prece** s. f. (1)

**preito** s. m. (1)

**S**

**saudade** s. f. (29) saudade (15); saudades (14)

[**saudoso**] adj. (1) saudosos (1)

[**sobrinho**] s. (2) sobrinhos (2)

## T

[**tombar**] v. (1) pret. perf. ind., tombaste (1)

[**trasladar**] v. (1) p. pas., trasladados (1)

## V

[**viver**] v. (3) pres. subj., vivamos (1); pret. perf. ind., vivemos (2)

## De 1971 a 2008

## A

**adeus** s. m. (2)

**alegre** adj. (1)

**alegria** s. f. (9) alegria (7); alegrias (2)

**alma** s. f. (3) alma (2); almas (1)

**aluno** s. m. (1)

**amar** v. (79) pres. ind., ama (3); amam (3); amamos (8); amo (1); inf., amar (2); pret. perf. ind., amaram (2); amei (49); amou (3); fut. pres. ind., amarei (2); amaremos (2); pret. imperf. ind., amava (2); amavam (2)

**amigo** adj. (23) amiga (12); amigo (11)

**amizade** s. f. (3) amizade (1); amizades (2)

**amor** s. m. (28)

[**ano**] s. m. (9) anos (9)

[**atabaque**] s. m. (1) atabaques (1)

**avô** s. (8) avó (3); avô (1); avós (3); vovó (1)

## B

[bisneto] s. (12) bisnetos (12)

## C

**celestial** adj. (2)

**certeza** s. f. (6) certesa (1); certeza (5)

**céu** s. m. (16)

[**chorar**] v. (12) pres. ind., chora (1); pret. perf. ind., choraram (1); chorei (1); pret. imperf. ind., chorava (1); choravam (1); imp., chore (2); pres. subj., choreis (1); chorem (4)

**companheiro** adj. (1)

**contigo** pron. (1)

**coração** s. m. (35) coração (23); corações (12)

**Cristo** s. m. (2)

[**cunhado**] s. (2) cunhada (1); cunhados (1)

## D

**descansar** v. (7) pres. ind., descança (1); descansam (2); imp., descansa (1); inf., descansar (1); fut. pres. ind., descansará (2)

**descanso** s. m. (2)

**Deus** s. m. (81)

[**dilacerar**] v. (1) p. pas., dilacerado (1)

**dor** s. f. (14)

## E

**ele** pron. (17) ela (2); elas (2); ele (9); eles (4)

[**ente**] s. m. (1) entes (1)

**espiritual** adj. (1)

**esposo** s. (69) esposa (49); esposo (20)

**eterno** adj. (47) eterna (35); eternas (7) eterno (5)

**eternamente** adv. (5)

[**extinguir**] v. (3) fut. pres. ind., extinguirá (1); pret. imperf. subj., extinguisse (1); extinguisse (1)

**F**

**falecimento** s. m. (1)

**família** s. f. (12)

**[familiar]** s. m. (278) familiares (270); famíliares (8)

**fé** s. f. (4)

**felicidade** s. f. (1)

**filho** s. (79) filha (5); filhas (3); filho (7); filhos (64)

**flor** s. f. (7) flor (3); flores (3); florzinhas (1)

**G**

**genro** s. m. (15) genro (4); genros (11)

**H**

**[haver]** v. (9) fut. pres. ind., haveremos (9)

**herança** s. f. (1)

**homenagem** s. f. (9)

**I**

**[ir]** v. (1) imp., ide (1)

**[imorredouro]** adj. (2) imorredora (2)

**inconsolável** adj. (5)

**irmão** s. (23) irmã (3); irmão (2); irmãos (18)

**J**

**[jazer]** v. (2) pres. ind., jaz (2)

**jazigo** s. m. (2)

**Jesus** s. m. (8)

**L**

**[lágrima]** s. f. (8) lágrimas (8)

**[lembrar]** v. (1) p. pas., lembrada (1)

**lembrança** s. f. (16) lembrança (8); lembranças (8)

**M**

**[madrinha]** s. f. (1) dindinha (1)

**mãe** s. f. (14) mãe (11); mamãe (3)

**memória** s. f. (3)

**misericórdia** s. f. (1)

**morrer** v. (26) pres. subj., morra (4); pres. ind., morre (12); morrem (3); inf., morrer (3); fut. pres. ind., morrerá (1); pret. perf. ind., morreu (2); morri (1)

**morte** s. f. (6)

**morto** adj. (3)

**N**

**nascer** v. (10) pres. ind., nasce (5); inf., nascer (1); pret. perf. ind., nasceu (1); nasci (2); nascemos (1)

**[negro]** s. (2) negrinha (1); negrinho (2)

**neto** s. (41) neto (1); netos (40)

**[no-lo]** pron. + pron. (1) no-los (1)

**nora** s. f. (15) nora (4); noras (11)

**O**

**oração** s. f. (2)

**[orar]** v. (1) imp., orai (1)

**P**

**[padrinho]** s. (1) padrinhos (1)

**pai** s. (54) paes (1); pai (38); pais (12); papai (3)

**paraíso** s. m. (1)

**parente** s. (23) parente (1); parentes (22)

**paz** s. f. (17)

**perdoar** v. (2) p. pas., perdoado (1); inf., perdoar (1)

**pranto** s. m. (1)

## Q

**[querubim]** s. m. (1) querubins (1)

**quilombola** s. (1)

## R

**recordação** s. f. (6) recordação (5); recordações (1)

**renascer** v. (1) inf.

**[repousar]** v. (1) ger., repousando (1)

**repouso** s. m. (1)

**ressurreição** s. f. (5)

**[riqueza]** s. f. (1) riqueza (1)

**[rogar]** v. (1) imp., rogai (1)

## S

**saudade** s. f. (391) saudade (128); saudades (263)

**[saudosos]** adj. (2) saudosa (1); saudosas (1)

**[sepultar]** v. (1) p. pas., sepultado (1)

**[sobrinho]** s. (4) sobrinhos (4)

**[sofrer]** v. (3) pres. ind., sofreremos (1); pret. perf. ind., sofreu (2)

**sofrimento** s. m. (2)

## T

**[tio]** s. (1) tia (1)

**triste** adj. (2)

**tristeza** s. f. (5)

**túmulo** s. m. (2)

## V

**vida** s. f. (43) vida (41); vidas (2)

**viver** v. (17) pres. ind., vive (2); vivo (1); pres. ind. + pron., vive-la; inf., viver (5); fut. pres. ind., viverá (7); pret. perf. ind., viveu (1)

**vivo** adj. (14) viva (6); vivo (7); vivos (1)

**[vo-lo]** pron. + pron. (1) vo-los (1)

## De 2009 em diante

## A

**alegria** s. f. (3)

**alma** s. f. (2)

**amar** v. (17) pres. ind., ama (2); amamos (2); amo (3); inf., amar (3); pret. m. q. perf. ind., amaram (1); pret. perf. ind., amei (5)

**[amado]** adj. (1) amados (1)

**amigo** adj. (9) amiga (5); amigo (4)

**[amigo]** s. (34) amigos (34)

**[amizade]** s. f. (1) amizades (1)

**amor** s. m. (18)

**anjo** s. m. (1)

## C

**certeza** s. f. (2)

**céu** s. m. (4)

**[chorar]** v. (8) pres. ind., chora (1); choram (1); pret. perf. ind., choraram (1); chorei (3); pres. subj., chore (1); chorem (1)

**contigo** pron. (1)

**coração** s. m. (18) coração (9); corações (9)

[**cunhado**] s. (1) cunhados (1)

## D

[**descansar**] v. (3) imp., descansa (1); descanse (2)

**Deus** s. m. (17)

**dor** s. f. (9)

## E

[**ele**] pron. (1) ela (1)

[**entristecer**] v. (1) pret. perf. ind., entristeceu (1)

**esposo** s. (14) esposa (7); esposo (7)

[**eterno**] adj. (17) eterna (9); eternas (8)

**eternidade** s. f. (4)

## F

[**família**] s. f. (5) família (5)

[**familiar**] s. m. familiares (83)

**fé** s. f. (4)

**felicidade** s. f. (1)

**filho** s. (13) filhas (1); filho (4); filhos (8)

**flor** s. f. (4)

## G

**genro** s. m. (2) genro (1); genros (1)

## H

[**haver**] v. (5) fut. pres. ind., haveremos (5)

**I**

**inconsolável** adj. (7)

[irmão] s. (5) irmãos (4); irmãs (1)

**J**

[jazer] v. (1) pres. ind., jaz (1)

**Jesus** s. m. (3)

**L**

**lágrima** s. f. (5) lágrima (1); lágrimas (4)

**lembrança** s. f. (9)

**M**

**mãe** s. f. (2)

[memória] s. f. (2) memórias (2)

[morrer] v. (10) pres. subj., morra (3); pres. ind., morre (5); fut. pres. ind., morrerá (2)

**morte** s. f. (6)

**morto** adj. (1)

**N**

[nascer] v. (2) pres. ind., nasce (1); pret. perf. ind., nasci (1)

[neto] s. (4) netos (4)

[nora] s. f. (1) noras (1)

**O**

[oração] s. f. (1) orações (1)

**P**

**pai** s. (7) pai (4); pais (3)

**[parente]** s. (7) parentes (7)

**paz** s. f. (6)

**[perdoar]** v. (1) pret. perf. ind., perdoei (1)

## R

**ressurreição** s. f. (4)

**reviver** v. (1) inf.

## S

**saudade** s. f. (118) saudade (40); saudades (78)

**[sofrer]** v. (1) pret. pref. ind., sofreu (1)

## T

**tristeza** s. f. (1)

**túmulo** s. m. (4) túmulo (2); túmulos (2)

## V

**vida** s. f. (11) vida (10); vidas (1)

**viver** v. (13) pres. ind., vive (2); inf., viver (1); fut. pres. ind., viverá (6); pret. perf. ind., viveu (4)

**vivo** adj. (10) vivo (1); viva (9)

### 3.3 Análise dos usos de normas ortográficas nas inscrições tumulares

Há séculos já existia o pensamento de uma unificação ortográfica da língua portuguesa, um modelo de ortografia que seria utilizado no ensino e nas publicações oficiais. Esse tipo de unificação é apenas de carácter ortográfico, ou seja, voltado somente para a

escrita, não alterando a língua falada de cada país, visto que cada um permanecerá com sua pronúncia típica.

A língua portuguesa é uma das línguas mais faladas no mundo e, nesse sentido, Houaiss (1991, p. 13) esclarece que “é natural uma língua usada por uma população tão grande em localidades tão diversas apresente divergências linguísticas [...]. O mesmo se pode dizer com relação à ortografia oficial usada”. Dessa forma, uma “ortografia padrão” poderá auxiliar na interação cultural entre os países que tem o português como língua oficial.

Basso e Gonçalves (2014) afirmam que a grande quantidade de falantes da língua portuguesa é vista como um mercado consumidor digno de consideração por parte de interesses comerciais. Destacam que para esse meio comercial seria interessante que a escrita fosse de modo uniforme, ou seja, que houvesse uma ortografia padronizada para os países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) – criada em 17 de julho de 1996 – para que produtos com uma escrita homogênea pudessem circular por esses países. Conforme os autores,

[...] não é difícil ver na última reforma ortográfica da língua portuguesa, para além da unificação da escrita de alguns países de fala portuguesa, também um interesse comercial. Sofreria um impacto imediato, por exemplo, todo o mercado editorial, pois as publicações não teriam mais de ter ortografias diferentes a depender do país em que vão circular (BASSO; GONÇALVES, 2014, p. 170).

Todavia, não se pode esquecer, em consonância com Basso e Gonçalves (2014), que a língua portuguesa é a língua utilizada pela maioria da população do Brasil e de Portugal. Porém, nos países africanos e no do continente asiático que fazem parte da CPLP o caso é diferente. Nesses países apenas uma porcentagem pequena da população tem a língua portuguesa como primeira língua.

No tocante à ortografia, o domínio da escrita denominada padrão está relacionado a esta. Ortografia é uma palavra de origem grega, em que *orthos* significa correta e *grafia* tem o significado de escrita e, assim, a escrita correta, a transcrição correta dos vocábulos de uma língua e, também, da representação gráfica dos sons da fala.

Aulete (1881, p. 1271) refere-se ao substantivo *ortographia* como “a parte da grammatica que ensina as regras da boa escripta das palavras; arte de escrever com os caracteres e signaes consagrados pelo uso”. O autor também apresenta outros significados para o substantivo em questão, porém, relacionados com outras áreas do conhecimento.

Notamos, a partir do que foi apresentado por Aulete (1881), fazendo uma comparação com a ortografia atual do português, que houve adequações na parte escrita de determinadas palavras. Portanto, as mudanças foram apenas na parte gráfica, na forma como grafamos algumas palavras, sendo a leitura feita de variadas formas, uma vez que a decisão de como será feita a leitura fica a cargo do leitor.

Para muitos, em tempos atuais, a forma como Aulete (1881) apresenta determinadas palavras é considerada como forma divergente da língua escrita. Isso acontece pela falta de conhecimento que o indivíduo tem da própria língua, visto que são mudanças que ocorreram na ortografia e que levaram tais formas de escrita a entrarem em desuso.

Houaiss e Villar (2010, p. 565) comungam com o que foi apresentado por Aulete (1881), conceituando a ortografia como “1 a escrita correta das palavras 2 representação escrita de uma palavra [...]”.

No entendimento de Dubois *et al.* (1993), em se tratando de ortografia, podemos apreender que

o conceito de *ortografia* implica o reconhecimento de uma norma escrita com relação à qual se julga a adequação das formas que realizem os indivíduos que escrevem uma língua; a ortografia supõe que se distinguem formas corretas e formas incorretas numa língua escrita, contrariamente a *grafia*, que não implica a referência a uma norma gramatical. (DUBOIS *et al.*, 1993, p. 445-446, grifos do autor).

Visto por este prisma, podemos tecer uma comparação entre as formas linguísticas, a evolução da língua falada e a ortografia. As formas linguísticas e as mudanças pelas quais passam a ortografia e suas normas são de modo mais lento, mais demorado. Já a evolução da língua falada dá-se de modo mais dinâmico, adaptando-se às necessidades mais imediatas dos falantes, o que acaba por gerar distanciamento da pronúncia com a grafia.

É imprescindível destacar que “[...] apesar de a ortografia ser uma forma de se grafarem as palavras, isto não significa que se tem, ao mesmo tempo, uma forma fixa de ler. É até conveniente que a ortografia permita leituras diferenciadas, mesmo foneticamente” (MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 1999, p. 68). Dessa forma, torna-se errôneo levar em consideração que com a ortografia haveria apenas uma única forma de leitura. Contudo, é nas mãos do leitor que está a decisão de como será essa leitura, qual variedade linguística será utilizada nessa leitura.

A partir de seus estudos a respeito da língua portuguesa, Cagliari (2009) faz uma severa crítica à questão do que é ortografia, deixando claro que utilizamos sua definição a partir do grego na formação da palavra em português. Assim,

[...] esse modo de definir a ortografia é muito falho, porque falamos português e não grego. Aliás, a palavra ortografia não era usada pelos gregos antigos, mais foi formada com a necessidade de se definir um termo técnico. O sentido etimológico não diz quase nada a respeito do que é ortografia. Escrever corretamente uma palavra significa escrever uma palavra com as letras a ela atribuídas pela tradição ou por leis específicas (CAGLIARI, 2009, p. 17).

Em seguida, Cagliari (2009, p. 17) explica que no Brasil a questão ortográfica é regida por lei e quem não escrever conforme manda a lei “poderá ser penalizado com sanções”. Tais sanções estão presentes nas salas de aula, nos concursos públicos, nos vestibulares, uma vez que o não escrever “corretamente” pode se transformar em sinônimo de eliminação. É observado que

todos os sistemas de escrita têm uma ortografia, sem a qual não sobreviveriam, com exceção dos sistemas de transcrição fonética, mas mesmo estes têm regras de transcrição e convenções. Nas línguas a ortografia surge com o uso da escrita. [...]. Como as línguas, as ortografias são dinâmicas, variam com o passar do tempo. Essa variação e essa mudança ocorrem porque aparecem novos modismos ou por ignorância de uso, que vai se generalizando. Depois de certo tempo, essas modificações são incorporadas e passam a funcionar como qualquer outra forma gráfica do sistema (CAGLIARI, 2009, p. 21-22).

Cagliari (2009) esclarece que um sistema ortográfico, ao qual os usuários devem, ou melhor, são obrigados a se submeter, são regidos por leis políticas. São pessoas cultas que acreditam que não estão recebendo o devido reconhecimento, visto que suas propostas e sugestões referentes à ortografia não são colocadas em prática pelos indivíduos, que recorrem às leis para que todos sejam obrigados a fazer uso do sistema ortográfico imposto.

A ortografia para Cagliari (2009, p. 22) não pode e não deve ser “objeto de lei”, pois qual não teria sentido de controlar tanto a variação linguística quanto a mudança linguística através de leis. Em uma nota explicativa do texto, Cagliari (2009) faz uma observação interessante a respeito da língua portuguesa. Ele diz que, no conhecimento dele, “a língua portuguesa é a única língua [...] que tem leis nacionais obrigando os cidadãos a seguir rigorosamente a grafia das palavras” (CAGLIARI, 2009, p. 47). Além do que já foi

dito, destaca que não há conhecimento dessas leis por parte da população e que sempre encontram-se palavras (placas e documentos) com a grafia errada.

A ortografia, na visão de Silva (2009, p. 10), é “considerado um dos aspectos mais importantes das línguas escritas [...]”, bem como um dos mais polêmicos, não sendo diferente para o português. Para o autor,

[...] desde o século XVI, nas primeiras gramáticas de nosso idioma, a reflexão acerca do modo *correto* de escrever (*horto* = correto; *grafia* = escrita) foi palco dos mais acirrados embates linguísticos, conhecendo um processo desgastante de relativa estabilização idiomática que, a despeito dos mais intensos esforços, não logrou atingir o consenso até os dias de hoje. Com efeito, falar de ortografia é provocar acirradas polêmicas em torno não apenas do modo como se escreve determinada língua, mas da maneira como esse idioma se constitui e dialoga com o vasto universo de significados (sociais, linguísticos, históricos, culturais etc.) que se encontra à sua volta (SILVA, 2009, p. 11).

Pessoa (199, p. 59) compreende que “a base da ortografia é não haver confusão de sentido nas palavras escritas”. Para tanto, Pessoa (1999) diz ser imprescindível que tudo esteja bem esclarecido na palavra escrita para que haja bom entendimento por parte do leitor, tendo em vista que ele não estará próximo de quem escreveu para solicitar maiores esclarecimentos. Na modalidade falada, não há como ser feita a diferenciação de som igual em palavras, como o emprego do S e Z em *coser* e *cozer*, respectivamente. Essa diferença torna-se clara quando a palavra escrita está em uso, ou seja, quando a grafia está correta de acordo com o sentido que se quer estabelecer na comunicação.

A problemática que gira em torno da ortografia tem relação com a “palavra escrita” e não com a “palavra falada”. Pessoa (1999, p. 29-30, grifos do autor) deixa claro que a palavra falada não tem relação com a palavra escrita,

[...] sendo a palavra escrita um produto da cultura, ao contrário da falada, que o é do simples uso, hábito ou moda, e sendo a cultura um produto do indivíduo, cada indivíduo tem – salvo casos episódicos de força maior – o dever *cultural* de escrever na ortografia que achar melhor, visto que essa ortografia é a expressão de esse pensamento; que esse indivíduo tem o dever *social* de fazer a propaganda, com a força de pensamento que nela caiba, de tal ortografia.

Por conseguinte, Pessoa (1999) conclui seu discurso com uma crítica veemente contra o papel do Estado, que nada tem haver com a ortografia, a não ser em instituições governamentais e escolares, “[...] onde tem legítima ingerência; que nenhum mal social

advém da adoção de tal critério, antes algum bem resulta, como de todos os conflitos doutrinários, estímulos do pensamento individual e portanto da cultura geral” (PESSOA, 1999, p. 30).

Na opinião de Leme e Pacheco (1989, p. 3), “[...] a Ortografia tem o papel de unificar o uso da língua e de manter possível a existência de uma forma de comunicação oficial”. Os autores também chamam a atenção para o distanciamento entre a língua escrita e a oral. A partir desse distanciamento, devido à evolução da língua oral, que acontece de forma mais espontânea e ágil, que em determinado momento se torna muito grande, há a necessidade de refletir sobre o sistema ortográfico vigente. Assim, são feitas discussões que levam a uma nova lei, estabelecendo as modificações no sistema ortográfico. É lembrado pelos autores que a forma escrita da língua não pode ser uma forma rígida e menos ainda estar muito distante da forma oral.

Massini-Cagliari e Cagliari (1999, p. 66) entendem que devemos ter ciência do que é a palavra “[...] como unidade de escrita”, visto a relevância da mesma na instituição da ortografia e “a identificação de palavras é o primeiro passo para se lidar com a ortografia”. Nesse sentido, os autores afirmam que o surgimento da ortografia foi um meio de não alterar a grafia das palavras, ou seja, a escrita das palavras passaria a ter uma forma fixa, podendo, tanto o escritor, quanto o leitor fazerem a leitura da forma que bem entenderem.

Os autores afirmam que tanto os dicionaristas quanto, até mesmo os melhores gramáticos sofrem com dúvidas referentes à grafia considerada “correta” das palavras e isso é perceptível, pois quem faz o uso de diferentes dicionários, em alguns casos, pode notar as divergências entre eles. Nota-se, assim, que há discordância por parte dos dicionaristas acerca da ortografia de diversas palavras.

Assim, se há dúvidas por parte dos estudiosos da área, fica evidente o medo que as pessoas têm de escrever; para Massini-Cagliari e Cagliari (1999, p. 77-78), pois, “grande parte das pessoas formadas mesmo em faculdades tem medo de escrever, porque escrever sempre foi uma atividade penosa, voltada para a avaliação, para se ganhar nota, como acontece comumente em nossas escolas”.

É um fato corriqueiro a escola levar muito em consideração a avaliação da ortografia. Desse modo, com tamanha cobrança por parte da escola no tocante à grafia das palavras, as pessoas temem a avaliação do que escreveram, seja na escola ou fora dela, e definem a grafia das palavras como um mistério.

Cagliari (1999, p. 20) afirma, em relação à ortografia e à escrita, que é a ortografia que “[...] age na parte gráfica e funcional da escrita”, sendo ela que “[...] define os sons das

letras”. Expressa que “do alfabeto, pegamos apenas o nome das letras e uma unidade abstrata de representação fonográfica na escrita, que será definida exatamente pela ortografia em função da pronúncia que os falantes da língua usam em seus dialetos”.

Existe a crença, de acordo com Massini-Cagliari e Cagliari (1999), de que a ortografia seria um reflexo da pronúncia correta das palavras, o que acaba sendo um preconceito, “[...] a ortografia não representa a fala de ninguém, pois tem a função de anular a variação linguística, na escrita, no nível da palavra” (MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 1999, p. 31).

Já Moraes (2008) demonstra sua preocupação referente à variação linguística quando o mesmo faz uma discussão acerca da ortografia. Em sua concepção a ortografia é “como um recurso capaz de ‘cristalizar’ na escrita as diferentes maneiras de falar dos usuários de uma mesma língua” (MORAIS, 2008, p. 19, grifo do autor). A ideia é a de que, havendo uma forma de escrita unificada, a comunicação entre os indivíduos será mais fácil. Contudo, os indivíduos não serão privados durante a pronúncia e estarão livres para fazê-la da forma que acharem melhor.

Massini-Cagliari e Cagliari (1999, p. 30) igualmente levam em consideração o problema da variação linguística quando tratam da escrita alfabética ortográfica, manifestando-se que “[...] a finalidade básica da escrita [...] é possibilitar a leitura” e se cada um escrevesse de forma diferenciada não haveria compreensão ou seria mais difícil tê-la. A ortografia, então, é criada para tentar resolver essa divergência, pois normatiza o modo de escrever.

Além disso, Massini-Cagliari e Cagliari (1999, p. 101, grifo dos autores) destacam as mudanças ortográficas, levando em consideração que, com o passar do tempo,

[...] o uso da escrita introduz também *novas formas ortográficas* para algumas palavras, gerando um novo tipo de caos no sistema de escrita. Cada nova modificação acarreta uma re-estruturação de muitos aspectos do sistema de escrita [...]. É por esta razão que os estudiosos são avessos às mudanças.

No entanto, todo esse processo ocorre sem que seja levada em consideração a vontade dos indivíduos. Porém, como dito anteriormente, leis são aprovadas, impondo novas normas ortográficas.

Do ponto de vista de Silva (2009), a história da língua portuguesa pode ser concebida como a história de sua própria ortografia. Essa visão de Silva (2009) justifica-se pela ortografia sempre caminhar ao lado da língua portuguesa, independentemente se houver

discordância na grafia das palavras ou por questões ideológicas e de política linguística de um determinado período e/ou sociedade.

Quanto aos problemas de desentendimento acerca da ortografia da língua portuguesa, Silva (2009) serve-se das palavras do crítico paraense José Veríssimo, o qual destaca a “anarquia ortográfica” da língua portuguesa. Mário de Andrade, ao complementar o posicionamento de José Veríssimo, faz referência à ortografia cooperando para a “desordem mental” da sociedade brasileira, levando em conta que toda mudança causa estranhamento, pois altera o que já havia sido estabelecido anteriormente. Portanto,

[...] não são recentes as tentativas de unificação ortográfica da língua portuguesa, tampouco são novas as mudanças sofridas pela grafia do português ao longo de sua existência, sendo possível depreender pelo menos três momentos marcantes dessa transformação: um primeiro momento, em que a ortografia assentava-se na pronúncia, isto é, uma ortografia fonética (séculos XIII-XVI); um segundo momento, caracterizado por uma grafia erudita, de natureza pseudo-etimológica (séculos XVI-XIX); e um terceiro momento, em que se privilegiou uma ortografia simplificada, com a eliminação dos fenômenos puramente fonéticos e do eruditismo etimológico (século XX) (SILVA, 2009, p. 15-16).

De acordo com Williams (1973, p. 33), “no período fonético os escribas tentavam representar foneticamente os sons das palavras que escreviam”. Todavia, no português existiam sons para os quais não havia correspondência em latim, fazendo com que os escribas tivessem o trabalho de inventar novas grafias, ao mesmo tempo em que adaptavam as grafias existentes. Um fato interessante e relevante desse período é que os escribas com frequência grafavam o mesmo som de formas diferentes, além de diferentes sons da mesma forma, havendo confusão de grafias.

No período fonético, dentre várias formas de grafia, podemos citar as consoantes duplas. “Tôdas as consoantes duplas que existiram em latim clássico podem ser encontradas no português arcaico, em que, entretanto, não representavam sons longos” (WILLIAMS, 1973, p. 38). Podemos tomar como exemplo as consoantes duplas intervocálicas que, neste caso, não ocasionou diferenciação na pronúncia. Na inscrição tumular que apresentamos na sequência, datada do século XX, podemos observar o uso de “ll” intervocálico em “fallecido” e “elle”, o que não diferenciou a pronúncia das duas palavras:

AQUI JAZEM OS RESTOS MORTAES DE [...]  
 FALLECIDO COM [...] ANNOS DE EDADE  
 SAUDADES DE SUA ESPOSA FILHOS E IRMÃOS.) ORAE POR ELLE

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

Existem, ainda, conforme Williams (1973, p.39), outras formas de utilização de consoantes duplas que não a intervocálica. São os casos de: “ff” iniciais e “ff” depois de consoante; “ll” iniciais; “ll” finais e “ll” antes de consoante; “rr” iniciais, “rr” antes e depois de “l” e de “n”, e “rr” depois de “s”; “ss” iniciais e “ss” depois de consoante.

O período etimológico, também chamado de período pseudo-etimológico, apresentou uma grande divulgação das grafias latinas e gregas, mas sem atenção à pronúncia. Williams (1973, p. 40) expõe que a prática em questão “[...] principiou muito antes do século XVI num pequeno grupo de palavras, especialmente em trabalhos traduzidos do latim [...], mas foram os escritores e particularmente os impressores do Renascimento que deram voga a ela, voga que perdurou até os nossos dias”.

Em algumas inscrições tumulares coletadas encontramos palavras de origem latina, grafadas com consoantes duplas, como a inscrição retrocitada, na palavra “annos”, além de mn em “somno”:

AQUI DORME O SOMNO ETERNO [...]

NASCIDA EM [...]

E FALECIDA A [...]

SAUDADES DE SEU ESPOSO E FILHOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

Houve também, nesse período, o que Williams (1973, p. 40) chamou de “falsas regressões ortográficas”, como no caso do th de “thesoura”. Porém, não havia consenso quanto às novas formas de grafias e, assim, os estudiosos da época expunham suas críticas e recomendações.

No século XVIII, apesar das “polêmicas ortográficas”, perduraram-se ocorrências que remetem ao período etimológico. O livro “Orthographia ou a arte de escrever e pronunciar com acerto a língua portuguesa”, escrito por João de Moraes Madureyra Feyjó, o qual era a favor do uso das grafias etimológicas, atuou, por cerca de um século e meio, em prol desse uso. O mencionado autor se manifestava favorável ao uso da grafia latina em palavras introduzidas há pouco tempo e pela pronúncia dessas palavras como eram grafadas.

Houaiss (1991) discute a relação da fase simplificada com a obra “Ortografia Nacional”, de Gonçalves Viana. A obra foi publicada no ano de 1904, apresentando “[...] uma

análise da história interna da língua bem como suas tendências fonéticas” (HOUAISS, 1991, p. 11).

A obra “Ortografia Nacional” retrata a “anarquia ortográfica” da época, do mesmo modo que lhe apresenta soluções, uniformizando as várias escritas existentes através de normas baseadas na história da língua, na evolução e na análise de pronúncia, como um todo.

Ao tratar da ortografia da língua portuguesa no Brasil, Silva (2009b, p. 165) relata que as discussões sobre esse assunto estavam relacionadas “[...] à necessidade de se estabelecer um sistema ortográfico condizente com as peculiaridades da realidade linguística brasileira [...]”. Segundo o autor, a busca era pela solução de questões idiomáticas, oneradas desde a colonização do país e a independência linguística.

Para tanto, logo após a independência política brasileira, a Academia Brasileira de Letras desenvolveu um importante papel nas discussões sobre ortografia. Era “[...] a principal defensora de uma reforma ortográfica ampla, além de participar ativamente de todas as tentativas de unificação ortográfica entre Brasil e Portugal durante o século XX” (SILVA, 2009b, p. 165).

Todavia, como acontece com todas as mudanças, existem os que são favoráveis e aqueles que são contrários, ocorrendo os embates entre portugueses e brasileiros, bem como entre os próprios brasileiros. Tais embates começaram no início do século XX, mais precisamente em 1907, com o surgimento, em conformidade com Silva (2009b, p. 165), do “[...] nosso primeiro projeto de reforma ortográfica [...], sob os auspícios da Academia, tendo à frente a figura Medeiros e Albuquerque”.

Em Portugal, as discussões relacionadas à ortografia da língua portuguesa deram-se, pelo menos, a partir do século XVI, enquanto no Brasil essas discussões foram intensificadas no século XX, período em que as discussões sobre as divergências ortográficas estavam voltadas para as questões ideológicas e conceituais.

O intuito da Academia Brasileira de Letras com a proposta de reforma ortográfica de 1907 era a simplificação da língua portuguesa pois, com a “anarquia ortográfica”, eram abundantes os usos de forma diversificada de recursos gráficos.

Alvo de inúmeras discussões e críticas, a reforma de 1907 “[...] buscava equilibrar-se entre a ortografia fonética e a etimológica [...]”. Contudo, “[...] embora formulada e aprovada por vários acadêmicos – a reforma nunca chegou a vigorar oficialmente no Brasil [...]” (SILVA, 2009b, p. 173).

Referente à reforma de 1907, Silva (2009b, p. 174, grifos do autor) diz que

a proposta de reforma ortográfica elaborada pela Academia Brasileira de Letras em 1907 foi a primeira do gênero no século XX, inaugurando um longa e polêmica tradição de projetos de reforma ortográfica do português. Não que não tivesse havido outras propostas similares ao longo da história da língua portuguesa, mas o fato é que o século XX pode ser considerado uma época particularmente propícia a projetos semelhantes, além de ser um período em que se dão, pela primeira vez, as tentativas de unificação ortográfica entre o português utilizado no Brasil e em Portugal, como o ‘Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro’ (1931), a ‘Conferência Inter-Acadêmica de Lisboa para a Unificação Ortográfica da língua portuguesa’ (1945) e o ‘Acordo Ortográfico da língua portuguesa’ (1986/1990).

Todavia, antes da concretização do Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro de 1931, houve a tentativa de uma Reforma Ortográfica em 1911, a qual não foi adotada pelo Brasil. A partir de então, ampliaram-se as discussões e foram instaladas as negociações com a pretensão de criar e implantar normas comuns para a ortografia oficial dos países de língua portuguesa.

Anterior à Reforma Ortográfica de 1911, mais especificamente, do Formulário Ortográfico de 1911, não existiam regras a serem seguidas por todos. Por isso, não eram raras ocorrências que apontassem para as tendências etimológica e pseudo-etimológica, uma vez que não haviam regras ortográficas completamente instituídas e oficializadas passíveis ao domínio público.

Visto desta maneira, apresentamos exemplos de inscrições tumulares coletadas, com referência até o ano de 1930, as quais demonstram o uso dessas tendências:

AQUI JAZ [...]

NASCIDO EM [...]

FALLECIDO EM [...]

SAUDADES DE SUA ESPOSA E FILHOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

AQUI REPOUSA [...]

COM [...] ANOS DE IDADE

SAUDADES DE SEU ESPOSO E FILHOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

AQUI A MATERIA NO CÉO

A ALMA EM NOSSOS CORAÇÕES A SAUDADE

DESCANSA ETERNAMENTE O CORPO DE [...]

NASCIDA A [...]  
 E FALLECIDA A [...]  
 RECORDAÇÕES ETERNAS DE SEU INCONSOLAVEL ESPOSO

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri

ROGAE A DEUS PELA ALMA DO [...]  
 NASCIDO A [...]  
 FALLECIDO A [...]

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

AQUI DESCANÇAM OS RESTOS MORTAES DE [...]  
 NASCIDO EM [...] E  
 FALLECIDO EM [...]  
 LEMBRANÇAS DE SUA ESPOSA, PAES E IRMÃOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás.

AQUI JAZ [...]  
 ETERNA SAUDADE DE SUA ESPOSA E FILHOS  
 ORAE POR ELLE

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

A partir das inscrições tumulares exemplificadas, veremos, na tabela a seguir, a tendência etimológica de determinados vocábulos, pois como explica Coutinho (2011, p. 75), “o critério adotado pelos que seguem a grafia etimológica é respeitar, tanto quanto possível, as letras originárias da palavra, embora nenhum valor fonético representem”.

Vocábulo	Etimologia
annos	do latim <i>annum</i>
céo	do latim <i>caelum</i> / ceo sec. XIII
descançam	Formação: des + cançar / cançar: do latim <i>quassare</i>
elle	do latim <i>ille</i>
fallecido / fallecida	do latim <i>fallescere</i> incoativo de <i>fallere</i>
mortaes	do latim <i>mortālis</i>

orae	do latim <i>orāre</i>
paes	do latim <i>patre</i> - para o português <i>padre – pade – pae – pai</i>
rogae	do latim <i>rōgāre</i>

**Tabela 3** – Vocábulos e suas etimologias.

Já nas tabelas a seguir, damos a conhecer como Aulete (1881) e Figueiredo (1913) apresentam os vocábulos em questão:

<b>Vocábulo</b>	<b>Aulete (1881)</b>
annos	anno
céo	céo
descançam	descançar
elle	elle
fallecido / fallecida	fallecido
mortaes	mortal (Os sete peccados <i>mortaes</i> )
orae	orar
paes	pae
rogae	rogar

**Tabela 4** – Vocábulos em conformidade com Aulete (1881).

<b>Vocábulo</b>	<b>Figueiredo (1913)</b>
annos	anno
céo	céo
descançam	descansar
elle	êlle
fallecido / fallecida	fallecido
mortaes	mortal
orae	orar
paes	pae
rogae	rogar

**Tabela 5** – Vocábulos em conformidade com Figueiredo (1913).

Apesar da chamada “anarquia ortográfica” mencionada anteriormente, o que percebemos é que Aulete (1881) e Figueiredo (1913) divergem-se apenas em dois vocábulos,

“descançar” e “elle” (AULETE, 1881) e “descansar” e “êlle” (FIGUEIREDO, 1913). Assim, entendemos que os estudiosos já demonstravam a preocupação de uma escrita uniforme.

A partir de agora, analisaremos o uso de normas ortográficas nas inscrições tumulares, conforme os períodos da ortografia do português no Brasil que selecionamos. Esse tipo de dado é importante para o estudo da Língua Portuguesa, uma vez que possibilita conhecermos fases anteriores da ortografia de nossa língua, bem como identificarmos as mudanças ocorridas, o que é indispensável para nós que vemos na língua, nesta pesquisa na sua forma escrita, um rico material de estudo.

### **3.3.1 1931 – Primeiro Acordo Ortográfico entre Brasil e Portugal**

A Reforma Ortográfica de 1911, considerada polêmica, continha uma ampla simplificação ortográfica da língua portuguesa, o que gerou diversas críticas no Brasil, o qual não a adotou.

No entanto, em 1931, o Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro foi aceito, de forma mais abrangente, por parte dos brasileiros e dos portugueses. Esse acordo, organizado em conjunto pela Academia Brasileira de Letras e pela Academia de Ciências de Lisboa, visava a uma unificação da ortografia da língua portuguesa nos mencionados países.

Assim, através do Decreto nº 20.108, de 22 de julho de 1931 (Anexo A), o Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro de 1931 é oficializado pelo governo brasileiro. O referido acordo apresentava bases, as quais deveriam ser seguidas, uma vez que este havia sido oficializado.

Uma das primeiras mudanças foi a eliminação das consoantes geminadas, com exceção de “ss” e “rr”. Contudo, nas inscrições tumulares, apresentadas abaixo, há a presença das consoantes geminadas, como se percebe nos vocábulos “annos”, “ella”, “fallecido” / “fallecida” e “nettos”.

[...]

OS PAES, O ESPOSO E IRMÃOS – SAUDOSOS – NESTE EPHEMERO LAR,  
ONDE VIVIAS ACERCAR-NOS DE ENCANTO E DE VENTURA JAMAIS TE  
ESQUECEREMOS, NA AMARGURA, LIRIO AGORA DE MORTAS ALEGRIAS!

A TODO O INSTANTE, EM CADA CANTO BRILHA NO TRISTE LAR A  
TUA MEIGA IMAGEM!

AHI REVIVES EM AMOR, Ó FILHA, SEMPRE A SORRIR-NOS – MAGICA  
MIRAGEM!

RUDES GOLPES NOS TRAZ A TUA AUSÊNCIA. FERIDAS N'ALMA  
 ABRINDO – E SÓ COM A MORTE ALIVIO PODEM TER N'OUTRA EXISTENCIA...

INSCRIPTA FIQUE AQUI NOSSA SAUDADE, A NOSSA ESP'RANÇA, SIM,  
 QUE NOS CONFORTE DE TE REVERMOS LÁ NA ETERNIDADE!

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

NASCIDO A [...]

FALLECIDO A [...]

SAUDADES DE SUA ESPOSA E MÃE

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

AQUI JAZ [...]

ETERNA SAUDADES DE SUAS FILHAS GENROS E NETTOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

AQUI REPOUSAM OS RESTOS MORTAES DO INOLVIDAVEL [...]

HOMENAGEM DE SUA ESPOSA FILHA GENRO E NETOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

AQUI REPOUZA OS RESTOS MORTAES DE [...]

FALLECIDA A [...] COM [...] ANNOS

SAUDADES DE SEUS FILHOS GENROS E NETOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás.

[...]

ORAE POR ELLA

**Fonte:** Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás.

REPOUSA NA PAZ DO SENHOR [...]

FALLECIDO A [...] COM [...] ANNOS

SAUDADES DE SUA ESPOSA FILHOS E NETOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

## ETERNA SAUDADE DE SEUS PAES E IRMÃOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

Essas inscrições tumulares são datadas do período de 1931 a 1942 e ainda faziam uso das consoantes geminadas, o que pode indicar a possibilidade de desconhecimento do que estava oficialmente normatizado no Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro de 1931.

Houve, conforme o acordo, a substituição de “ph”, “rh” e “th” por “f”, “r” e “t”. No vocábulo “ephêmero”, presente em uma das inscrições tumulares exemplificadas acima, constatamos que não houve tal substituição.

Nos vocábulos “mortaes” e “paes” é apresentado o ditongo “ae”, que deveria ser grafado com “i” ou “u” e, dessa forma, sendo “mortais” e “pais”, o mesmo acontecendo com “orae”, “orai”.

Já no caso de “esperança”, houve a supressão da vogal “e”, sendo encontrado o vocábulo na forma “esp’rança” em uma das inscrições tumulares utilizadas acima em forma de exemplo.

### **3.3.2 1943 – Publicação do Formulário Ortográfico – Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**

O Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa utilizou como base o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa (1940), conforme sugestão do então Ministro da Educação e Saúde. Assim, em 29 de janeiro de 1942, tal sugestão foi aprovada de forma unânime pela Academia Brasileira de Letras.

Tomadas as devidas providências quanto à organização do referido vocabulário, conforme as Instruções para a Organização do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Anexo G), estas foram aprovadas, também de forma unânime, em sessão da Academia Brasileira de Letras, ocorrida em 12 de agosto de 1943.

[...]

A SUA ETERNA LEMBRANÇA REFLETIRÁ ETERNAMENTE NA DÔR DE  
NOSSA SAUDADE

SEUS PAES E IRMÃOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

SAUDADES DE ESPÔSA E FILHOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

AQUI JAZ [...]

SAUDADE DE SUA ESPÔSA – FILHOS FILHAS – NETOS – GENROS E  
NÓRAS.

QUE DEUS, LHE DÊ A RECOMPENSA PELA NORMA DE CONDUTA E  
BONDADE DE CORAÇÃO EM SUA VIDA TERRENA.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

SAUDADES DE SEUS PAES E IRMÃOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

DESCANCE EM PAZ

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

DESCANSE EM PAZ

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

SAUDADE DE SEU ESPÔSO E FILHOS.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

AQUI REPOUSAM OS RESTOS MORTAIS DE [...]

FUI O QUE ÉS;

SOU O QUE VÊS;

SERÁS O QUE SOU.

ORAI POR ÊLE

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

DESCANÇÃO EM PAZ [...]

SAUDADE DE SEUS FILHOS GENROS NORAS E NETOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

SENHOR DAI-LHE, O MEREcido DESCANÇO E QUE A LUZ ETERNA  
BRILHE PARA ELES.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

COLOCAREMOS SEMPRE SOBRE ESTA CAMPA, UMA LÁGRIMA E UMA  
FLÔR COMO RECOMPENSA DO QUE FEZ POR NÓS NA TERRA.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

SAUDADES DE SEUS PAES E IRMÃOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

SAUDADES DE SEUS PAES E AVÓS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás.

AQUI DESCANSA [...]

COM [...] ANOS

SAUDADES DE SEUS FILHOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás.

Aqui descansam os restos mortais de [...]

e de sua espôsa [...]

Saudades de seus filhos e netos.

Orai por eles

**Fonte:** Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás.

[...]

SAUDADES DE SEU ESPÔSO E FAMILIARES.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

AQUI JAZ [...]

SAUDADES DE SEUS IRMÃOS SOBRINHOS CUNHADOS E ENTIADOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

[...]

OMENAGEM DE SUA ESPOSA FILHO MÃE E IRMÃOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

[...]

SAUDADES DE SUA ESPOSA E FAMILIA

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

Na sequência, as tabelas apresentam os vocábulos selecionados conforme a exibição no Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (1943), em Freire (1957) e em Bueno (1964):

<b>Vocábulo</b>	<b>Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (1943)</b>
descance / descanse / descançam /	descansar
descanço	descanso
dor / dôr	dor
ela / ele / eles / êle	ele / êle
Entiados	enteado
esposo / esposa / esposo / espôsa	espôsa / espôso
família / familia	família
flor / flôr	flor
homenagem / omenagem	homenagem
nora / nóra	nora
pae / paes / pai / pais	pai

**Tabela 6** – Vocábulo em conformidade com o Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (1943).

<b>Vocábulo</b>	<b>Freire (1957)</b>
descance / descanse / descançam /	descansar
descanço	descanso
dor / dôr	dôr
ela / ele / eles / êle	ela ou ella / êle
entiados	enteado
esposo / esposa / esposo / espôsa	espôsa / espôso
família / familia	família
flor / flôr	flor
homenagem / omenagem	homenagem
nora / nóra	nora
pae / paes / pai / pais	pai ou pae

**Tabela 7** – Vocábulo em conformidade com Freire (1957).

<b>Vocábulo</b>	<b>Bueno (1964)</b>
descance / descanse / descançam /	descansar
descanço	não apresenta o vocábulo, mas informa que é derivado de descansar: descanso
dor / dôr	dor
ela / ele / eles / êle	ela / ele
entiados	enteado
esposo / esposa / esposo / espôsa	espôsa / espôso
família / familia	família
flor / flôr	flor
homenagem / omenagem	homenagem
nora / nóra	nora
pae / paes / pai / pais	pai

**Tabela 8** – Vocábulo em conformidade com Bueno (1964).

Analisando o que o Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (1943), Freire (1957) e Bueno (1964) apresentam, notamos divergências quanto à grafia de alguns vocábulos.

No Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (1943), é apresentada uma grafia dupla para “ele”, sendo “ele” / “êle”, enquanto que em Freire (1957) “ela” ou “ella” / “êle” e em Bueno (1964) “ela” / “ele”, ou seja, apesar de haver um vocabulário oficial, os próprios dicionaristas apresentavam formas consideradas ortográficas diferentes das expostas na publicação.

Conforme o observado no Artigo 1º do Decreto-Lei nº 5.186, de 13 de janeiro de 1943,

até que seja adotado em definitivo o vocabulário oficial, em, elaboração, que consubstancie, de modo seguro, o acordo celebrado em 1931, entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Lisboa, vigorará, em todo o país, como formulário ortográfico, o do “Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa organizado pela Academia Brasileira de Letras de acordo com a Academia das Ciências de Lisboa”, publicado em 1932.

Todavia, notamos que alguns vocábulos observados nas inscrições tumulares exemplificadas ainda seguiam a tendência etimológica, o que pode ser visto em “descance”, “descançam” e “descanço”.

Visto dessa maneira, entendemos que era visível a tentativa de unificação, de normatização da ortografia da língua portuguesa. Apesar disso, existiam opiniões contrárias, havendo também a possibilidade de desconhecimento do normas ortográficas.

### **3.3.3 1971 – Lei com ênfase na alteração dos acentos gráficos**

A Lei nº 5.765, de 18 de dezembro de 1971 (Anexo D), apresenta as alterações ortográficas que entrariam em vigor em trinta dias após a sua publicação, a qual ocorreu em 20 de dezembro de 1971.

Esta Lei determinou as seguintes alterações ortográficas: abolição do trema nos hiatos átonos; do acento circunflexo diferencial nas letras “e” e “o”, em que a sílaba tônica das palavras homógrafas em que são abertas as letras “e” e “o”, com exceção pôde em

oposição a pode; dos acentos circunflexo e grave que indicam a sílaba subtônica de vocábulos derivados com a presença do sufixo “mente” ou que iniciem com “z”.

Nas inscrições tumulares, apresentadas abaixo, verificaremos a aplicação da supracitada Lei:

[...]

SAUDADES: ESPÔSO, FILHOS, GENROS, NORAS, NETOS, E BISNETOS.

PRECIOSA É AOS OLHOS DO SENHOR A MORTE DOS SEUS SANTOS.

SALMO 116

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

AS LÁGRIMAS SECAM, AS FLÔRES MURCHAM, AS VELASSE APAGAM.

SOMENTE A SAUDADE QUE SENTIMOS DE VOCÊS JAMAIS SE APAGARAM.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

SAUDADES DE SUA ESPOSA, FILHOS, GENROS, NORAS E NETTOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

SAUDADES DE SEUS FILHOS, GENROS, NORAS, NETTOS E BISNETTOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

SAUDADE DE SUA ESPÔSA, FILHOS, GENROS, NORAS, NETOS E BISNETOS.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

SAUDADE DE SUA FAMILIA

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

AQUI DESCANÇA EM PAZ [...]

SAUDADE DE SEU PAE E IRMÃOS

HOMENAGEM DE SUA IRMÃ

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

“A TUA SAUDADE CORTA COMO AÇO DE NAVALHA  
O CORAÇÃO FICA AFLITO, BATE UMA, A OUTRA FALHA  
OS ZÓIOS SE ENCHE D’ÁGUA QUE ATÉ A VISTA SE ATRAPALHA”

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

[...] VOCÊ PARTIU TÃO DIREPENTE , QUE NÃO TIVEMOS TEMPO PARA  
DESPEDIR DE VOCÊ, MAS NÓS ENTREGAMOS PARA DEUS. TI AMAMOS MUITO.  
SAUDADES DE SEUS PAIS E FAMILIARES.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

(ÊLE) DEIXOU NO NOSSOS CORAÇÕES UMA LEMBRANÇA VIVA E  
UMA AFEIÇÃO QUE JAMAIS SE APAGARÁ.

SAUDADES DE SEUS FAMILIARES.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

EM SEU LUGAR FICOU A TRISTEZA E SAUDADE DE SUA ESPOSA,  
FILHAS GENRROS E NETOS.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

ETRNAS SAUDADES DE ESPÔSO, FILHOS, NORAS, GENROS, NETOS E  
IRMÃOS.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

VOCÊ FOI O RAIOS DE SOL, A SUA VE LUZ DO AMÔR, POR ONDE PASSASTE SÓ SEMEIOU ALEGRIA E AMIZADE, VÁ, PORQUE CONOSCO FICA O EXEMPLO DE CORAGEM E FÉ.

SAUDADES DE SEUS FAMILIARES.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

ELE VEIO AO MUNDO TROUXE MUITA ALEGRIA, SORRIU, CHOROU, BRINCOU, SERVIU A PÁTRIA. FEZ PERALTICE CONQUISTOU MUITAS PESSOAS, OU MELHOR TODOS QUE CONVIVERAM COMSIGO. ERA ENQUIETO, TRABALHADOR COMO O VENTO, COMO AS ONDAS DO MAR, SEMPRE EM BUSCA DE ALGO MAIS. UM POUCO MENINO, UM POUCO HOMEM, UM À DEUS A INFÂNCIA, UM SORRISO A MOCIDADE. NO ESPLENDOR DA VIDA COM EXPRESSÃO DE ENCANTO DE CARINHO, DE MEIGUICE DE AMOR...

SEM AVISO DEUS O LEVOU. DEIXOU SAUDADE AOS PAIS, IRMÃOS, NOIVA FAMILIARES E AMIGOS

[...]

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

AQUI JAS [...]

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

ELE PARTIU MAS DEIXOU UM GRANDE VASIO EM NOSSOS CORAÇÕES; BOM ESPOSO E BOM PAI, UM AMIGO DE TODOS. COMO MILITAR FOI UM EXEMPLO, DEDICANDO PARTE DE SUA VIDA AO NOSSO GLORIOSO EXERCITO BRASILEIRO PELO QUAL SE ORGULHAVA.

SAUDADES DE SUA ESPOSA, FILHOS E NETOS.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

FUI PARA DEUS E JUNTOS ESTAREMOS NO PARAIZO – SALDADES DE SUA FAMILIA

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

ETERNA SAUDES

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

SALDADES ETERNAS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

HOMENAGEN DE SEUS PAIS.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

SALDAÇÃO DE SUA MÃE IRMÃOS CUNHADOS E SOBRINHOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

ETERNA SAUDADES DE SEUS FILHOS NETOS BIS NETOS E  
TATARANETOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás.

[...]

ELA DEIXOU NO CORAÇÃO DE CADA UM DE NÓS LEMBRANÇA VIVA  
E UMA AFEIÇÃO QUE JAMAIS SE ESTINGUIRÁ. UMA PRECE A SUA ALMA.

SAUDADE DE SEUS FAMILIARES

**Fonte:** Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás.

[...]

SAUDADES DE SEUS FAMÍLIARES

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

[...]

É DIGNO DA PAZ CELESTIAL PELA AFEIÇÃO QUE NA TERRA SOUBE  
 ESPALHAR HOMENAGEM DOS PAES, IRMÃOS, CUNHADOS, SOBRINHOS,  
 PARENTES E AMIGOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

[...]

TUDO NÓS FIZEMOS PARA QUE A TUA VIDA NÃO SE EXTINGUÍSSE,  
 MAS DEUS ASSIM QUIS, SEJA FEITA A SUA SANTÍSSIMA VONTADE.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

[...]

UM PAI. AINDA QUE O MAIS POBRE, TEM SEMPRE UMA ENORME  
 RIQUESA PARA DEIXAR AOS FILHOS SEU EXEMPLO

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

[...]

IMORREDORA SAUDADE E ETERNA RECORDAÇÃO DE SEUS  
 FAMILIARES

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

[...]

SEU GRANDE PATRIMÔNIO:  
 A IMENSIDÃO DE AMIGOS QUE CONQUISTOU  
 SEU MAIOR ORGULHO:  
 A SUA FAMÍLIA.  
 SEU ÚLTIMO GESTO:  
 UM SORRISO.  
 NOSSO CONFORTO:  
 A CERTESA DE QUE ELE ESTÁ AO LADO DE DEUS.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

Mediante as inscrições tumulares exemplificadas, expomos, via tabelas que  
 seguem, como Bueno (1975) e Luft (2000) exibem os vocábulos selecionados:

<b>Vocábulo</b>	<b>Bueno (1975)</b>
amôr	amor
bisnettos / bis netos	bisneto
certesa	certeza
comsigo	consigo
descança	descansar
direpente	repente
êle	ele
enquieto	inquieto
espôso / espôsa	esposo / esposa
estinguirá / estiquêsse	extinguir
familia	família
famíliares	familiar
flôres	flor
genrros	genro
homenagen	homenagem
imorredora	imorredouro
nettos	neto
pae / paes	pai
paraizo	paraíso
riqueza	riqueza
saldação	saudação
saldades / sauddes	saudade
vasio	vazio
zóios	olho

**Tabela 9** – Vocábulos em conformidade com Bueno (1975).

<b>Vocábulo</b>	<b>Luft (2000)</b>
amôr	amor
bisnettos / bis netos	bisneto
certesa	certeza
comsigo	consigo

descança	descansar
direpente	repente
êle	ele
enquieto	inquieto
espôso / espôsa	esposo / esposa
estinguirá / estiquésse	extinguir
familia	família
famíliares	familiar
flôres	flor
genrros	genro
homenagen	homenagem
imorredora	imorredouro
nettos	neto
pae / paes	pai
paraizo	paraíso
riqueza	riqueza
saldação	saudação
saldades / sauddes	saudade
vasio	vazio
zóios	olho

**Tabela 10** – Vocábulo em conformidade com Luft (2000).

Percebemos, após a verificação dos vocábulos apresentados, que existem alguns diferenciais às normas expostas na Lei nº 5.765, de 18 de dezembro de 1971, visto que foram encontrados vocábulos grafados com acento circunflexo, o que não é comprovado pelos dicionários da época, como é o caso de “amor”, “êle”, “espôsa” / “espôso” e “flôres”.

Há, ainda, vocábulos grafados de maneira diferente ao exposto por Bueno (1975) e Luft (2000), levando-nos a crer na possibilidade de os mesmos apresentarem desvios cometidos por funcionários das fábricas de placas ou por uma aproximação com a oralidade, evidente, em especial, com o uso do vocábulo “zóios”, levando em consideração o baixo domínio da escrita, considerada padrão, por parte de quem escreveu a mensagem e, até

mesmo, na possibilidade de uma escrita que apresente traços conservados da língua, como em “pae” / “paes”, “nettos” e “bisnettos”.

Observamos, também, ocorrências que podem estar relacionadas com a realização fonética, as confusões entre: “s” e “x” – “estinguirá”; “s” e “z” – “certesa”, “riqueza”, “paraizo”; “u” e “l” – “saldade”, “saldação”; “e” e “i” – “enquieto”.

### 3.3.4 [1990] 2009 – Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Para Silva (2009a, p. 56, grifo do autor), ao se tratar do novo acordo ortográfico da língua portuguesa, é observado que “ao longo dos séculos, a história da ortografia portuguesa foi procurando aperfeiçoamentos progressivos de legibilidade, tentando tornar a escrita, tanto quanto possível um verdadeiro *retrato* da língua”.

No século XX, em consonância com Silva (2009a), na tentativa de unificação da ortografia da língua portuguesa, aconteceram o que o autor chama de “disputas lingüísticas”, tendo em vista a variedade ortográfica da língua em questão.

Para tanto, a partir de 1986 / 1990 ocorreu a “mais recente tentativa de promover a unificação do português entre os oito países [...] que compõem a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP)” (SILVA, 2009a, p. 22).

Essa tentativa de unificação se deu mediante a assinatura de um acordo que os países participantes se comprometiam a adotar, além de terem a obrigação da aprovação de um vocabulário comum, o qual deve entrar em vigor baseado em lei, bem como as regras ortográficas em si.

Silva (2009a) destaca que o presente acordo deveria ter entrado em vigor no ano de 1986, quando do primeiro encontro da CPLP no Rio de Janeiro. A aprovação do acordo ocorreu em 1990, com previsão de vigorar a partir de 1994. Porém, o acordo ortográfico não obteve as ratificações que seriam necessárias para que passasse a vigorar.

Em 1998 e 2004, dois protocolos modificativos foram assinados, sendo o primeiro revogando a cláusula que definia o ano de 1994 como prazo limite para que o acordo ortográfico entrasse em vigor e o outro que tratava sobre a necessidade de apenas três países ratificarem o acordo para que o mesmo entrasse em vigor e a inclusão de Timor-Leste como país participante do acordo. Porém,

nos últimos dois anos, após a ratificação dos três primeiros países lusófonos, os debates se acirraram exponencialmente. Se por um lado, no Brasil, em

2008, uma Resolução do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) autorizaria a adequação dos livros didáticos às novas regras do acordo, em Portugal, por outro lado, no mesmo ano, uma Petição contra o Acordo Ortográfico, com mais de vinte mil assinaturas, seria entregue ao Parlamento português. No Brasil, portanto, ainda segundo designação do FNDE, já em 2009, as editoras deverão fornecer as primeiras obras adaptadas às normas do acordo ortográfico até 2010, ao passo que os do ensino médio receberão material atualizado até 2011, ano limite para que também os vestibulares, concursos e avaliações em geral se adaptem à nova ortografia (SILVA, 2009a, p. 24).

Cabe informar que o critério adotado pelo novo acordo ortográfico é basicamente fonético, o que busca a aproximação da grafia com a pronúncia, apresentando mudanças, bem como manutenção de regras, conforme pode ser visto através do Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008 (Anexo F).

Assim, a partir deste breve relato acerca do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, apresentamos algumas inscrições tumulares datadas do ano de 2009 em diante como exemplo para averiguarmos a ortografia de alguns vocábulos, lembrando que neste período há a coexistência da norma ortográfica atualmente em vigência – sistema ortográfico de 1943 – e a norma estabelecida no supracitado acordo.

[...]

NÃO CHORE POR MINHA FALTA, MAS SORRI COM ACERTEZA QUE ESTAREI COM DEUS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

“Voltou para aquele que é o autor da vida.

A sua ausência doí demais.

Mas seu exemplo é uma lição de vida que confortará aqueles que a amam.

Obrigado por seu exemplo de luta, honestidade e de fé”.

Homenagem de seus filhos e familiares.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

INFINITO ERA O TEU CORAÇÃO OBRIGADO PAI POR ORIENTAR NOSSOS CAMINHOS FEITO DE LUTAS E ENCERTEZAS MAS TAMBÉM DE MUITA FÉ EM DEUS.

## SAUDADES

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

PELOS DIAS QUE ESTIVEMOS JUNTOS COM VOCÊ, PELOS DIAS QUE ESTAREMOS SEM VOCÊ, SUA AUSÊNCIA NOS DÓI MUITO. MAS ACERTEZA DE QUE SEMPRE ESTAREMOS JUNTOS NOS FORTALECE PARA UM DIA NOS ENCONTRARMOS.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

VOLTOU PARA AQUELE QUE É O AUTOR DA VIDA. A SUA AUSÊNCIA DOÍ DEMAIS, MAS SEU EXEMPLO É UMA LIÇÃO DE VIDA QUE CONFORTARÁ AQUELES QUE O AMAM OBRIGADO POR SEU EXEMPLO DE LUTA, DE HONESTIDADE E DE FÉ.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás.

Em seguida, apresentamos as tabelas com alguns vocábulos, os quais entendemos terem sido grafados apresentando desvios ortográficos, e como o Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (1943) e Houaiss e Villar (2009) exibem tais vocábulos:

<b>Vocábulo</b>	<b>Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (1943)</b>
acerteza	certeza
doí	doer
encertezas	incerteza

**Tabela 11** – Vocábulos em conformidade com o Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (1943), coexistindo com o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

<b>Vocábulo</b>	<b>Houaiss e Villar (2009)</b>
acerteza	certeza
doí	doer
encertezas	incerteza

**Tabela 12** – Vocábulos em conformidade com Houaiss e Villar (2009), coexistindo com o Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (1943).

As bases referentes à acentuação, Base XII: Acentuação gráfica, parte do “Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa” e a Base VIII: Da acentuação gráfica das palavras oxítonas, no “Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa” apresentam que as palavras compostas por ditongos abertos “éi”, “éu” e “ói” recebem o acento agudo, como em “dói” e não “doí” do verbo “doer”, conforme observado na última inscrição tumular exemplificada acima e também encontrada em outras inscrições. Entretanto, a inscrição abaixo apresenta a referida forma verbal nos termos do que é observado nas normas ortográficas em vigência.

[...]

AGRADECEMOS A DEUS PELOS DIAS QUE ESTIVEMOS COM VOCÊ,  
SUA AUSÊNCIA DÓI MUITO, MAS A CERTEZA DE QUE SEMPRE ESTAREMOS  
JUNTOS NOS FORTALECE PARA UM DIA NOS ENCONTRARMOS.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

Em “acerteza” trata-se do artigo “a” mais o substantivo “certeza”, ambos grafados corretamente. Acreditamos, hipoteticamente, que o que pode ter havido neste caso foi a falta de um espaço entre as palavras na confecção da placa ou pode ser uma aproximação com a oralidade, seja do funcionário da fábrica de placas ou de quem solicitou a confecção da placa.

Ao referirmos a “encertezas” acreditamos também se tratar de um possível desvio ortográfico ou de uma aproximação com a oralidade. Todavia, em ambos os casos não há como afirmar o que pode ter realmente acontecido.

### **3.4 Dados para o estudo lexical**

As expressões inventariadas a partir das inscrições tumulares coletadas para que seja feita a análise lexical estão apresentadas em forma de índice de frequência e ocorrência, o que possibilita uma melhor percepção da presença da dicotomia morte e vida inscrita nas inscrições tumulares.

#### **3.4.1 Índice de frequência e ocorrência de expressões para o estudo lexical**

O índice de frequência e ocorrência de expressões está apresentado com o estado da língua em que as expressões foram escritas, sendo separadas por local de pesquisa e pelos períodos especificados no item 2.7 do capítulo anterior.

As expressões inventariadas para o estudo lexical estão em ordem alfabética, seguidas do total de ocorrências entre parênteses.

### **3.4.1.1 Índice de frequência e ocorrência de expressões em Catalão**

#### **Até 1930**

##### **R**

Recordações de sua esposa e filhos (1)

Restos mortaes (5)

##### **S**

Saudades da família (2)

Saudades de seu esposo e filhos (1)

Saudades de sua esposa e filhos (1)

Somno eterno (1)

#### **De 1931 a 1942**

##### **A**

Anjo da guarda (1)

##### **E**

Eterna saudade de sua esposa (1)

##### **R**

R.I.P (1)

## S

Saudade de sua esposa filha e genro (1)  
 Saudade de sua esposa filhos genros e netos (1)  
 Saudades de seu esposo e filhos (1)  
 Saudades de seu esposo filhos noras e genros (1)  
 Saudades de seus familiares (1)  
 Saudades de seus filhos noras e genros (1)  
 Saudades de seus paes (1)  
 Saudades de sua esposa e família (1)  
 Saudades de sua esposa e mãe (1)  
 Saudades de sua família (1)  
 Sonno eterno (1)

## De 1943 a 1970

## D

Descance em paz (1)  
 Descanse em paz (2)  
 Dorme para sempre (2)

## E

Eterna saudade de seus pais e irmãos (1)  
 Eterna saudade de sua família (1)  
 Eterna saudades (1)  
 Eterna saudades de seu esposo e filhos (1)  
 Eterna saudades de seus paes, irmãos e sua filha (1)

## P

Preito de gratidão (1)

## **R**

Restos mortais (1)

## **S**

Saudade de seu esposo e filhos (1)

Saudade de seu espôso e filhos (1)

Saudade de seu esposo filhos genros noras netos e bisnetos (1)

Saudade de seus familiares (5)

Saudade de seus pais e irmãos (1)

Saudade de sua espôsa – filhos – filhas – netos – genros e nóras (1)

Saudade de sua esposa e família (1)

Saudade de sua espôsa e filhos (1)

Saudade de sua esposa e filhos (3)

Saudade de sua esposa e netos (1)

Saudade dos familiares (2)

Saudades da família (1)

Saudades de esposa e filhos (1)

Saudades de filhos parentes e amigos (1)

Saudades de seu esposo filhos genros noras e netos (1)

Saudades de seu esposo filhos pais e família (1)

Saudades de seus familiares (23)

Saudades de seus filhos (1)

Saudades de seus netos, sobrinhos, irmãos, mãe, esposa e filhos (1)

Saudades de seus paes (1)

Saudades de seus paes avós e tios (1)

Saudades de seus paes e irmãos (1)

Saudades de seus paes irmãos e amigos (1)

Saudades de seus pais (1)

Saudades de sua esposa (1)

Saudades de sua esposa e família (1)

Saudades de sua esposa e pae (1)

Saudades de sua esposa, filhos, irmãos, parentes e amigos (1)

Saudades de sua mãe e esposa (1)

Sono eterno (1)

### **De 1971 a 2008**

#### **A**

Anjo da guarda (12)

Anjos da guarda (4)

#### **C**

Carne repousara segura (1)

#### **D**

Descança em paz (4)

Descança na paz de Deus (1)

Descansa em paz (2)

Descanse em paz (2)

#### **E**

Eterna saudade (1)

Eterna saudade de seus familiares (8)

Eterna saudade de seus familiares e amigos (1)

Eterna saudades (2)

Eterna saudades dos familiares (2)

Eternas saudades de esposo, filhos, noras e netos (1)

#### **P**

Paz celestial (2)

## R

R.I.P. (1)

Restos mortais (2)

## S

Saudade da família (6)

Saudade de esposa mãe e filhos (1)

Saudade de esposa, filhos e família (1)

Saudade de pais, irmãos, esposa e filhos (1)

Saudade de seu esposo e filhos (1)

Saudade de seu pae e irmãos (1)

Saudade de seus familiares (23)

Saudade de seus familiares e amigos (2)

Saudade de seus filhos, esposa, irmãos, parentes e amigos (1)

Saudade de seus pais irmãos e sobrinhos (1)

Saudade de seus pais, avós e irmãos (1)

Saudade de sua esposa e filhas (1)

Saudade de sua esposa e filhos (1)

Saudade de sua esposa mãe filhos genros e netos (1)

Saudade de sua esposa, filhas, genros e netos (1)

Saudade de sua esposa, filhos e família (1)

Saudade de sua espôsa, filhos, genros, noras, netos e bisnetos (1)

Saudade de sua esposa, filhos, netos, nora, genros e demais parentes (1)

Saudade de sua família (1)

Saudade de sua família (2)

Saudade dos familiares (16)

Saudade dos familiares e amigos (1)

Saudade eterna de amigos e familiares (1)

Saudades da espôsa (1)

Saudades da esposa, filhos e netos (1)

Saudades da esposa, filhos, netos, bisnetos, parentes e amigos (1)

Saudades da esposa, filhos, noras, netos, parentes, amigos, funcionários e companheiros de luta (1)

Saudades da família (2)

Saudades da familia (6)

Saudades de esposa e filhos (1)

Saudades de esposa filhos e familiares (1)

Saudades de esposa, filhas, genros e netos (1)

Saudades de esposa, filhas, netos, parentes e amigos (1)

Saudades de filhos parentes e amigos (1)

Saudades de seu esposo e filhos (1)

Saudades de seus familiares (147)

Saudades de seus familiares e amigos (8)

Saudades de seus filhos (1)

Saudades de seus filhos e espôsa (1)

Saudades de seus filhos e netos (1)

Saudades de seus filhos, genros, noras e netos (1)

Saudades de seus filhos, genros, noras, netos e bisnetos (1)

Saudades de seus filhos, genros, noras, netos e bisnetos (1)

Saudades de seus filhos, noras, genro, netos, bisnetos e amigos (1)

Saudades de seus paes e noiva (1)

Saudades de seus pais e familiares (2)

Saudades de seus pais e irmãos (1)

Saudades de sua esposa e familiares (1)

Saudades de sua espôsa e filhas (1)

Saudades de sua esposa filhos e netos (1)

Saudades de sua esposa, filhos, genros, noras e netos (1)

Saudades de sua esposa, filhos, nora, genros, netos e demais parentes (1)

Saudades de sua esposa, filhos, noras, genro, netos e bisnetos (2)

Saudades de sua esposa, irmãos, sobrinhos e familiares (1)

Saudades de sua familia (2)

Saudades de sua filha e netos (1)

Saudades de suas filhas (1)

Saudades de suas filhas, genros e netos (1)

Saudades de suas irmãs (1)  
Saudades do espôso, filhos, netos e bisnetos (1)  
Saudades dos familiares (16)  
Saudades dos irmãos e filhos (1)  
Saudades dos pais e família (1)  
Saudades dos pais, irmãos e familiares (1)  
Saudades dos pais, manos, amigos e familiares (1)  
Saudades eterna dos familiares (1)  
Saudades eternas (2)  
Saudades eternas de seus familiares (2)  
Saudades eternas de seus familiares e amigos (1)  
Saudades por toda a vida de mãe, pai, irmãs, avós e familiares (1)

**V**

Vela teu sono (1)  
Vida eterna (4)

**De 2009 em diante****A**

Adormecer em paz (1)  
Anjo da guarda (4)  
Anjos da guarda (1)

**D**

Descanse em paz (3)

**E**

Eternas saudades (2)

**J**

Jesus Cristo (1)

**P**

Paz celestial (1)

**S**

Saudade da família (1)

Saudade de esposa, filhos, netos, noras, genros, bisneta, parentes, e amigos (1)

Saudade de seu pai, mãe, irmã, esposa, filhas, sobrinhos, demais familiares e amigos (1)

Saudade de seus familiares (8)

Saudade de seus familiares e amigos (1)

Saudade de seus filhos, netos, genro e noras (1)

Saudade de sua esposa e filho (1)

Saudade eterna de seus familiares e amigos (1)

Saudade eterna em nossos corações (1)

Saudades de seus familiares (19)

Saudades de seus familiares e amigos (4)

Saudades de seus filhos, netos e familiares (1)

Saudades de seus filhos, noras, genros, netos, bisnetos e amigos (2)

Saudades de todos os seus familiares (1)

Saudades de todos os seus familiares e amigos (1)

Saudades dos familiares (1)

Saudades eterna de sua esposa, filhos, netos, bisnetos, genro, noras, irmãos, familiares e amigos (1)

Saudades eternas (1)

Saudades eternas de seus familiares (1)

Saudades eternas de seus familiares e amigos (4)

Saudades eternas de seus familiares, filhos e netos (1)

Saudades eternas de seus filhos, esposo e familiares (1)

Saudades eternas de sua esposa, filhos, genros, noras, netos bisnetos, familiares e amigos (1)

Saudades eternas de sua filha, seu neto e familiares (1)

Saudades eternas seus familiares (1)

Saudades familiares, parente e amigos (1)

### 3.4.1.2 Índice de frequência e ocorrência de expressões em Ipameri

#### Até 1930

#### E

Eternas saudades de sua esposa e filhos (1)

#### N

Não choreis por mim (1)

#### O

Orae por elle (1)

#### P

Paz a sua alma (1)

#### R

Recordações eternas de seu inconsolavel esposo (1)

Restos mortaes (3)

Restos mortais (1)

Rogae a Deus pela alma (1)

#### S

Saudade de seus paes (1)

Saudades de seu esposo e filhos (1)

Saudades de seus filhos (1)

Saudades de seus paes (1)

Saudades de seus pais (2)

## V

Virtude christã (1)

## De 1931 a 1942

## D

Doloroso preito de seus filhos (1)

## E

Eterna saudade de seus filhos netos e bisnetos (1)

Eterna saudades de suas filhas genros e nettos (1)

## R

Repousa em silêncio de Deus (1)

Restos mortaes (1)

## S

Saudades de seu esposo e filhos (1)

Saudades de seus filhos genro e netos (1)

Saudades de sua esposa e filhos (1)

## De 1943 a 1970

## D

Descanse em paz (1)

## **E**

Eterna saudade (1)

Eterna saudades de seus filhos (2)

Eternas saudades de seus familiares (1)

Eternas saudades de seus filhos (1)

## **L**

Luz eterna (1)

## **O**

Orai por êle (2)

## **R**

Recordações de seus familiares (2)

Restos mortais (1)

Rogai por eles (1)

## **S**

Saudade de seus familiares (7)

Saudade de seus filhos genros noras e netos (1)

Saudade de seus filhos, noras, genros e netos (1)

Saudade de sua esposa e filhos (1)

Saudade de suas filhas, neta, irmãos (1)

Saudade dos filhos e parentes (1)

Saudade dos filhos, nora e netos (1)

Saudade seus filhos noras e netos (1)

Saudades da esposa, filhos e genros (1)  
Saudades de parentes e amigos (1)  
Saudades de seus familiares (9)  
Saudades de seus filhos (1)  
Saudades de seus filhos e netos (3)  
Saudades de seus paes e família (1)  
Saudades de seus paes e irmãos (1)  
Saudades de seus pais e irmãos (3)  
Saudades de seus parentes (1)  
Saudades de sua esposa e filhos (2)  
Saudades de sua esposa filhos e genro (1)  
Saudades de sua esposa, filhos, genros, noras e netos (1)  
Saudades dos filhos e familiares (1)  
Saudades dos filhos, nora e netos (1)  
Saudades eternas (1)  
Saudades eternas de seus filhos, genro, noras, netos e bisnetos (1)  
Sono eterno (1)

## T

Tributo de saudade de seus filhos e netos (1)

## De 1971 a 2008

## A

Adormecer em paz (1)  
Anjo da guarda (9)  
Anjo protetor (1)  
Avó materna (1)

## C

Cabelos brancos (1)

Campo santo (1)

## D

Descance em paz (1)

Descanço eterno (1)

Descansa em paz (1)

Descanse em paz (5)

Descanso eterno (2)

## E

Entes queridos (2)

Eterna saudade (3)

Eterna saudade de esposa, filhos, netos, genros, nora, familiares e amigos (1)

Eterna saudade de esposo e seus familiares (1)

Eterna saudade de esposo, filhos, pais, amigos e irmãos (1)

Eterna saudade de filhos, netos, bisnetos, noras e familiares (1)

Eterna saudade de seus familiares (10)

Eterna saudade de seus familiares e amigos (2)

Eterna saudade de seus filhos (1)

Eterna saudade de seus filhos e demais familiares e amigos (1)

Eterna saudade de seus filhos, netos e bisnetos (1)

Eterna saudade de seus pais, irmãos, familiares e amigos (1)

Eterna saudades (2)

Eterna saudades de seu esposo, filhos, genros, noras, netos, irmãos, sobrinhos, cunhados e tios (1)

Eterna saudades de seus familiares (3)

Eterna saudades de seus familiares e amigos (1)

Eterna saudades dos familiares (1)

Eterna saudades (1)

Eternas saudades (3)

Eternas saudades de espôso, filhos, noras, genros, netos e irmãos (1)

Eternas saudades de seus familiares (1)

**J**

Jesus Cristo (5)

**O**

Orai por eles (1)

Orai por mim (1)

**P**

Pai nosso (1)

**R**

Reino dos céus (3)

Repouso eterno (4)

Restos mortais (1)

**S**

Saldades de sua família (1)

Saldades eterna (1)

Saudade da família (1)

Saudade de esposa, familiares e amigos (1)

Saudade de esposa, filhos e irmãos (1)

Saudade de esposa, filhos, genros, noras e netos (1)

Saudade de esposa, filhos, netos e genro (1)

Saudade de esposa, filhos, noras, netos e bisnetos (1)

Saudade de esposo e familiares (1)

Saudade de esposo, filhos e netos (1)

Saudade de esposo, filhos, netos e bisnetos (1)

Saudade de eterno familiares (1)

Saudade de familiares e amigos (4)  
Saudade de filha, irmãos, familiares (1)  
Saudade de filhas, genros e netos (1)  
Saudade de filhos, genros, noras, netos e bisnetos (1)  
Saudade de filhos, noras, genros, netos e bisnetos (1)  
Saudade de pais, irmãos, familiares e amigos (1)  
Saudade de seu esposo filhos genros e noras (1)  
Saudade de seus familiares (77)  
Saudade de seus familiares e amigos (4)  
Saudade de seus filhos e familiares (1)  
Saudade de seus filhos, genros, netos e amigos (1)  
Saudade de seus filhos, genros, noras e netos (1)  
Saudade de seus filhos, noras e netos (1)  
Saudade de seus pais, irmãos e filhos (1)  
Saudade de seus pais, irmãos e sobrinhos (1)  
Saudade de seus pais, irmãos, cunhados, sobrinhos e demais parentes (1)  
Saudade de seus pais, seu mano, tios, avós e primos (1)  
Saudade de sua esposa filhos genros noras e netos (1)  
Saudade de sua esposa filhos noras genros e netos (1)  
Saudade de sua esposa, filhas, pais, parentes e amigos (1)  
Saudade de sua esposa, filhos e familiares (1)  
Saudade de sua esposa, filhos, genros e netos (1)  
Saudade de sua esposa, filhos, genros, nora e netos (1)  
Saudade de sua esposa, filhos, genros, nora, netos e demais parentes (1)  
Saudade de sua esposa, filhos, netos e irmãos (1)  
Saudade de sua esposa, filhos, nora, genro, netos, irmãos, sobrinhos e amigos (1)  
Saudade de sua mãe e irmã (1)  
Saudade do esposo e filhos (1)  
Saudade do filho, irmão, pai e familiares (1)  
Saudade dos amigos (1)  
Saudade dos familiares (7)  
Saudade dos familiares e amigos (2)  
Saudade dos filhos, nora e netos (1)  
Saudade dos seus familiares (1)

Saudade eterna (2)

Saudade eterna de seus familiares e amigos (1)

Saudade eterna dos familiares (1)

Saudade sua esposa, genro noras e netos filhos (1)

Saudades da esposa e filhos (1)

Saudades da esposa filhos e netos (1)

Saudades da esposa, filha, familiares e amigos (1)

Saudades da espôsa, filhos e familiares (1)

Saudades da esposa, filhos, genros, nora, netos e bisnetos (1)

Saudades da esposa, filhos, netos, genro, nora, parentes e amigos (1)

Saudades da esposa, parentes e amigos (1)

Saudades da família (1)

Saudades da sobrinha (1)

Saudades de esposa filhos e parentes (1)

Saudades de esposa, filhos e genro (1)

Saudades de esposa, filhos, familiares e amigos (1)

Saudades de esposa, filhos, mãe irmãs e sobrinhos (1)

Saudades de esposa, filhos, netos, familiares e amigos (1)

Saudades de esposa, filhos, netos, genro, nora, mãe, irmãos e amigos (1)

Saudades de esposo filhos e netos (1)

Saudades de esposo, filhos e familiares (1)

Saudades de esposo, filhos e netos (1)

Saudades de familiares (1)

Saudades de filhos e netos (1)

Saudades de filhos genros noras netos e bisnetos (1)

Saudades de filhos netos bisnetos genros e noras (1)

Saudades de filhos, esposa e netos (1)

Saudades de filhos, genro, noras, netos e bisnetos (1)

Saudades de filhos, genros e netos (1)

Saudades de filhos, noras e netos (1)

Saudades de irmãos cunhados e sobrinhos (1)

Saudades de irmãos, filhos, netos e bisnetos (1)

Saudades de pais, filhos, irmãs e familiares (1)

Saudades de parentes e amigos (1)

Saudades de seu esposo filhos e netos (1)  
Saudades de seu esposo, filhos, genros, noras e netos (1)  
Saudades de seu esposo, filhos, genros, noras, netos e bisnetos (1)  
Saudades de seu filho (1)  
Saudades de seus entes queridos (1)  
Saudades de seus familiares (3)  
Saudades de seus familiares (146)  
Saudades de seus familiares e amigos (21)  
Saudades de seus familiares filhos e amigos (1)  
Saudades de seus filhos (2)  
Saudades de seus filhos e família (1)  
Saudades de seus filhos e familiares (3)  
Saudades de seus filhos e netos (3)  
Saudades de seus filhos netos e bisnetos (1)  
Saudades de seus filhos, amigos, netos, genro, noras (1)  
Saudades de seus filhos, familiares e amigos (2)  
Saudades de seus filhos, genros e esposo (1)  
Saudades de seus filhos, genros, noras, netos e bisnetos (1)  
Saudades de seus filhos, genros, noras, netos e familiares (1)  
Saudades de seus filhos, netos e amigos (2)  
Saudades de seus filhos, netos, bisnetos e toda a familiares (1)  
Saudades de seus filhos, noras e amigos (1)  
Saudades de seus filhos, noras, netos e sobrinhos (1)  
Saudades de seus pais e irmãos (1)  
Saudades de seus pais parentes e amigos (1)  
Saudades de seus pais, avós, tios, primos, amigos e irmã (1)  
Saudades de seus pais, irmãos e amigos (1)  
Saudades de seus pais, irmãos e familiares (1)  
Saudades de seus pais, irmãos, cunhada e sobrinhos (1)  
Saudades de seus pais, irmãs, avó, sobrinhos, primos e madrinha (1)  
Saudades de seus sobrinhos e irmãos (1)  
Saudades de sua esposa e familiares (1)  
Saudades de sua esposa filhos nora e netos (1)  
Saudades de sua esposa filhos, mãe e irmãos (1)

Saudades de sua esposa, filha e neta (1)  
Saudades de sua esposa, filhos e netos (1)  
Saudades de sua esposa, filhos e netos (3)  
Saudades de sua esposa, filhos, familiares e amigos (1)  
Saudades de sua esposa, filhos, genros, noras, netos (1)  
Saudades de sua esposa, filhos, genros, noras, netos e bisnetos (2)  
Saudades de sua esposa, filhos, netos e noras (1)  
Saudades de sua esposa, filhos, netos, parentes e amigos (1)  
Saudades de sua família (1)  
Saudades de sua família (1)  
Saudades de sua família e amigos (1)  
Saudades de sua família, namorada e amigos (1)  
Saudades de sua mãe, irmãs, filhos, esposa e família (1)  
Saudades de sua mãe, pai, irmão filho, tios e amigos (1)  
Saudades de sua namorada e familiares (1)  
Saudades de sua sobrinha (1)  
Saudades de suas irmãs, cunhados, sobrinhos e amigos (1)  
Saudades de todos (1)  
Saudades de todos familiares e amigos (1)  
Saudades do esposo, filhos, netos, bisnetos, parentes e amigos (1)  
Saudades do esposo, filhos, netos, parentes e amigos (1)  
Saudades dos familiares (8)  
Saudades dos familiares e amigos (4)  
Saudades dos familiares, parentes e amigos (1)  
Saudades dos filhos e familiares (1)  
Saudades dos filhos e netos (1)  
Saudades dos filhos, noras, genros, netos, bisnetos, tataranetos e familiares (1)  
Saudades dos pais e manos (1)  
Saudades dos pais irmãos familiares e amigos (1)  
Saudades dos pais, irmãos, padrinhos e familiares (1)  
Saudades dos pais, irmãos, parentes e amigos (1)  
Saudades dos seus familiares (6)  
Saudades dos seus filhos e netos (1)  
Saudades eterna (1)

Saudades eterna de seus filhos, netos e bisnetos (1)

Saudades eternas de filhos e netos (1)

Saudades eternas de seus familiares e amigos (1)

Saudades eternas de seus filhos, genros, noras, netos e bisnetos (1)

Saudades eternas filhos, esposo, netos, noras, genro, amigos e demais irmãos (1)

Saudades infinita de familiares, esposa, filhos e netos (1)

Saudades infinita de seus familiares e amigos (1)

## V

Vida eterna (5)

## De 2009 em diante

## A

Adormecer em paz (2)

Anjo da guarda (1)

Anjos da guarda (1)

## C

Cristo Jesus (1)

## D

Descanse em paz (6)

Descanso eterno (1)

## E

Entes queridos (1)

Eterna saudade (1)

Eterna saudades de seus familiares (2)

Eternas saudades de sua mãe, pai, irmão, familiares e amigos (1)

Eterno descanso (1)

## **J**

Jesus Cristo (1)

## **M**

Matar a saudade (1)

## **P**

Paz celestial (1)

## **R**

Repousem em paz (1)

## **S**

Saudade da esposa, filhos e netos (1)

Saudade de esposa, filhos, irmãos e sobrinhos (1)

Saudade de familiares e amigos (1)

Saudade de filhos e amigos (1)

Saudade de seu esposo e filha (1)

Saudade de seu esposo, filhos e familiares (1)

Saudade de seus familiares (17)

Saudade de seus familiares e amigos (2)

Saudade de seus pais, irmãos, esposa, filhas e familiares (1)

Saudade de seus pais, irmãos, filhos e sobrinhos (1)

Saudade de sua esposa, filhos, netos, familiares (1)

Saudade dos familiares (1)

Saudade dos familiares e amigos (1)

Saudades da esposa filhos, parentes, e amigos (1)  
Saudades da esposa, filha e familiares (1)  
Saudades de esposa e filhos (1)  
Saudades de esposo filhos netos familiares e amigos (1)  
Saudades de familiares e amigos (2)  
Saudades de parentes e amigos (1)  
Saudades de seu esposo, filhos, noras, netos e genros (1)  
Saudades de seu pai, sua irmã, seus familiares e amigos (1)  
Saudades de seus entes queridos e amigos (1)  
Saudades de seus familiares (28)  
Saudades de seus familiares e amigos (14)  
Saudades de seus familiares que te ama muito (1)  
Saudades de seus filhos, esposa, genros, noras, netos e bisnetos (1)  
Saudades de seus filhos, netos e bisnetos (1)  
Saudades de seus filhos, noras, genros e netos (1)  
Saudades de sua esposa, familiares e amigos (1)  
Saudades de sua esposa, filhos, filhas e familiares (1)  
Saudades de sua esposa, filhos, netos, parentes e amigos (1)  
Saudades de sua irmã, esposo, filhos, parentes e amigos (1)  
Saudades de sua mãe, esposa, filha, netos, irmãos, familiares e amigos (1)  
Saudades de suas filhas, genros, netos, mãe e irmãos (1)  
Saudades de suas filhas, netos(as), genro, irmãs, sobrinhos(as), amigos e familiares (1)  
Saudades de seu pai, mãe, irmão, irmãs, familiares e amigos (1)  
Saudades do esposo, filhos, parentes e amigos (1)  
Saudades dos filhos e netos (1)  
Saudades dos filhos, genros, noras, netos, bisnetos (1)  
Saudades eternas (4)  
Saudades eternas de seus filhos, noras, genros, netos, familiares e amigos (1)  
Saudades eternas de sua família e amigos (1)  
Saudades familiares e amigos (1)  
Sono eterno (1)

Vida eterna (1)

### 3.4.1.3 Índice de frequência e ocorrência de expressões em Santa Cruz de Goiás

#### Até 1930

##### L

Lembrança de seus filhos (1)

Lembrança de seus paes e irmãos (1)

##### O

Orae elle (1)

##### R

Restos mortaes (7)

##### S

Saudade de sua esposa (1)

Saudade de sua esposa e filhos (1)

Saudades de seu esposo e filhos (1)

Saudades de seus paes (1)

Saudades de sua esposa e filhos (1)

#### De 1931 a 1942

##### E

Eterna saudades de sua filha e netos (1)

##### L

Lembrança de seu filho (1)

**P**

Paz a sua alma (1)

**R**

Restos mortaes (5)

**S**

Saudades de seu esposo e filhos (1)

Saudades de seu esposo filhos genros e netos (1)

Saudades de seus filhos genros e netos (1)

Saudades de sua esposa filhos e genros (1)

Saudades de sua esposa filhos e netos (1)

**De 1943 a 1970**

**E**

Eterna saudade de sua família (1)

**O**

Orai por ele (1)

Orai por eles (1)

Orai por nós (2)

**P**

Paz a sua alma (2)

**R**

Restos mortais (3)

**S**

Saudade de seus familiares (2)

Saudade de seus filhos e netos (1)

Saudade de seus filhos, netos e familiares (1)

Saudade sua esposa e filhos (1)

Saudades de seu esposo e filhos (1)

Saudades de seus familiares (1)

Saudades de seus filhos (1)

Saudades de seus filhos e netos (1)

Saudades de seus paes e avós (1)

Saudades de seus pais (1)

Saudades de sua esposa e filhos (1)

Saudades de sua esposa filhos genros e netos (1)

**De 1971 a 2008****E**

Eterna saudade de seus familiares (1)

Eterna saudade de seus familiares e amigos (1)

Eterna saudades (1)

Eterna saudades de seus familiares (2)

**O**

Orai por ele (1)

**P**

Perda irreparável (2)

## R

Restos mortais (1)

## S

Santa Cruz de Goiaz (1)

Saudade de seus familiares (17)

Saudade de seus sobrinhos e familiares (1)

Saudade dos familiares (4)

Saudade dos familiares e amigos (1)

Saudade eterna (1)

Saudades de meus irmãos sobrinho e amigos (1)

Saudades de seu esposo familiares e amigos (1)

Saudades de seus familiares (13)

Saudades de seus familiares e amigos (1)

Saudades de seus filhos e netos (1)

Saudades de sua família (1)

Saudades dos familiares (5)

Saudades dos familiares e amigos (1)

Saudades dos parentes e amigos (1)

Saudades dos seus familiares (1)

## U

Uma prece a sua alma (1)

**De 2009 em diante**

## L

Lição de vida (1)

## S

Saudade da esposa, filhos e familiares (1)

Saudade de pais filhos e familiares (1)

Saudade de seus familiares (7)

Saudade eterna (1)

Saudades de familiares (1)

Saudades de seus familiares (9)

Saudades de seus familiares e amigos (5)

Saudades eternas de seus pais, filhos, irmãos, avós, tios, primos e amigos (1)

### 3.4.1.4 Índice de frequência e ocorrência de expressões em Silvânia

#### Até 1930

## E

Eterna saudade (1)

Eterna saudades de sua esposa e filhos (1)

Eterna veneração e saudade de sua esposa e filha (1)

Eternas saudades (1)

## L

Lembrança de seus pais e irmãos (1)

## O

Orae por elle (1)

## R

Restos mortaes (5)

## S

Saudade eterna de seu esposo e filhos (1)

Saudade eterna de seus filhos (3)

Saudade eterna de seus filhos e netos (1)

Saudades de seus paes (1)

Saudades de sua família (1)

Saudades eterna de seu esposo e filhos (1)

Saudades eternas de sua esposa e filhas (1)

Saudades eternas de sua esposa e filhos (1)

Saudosa lembrança de sua esposa e filhos (1)

Somno eterno (1)

## T

Terna saudade de seus paes (1)

Tributo de amor filial (2)

## De 1931 a 1942

## A

Alma acrisolada (1)

## E

Eterna saudade de seu esposo e filhos (1)

Eterna saudade de seus paes e irmãos (1)

## O

Orae por Ella (1)

**S**

- Saudade de sua esposa e filhos (2)
- Saudade de sua esposa filhos paes e irmãos (1)
- Saudades de seus filhos genros noras e netos (1)
- Saudades de sua esposa e filhos (1)
- Saudades de sua esposa filhos e netos (1)
- Saudades de sua esposa filhos genros noras e netos (1)

**V**

- Vida cristã (1)

**De 1943 a 1970****A**

- Alegrias eternas (1)

**A**

- Descansa na paz de Deus (1)

**E**

- Eterna gratidão de sua filha (1)
- Eterna saudade de seus familiares (1)
- Eterna saudade de sua esposa (2)
- Eterna saudade de sua espôsa, filhos e netos (1)
- Eterna saudade de sua esposa, filhos, noras, genro, netos e irmão (1)

**O**

Orai por ele (2)

Orai por eles (1)

## **P**

Preito de eterna saudade e sincera gratidão de sua esposa e filhos (1)

## **R**

Restos mortais (1)

## **S**

Saudade de seu espôso filhos e parentes (1)

Saudade de seus filhos e netos (1)

Saudade de sua esposa e filhos (1)

Saudade de sua esposa filhos genros nora e netos (1)

Saudade de sua família (1)

Saudade de suas irmãs e sobrinhos (1)

Saudade dos seus (1)

Saudade eterna de seus filhos e netos (1)

Saudades de esposa, filhos e netos (1)

Saudades de seu espôso e familiares (1)

Saudades de seu filho nora e netos (1)

Saudades de seus familiares (3)

Saudades de seus filhos, genros e netos (1)

Saudades de seus irmãos sobrinhos cunhados e enteados (1)

Saudades de sua esposa e família (1)

Saudades de sua espôsa e filhos (1)

Saudades de sua esposa e irmãos (1)

Saudades de sua esposa, filhos genros, noras e netos (1)

Saudades de sua família (1)

Saudades de suas filhas, genros e netos (1)

**De 1971 a 2008****A**

Amor eterno (1)

**D**

Descança na paz de Deus (1)

Descansa em paz (1)

Descansar em paz (1)

Descanso eterno (2)

Descansam em paz (1)

**E**

Entes queridos (1)

Eterna saudade de esposa e filhos (2)

Eterna saudade de seus familiares (4)

Eterna saudades (1)

Eterna saudades de seus familiares (3)

Eternas saudades de seus familiares (2)

**I**

Ide em paz (1)

Imorredora saudade e eterna recordação de sua mãe e irmãos (1)

**M**

Mundo espiritual (1)

**O**

Orai por ele (1)

**P**

Paz celestial (2)

**R**

Repouso eterno (1)

Rogai por nós (1)

**S**

Saudade de amigos e familiares (1)

Saudade de esposa e filhos (1)

Saudade de esposa filha, familiares e amigos (1)

Saudade de esposa, filhos e familiares (3)

Saudade de esposa, filhos, netos e parentes (1)

Saudade de esposo, filhas e familiares (1)

Saudade de familiares (1)

Saudade de familiares e amigos (2)

Saudade de filhos genros noras e netos (1)

Saudade de seu esposo, filhos genro, noras, netos e parentes (1)

Saudade de seus familiares (53)

Saudade de seus familiares e amigos (1)

Saudade de seus filhos e familiares (1)

Saudade de seus filhos, netos, parentes e amigos (1)

Saudade de seus irmãos, sobrinhos e amigos (1)

Saudade de seus pais, irmãos, cunhados e parentes (1)

Saudade de sua esposa familiares e amigos (1)

Saudade de sua família (1)

Saudade dos familiares e amigos (1)

Saudade dos seus familiares (2)

Saudade eterna (1)

Saudade eterna de familiares e amigos (1)  
Saudade eterna de seus familiares (4)  
Saudade eterna de seus familiares e amigos (2)  
Saudade eterna de sua esposa e filho (1)  
Saudade eterna de sua esposa, filhos, noras, genros, netos e amigos (1)  
Saudade eterna de sua família (3)  
Saudades até o paraíso (1)  
Saudades de esposa e filhos (2)  
Saudades de esposa, filho e neto (1)  
Saudades de esposa, familiares e amigos (1)  
Saudades de esposa, filhos, amigos e familiares (1)  
Saudades de esposa, filhos, netos e bisnetos (1)  
Saudades de esposa, filhos, netos e familiares (2)  
Saudades de esposa, filhos, netos, bisnetos, e familiares (3)  
Saudades de familiares e amigos (6)  
Saudades de filhos e genros (1)  
Saudades de filhos e netos (1)  
Saudades de filhos, netos, bisnetos e amigos (1)  
Saudades de filhos, netos, parentes e amigos (1)  
Saudades de parentes e amigos (3)  
Saudades de seu esposo, filha, genro e netos (1)  
Saudades de seu esposo, filhos e familiares (1)  
Saudades de seu esposo, filhos e netos (1)  
Saudades de seu filho e familiares (1)  
Saudades de seus amigos e familiares (2)  
Saudades de seus entes queridos (1)  
Saudades de seus familiares (138)  
Saudades de seus familiares (8)  
Saudades de seus familiares e amigos (5)  
Saudades de seus familiares, filhos, nora, genro e netos (1)  
Saudades de seus filhos, esposa e netos (1)  
Saudades de seus filhos, genro, nora, netos e bisnetos (1)  
Saudades de seus filhos, genros, noras, netos e bisnetos (1)  
Saudades de seus filhos, netos e bisnetos (1)

Saudades de seus pais e irmãos (1)  
 Saudades de seus pais, esposa, filhas, irmãos, familiares e amigos (1)  
 Saudades de seus pais, irmãos, parentes e amigos (1)  
 Saudades de sua esposa (1)  
 Saudades de sua esposa e familiares (1)  
 Saudades de sua esposa e filhos (3)  
 Saudades de sua esposa filhos genros, noras e netos (1)  
 Saudades de sua esposa, filhos, netos, noras e parentes (1)  
 Saudades de sua esposa, filhos, netos, parentes e amigos (1)  
 Saudades de sua esposa, filhos, parentes e amigos (1)  
 Saudades de sua mãe, irmãos, familiares e amigos (2)  
 Saudades do esposo, filha, parentes e amigos (1)  
 Saudades do esposo, filhos e netos (2)  
 Saudades dos familiares (2)  
 Saudades dos familiares e amigos (1)  
 Saudades dos irmãos filhos, netos, bisnetos, familiares e amigos (1)  
 Saudades dos pais filhos esposa irmãos parentes e amigos (1)  
 Saudades dos pais, irmão, avós e toda família (1)  
 Saudades dos parentes e amigos (1)  
 Saudades eterna (1)  
 Saudades eterna de esposo, filhos, netos e amigos (1)  
 Saudades eterna de familiares e amigos (1)  
 Saudades eterna de seus familiares esposa, filhos, noras e netos (1)  
 Saudades eternas (1)  
 Saudades eternas de seus familiares (1)  
 Saudades eternas de seus familiares e amigos (1)  
 Saudades eternas de sua esposa e filhos (1)  
 Saudades imensas da sua esposa, filhos, amigos e parentes (1)  
 Saudades seus familiares (1)  
 Saudades, pais, parente e amigos (1)

## V

Vida eterna (2)

**De 2009 em diante****D**

Descansa em paz (1)

Descanse em paz (2)

**E**

Eternas saudades de seus familiares (2)

**S**

Saudade de familiares e amigos (1)

Saudade de seus familiares (20)

Saudade de seus parentes e amigos (1)

Saudade de sua esposa e filhos (1)

Saudade eterna (1)

Saudade eterna de seus familiares (2)

Saudades da esposa e familiares (1)

Saudades da família (1)

Saudades de esposa, filhos, familiares e amigos (1)

Saudades de esposo, filhos, familiares e amigos (1)

Saudades de esposo, filhos, netos, parentes e amigos (1)

Saudades de seu esposo, familiares e amigos (1)

Saudades de seu esposo, filhos, netos e amigos (1)

Saudades de seus familiares (34)

Saudades de seus familiares e amigos (12)

Saudades de seus irmãos e familiares (1)

Saudades de seus pais, esposa, filhos, irmãos e amigos (1)

Saudades de seus pais, irmãos, parentes e amigos (1)

Saudades de sua esposa, filhos, irmãs, netos, genros, cunhados amigos e outros próximos (1)

Saudades de sua esposa, filhos, netos, genro, noras, familiares e amigos (1)

Saudades de sua mãe, irmãos, filho, parentes e amigos (1)

Saudades eterna de parentes e amigos (2)

Saudades eterna de seus familiares (2)

Saudades eternas (2)

Saudades eternas de seus familiares e amigos (1)

Saudades eternas de sua família e amigos (2)

### **3.5 Estudo lexical: a morte (e a vida) inscrita nas inscrições tumulares**

O léxico é uma espécie de “sistema aberto” que está sempre se renovando e, dessa forma, o sistema e suas possibilidades de uso se ampliam. Ele pode ser considerado um acervo da cultura de uma sociedade.

Todas as mudanças ocorridas no léxico são reflexo das transformações que atingem a sociedade e a cultura. Assim, as mudanças lexicais podem tanto incorporar quanto levar ao desuso ou ao desaparecimento completo de certos termos.

Biderman (2001, p. 179), ao tratar sobre o léxico, leva-nos ao entendimento de que do léxico como “patrimônio da comunidade linguística” porque,

na prática, são os usuários da língua – os falantes – aqueles que criam e conservam o vocabulário dessa língua. Ao atribuírem conotações particulares aos lexemas, nos usos do discurso, os indivíduos podem agir sobre a estrutura do Léxico, alterando as áreas de significação das palavras. É por isso que podemos afirmar que o indivíduo gera a Semântica as sua língua, particularmente os indivíduos mais criativos e de maior competência linguística como os escritores e poetas. Ao fim e ao cabo, o universo semântico se estrutura em torno de dois pólos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o Léxico.

Para Villalva e Silvestre (2014, p. 23), o léxico de uma língua é visto como “[...] uma entidade abstrata que se obtém por acumulação [...]”. Essa entidade armazena palavras de falantes de determinada comunidade, bem como pode adicionar outras palavras em uso por falantes da mesma língua ou de outras línguas. Há casos em que “[...] às palavras em uso na contemporaneidade, somam-se as que estiveram em uso em sincronias passadas, de que temos notícia pela documentação escrita e que, por vezes ressurgem”.

As construções conservadas da língua, convivendo com construções de uso atual, são chamadas de arcaísmos. Camara Jr. (2002) ressalta que em dado momento linguístico há a possibilidade de convivência de construções que refletem diferentes estágios da língua.

De acordo com Camara Jr. (2002, p. 58), arcaísmos são “vocábulos, formas ou construções frasais que saíram do uso na língua corrente e nela refletem fases anteriores nas quais eram vigentes”. O autor esclarece que é mais comum encontrar os arcaísmos na “língua literária, onde obras literárias antigas continuam a impor certos padrões estéticos” (CAMARA JR., 2002, p. 58-59).

Carlos Ceia, no E-Dicionário de Termos literários, o qual também coordena, conceitua o termo arcaísmo como Camara Jr. (2002), “palavra ou expressão que entrou em desuso numa língua”. O mesmo entendimento é tido por Houaiss e Villar (2010, p. 63), os quais ressaltam, também, que o termo arcaísmo pode significar “[...] uso ou tendência para usar palavras arcaicas”. Na visão de Dubois *et al.* (1993, p. 65, grifos no original),

*arcaísmo* é uma forma léxica ou uma construção sintática pertencente, numa sincronia, a um sistema desaparecido ou em via de desaparecimento. Num dado momento, numa comunidade lingüística, existem simultaneamente, segundo os grupos sociais e segundo as gerações, diversos sistemas lingüísticos. Em particular, existem formas que só pertencem aos locutores mais velhos; estas serão consideradas pelos locutores mais moços como arcaísmos em relação à norma comum.

Em estilística, o *arcaísmo* é o emprego de um termo pertencente a um estado de língua antigo e não mais usado na língua contemporânea [...].

Por conseguinte, podemos considerar as inscrições tumulares como as obras literárias antigas mencionadas por Camara Jr. (2002), pois apresentam construções frasais e vocábulos que a língua não mais utilizou e que, nesse sentido, foram deixados de lado, não sendo usados no atual estágio da língua. Há, também, aqueles que foram modificados e que continuam presentes na contemporaneidade da língua, o que demonstra que a mesma passou por diferentes estágios.

Coutinho (2011) exemplifica que podemos nos deparar com arcaísmos se consultarmos uma obra de em escritor antigo. Contudo, “os vocábulos não desaparecem de um momento para outro. Aliás, nenhum fenômeno lingüístico surge ou desaparece repentinamente. Nos idiomas, as mutações são sempre demoradas e lentas” (COUTINHO, 2011, p. 210).

Carvalho e Nascimento (1972) e Coutinho (2011) têm o mesmo entendimento quanto à velocidade das mutações da língua, tanto que fazem uma alusão às obras literárias antigas, fazendo uso da mesma citação, a qual é parte da introdução feita por Adolfo Coelho ao Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa de autoria do Pe. Domingos Vieira, apresentada a seguir:

Basta abrir, diz Adolfo Coelho, um monumento da nossa antiga literatura, comparar um trecho dum autor do século XIII, XIV ou XV com um trecho dum autor dos séculos seguintes para a cada passo vemos inovações e ao lado delas o desaparecimento de muitas particularidades antigas (CARVALHO; NASCIMENTO, 1972, p. 103; COUTINHO, 2011, p. 210).

Assim, como vimos, as transformações linguísticas estão sempre acontecendo, mas de forma lenta, o que pode passar despercebido para alguns usuários da língua.

Com relação aos significados, uma palavra pode ter vários significados diferentes dentro de um mesmo texto. É necessário observarmos como a palavra foi utilizada e quais outras palavras estão acompanhando-a para, assim, compreendermos o seu significado dentro do contexto de que está fazendo parte.

Nas inscrições tumulares, as palavras se congelam para a formação da memória, demonstrando o que a família e os amigos querem guardar em relação ao falecido, o que querem que seja perpetuado. Essa memória representa a eternização da importância do falecido ainda em vida.

Percebemos que o léxico presente nas inscrições tumulares é quase o mesmo em todos os períodos elencados. Esses períodos, os quais são os mesmos do estudo sobre normas ortográficas, foram utilizados também na parte do estudo lexical das expressões inventariadas, apenas para que pudéssemos observar se haveria discrepância no léxico presente nas inscrições tumulares dos municípios selecionados.

Desde o princípio da organização e seleção dos vocábulos, podemos perceber que são mínimas as variações lexicais nos períodos correspondentes, além de compreendermos que o léxico referente à morte está presente, mas em menor quantidade do que o que se refere à vida, provavelmente porque é esta que se quer lembrar e desta é que se tem saudades.

Neste estudo, levamos em consideração que a vida está registrada nas inscrições tumulares, ou seja, em um contexto onde a morte se manifesta. Para tanto, as inscrições tumulares evidenciam a falta que aquele que já morreu faz aos seus familiares e amigos. Aqueles que ficaram enaltecem o que partiu, demonstrando a importância deste em vida.

No cemitério, enquanto espaço cultural, há uma variação quanto ao fluxo vocabular. Neste espaço, o léxico tipifica o evento morte. Dessa forma, dependendo da palavra usada, torna-se evidente com que estamos lidando, o que ratifica o que defende Borba (2006, p. 91), “[...] o texto se especifica pelo léxico”.

Nesse sentido, passaremos ao estudo lexical das expressões inventariadas das inscrições tumulares coletadas, o qual possibilitará, de modo mais transparente, a presença da dicotomia vida e morte em tais inscrições.

### 3.5.1 Saudade eterna / eterna saudade

O substantivo “saudade” é a unidade linguística de maior recorrência nas inscrições tumulares coletadas. Tido por muitos como exclusivo da língua portuguesa, etimologicamente, deriva do latim *solitudo*, solidão, porém há os que entendem que sua etimologia venha da língua árabe, mas essa visão não tem obtido sucesso em sua defesa.

Em termos de definição, Aulete (1881) e Freire (1957) comungam da mesma ideia e, praticamente, definem “saudade” com as mesmas palavras<sup>9</sup>, como pode ser visto:

**SAUDADE**, s. f. [...]. Melancolia causada pela lembrança de um bem do qual se está privado; pesar, mágoa causada pela ausência de alguém ou do objeto querido; lembrança suave e ao mesmo tempo triste da pessoa que se nos tornara simpática || 2. *Fam.* Cumprimento familiar a uma pessoa ausente com que se exprime o apreço e amizade em que se tem essa pessoa (FREIRE, 1957, p. 4590, grifos do autor).

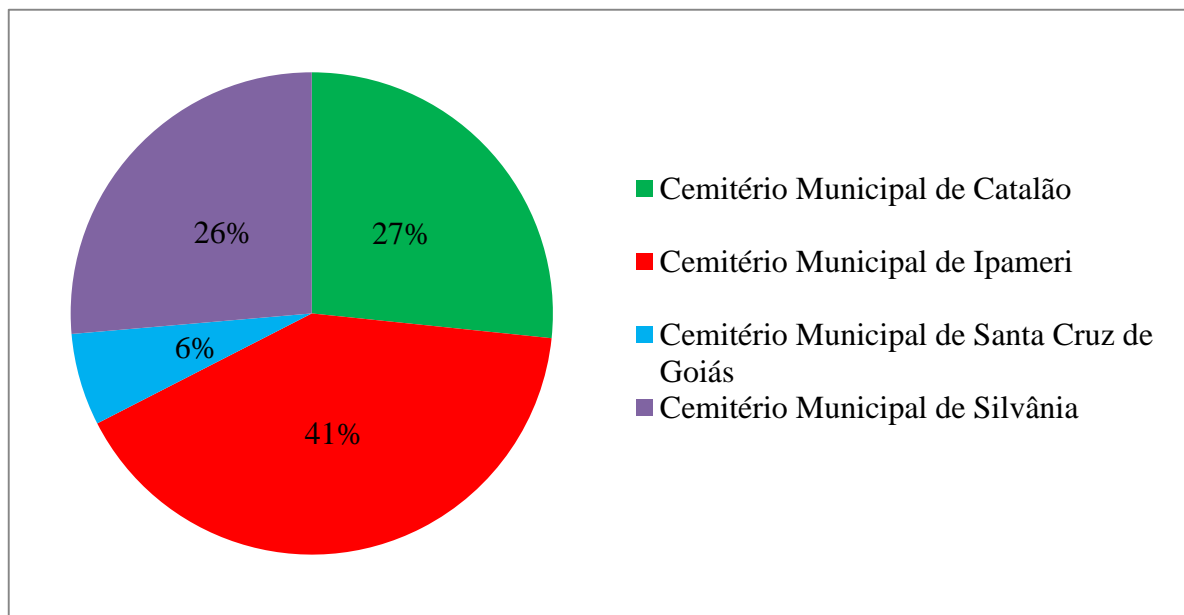
**Saudade** (ssa-u-dá-de), s. f. desejo de um bem do qual se está privado; pesar, mágoa causada pela ausência do objecto querido; lembrança suave e ao mesmo tempo; lembrança suave e ao mesmo tempo triste pela pessoa que se nos tornára sympathica [...]. || (*Fam.*) Cumprimento familiar a uma pessoa ausente com que se exprime o apreço e amizade em que se tem essa pessoa [...] (AULETE, 1881, p. 1609-1610, grifos do autor).

Já Houaiss e Villar (2012) são mais sucintos na definição deste substantivo. Para os autores, “**saudade** s.f. sentimento nostálgico ligado à memória de alguém ou algo ausente [...]” (HOUAISS; VILLAR, 2012, p. 702).

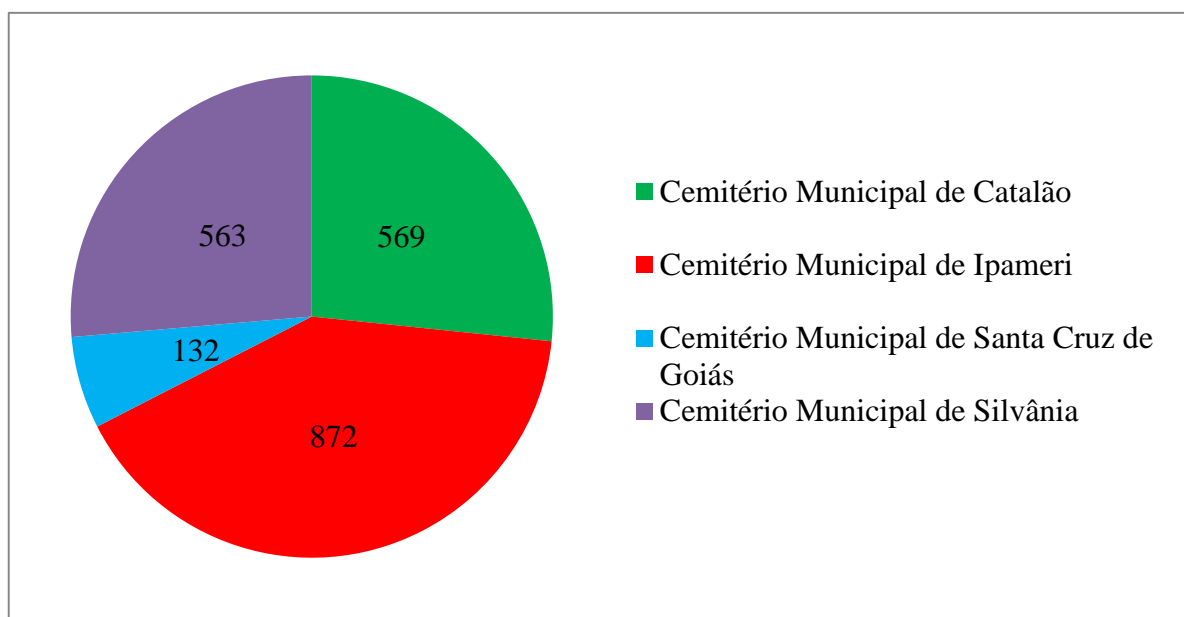
Deste modo, após a definição de “saudade” por parte dos dicionaristas, apresentamos nos gráficos que seguem o percentual, bem como o quantitativo total de uso do substantivo “saudade” nos cemitérios pesquisados:

---

<sup>9</sup> Não é raro obras lexicográficas apresentarem a mesma definição ou bastante assemelhada daquelas que as antecedem, como vimos aqui, com Freire (1957) e Aulete (1881)



**Quadro 3** - Percentual, por cemitério, do uso do substantivo **saúde** nas inscrições tumulares coletadas.



**Quadro 4** - Total de uso de variações do substantivo **saúde**, por cemitério, nas inscrições tumulares coletadas.

Ressaltamos que o Cemitério Municipal de Ipameri apresentou um total de 871 (oitocentos e setenta e um), 41%, usos de variações do substantivo possivelmente pelo fato de ter sido o cemitério onde coletamos um quantitativo de 1088 (mil e oitenta e oito) inscrições tumulares, haja vista uma maior possibilidade de haver a presença do substantivo “saúde” e suas variações.

Apresenta-se a dicotomia vida e morte de forma plena. Com apenas a utilização do substantivo “saudade” é nítida a falta que alguém sente de outrem. Constatamos dentro da totalidade do uso do substantivo “saudade”, juntamente com suas variações, que não se faz necessário o acompanhamento de classes de palavras que remetam à morte (morrer; morte; jazer; falecer; repouso; descanso; sono).

No contexto em questão, ao se usar apenas o substantivo “saudade”, a mensagem que está subentendida é a de que alguém que está vivo sente a falta de alguém que morreu. Entretanto, o substantivo “saudade” por inúmeras vezes aparece acompanhado de outras classes de palavras (adjetivo; preposição + substantivo; preposição + substantivo + conjunção + substantivo etc.), reforçando esse sentimento de falta do falecido, como podemos observar a seguir:

[...]

SAUDADES DE SEUS FAMILIARES

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

SAUDADE DE ESPOSA, FILHOS, IRMÃOS E SOBRINHOS.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

SAUDADE DE SEUS FILHOS, NETOS E FAMILIARES

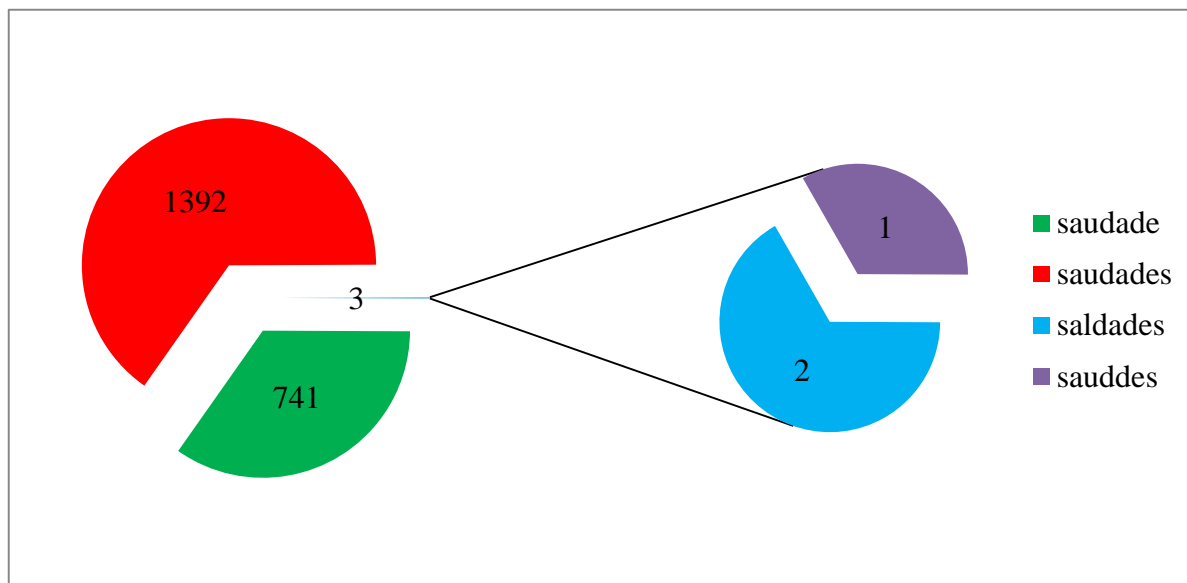
**Fonte:** Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás.

[...]

ETERNA SAUDADE DE SEUS PAES E IRMÃOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

Em se tratando das variações do substantivo “saudade”, no gráfico abaixo é apresentado o quantitativo das quatro variações gráficas encontradas nas inscrições tumulares:



**Quadro 5** – Quantitativo de variações de uso do substantivo saude nas inscrições tumulares coletadas.

Para uma melhor compreensão, na tabela abaixo, apresentamos uma síntese do uso de variações do substantivo “saude” e, logo a seguir, exemplos de uso de cada variação encontrada:

Variações do substantivo	Porcentagem de uso de cada variação	Total de uso de cada variação
Saudade	35%	741
Saudades	65%	1.392
Saldades	0%	2
Sauddes	0%	1
<b>Total geral de uso das variações</b>		<b>2136</b>

**Tabela 13** – Síntese do uso de variações do substantivo “saude”.

[...]

SAUDADES ETERNAS DE SEUS FILHOS, GENRO, NORAS, NETOS E BISNETOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

SAUDADES DE SUA ESPOSA E MÃE

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

SAUDADES DOS PARENTES E AMIGOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás.

[...]

SAUDADE DE SEUS FILHOS E NETOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

[...]

SAUDADE ETERNA

**Fonte:** Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás.

[...]

Vai ficar a saudade para sempre, mas sem amarguras, sem dores inconsoláveis, uma saudade suave, cheia de certeza de que um dia nos encontraremos e continuaremos unidos pelo coração.

Nós o teremos sempre em nossos corações.

Saudade de sua esposa e filho

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

SAUDADES DE SEUS FAMILIARES

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

[...]

SALDADES ETERNA

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

SAUDADE DE SUA INCONSOLAVEL ESPOSA.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

FUI<sup>10</sup> PARA DEUS E JUNTOS ESTAREMOS NO PARAIZO – SALDADES  
DE SUA FAMÍLIA

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

Vocês estarão sempre presentes em nossas mentes e corações... Saudades eternas  
de seus pais, filhos, irmãos, avós, tios, primos e amigos

**Fonte:** Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás.

[...]

ETERNA SAUDES

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

A MINHA AUSÊNCIA DEIXOU A TRISTEZA E A SAUDADE.  
MESTRE, ME ENSINA A PERDOAR PARA SER PERDOADO.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

[...]

SAUDADES DE SEUS PAES

**Fonte:** Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás.

[...]

A Saudade existe não porque estamos separados, mas porque estivemos juntos.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

SAUDADES DE SEU FILHO NORA E NETOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia

---

<sup>10</sup> Aqui, o discurso assume dois enunciadores: quem morreu (identificado pela primeira pessoa do singular – “fui”) e quem fica (“sua família”). Na próxima inscrição de Silvânia, o falecido (o que foi) assume o discurso (“minha”, “meu”) para dizer que sua ausência deixará tristeza e saudade em quem fica. A “voz dada ao morto” na composição dos epitáfios não é rara no *corpus*.

A presença do adjetivo “eterna” leva-nos a entender que o sentimento daqueles que ainda estão vivos não perecerá com a morte. O falecido sempre será lembrado, pois esse sentimento tem um começo, mas não tem um fim, ou em outras palavras, será para sempre.

Chama-nos a atenção à flexão de número entre o substantivo “saudade” e o adjetivo “eterna” em algumas inscrições, onde apenas uma destas classes de palavras aparece no plural e, dessa forma, assim temos:

[...]

ETERNA SAUDADES DE SEUS FAMILIARES

**Fonte:** Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás.

[...]

SAUDADES ETERNA DE SEU ESPOSO E FILHOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

[...]

ETERNA SAUDADES

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

ETERNA SAUDADES DE SEUS FILHOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

SAUDADES ETERNA DE PARENTES E AMIGOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

Entretanto, as regras de flexão de número dizem que palavras variáveis podem modificar suas terminações para fim de assinalar o singular ou o plural<sup>11</sup>. Dentre as classes de

---

<sup>11</sup>Tal ocorre porque, possivelmente, a marca do plural com o morfema –s já está sonoramente representada no <s> que inicia a palavra saudade. Vejamos que quando o substantivo vem antes, cumpre-se a regra de se pluralizar apenas o primeiro elemento do sintagma.

palavra que podem apresentar tal flexão está o adjetivo, que irá flexionar-se conforme o substantivo que o acompanha, como os exemplos que seguem:

[...]

SAUDADE ETERNA

**Fonte:** Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás.

[...]

Eternas saudades de esposo, filhos, noras e netos.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

ETERNA SAUDADE DE SEUS PAES E IRMÃOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

[...]

VOU PARA DEUS E JAMAIS ESQUECEREI AQUELES QUE AMEI NA  
TERRA.

SAUDADES ETERNAS DE SEUS FILHOS, GENROS, NORAS, NETOS E  
BISNETOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

Cabe, ainda, ressaltar a presença de outras palavras do mesmo campo de sentidos de saudade, como *recordação*, *lembrança*, *veneração*, *inolvidável*. No entanto, por ser a mais frequente, tecemos consideração apenas para a primeira.

### 3.5.2 Sono eterno

“Somno”, conforme menciona Cunha (1982), deriva do latim *somnus*. Figueiredo (1939), em “somno” indica que seja verificado o termo sono e é neste último que é apresentada sua etimologia, do latim *somnus*. Houaiss e Villar (2001) têm o mesmo entendimento, ou seja, concordam que somno vem do latim *somnus*.

Aulete (1881, p. 1675) explica que o substantivo “somno” acompanhado do adjetivo “eterno” tem a como acepção: “somno eterno, somno do trespassse ou dos mortos,

somno da morte ou dos mortos, somno do túmulo, o último somno, somno do repouso, o estado de morte ou de pessoa morta; morte [...]”.

O que é apresentado por Aulete (1881) pode ser evidenciado nas inscrições tumulares que seguem:

AQUI DORME O SOMNO ETERNO [...]  
 NASCIDA EM [...]  
 E FALECIDA A [...]  
 SAUDADES DE SEU ESPOSO E FILHOS  
**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

AQUI DORME O SOMNO ETERNO [...]  
 NASCIDA EM [...]  
 E FALLECIDA A [...]  
 ETERNAS SAUDADES DE SUA SOBRINHA  
**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

Existem, ainda, inscrições tumulares que têm o mesmo sentido, porém apresentam a grafia atual, “sono” ao invés de “somno”. Vejamos:

AQUI DORME O SONO ETERNO O MENINO [...]  
 SAUDADES DE SEUS PAES AVÓS E TIOS  
**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

MINHAS PALAVRAS DE ADEUS

“O CRIADORDEU-ME A GRAÇA DE PASSAR POR AQUI, PARA CUMPRIR MINHA  
 MISSÃO,  
 DE PLANTAR E COLHER,  
 NÃO SEI SE COLHI SÓ O QUE PLANTEI,  
 NÃO SEI SE PLANTEI SÓ O QUE COLHI,  
 SE FUI FELIZ EU NÃO SEI,  
 MAIS SEI QUE TENDEI,  
 HOJE MEU TEMPO ACABOU,

MINHA MISSÃO TERMINOU.  
 NÃO SEI SE VOU PARA DEUS,  
 OU PRA ONDE VOU...  
 DEVE HAVER UM LUGAR EM OUTRA DIMENSÃO,  
 ONDE SEREI ACOLHIDA,  
 PARA MINHA REMISSÃO,  
 SEI QUE O MEU DEUS É FIEL,  
 VAI TER DE MIM COMPAIXÃO,  
 ASSIM ESTAREI RETORNANDO  
 À TERRA DE ONDE VIM  
 SEI QUE TEREI UM TÚMULO FRIO,  
 ONDE O MEU CORPO É SÓ MATÉRIA,  
 ALI EU REPOUSAREI,  
 E DORMIREI O SONO ETERNO”.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

O substantivo “sono” acompanhado do adjetivo “eterno” indica que esse estado teve um começo, mas não terá um fim, ou seja, é um estado em que a morte se faz presente e, havendo morte, não há como voltar ou recomeçar, mas supõe-se que haja como continuar, “eternamente” em repouso, em sono, em descanso.

### 3.5.3 Descanso eterno

Descanso é um substantivo que, em conformidade com Houaiss e Villar (2009), pode significar “1 ato ou efeito de descansar / 2 repouso, folga / 3 período sem ocupação; vagar, ócio / [...] / 6 utensílio que serve de suporte para objetos, tais como travessas de servir comida, copos, ferro de engomar etc. / 7 espaço entre os laços de uma escada; patamar”.

Ao consultarmos como Houaiss e Villar (2009) definem o verbo “descansar”, verificamos que uma das definições vem de encontro com o contexto das inscrições tumulares: “5 Derivação: por extensão de sentido. morrer falecer”.

Aulete (1881, p. 482), ao tratar sobre o substantivo “descanço”, apresenta inúmeras definições, dentre as quais podemos destacar:

[...] cessação do movimento, do trabalho, da fadiga; folga. || Repouso das fadigas do corpo ou do espírito [...] || A sésta dos operários. || Tranquilidade, socego, isenção de incommodos e de afflicções [...] || (Fig.) O eterno *descanço*, a morte. [...].

Para Pinto (1832), o substantivo “descanço” é a “[...] cessação de movimento do corpo, do trabalho do corpo ou de espírito. Ferro em que descansam o cão da espingarda. Peça em que descansa qualquer cousa”. A mesma definição é apresentada por Silva (1789).

De acordo com Figueiredo (1913, p. 2164), o substantivo “descanso” é derivado do verbo “descansar”. O autor também apresenta as mesmas definições expostas por Pinto (1832), Silva (1789), Aulete (1881) e Houaiss e Villar (2009), havendo consenso entre os dicionaristas.

Quanto à presença do adjetivo “eterno”, entendemos que o “descanso” não terá fim, pois está diretamente ligado à morte, haja vista as definições apresentadas por Houaiss e Villar (2009):

1 fora do tempo, sem início ou fim / 2 que tem começo mas não tem fim /  
2.1 Derivação: sentido figurado. imortal, que jamais será esquecido / 2.2  
Derivação: sentido figurado. constante, incessante; de duração indefinida /  
2.3 Derivação: sentido figurado. imutável, inalterável / 2.4 Derivação:  
sentido figurado. inseparável.

Freire (1957, p. 1806) aponta várias acepções para “descanso” e esclarece o que seria “descanso eterno”, “o que se segue à morte”. Nesse sentido, os exemplos que seguem, demonstram que com o término da vida e a chegada da morte haverá o chamado “descanso eterno” e o encontro com aqueles que já partiram e também estariam *descansando*.

[...]

Dele sempre ouvimos: “Estou aqui para cumprir uma missão.”

Missão bem cumprida com a família, amigos e com sua fé... Com imenso orgulho de filhos esperamos que alcance a Paz Celestial através do encontro com todos os amados no seu Descanso Eterno.

Saudades de seus familiares...

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

HOJE FOI CHAMADA PARA O DESCANSO ETERNO AO LADO DO PAI. A SUA SERVA QUE VENCEU TODAS AS BATALHAS COM APENAS QUATRO ATOS, QUE FORAM: FÉ, CARIDADE, HUMILDADE E PAZ.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

[...]

DA RETIDÃO EM VIDA, A GRAÇA DO DESCANSO ETERNO.

SAUDADES: FAMILIARES E AMIGOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

### 3.5.4 Repouso eterno

Houaiss e Villar (2009) evidenciam que o substantivo “repouso” significa “ato ou efeito de repousar”, além ter como sinônimo o substantivo “descanso”. Ao verificarmos o que os autores apresentam para o verbo “repousar”, compreendemos a relação de sinonímia entre os mencionados substantivos, portanto “repousar” tem o sentido de “1 descansar, pôr ou estar em sossego ou repouso / 2 proporcionar descanso, alívio a; tranquilizar / [...] / 5 estar sepultado; jazer / [...]”.

Todavia, a quinta definição torna evidente a relação deste verbo e, conseqüentemente, do substantivo “repouso” com a morte. Figueiredo (1913, p. 1727) explica que o substantivo “repouso” é o “acto ou efeito de repousar”. Conforme Houaiss e Villar (2009), Figueiredo (1913, p. 1726) equivale o verbo “repousar” a “jazer na sepultura”. Pinto (1832) é mais breve e define o substantivo “repouso” como “descanço”.

Em uma das definições apresentadas por Freire (1957, p. 4404) para o verbo “repousar” encontramos: “5. Estar sepultado; jazer”, mas é nas definições do substantivo “repouso” que encontramos a expressão que ora analisamos: “Repouso Eterno [...]. O estado que se segue à morte”.

Já em Aulete (1881, p. 1526) é apresentado o substantivo “reposito” ao invés de “repouso” e suas definições, sendo “jazer, estar sepultado [...]” a que mais nos interessa, uma vez levado em consideração o contexto das inscrições tumulares.

Assim, nas inscrições tumulares exemplificadas abaixo podemos verificar que a expressão “repouso eterno” está voltada para o acontecimento morte. Os entes queridos intercedem pelo falecido, pedindo que o seu estado de pós-morte seja tranquilo, sossegado.

[...]

MAMÃE, TUDO NÓS FIZEMOS PARA QUE A TUA VIDA NÃO SE EXTINGUISSE, MAS DEUS ASSIM QUIS. MISERICORDIOSO JESUS, DAI-LHE O REPOUSO ETERNO.

SAUDADES DE SUA FAMILIA

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

SAUDADE DE SEUS FAMILIARES

VOU PARA O PAI, MAS NÃO ESQUECEREI AQUELES A QUEM AMEI NA TERRA. MISERICORDIOSO JESUS, AQUELE QUE CRE EM MIM AINDA QUE ESTEJA MORTO VIVERA. DAI-LHE O REPOUSO ETERNO

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

### 3.5.5 Dorme para sempre

O sentido de “dorme para sempre” é o mesmo de “sono eterno”, “descanso eterno” e “reposo eterno”, ou seja, está relacionado à morte. Assim sendo, damos a conhecer o que Aulete (1881, p. 559, grifo do autor) tem a dizer sobre o verbo dormir: “[...] estar entregue ao somno ou no estado natural periódico de torpor e inacção orgânica. || Repoisar, conservar-se immovevel [...]. || (Fig.) Jazer morto [...]. || *Dormir* em Deus, estar morto. [...]”.

Para Figueiredo (1913, p. 667), o verbo dormir é definido como “[...] Descansar no somno. [...]. Estar imóvel. Perder o movimento orgânico. Descansar no somno da morte. [...]. (Lat. *dormire*)”.

Uma das várias definições apresentadas por Houaiss e Villar (2009) para o verbo em questão também é pertinente para explicarmos o sentido de “dorme para sempre”. Segundo os autores, dormir pode também ter o sentido de estar “sepultado; jazer”.

Já para o advérbio sempre, Houaiss e Villar (2009) apontam os seguintes significados: “1 na totalidade do tempo; eternamente, perpetuamente / 2 a cada instante, sem exceção; constantemente, continuamente”.

Dessa forma, a partir das definições encontradas, comprovamos que “dorme para sempre”, neste contexto, realmente tem o significado de morte. Para tanto, os exemplos que seguem servem para ilustrar o que foi exposto:

DORME PARA SEMPRE [...]

SAUDADES DE SEU ESPOSO FILHOS GENROS NORAS E NETOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

DORME PARA SEMPRE [...]

SAUDADES DE SUA ESPOSA E FILHOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

### 3.5.6 Descanse em paz

O verbo “descansar”, para Figueiredo (1913, p. 599), é definido como “alliviar da fadiga. Firmar sôbre alguma coisa [...]. Tomar repouso. Estar de poiso”. Aulete (1881) apresenta uma definição mais completa que a de Figueiredo (1913), haja vista que engloba outros sentidos para o verbo “descansar”:

descançar [...] livrar de fadiga, de trabalho tomando-o sobre si. || [...] || (Fig.) Livrar de receio, cuidado ou susto; tranquilizar [...]. || *Descançar* armas (milit.), assentar o coice da arma no chão, ficando o cano em posição vertical [...]. || Dormir [...]. || Ter morrido, jazer na sepultura [...] (AULETE, 1881, p. 482).

Freire (1957, p. 1806) aponta as mesmas acepções já apresentadas para o verbo “descansar”, inclusive a que é mais importante para esta análise, “[...] || 9. Jazer [...]”. Já Houaiss e Villar (2009) apresentam duas definições interessantes que nos fazem refletir sobre a dicotomia vida e morte: “[...] / Derivação: por extensão de sentido. morrer, falecer / [...] / 15 Regionalismo: Brasil. dar à luz; parir”.

O verbo “descansar”, conforme Houaiss e Villar (2009), possui um sentido dicotômico, ou seja, tem o significado de morte e também de vida. É oportuno que isso seja apresentado neste tipo de análise, pois é necessário que levemos em consideração em qual contexto a expressão está inserida para que não haja equívocos quanto ao seu entendimento. Para explicitar mais uma vez, nosso estudo está voltado para a morte, tendo em vista que é a partir dela que as inscrições tumulares são elaboradas.

Referente à preposição “em”, Houaiss e Villar (2012) evidenciam os sentidos: “1 expressa relações de: 1.1 tempo [...] 1.2 lugar [...] 1.3 modo [...] 1.4 distribuição [...] 1.5 finalidade [...]”.

Já o substantivo “paz” para Pinto (1832) é “estado de huma nação que não tem guerra com outra. Boa harmonia entre os que vivem juntos. Tranquilidade de animo”. Do latim *pax*, “paz” para Figueiredo (1913, p. 1501) leva em consideração o que foi exposto por Pinto (1832), incluindo “tranquilidade, sossego, descanso. Silêncio”.

Para Houaiss e Villar (2009), o substantivo “paz”, além do que já foi apresentado pelos outros autores, também é “[...] / 5 estado de espírito de uma pessoa que não é perturbada por conflitos ou inquietações / [...]”.

Visto por esse ângulo, entendemos que a expressão “descanse em paz”, exemplificada nas inscrições tumulares que seguem, tem o significado de descanso do morto, sendo tal descanso de forma tranquila sem tribulações.

O tempo verbal utilizado é o imperativo, o que exprime o desejo dos vivos para com o falecido, que a morte traga apenas tranquilidade para a nova existência daquele que foi ceifado e, assim, apresentando a vida em detrimento à morte.

[...]

SENTIREMOS SAUDADES ETERNAS, PORÉM, SABEMOS QUE ESTÁS EM UM LUGAR ONDE NÃO ENFRENTARÁS DIFICULDADES, SOFRIMENTOS E DOR, POIS ESTÁS SOB AS BENÇÃOS DE DEUS. QUE DEUS LHE DÊ A LUZ ETERNA.

DESCANSE EM PAZ

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

DESCANSE EM PAZ

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

Ontem risos... brincadeiras, sonhos e muita alegria.

Hoje, uma imensa dor, uma profunda tristeza com misto de saudade e recordações.

Você deixou um pouco de si e levou um pouquinho de nós.

Que Deus lhe dê a Luz Eterna.

Descanse em Paz!

Saudades de seus familiares e amigos!!!

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

### 3.5.7 R.I.P

Em estudo anterior (MORAIS; PAULA, 2005) acreditávamos que a expressão R.I.P – *Rest in Peace* – era utilizada apenas nos caixões e cemitérios de países de língua inglesa. Trata-se de uma expressão derivada de *Requiescat in Pace*, de origem latina, além de manter o seu significado, Descanse em Paz, aparecendo de forma abreviada (somente iniciais), conforme podemos observar nos exemplos que seguem:

[...]

R.I.P

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

De acordo com Santana (2011, p. 72, grifo da autora), “a individualização das sepulturas, durante o século XIX, possibilitou certa dignidade ao lugar de ‘descanso’ do morto. Expressões latinas como *Resquiecat in pace* (Descanse em paz) eram muito usuais nas lápides”.

Assim, como exposto por Santana (2011) e em consonância com Morais e Paula (2005), entendemos que a presença desta expressão latina nas inscrições tumulares é um caso de empréstimo linguístico. Nesse sentido, Carvalho (1989) destaca que formas ou expressões latinas, as quais foram inseridas em momento posterior no léxico do português, permanecem em sua forma original.

Como podemos perceber, R.I.P – *Requiescat in pace* – tem o mesmo significado que a expressão “descanse em paz” apresentada no item 3.5.6, o descanso do morto, ou seja, a morte.

### 3.5.8 Entes queridos

Houaiss e Villar (2009) definem “ente” como “1 o que existe, o que é; ser, coisa, objeto / 1.1 o ser humano; pessoa, indivíduo”. Além disso, apresentam como exemplo para o substantivo em questão “ente querido”.

Pinto (1832) é um pouco mais sucinto ao definir o substantivo, “tudo o que existe, ou se figura como existente”, da mesma maneira como apresentado por Aulete (1881) e Silva (1789).

Quanto a “querido”, Houaiss e Villar (2009) o apresentam como adjetivo e substantivo masculino, sendo sua definição como adjetivo que nos interessa, uma vez que na expressão em análise “querido” tem valor qualificativo. Assim sendo, temos as seguintes definições para “querido”: “1 muito estimado; dileto, prezado / 2 que se quer muito, a quem se ama; amado / muito apreciado (por beleza, valor etc.)”.

Silva (1789) e Aulete (1881) têm o mesmo entendimento de Houaiss e Villar (2009). Já Bluteau (1728, p. 53) é objetivo na definição, “amado”, enquanto Pinto (1832) não apresenta o vocábulo.

A expressão “entes queridos”, a partir do que nos foi apresentado pelos dicionaristas, significa pessoa(s) estimada(s), amada(s), pois amava(m) e era(m) amada(s) pelo falecido e que nem mesmo a morte acabará com o sentimento que foi criado durante a vida, como nos exemplos abaixo:

[...]

Saudades de seus entes queridos.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

[...]

SAUDADES DE SEUS ENTES QUERIDOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

### 3.5.9 Alma acrisolada

Na definição dada por Pinto (1832, p. 8) no Dicionario da Lingua Brasileira, “alma” é um substantivo feminino, “[...] substancia espiritual unida ao corpo animal durante a vida. A do homem he racional e imortal”. Para Silva (1789, p. 99) trata-se de

[...] substancia espiritual, que anda anexa, durante a vida, aos corpos dos animaés, e é a que pensa mais, ou menos perfeitamente, é a que se delibera; a dos homens distingue-se da dos brutos, em ser capaz de aperfeiçoar mûito mais as suas faculdades, e na imortalidade, de que nos consta pela Revelação sem duvida alguma.

Dentre as várias definições apresentadas por Houaiss e Villar (2001), levamos em consideração as que apresentamos: “princípio vital; vida / Rubrica: religião parte imaterial do homem, dotada de existência individual, e que subsiste após a morte do corpo; espírito”.

No que diz respeito ao adjetivo “acrisolada”, os mencionados autores explicam que por derivação (por extensão de sentido) significa “que se depurou; purificado / que se aperfeiçoou ou apurou” e no sentido figurado “purificado moralmente por meio de provas ou sofrimento”.

Em Aulete (1881, p. 29), “puro”, formado de “acrisolar + ado”. Para acrisolar, a definição é “purificar no crisol”.

Assim, com as definições apresentadas e com o contexto da inscrição tumular explicitada a seguir, entendemos que o significado de “alma acrisolada” seja espírito puro, tendo em vista, como é descrito na inscrição, que a falecida era uma pessoa batalhadora e com princípios, o que a teria purificado.

[...]

ESPOSA E MÃE EXEMPLAR, ALMA ACRISOLADA NOS MAIS PUROS  
IDEAIS DA FÉ, REFLETIDA, PRUDENTE E FIEL NOS CONSELHOS, INCANSÁVEL  
NO TRABALHO, EVANGÉLICA NO EXERCÍCIO DA CARIDADE. LEVASTE PARA O  
CÉU UM TESOURO QUE NÃO PODERÁ SER ARREBATADO E DEIXASTE NA  
TERRA UMA SAUDADE QUE NÃO SE PODERÁ EXTINGUIR.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

### 3.5.10 Cabelos brancos

A inscrição tumular abaixo surpreendeu-nos quanto à mensagem que transmitia. Em um primeiro momento, aparentava apenas um conjunto de palavras desconexas.

[...]

SARAMPO... ESCOLA... PIÃO...  
AMOR... SOFRIMENTO... LIDA...  
CABELOS BRANCOS... CAIXÃO...  
VELAS ARDENDO... EIS A VIDA!

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

Ao dedicarmos maior atenção a esta inscrição, podemos perceber de que se trata de um ciclo de vida, o qual se encerra com a morte, paradoxalmente finalizando a inscrição com “eis a vida”. Noutras palavras, esta sequência sugere que o falecido tenha tido a doença do sarampo, tenha frequentado a escola, tenha sido peão ou brincado de pião, tenha amado e sofrido nas lidas da vida, até a idade em que os cabelos se branquearam. Por fim, a palavra caixão vem seguida da imagem forte das velas ardendo e da máxima “eis a vida”.

Ao refletirmos especificamente a respeito de “cabelos brancos”, constatamos ser uma época em que a pessoa falecida estava envelhecendo. De acordo com Figueiredo (1913, p. 324), cabelo são “pêlos, que crescem sôbre a cabeça humana. Pêlos, que nascem em qualquer parte do corpo humano”. Aulete (1881) aponta essa mesma definição. Para Houaiss e Villar (2009), são “1 conjunto de pelos que cobrem a cabeça dos humanos / 2 cada um desses pelos / 3 pelo que cresce em qualquer outra parte do corpo humano”.

Referindo-se ao adjetivo “branco”, Houaiss e Villar (2009) o definem como “1 que tem a cor da cal, do leite, da neve recém-caída / 2 diz-se dessa cor”. A mesma definição também é apresentada por Aulete (1881) e Figueiredo (1913).

Entretanto, Houaiss e Villar (2009) apresentam outras definições para “branco”, sendo que uma nos interessou, “[...] / encanecido / [...]”. E é a partir da definição do verbo “encanecer” que os autores nos esclarecem de forma mais profícua, “embranquecer (os cabelos) gradativamente”.

Compreendemos, assim, que no contexto da supracitada inscrição, “cabelos brancos” têm o sentido da maturidade, da experiência, que é perseguida pela morte, como todos são desde o nascimento, ou seja, todos estão predestinados à morte, independentemente em que ela se dê.

### 3.5.11 Preto de gratidão

Ao referirem-se ao substantivo “preito”, Houaiss e Villar (2009) o definem como: “1 manifestação de veneração, de respeito etc.; homenagem / 2 assunto, coisa, questão, negócio / 3 ajuste entre partes; arranjo, acordo, pacto / 4 sujeição a um senhor; vassalagem, dependência / [...]”. Aulete (1881) apresenta a mesma definição para o substantivo “preito” e informa que este é derivado do latim *placitum*.

Figueiredo (1913, p. 1613) corrobora Aulete (1881) sobre a derivação de “preito” e apresenta sua definição em poucas palavras: “pacto. Vassalagem. Sujeição. Tributo de

vassalagem. Respeito. Homenagem”, sendo o mesmo entendimento evidenciado por Freire (1957).

O substantivo “gratidão”, em conformidade com Houaiss e Villar (2009), pode ser definido como “1 qualidade de quem é grato / 2 reconhecimento de uma pessoa por alguém que lhe prestou um benefício, um auxílio, um favor etc.; agradecimento, o que é demonstrado também por Aulete (1881).

Derivado do latim *gratitudo*, o substantivo “gratidão”, em consonância com Figueiredo (1913, p. 974), tem o sentido de “qualidade de quem é grato. Agradecimento; reconhecimento de um benefício que se recebe”.

Desse modo, ao observarmos o que os dicionaristas apresentam, concluímos que a expressão “preito de gratidão” é uma manifestação de reconhecimento a alguém especial que, em nosso estudo, foi acometido pela morte, feita por quem permaneceu em vida e o estimava, o que torna visível a dicotomia vida e morte nesta expressão. Portanto, podemos observar tal manifestação de respeito e consideração na inscrição tumular exemplificada:

[...]

PREITO DE GRATIDÃO DE SUA IRMÃ SEU CUNHADO E SOBRINHOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

### 3.5.12 Restos mortais

“O restante; a ultima parte, ou porção [...]” é como Silva (1789, p. 618) apresenta o substantivo “resto”, além de registrar que “resto” também é um tipo de jogo. Pinto (1832) igualmente refere-se ao substantivo “resto” como “a ultima porção. Restante”.

Figueiredo (1913) expõe que “resto” pode ser um instrumento utilizado no jogo de bilhar e, ainda,

aquillo que resta. Aquillo que sobeja de maior porção. As outras coisas ou pessôas, relativamente àquellas de que se está falando. Arith. Parte de um dividendo, mais pequena que o divisor. Diferença entre dois números, um dos quaes se subtrái do outro. Pl. Ruínas. Despojos mortaes.

As definições apresentadas por Aulete (1881, p. 1542, grifos do autor) são praticamente as mesmas da citação acima. No entanto, explicita claramente a expressão em

análise, sendo “*restos mortaes*, ou simplesmente *restos*, os despojos mortaes do homem, o cadáver, a ossada”.

Seguindo a mesma perspectiva dos autores supracitados, Freire (1957, p. 4435) exhibe as definições do substantivo “resto” e, logo em seguida, o plural “restos”, para o qual encontramos a seguinte definição: “2. Os despojos mortais de uma pessoa”. Por conseguinte, exhibe, ainda, a expressão “restos mortais”, descrevendo que se trata dos “[...] despojos mortais do homem; o cadáver, a ossada”.

Houaiss e Villar (2009) colocam em exposição as definições do substantivo “resto” de forma semelhante a Figueiredo (1913) para, após, destacarem que “ossada, cadáver ou cinzas de uma pessoa” é o entendimento que têm sobre “restos mortais”.

Acerca do adjetivo “mortal”, Silva (1789, p. 320) é objetivo na definição, “sujeito á morte”, e exemplifica quem são “os mortaes”, enquanto substantivo, “os homens”. Pinto (1832) faz os mesmos apontamentos que Silva (1789), “sujeito a morrer. Que causa morte. *Mortaes* como subst., Os homens.

Observamos, também, que Aulete (1881) exprime de forma mais detalhada as definições para o adjetivo “mortal”:

que está sujeito a morrer [...]. || (Por ext.) Diz-se de tudo que, como o homem, está sujeito a acabar, a ter um fim; passageiro, transitório [...]. || Languido; que não tem forças, que não tem vigor; moribundo, morredico, que está com apparencias de morte [...]. || Que produz a morte; que causa grande afflicção ou tormento; mortifero [...]. || Encarniçado, fidal, capital, profundo [...]. || Enfadonho, fastidioso; insuportável [...]. || Peccado *mortal*, o que mata espiritualmente o homem, o que lhe faz perder a graça de Deus. [...]. || -, *s. m.* o homem, um individuo da espécie humana [...]. || -, *pl.* a espécie humana, os viventes [...]. || F. lat. *Mortalis* (AULETE, 1881, p. 1189).

Figueiredo (1913, p. 1332) faz poucas considerações acerca do adjetivo “mortal”, sendo as mais importantes: “sujeito á morte [...]. Que produz morte [...]”. Como substantivo, “mortal” é o homem, tendo como forma universal a humanidade. O autor ainda destaca que “mortal” é derivado do latim *mortalis*.

Da mesma forma, Freire (1957) considera o adjetivo “mortal” derivado do latim *mortalis*. O autor apresenta mais detalhadamente as definições de “mortal”, as quais já foram supracitadas, quando referenciamos Aulete (1881).

Houaiss e Villar (2009) não apresentam definições diferentes para o adjetivo “mortal”, além das que já foram expostas pelos outros autores aqui referenciados. Ressaltam a

derivação de “mortal”, do latim *mortalis*, e sua concepção como substantivo, “o homem, a espécie humana”.

Assim, como apresentado por Aulete (1881), Figueiredo (1913), Freire (1957) e Houaiss e Villar (2009), a expressão “restos mortais” pode ser entendida como cadáver, o corpo de um indivíduo sem sinais vitais, ou sua ossada.

Nesta expressão o adjetivo “mortal” está ligado diretamente ao ato de morrer, à morte. Apesar disso, podemos encontrar vestígios de vida subentendidos nas inscrições tumulares exemplificadas a seguir, pois é necessário que alguém vivo sepulte os “restos mortais” daquele vencido pela morte, além da demonstração de apreço dos que o consideravam importante.

O último exemplo para esta expressão coloca a morte em condição de inevitável também para aquele que lê a inscrição, afinal o que lê (marcado na segunda pessoa dos verbos ver e ser) é o que o falecido já foi; este é o que o vivo vê e será um dia – restos mortais repousando sob uma lápide. Destacamos que nos exemplos apresentados para a expressão “restos mortais”, o adjetivo “mortais” foi encontrado ora com “e” ora com “i”, conforme a ortografia da época em que a inscrição tumular foi redigida.

AQUI REPOUSAM OS RESTOS MORTAES DO [...]

FALLECIDO EM [...]

E [...]

FALLECIDA EM [...]

SAUDADES DA FAMILIA.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

AQUI REPOUSAM OS RESTOS MORTAES DO INOLVIDAVEL [...]

HOMENAGEM DE SUA ESPOSA FILHA GENRO E NETOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

AQUI JAZEM OS RESTOS MORTAES DE [...]

NASCIDO EM [...]

FALLECIDO EM [...]

SAUDADE DE SUA ESPOSA E FILHOS

**Fonte:** Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás.

AQUI REPOUSA OS RESTOS MORTAES DE [...]  
 NASCIDO A [...]  
 E FALLECIDO A [...]  
 ETERNA VENERAÇÃO E SAUDADE DE SUA ESPOSA E FILHA  
**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

AQUI JAZ OS RESTOS MORTAIS DE [...]  
 SAUDADE DE SUA ESPOSA E FILHOS  
**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

AQUI REPOUSAM OS RESTOS MORTAIS DE [...]  
 FUI O QUE ES;  
 SOU O QUE VÊS;  
 SERÁS O QUE SOU.  
 ORAI POR ÊLE  
**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

### 3.5.13 Oraí por ele

“Orar” é um verbo que, de acordo com Silva (1789, p. 368), pode ser entendido como “pedir alguma coisa a Deos [...]. Rogar, pedir, supplicar [...]”. Pinto (1832) faz uso de outras palavras para definir o verbo “orar”, proporcionando o mesmo entendimento transmitido por Silva (1789). Dessa forma, Pinto (1832) expõe que “orar” é “levantar o pensamento a Deos para adoral-o, louval-o, agradecer-lhe as suas graças, pedir lhe os seus beneficios ou fazer-lhe alguma oblação [...]”.

Na compreensão de Aulete (1881), o verbo “orar” tem as mesmas definições já apresentadas. Porém, Aulete (1881) apresenta que as orações poderão ser dirigidas também aos santos e não somente a Deus.

Freire (1957) explicita que “orar” é derivado do latim *orare*, tendo o mesmo entendimento que Aulete (1881) quanto ao direcionamento das orações. Os autores ainda definem “orar” como o falar em público, bem como Houaiss e Villar (2009), os quais acrescentam que as orações podem ser direcionadas, também “às forças divinas”.

Com relação à preposição “por”, Houaiss e Villar (2009) atribuem vários significados: “1 através de, sobre, em, ao longo de / [...] / 4 por causa de / [...] / 9 em correspondência a / [...] / 15 ao preço de / [...] / 25 em nome de / [...]”.

Freire (1957) explica que “por” é uma preposição, derivada do latim “*pro*, por influência de *per*. Partícula que absorveu na língua portuguesa as funções sintáticas das preposições latinas *per* e *pro* e que pode substituir quase tôdas as outras preposições vernáculas conforme as relações que caracteriza”. Além disso, Freire (1957) apresenta numerosos exemplos de uso da referida preposição. Pinto (1832) também evidencia que a preposição “por” é de origem latina, “equivalente a *per* e *pro* [...] e indica causa preço lugar por onde; modo; etc”.

Há que destacarmos que Figueiredo (1913) não apresenta o vocábulo “por” enquanto preposição, apenas como verbo. Referente ao pronome pessoal “ele”, Figueiredo (1913, p. 686, grifo do autor) ressalta que o mesmo é derivado do latim *ille*, sendo definido como “o objeto *ou* o indivíduo, de que se fala”.

Aulete (1881, p. 576, grifos do autor) define, apresenta a variação do pronome no feminino e no plural e quando e como se deve usar o pronome “ele”. Dessa forma, temos:

**Ella** (*é-la*), *pr. pess.* da 3.<sup>a</sup> pessoa, variação feminina de *elle* [...].  
**Elle** (*ê-le*), *pr. pess.* a terceira pessoa masculina de quem se fala [...]. Emprega-se como sujeito da oração, ou como complemento indirecto de alguma preposição. Nunca serve de complemento objetivo a um verbo: n’este caso substitui-se por *o*. Como complemento indirecto, substitui-se ordinariamente por *lhe*, e no plur. por *lhes*. Sendo antecedido da prep. *em*, desaparece esta e fica a nasal *n*: *nelle*. [...] na linguagem popular usa-se com verbos impessoaes, taes como *chove*, *troveja*, *faz frio*, *está sereno*, etc., representando o sujeito (tempo, ceo, ar, dia, mundo, etc.) [...].

Aulete (1881) define e detalhadamente explica como e quando fazer uso do pronome “ele”; em contraparte, Houaiss e Villar (2009) apresentam a definição do pronome, mas são breves quanto ao como e quando usá-lo: “1 aquilo ou aquele de que se fala ou escreve [Empr. Normalmente nas funções sintáticas de sujeito, de complemento preposicionado e de predicativo.]”.

Na expressão “orai por ele”, o pronome “ele” está exercendo função de objeto indireto, haja vista que é este que substitui o nome do falecido para quem é feita a solicitação da oração.

No entanto, devemos levar em consideração o que Santana (2011) apregoa sobre as orações aos falecidos, pois

os temas predominantes nos epitáfios [durante o século XIX] incluíam desde lembranças da brevidade da vida, a certeza da Ressurreição e do Juízo Final, a esperança do recebimento da misericórdia de Deus e do encontro com os entes queridos, até pedidos de arrependimento dos pecados e da preparação para a morte, fundamentado no discurso religioso, e exortam o leitor a refletir sobre as verdades doutrinárias cristãs, ou ainda sobre a certeza do homem diante de sua finitude [...]. Os pedidos de orações ao leitor desavisado o tornam também responsável pela salvação daquela alma [...] (SANTANA, 2011, p. 72, acréscimo nosso).

Assim, apresentamos, abaixo, algumas inscrições tumulares para exemplificar o uso da expressão “orai por ele”, destacando que no uso da mencionada expressão, em especial nesse tipo de texto, sobressai-se a dicotomia vida e morte, pois alguém que estimava o falecido solicita a outrem que interceda, suplique a Deus para que haja a salvação da alma daquele que ali jaz e, para tanto, o tempo verbal utilizado – imperativo – é imprescindível para que o pedido, a solicitação seja atendida, sendo a mensagem objetiva frente ao interesse.

AQUI JAZEM OS RESTOS MORTAES DE [...]  
 FALLECIDO COM [...] ANOS DE EDADE  
 SAUDADES DE SUA ESPOSA FILHOS E IRMÃOS.) ORAE POR ELLE

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

ETERNA SAUDADES DE SEUS FILHOS GENROS NORAS E NETOS  
 ORAI POR ELE

**Fonte:** Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás.

ORAE POR ELLA

**Fonte:** Cemitério Municipal de Silvânia.

### 3.5.14 Lição de vida

O substantivo “lição” para Houaiss e Villar (2009) é definido como “[...] / 2 aquilo que o aluno aprende ou prepara para apresentar ao professor / [...] / 6 Derivação: sentido figurado. experiência adquirida por vivência, que serve como aviso ou conselho; ensinamento / [...] / 8 Derivação: sentido figurado. exemplo instrutivo; modelo”. Todavia, os autores também definem “lição” como repreensão ou castigo (sentido figurado).

Freire (1957) apresenta a maior parte das definições para o substantivo “lição” referindo-se às práticas de sala de aula e aos exemplos adquiridos por conta de experiências. Aulete (1881, p. 1061) também faz menção às práticas de sala de aula e à “repreensão, castigo”.

Em Pinto (1832), “lição” é “o que o discipulo deve dar sabido”. Já para o substantivo vida o autor expõe: “o estado do animal, ou planta, em quanto faz as funções naturaes. O tempo que dura este estado.

Na visão de Aulete (1881, p. 1872), “vida” é “o estado de atividade da substancia organizada, comum aos animaes e aos vegetaes [...]. Diz-se particularmente da existência humana ou duração ordinária do homem [...]. Modo de existir [...]”. Freire (1957) faz a mesma definição que Aulete (1881) para o substantivo “vida”.

Houaiss e Villar (2009) compreendem a “vida” da mesma maneira como os supracitados autores, incluindo que é o “[...] / 3 Derivação: por extensão de sentido. período de um ser vivo compreendido entre o nascimento e a morte; existência / [...]”.

Portanto, a expressão “lição de vida” dentro do contexto da inscrição tumular remete-nos aos exemplos que o falecido deu durante sua existência, ou seja, enquanto estava vivo. Esses exemplos ficarão na memória de seus entes queridos, tendo em vista que o falecido, para estes, era uma pessoa íntegra.

[...]

VOLTOU PARA AQUELE QUE É O AUTOR DA VIDA. A SUA AUSÊNCIA  
 DOI DEMAIS, MAS SEU EXEMPLO É UMA LIÇÃO DE VIDA QUE CONFORTARÁ  
 AQUELES QUE O AMAM OBRIGADO POR SEU EXEMPLO DE LUTA DE  
 HONESTIDADE E DE FÉ.

**Fonte:** Cemitério Municipal de Santa Cruz de Goiás.

### 3.5.15 Vida eterna

O substantivo “vida”, como explicitado no item 3.5.14, tem o significado pertinente aos animais e vegetais. Contudo, em Houaiss e Villar (2009), ao apresentarem as várias definições para “vida”, chama-nos a atenção a última definição que é apresentada, pois torna claro qual o significado da expressão “vida eterna”: “[...] / 9 existência do espírito, vista como uma transcendência da morte física”.

Acreditamos que tal transcendência é eterna, considerando os ensinamentos cristãos, bem como a própria definição do adjetivo “eterno”, a qual Houaiss e Villar (2009) expõem e usam como exemplo a expressão “vida eterna”: “[...] / 2 que tem começo mas não tem fim”.

Nesse sentido, observamos que a expressão “vida eterna” faz referência à vida espiritual, ou seja, à vida pós-morte. A vida “terrena” é ceifada pela morte para se viver a “vida eterna”, um perfeito exemplo da relação dicotômica vida e morte, como vemos nas inscrições tumulares apresentadas a seguir.

AQUI DORME MÃE E FILHO [...]

TODO O QUE VIVE E CRÊ EM JESUS NÃO MORRERA, MAS PASSARA  
DA MORTE PARA A VIDA ETERNA

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

[...]

Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz.

Onde houver ódio, que eu leve o amor,

Onde houver ofensa, que eu leve o perdão,

Onde houver discórdia, que eu leve a união,

Onde houver dúvida, que eu leve a fé,

Onde houver erro, que eu leve a verdade,

Onde houver desespero, que eu leve a esperança,

Onde houver tristeza, que eu leve a alegria,

Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, fazei que eu procure mais

consolar que ser consolado;

compreender que ser compreendido,

amar, que ser amado.

Pois é dando que se recebe

é perdoando que se é perdoado

e é morrendo que se nasce para a vida eterna...

**Fonte:** Cemitério Municipal de Catalão.

[...]

A MORTE NÃO É UM FIM É UM COMEÇO DA VIDA ETERNA

**Fonte:** Cemitério Municipal de Ipameri.

Ao término das análises, e certas de que estas são apenas uma das muitas possíveis na perspectiva lexical, conduzir-nos-emos às considerações finais, onde apresentaremos as considerações finais da pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos nossas considerações finais com um questionamento feito por Àries (2012), o qual nos chamou atenção sobre a importância do conhecimento das civilizações antigas, bem como o que é dito após. Assim,

o que saberíamos das civilizações antigas sem os objetos, as inscrições e a iconografia que o arqueólogos encontraram nas escavações dos túmulos? Nossas sepulturas encontram-se vazias, mas nossos cemitérios tornaram-se eloquentes. Trata-se de um fato de civilização e de mentalidade muito importante (ÀRIES, 2012, p. 79-78).

Ariès (2012) demonstra a importância dos estudos que remetem às civilizações antigas, ao passado, pois é a partir destas e das transformações diacrônicas que nos encontramos no estágio atual da civilização. Entretanto, o que é fundamental são os estudos desenvolvidos, uma vez que é essencial termos conhecimento de processos passados, sejam eles em quais áreas forem. Nossa mentalidade deve-se voltar também para o passado ao invés de ficarmos vislumbrando apenas o futuro.

Muitas sepulturas estão vazias, isso é fato. Os restos mortais dos falecidos deixaram de existir e ficaram apenas as memórias, que podem ser retratadas através das inscrições tumulares presentes nas sepulturas.

Visto por este ângulo, consideramos o cemitério como um espaço cultural, onde o *post-mortem* propiciou e continuará propiciando, uma vez que a morte é a única certeza que temos que nos alcançará mais cedo ou mais tarde, um vasto campo para a pesquisa em diversas áreas. Nesse âmbito, que é considerado por muitos como macabro, encontramos um potencial enorme para as pesquisas voltadas para a área linguística.

As mensagens póstumas, as quais utilizamos em nossa pesquisa sob a denominação de inscrições tumulares (BASSETO, 2005), nos forneceram inúmeros conhecimentos que vão desde a história da morte no decorrer do desenvolvimento da humanidade às novas formas linguísticas, através das mudanças das regras ortográficas.

O uso de inscrições tumulares é uma forma de exteriorizar a falta do ente querido, como também conservar a importância deste perante a sociedade. Outro elemento importante é a demonstração do luto daqueles que eram ligados ao falecido.

Mensagens extensas, como também as curtas (apenas uma palavra) fazem parte do repertório empregado nas inscrições tumulares. Como não há um critério estabelecido quanto

à extensão da mensagem ou o que pode ou não ser inscrito, a escolha fica a critério de quem solicita a confecção da placa com a inscrição tumular.

No contexto em questão, observamos que há certas preferências para demonstrar a presença da vida nas inscrições tumulares. Nossa pesquisa mostrou que substantivos como *familiares, parentes, pais, amigos, esposo(a), filhos(as), irmãos(as), netos, sobrinhos*, dentre outros são usados em grande parte das inscrições tumulares para que fique registrada a existência de pessoas que sentirão a falta do falecido.

Por mais que seja apresentado o substantivo saudade(s), cabe ressaltar que *lembrança, recordação, inolvidável, eterna veneração* também têm lugar nas inscrições e remetem para o mesmo campo de sentidos, qual seja, a de que há, no mínimo, uma pessoa que se importa com a ausência da pessoa falecida, pois, neste caso, toda essa vasta representação da vida está implícita em uma única palavra. Ademais, como nos ensina Saussure (1999), as oposições constituem o signo e, assim, para escrever sobre a morte, as representações dela para quem está vivo e como o morto permanece, apesar de não estar presente, as inscrições estão carregadas de palavras que lembram a vida – a vida de quem ainda não morreu e, sobretudo, a de quem já morreu. A memória da vida, a serviço da expressão da dor da morte, é a matéria das inscrições tumulares.

Percebemos, ainda, que a presença do adjetivo “eterno” nesse tipo de inscrição remete a algo que tem um princípio, mas não tem um fim, a ideia do para sempre. Independentemente do substantivo que o acompanhe, este será sempre o seu significado.

Como não se sabe quem escreveu os epitáfios, é de supor que tenha pouca prática de escrita nas normas ortográficas, pelo que consideramos ao longo do capítulo 3. Todavia, salvo “zóios”, as ocorrências de variação gráfica foram comuns nos quatro cemitérios estudados, o que aponta para uma prática de escrita razoavelmente comum na região, não necessariamente dependendo de um acordo ou do conhecimento das regras de escrita por quem se prestava a inscrever nas lápides as memórias da vida quando esta se cessa.

Por fim, nossa compreensão da escrita e dos sentidos das mensagens *post-mortem* no *corpus* que estudamos possivelmente aceita outros olhares multidisciplinares; no entanto, o objetivo de verificar o uso de normas ortográficas e o arranjo lexical destes textos dos quatro cemitérios foi cumprido.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Tradução de Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. Coleção Saraiva de Bolso.

AULETE, Caldas. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Lisboa: Livraria Editora, 1881.

BAKHTIN, Mikahail Mjkhailovitch. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-326.

BASSETO, Bruno Fregni. **Elementos de Filologia Românica**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

BASSO, Renato Miguel; GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. **História concisa da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria lingüística: (teoria lexical e lingüística computacional)**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Coleção Leitura e Crítica).

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...** Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Iesu, 1712-1728. 8 v. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>>. Acesso em: 05 mai. 2015.

BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos linguísticos**. 14. ed. São Paulo: Pontes, 2005.

BORBA, Francisco S. Léxico e herança social. In: MARCHEZAN, Renata Coelho; CORTINA, Arnaldo (Org.). **Os fatos da linguagem, esse conjunto heteróclito**. Araraquara: FCL-UNESP, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 81-96.

BORGES, Débora Rodrigues. **Registros de memória em imagens: usos e funções da fotografia mortuária em contexto familiar na cidade de Bela Vista de Goiás (1920–1960)**. 161 f. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

BORGES, Maria Elizia. Arte funerária no Brasil: contribuições para a historiografia da arte brasileira. In: Colóquio Brasileiro de História da Arte, XXII. **Anais...** Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002.1 CD-ROM. Disponível em:<<http://www.artefunerariabrasil.com.br/livrosArtigos.php>>. Acesso em: 21 nov. 2014.

\_\_\_\_\_. **Manifestações artísticas contemporâneas em espaços convencionais (cemitérios secularizados)**. Colóquio Brasileiro de História da Arte, XXIV, 2005. Disponível em:<<http://www.artefunerariabrasil.com.br/livrosArtigos.php>>. Acesso em: 21 nov. 2014.

\_\_\_\_\_. Os riscadores de pedra: produtores de uma alegoria funerária cristã. In: ABEC, III. **Anais...** Disponível em: <<http://www.artefunerariabrasil.com.br/livrosArtigos.php>>. Acesso em: 21 nov. 2014.

BORGES, Maria Elizia; OLIVEIRA, Juliana Rodrigues de. Retratos memoriais: nascimento/morte da linhagem familiar burguesa. **Fênix, Revista de História e Estudos Culturais**. Vol. 9; Ano IX; nº 2. Maio/ Junho/ Julho/ Agosto de 2012. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br/artigos29.php>>. Acesso em: 21 nov. 2014.

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 9. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1975.

\_\_\_\_\_. **Grande Dicionário Etimológico Prosódico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Edição Saraiva, 1963.

BRITO, Nercinda Pessoa da Silva. **O experienciar da morte**: comportamentos frente à finitude em Teresina de 1900 a 1930. 2012. 231 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Aspectos teóricos da ortografia. In: SILVA, Maurício (org.). **Ortografia da língua portuguesa**: história, discurso, representações. São Paulo: Contexto, 2009. p. 17-52.

CAPUTO, Rodrigo Feliciano. O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. **Saber Acadêmico**. nº 06. Dezembro de 2008. p. 73-80. Disponível em: <<http://www.uniesp.edu.br/revista/revista6/pdf/8.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2014.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**: referente à língua portuguesa. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CARVALHO, Dolores Garcia; NASCIMENTO, Manoel. **Gramática histórica**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1972.

CASSETTARI, Marcel Innocenti. Tipo, gênero textual e gênero do discurso: em busca de uma definição para o ensino. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 01, n. 02, p. 132 – 151, jul./dez. 2012. Disponível em <<http://periodicos.uern.br/index.php/dialogodasletras/article/view/305/193>>. Acesso em: 05 maio 2015.

CEIA, Carlos. Arcaísmo. In: \_\_\_\_\_. (Coord.). **E-Dicionário de Termos Literários**. Disponível em: <<http://www.edtl.com.pt>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

CHAUL, Nasr Fayad. **Caminhos de Goiás**: da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

COELHO, Braz José. Noções básicas sobre linguagem e seu estudo. In: \_\_\_\_\_. **Linguagem**: conceitos básicos. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005. p.71-119.

COULANGES, Numa-Denys Fustel de. **A cidade antiga**. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Versão para eBook: eBooks Brasil, 2006. Digitalização do livro em papel Editora das Américas S.A. – EDAMERIS, São Paulo, 1961.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. Imperial Novo Milênio. Rio de Janeiro, 2011.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

\_\_\_\_\_. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1993.

FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1913.

FISCHER, Steven Roger. **História da escrita**. Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. In: \_\_\_\_\_. **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Mota. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 411-422.

FREIRE, Laudelino. **Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1957.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GONÇALVES, Paola Santiago dos Santos. A toponímia e a estrada de ferro de Goiás. **Revista UFG / Universidade Federal de Goiás**. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. Ano XIII, nº 11, dezembro de 2011. Disponível em: <[http://www.proec.ufg.br/revista\\_ufg/dezembro2011/](http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/dezembro2011/)>. Acesso em: 05 ago. 2015.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. Trad. Marcos Marcionilo. 10. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. 187 p.

HOUAISS, Antônio. **A Nova Ortografia da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ática, 1991.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4. ed. revisada e aumentada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

\_\_\_\_\_. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Objetiva: 2001.

\_\_\_\_\_. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0**. Objetiva: 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades@**. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 11 abr. 2013.

LEME, Maria Fernanda Soave; PACHECO, Agnelo de Carvalho. **Ortografia**: teoria e prática. São Paulo: Atual, 1989.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. 20. ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. **Diante das letras**: a escrita na alfabetização. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.

MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida (Org.). **Por minha letra e sinal**: documentos do ouro do século XVII. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

MORAIS, Paula de Campos; PAULA, Maria Helena de. A conservação de traços linguísticos em inscrições tumulares. In: SIMPÓSIO DE LETRAS LÍNGUA(GEM) E LITERATURA: Ensino e Pesquisa, VI. Catalão. **Anais...** Campus Catalão, Universidade Federal de Goiás, 2005. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_. Investigação sobre a conservação de traços linguísticos em inscrições tumulares. In: EREGEO – SIMPÓSIO REGIONAL DE GEOGRAFIA – Abordagens Geográficas do Cerrado: paisagens e diversidades, X. Catalão. **Anais...** Campus Catalão, Universidade Federal de Goiás, 2007. 1 CD-ROM.

MORAIS, Artur Gomes de. **Ortografia**: ensinar e aprender. 4. ed. São Paulo: Ática, 2008.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Linguagem e método: uma questão da análise de discurso. In: \_\_\_\_\_. **Discurso e leitura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 15-28.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Decreto nº 20.108, de 15 de junho de 1931**. Rio de Janeiro-RJ, 1931. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1930-1949/d20108.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d20108.htm)>. Acesso em: 10 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. **Decreto-Lei nº 292, de 23 de fevereiro de 1938**. Rio de Janeiro-RJ, 1938. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/del0292.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del0292.htm)>. Acesso em: 01 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 5.75, de 18 de dezembro de 1971**. Brasília-DF, 1971. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L5765.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5765.htm)>. Acesso em: 03 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008**. Brasília-DF, 2008. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/decreto/d6583.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6583.htm)>. Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 7875, de 27 de dezembro de 2012**. Brasília-DF, 2012. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/decreto/d7875.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/decreto/d7875.htm)>. Acesso em: 02 fev. 2015.

PESSOA, Fernando. **A língua portuguesa**. Organização de Luísa Medeiros. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Dicionário da Língua Brasileira**. Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/3>>. Acesso em: 05 maio 2015.

REIS, João José Reis. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço, Cultura e Religião: dimensões de análise. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 187-224.

RODRIGUES, José Carlos. Sentidos e Sentimentos. **Alceu**, v. 1, dez. 2000. p. 47-63. Disponível em: <[http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu\\_n1\\_Rodrigues.pdf](http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n1_Rodrigues.pdf)>. Acesso em: 21 nov. 2014.

SAMPSON, Geoffrey. **Sistemas de Escrita: Tipologia, História e Psicologia**. São Paulo: Ática, 1996.

SAPIR, Edward. Língua e ambiente. In: \_\_\_\_\_. **Linguística como ciência**. Tradução de J. Mattoso Câmara Júnior. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969. p. 43-62.

SANTANA, Fabíola de Jesus Soares. **A Retórica Fúnebre: uma abordagem histórico-discursiva de epitáfios, obituários e memoriais virtuais**. 2011. 227 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1999.

SENADO FEDERAL. **Decreto-lei nº 5186, de 13 de janeiro de 1943**. Rio de Janeiro-RJ, 1943. Disponível em: <[http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=5186&tipo\\_norma=DEL&data=19430113&link=s](http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=5186&tipo_norma=DEL&data=19430113&link=s)>. Acesso em: 20 jan. 2015.

SEPLAN (GO) / SEPIN. **Perfil socioeconômico – Catalão**. Disponível em <<http://www.seplan.go.gov.br/sepim>>. Acesso em: 01 maio 2013.

SILVA, Antonio de Moraes. **Dicionário da língua portuguesa: recompilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado**. 2. ed. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1789-1813. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/2>>. Acesso em: 05 dez. 2014.

SILVA, Maurício. **O Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa: o que muda, o que não muda**. São Paulo: Contexto, 2009a.

\_\_\_\_\_. A Academia Brasileira de Letras e a reforma ortográfica no Brasil. In: SILVA, Maurício (Org.). **Ortografia da língua portuguesa: história, discurso, representações**. São Paulo: Contexto, 2009b. p. 165-176.

VIANA, A. R. Gonçalves. **Ortografia Nacional**. Lisboa: Livraria editora Viuva Tavares Cardoso, 1904.

VIDE, Sebastião Monteiro da. **Constituições primeiras do arcebispado da Bahia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

WILLIAMS, Edwin Bucher. **Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa**. Trad. Antônio Houaiss. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

**ANEXO A – Decreto nº 20.108, de 22 de julho de 1931.**

**Presidência da República  
Casa Civil  
Subchefia para Assuntos Jurídicos**

**DECRETO No 20.108, DE 22 DE JULHO DE 1931.**

Vide Decreto Lei nº 292, de 1938.

Dispõe sobre o uso da ortografia simplificada do idioma nacional nas repartições públicas e nos estabelecimentos de ensino.

**O Chefe do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil,**

Considerando a vantagem de dar uniformidade à escrita do idioma nacional, o que somente poderá ser alcançado por um sistema de simplificação ortográfica que respeite a história, a etimologia e as tendências da língua:

Resolve:

Art. 1º Fica admitida nas repartições públicas e nos estabelecimentos de ensino a ortografia aprovada pela Academia Brasileira do Letras e pela Academia de Ciências de Lisboa.

Art. 2º No Diário Oficial e nas demais publicações oficiais será adotada a referida ortografia.

Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, em 15 de junho de 1931, 110º da Independência e 43º da Republica.

**GETULIO VARGAS**

*Oswaldo Aranha*

*Francisco Campos*

*Mario Barbosa Caneiro, encarregado do expediente da Agricultura na ausência do Ministro*

*José Fernandes Leite de Castro*

*José Americo de Almeida*

*Lindolpho Collor*

*Mello Franco*  
*Protogenes Guimarães*

Este texto não substitui o publicado na CLBR 1931.

De conformidade com o que votou em 1907, e examinando as modificações e ampliações que, em 1911, constituíram a ortografia oficial portuguesa, a Academia Brasileira de Letras resolveu aceitar o acordo que se segue, dentro das novas alterações constantes das bases juntas e dele fazendo parte integrante - 30 de abril de 1931.

A Academia das Ciências de Lisboa, pelo seu representante, Sua Excelência o Senhor Embaixador Duarte Leite, e a Academia Brasileira de Letras, pelo seu Presidente, Fernando Magalhães, firmam o acordo ortográfico nos seguintes termos:

1º - A Academia Brasileira aceita a ortografia oficialmente adotada em Portugal com as modificações por ela propostas e constantes das bases juntas, que deste acordo fazem parte integrante;

2º - A Academia das Ciências de Lisboa aceita as modificações propostas pela Academia Brasileira de Letras e constantes das referidas bases;

3º - As duas Academias examinarão em comum as dúvidas que de futuro se suscitarem quanto à ortografia da língua portuguesa;

4º - As duas Academias obrigam-se a empregar esforços junto aos respectivos Governos, afim de, em harmonia com os termos do presente acordo, ser decretada nos dois países a ortografia nacional.

**BASES DO ACORDO ORTOGRÁFICO ENTRE A ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA E A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS.**

**ELIMINAR:**

1º - As consoantes mudas: celro, fruto, sinal, em vez de sceptro, fuetto, signal.

2º - As consoantes geminadas: sábado, belo, efeito, em vez de sabbado, bello, effeito.

Excetua-se:

a) os ss e rr: nosso, carro.

b) o grupo cç quando os dois cç soarem distintamente: sucção, secção.

3º - O h mudo mediano: sair, tesouro, compreender.

Notas:

a) Mantem-se os grupos ch (chiante), lh, nh: chá, velho, ninho,

Exceção:

Conserva-se o h mudo nos vocábulos compostos com prefixo, quando existir na língua, como palavras autónoma, o último elemento: inhumano, deshabitar, deshonra, reaver.

b) As formas reflexivos ou pronominais do futuro e condicional dos verbos serão escritas sem h: dever-se-á, amar-te-ei, dir-se-ia.

4º - Os do grupo sc inicial; ciência, ciática.

5º - O apóstrofo: deste, daquele, naquele, donde, outrora, estoutro, mãe-dagua, daí, dali.

SUBSTITUIR:

1º - O k e o grupo ch (duro), por qu, antes de e e i, e por e, nos outro casos; querubim, monarca, química, quilo, Cristo, técnica.

Nota - Conserva-se a letra k nas abreviaturas de quilo e quilômetros 2 kg de sal; 50 km; bem como nos vocábulos geográficos ou derivados de nomes próprios: Kiel, Kiew, Kantismo.

2º - O u por u ou v, conforme a, pronúncia do vocábulo: vormio, vigandias.

3º - O y por i: juri, martir, Potí, Andaraí.

4º - Os grupos ph, rh, e th, por f, r e t; fósforo, retórica, tesouro.

5º - O z final por s nas palavras como agua-rás, português, país, após.

Nota - Os nomes próprios, portugueses ou aportuguesados, quer pessoais, quer locais, serão escritos com z final, quando terminados em sílaba longa, e com s, quando em sílaba breve: Tomaz, Garcez, Queiroz, Andaluz; Alvares, Pires, Nunes, Dias, Vasques, Peres.

OBS. - Os nomes Jesus e Paris conservarão o s, visto a dificuldade de qualquer alteração.

No uso do s e do z medios segue-se o que determinam a etimologia e a história da língua.

6º - O m por n nas palavras em que houver o t etimológico: pronto, assunto, isento.

GRAFAR:

1º - Com i as palavras que alguns escrevem com e e outros com i: igual, idade, igreja.

2º - Com s as palavras que alguns, escrevem com s e outros com c : cansar, pretensão, dansa, ânsia.

3º - Com ã, a sílaba: longa, irmã, manhã, maçã.

4º - Com ão os substantivos e adjetivos que alguns escrevem com ão e outros com am: acórdão, bênção.

5º - Com am o final átono do verbos: amam, amavam, amaram.

6º - Com ai, au, eu, iu e oi os ditongos que alguns escrevem com ae, ao, eo, io, oe: pai, pau, céu, viu, herói.

Nota - Não sendo ditongo permanece o digrama io: rio fio.

#### CONSERVAR:

1º - O g mediano: legislar, imagem.

2º - Os ditongos ue, õe: azues, pão.

3º - Os varios sons do z (s, z, cs, ss, ch): excelente, exeto, fixo, próximo, luxo.

#### DIVISÃO SILABICA:

1º - No infinitivo, seguido dos pronomes lo, la, los, las, êstes se transpotarão para depois do hifen, acentuando-se a vogal tonica do verbo, de acordo com a pronúncia: amá-lo, dizê-lo.

2º - Escrever-se-ão com hifen os vocábulos campostos, cujos elementos conservam a sua independência vernácula: para-raios, guarda-pó, contra-almirante.

3º - A divisão de um vocábulo far-se-á foneticamente pela soletração e não pela separação etimológica de seus elementos: subs-cre-ver, sec-ção, de-sar-mar, in-ha-bil, bi-sa-vô, e-xér-ci-to, nas-cer, des-cer.

#### NOMES PROPRIOS:

Conservar nos nomes proprios estrangeiros as formas correspondentes vernáculas que forem de uso: Antuérpia, Berna, Cherburgo, Colônia, Escandinávia, Escalda, Londres, Marselha;

OBS: - Sempre que existam formas vernaculas para os nomes proprios, quer personativos, quer locativos, devem elas ser preferidas.

#### ACENTUAÇÃO:

Reduzir os sinais gráficos, que caracterizam a prosódia, de, modo a corresponderem esses sinais à prosódia dos dois povos, tornando mai facil o ensino da língua escrita.

República dos Estados Unidos do Brasil. - Rio de Janeiro, 30 de abril de 1931. - Duarte Leite. - Fernando Magalhães.

## FORMULÁRIO ORTOGRÁFICO

### CONSOANTES MUDAS:

I - Nenhuma palavra se escreverá empregando consoante que nela se não pronuncie.

Assim, escrever-se-á: autor, sinal, adesão, aluno, salmo, e não: auctor, signal, adhesão, alumno, psalmo; mas nenhuma alteração se fará na grafia das palavras - abdicar, acne, gnomo, recepção, caracteres, optar, egípcio, egíptólogo, espectador, expectativa, mnemônica e outra em que as letras bd, cn, gn, pç, ct, pt, pc, mn, soam separada e distintamente.

### LETRAS DOBRADAS:

II - Não se duplicará nenhuma consoante.

Assim, escrever-se-á: sábado, acusar, adido, efeito, sugerir, belo, chama, pano, aparecer, atitude, e não sabbado, accusar, addido, suggerir, bello, chamma, panno, apparecer, attitude.

Excetua-se:

a) as letras r, s, que se duplicam, por força da pronúncia: barro, carro, farra, cassa, passo, russo...

b) o grupo cc quando os cc soarem distintamente: secção-seccional-seccionar, infecção-infeccionar-infeccioso, sucção...

c) as letras r o s ainda se duplicam, se a pronúncia o exige, isto é, quando a vocábulos que fornecem por um destas letras se antepõe prefixo terminado em vogal: prorrogar, prerrogativa, prorromper, arrasar (de raso), assegurar (de seguro), pressentir...

### EMPREGO DO h INICIAL, MEDIO E FINAL:

III - É mantido o h:

a) quando inicial de palavras que, ainda o conservam de acordo com a etimologia: hoje, homem, hora, honrório...

b) nos vocabulos compostos com prefixo, quando existir na lingua, como palavra autonoma, o ultimo elemento - deshabitar, deshonra, deshumano, inhumano, reaver...

c) como sinal diacrítico nas combinações ch, lh, nh, com os valores que as seguintes, palavras exemplificam - chave, chapéu, malha, velho, lenho, manha...

d) como sinal de interjeição - ah! oh!

IV - É proscrito o h:

a) quando figurar no meio das palavras, com exceção dos casos acima indicado - sair, compreender, coorte, cair, exumar, proibir, e não sahir, comprehender, cohorte, cair, exhumar, prohibir;

b) das formas pronominais do futuro e condicional dos verbos: - dever-se-á, escrever-se-á, dir-se-ia, ter-se-ia, e não dever-se-á, dir-se-hia, etc.;

c) quando figurar no fim das palavras - Jeová, rajá e não Jehovah, rajah.

O GRUPO sc INICIAL:

V - É eliminado o s do grupo sc inicial - ciencia, cena, cetro, cético, cisão, centelha., cintilar, ciático; o coerentemente dos compostos em que entrem esses vocábulos - precientífico, preciência, etc.

APÓSTROFO:

VI - a) Proscrever o apóstrofo nas contrações da preposição de com os pronomes pessoais da 3ª pessoa - dêle, dela, deles, delas; com os pronomes demonstrativos, disto, disso, daquilo; com os adjetivos articulares - do, da, dos, das, dum, duma, duns, dumas; com os adjetivos demonstrativos - dêste, dêsse, daquele, desta, dessa, daquela, dêstes, dêsses, daqueles, destas, dessas, daquelas; com os advérbios aí, aquí, alí, antes, onde, aquém e além - daí, daqui, dali, dantes, donde, daqué, dalém; e finalmente, com a preposição entre - dentre;

b) Proscrever o apóstrofo nas combinações da preposição em com os pronomes da 3ª pessoa - nele, etc.; com os pronomes demonstrativos - neste, etc.;

c) Proscrever o apóstrofo nas formas composta dos adjetivos demonstrativos - essoutro, etc., nestoutro, etc., destoutro, etc.; aqueloutro, etc., e na expressão outrora.

AS LETRAS K, W E Y:

VII - São proscritas de todas as palavras portuguesas, ou aportunuesadas, as letras, k, w, y, que serão substituídas do modo que se segue:

a) o k por qu antes de e e i - querosene, quiosque, quilo, quilómetro, faquir; e por e em qualquer outra situação - calendas, cágado, caleidoscópio, cleptomania, cleptofobia;

Nota - É conservada nas abreviaturas do quilo, quilograma, quilolitro e quilómetro: K., Kg., Kl., Km, ú k não faz parte do abecedário português; contudo é empregado em um ou outro vocábulo de nome próprio estrangeiro e em palavras estrangeiras que entraram na

linguagem. Limita-se o seu emprego a Kantismo, Kantista, Kaiserista, Kaiser, Kapa, (letra grega), Kepler, Kepleriano, Kepleria, Kermesse, Kiries, Kiel, Ziew, Kummel.

b) O w por u ou por v conforme for a sua pronúncia - vigândias, vagão, valsa, Osvaldo;

Nota - É conservado como símbolo para denotar o Oéste. Com o som de u não figura em vocábulo português ou aporuguesado.

c) O y por i - juri, mártir, tupí. Andarai.

OS GRUPOS ch (duro), ph, rh E th:

VIII - São proscritos os grupos ch (duro) ph, rh, th, que ficam assim substituídos:

a) o ch por qu antes de e e i - traquéia, querubim, quimera, química; e por c nos outros casos - caldeu, caos, corografia, catecúmeno, cromo, Cristo, cloro, e não trachéa, cherubim, caldeu, chaos, etc.;

b) os dígrafos ph, rh, th, respectivamente por f, r, t, - filosofia, fósforo, retórica, reumatismo, tesouro, ortografia e não philosophia, phosphoro, rhetorica, etc.

O GRUPO MP POR N:

IX - Substitue-se o mp por n nas palavras em que houver caído o p etimológico - pronto, assunto, isento, Cf, prompto, assumpto, isempto.

O EMPREGO DO s:

X - Escrever com s final e não z:

a) os pronomes nós a vós;

b) a 2ª pessoa do singular do futuro do indicativo - amarás, ofenderás, irás, porás;

c) a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos monossilábicos e seus compostos - dás, desdás, vês, crês, revês, descrês, ris, sorris;

d) o plural das palavras terminadas em vogal longa - país, cafés, frenesis teirós, perús;

e) os adjetivos gntílicos e palavras outras formadas com o sufixo ês (lat. ense) - aragonês, barcelonês, berlinês, borgonhês, finês, francês, holandes, inglês, iroquês, javanês, português, siamês, sudanês, tuquianês, tuirquês, veronês, marquês, burguês, camponês, monlanhês, montês, cortês, pedrês, baionês, garcês, tamarês, tavanês, etc.

f) os latinismos de uso comum, que ainda mantem a forma originária - bis, jus, plus, virus, pus (subst.);

g) os monossílabos e palavras agudas seguintes: aliás, ananás, após, anrês, arrás, arriós, arsis, ás, atrás, através, calcês, camoês, carajás, catrapús, convés, cós, cris, daruês, dê, (desde), detrás, enapupês, enxós, filhós, freguês, gilvás, grós, linaloés, luís (moeda), macis, mê, obús, pardês, paspalhós, pavês, piós, princês, rês, rés, revés; tornês, trás, tris, viés, zústrás, etc.

#### XI - Escrever com s médio:

a) as formas femininas (de substantivos) que tiverem o desinencia esa ou isa - baronesa, duquesa, princesa, cosulesa, prioresa, sacerdotisa, poetisa, diaconisa, profetisa.;

b) os adjetivos formados de substantivos com o sufixo abundancial oso - animoso, doloroso, fornoso, populoso, teimoso;

c) os diversos tempos dos verbos querer e pôr com os seus compostos - quis, quisestes, quiserem, quisemos, pus, pusestes, puseram, pusemos, compúsemos, compôs, dispusestes;

d) as palavras em eso ou esa que no português são primitivas, consoante as suas correspondentes de origem, e, de conformidade com elas, as suas derivadas - empresa, despesa, defesa, mesa, surpresa, framboesa, presa, devesa, represa, toesa, aceso, ileso, defeso, ofeso, teso, empresario, mesario;

e) os verbos oriundos do latim terminados em sar - acusar (accusare), recusar (recusare), recusar (refusare);

f) os substantivos, adjetivos e os participios terminados em aso, asa, iso, isa, oso, osa, uso, usa; caso, aso, vaso, asa, casa, brasa, viso, conciso, aviso, graniso, paraíso, siso, guiso, liso, friso, narciso, brisa, frisa, camisa, divisa, esposo, glosa, rosa, raposa, grossa, entrosa, tosa, prosa, uso, abuso, luso, fuso, escuso, infuso, conclusivo, contuso, musa;

g) o prefixo trans, nesta como nas formas tras e tres e, coerentemente, as suas derivadas - transação, transigir, tresandar, transandino, transição, transoceânico; trás-ante-ontern, traseiro, trasordinário;

h) os nomes em ase, ese, ise, ose - crase, frase, acroase, apófase, perífrase, fase, diátese, tese, diurese, gênese, síntese, apófise, bacilose, diagnose;

i) os vocábulos compostos, derivados do grego com isos, Ehyos, lysis, mesos, neso, plysis, ptosis, stasis, thesis - isócolo, isódico, isodinâmico, crisóptero, crisóstomo, crisântemo, análise, mesartente, mesáulio, queroneso, fisiologia, ptosconomia, êxtase, síntese;

j) os verbos terminados em isar, cujo radical termina em s, formados com o sufixo ar - avisar (avis ar), precisar (precis ar), analisar (analís ar), irisar (iris ar).

#### O EMPREGO DO Z:

XII - Escrever com z final as palavras agudas em az, ez, oz, uz - assaz, xadrez, perdiz, veloz, arcabuz.

Nota - Ter em atenção as exceções indicadas nas regras referentes ao emprego do s.

XIII - Escrever com z médio:

a) as palavras derivadas do latim, em que o z provem de c, ci, ti - azêdo (acetu), fiuza (fiducia), juízo (judicium), vizinho (vicinus), razão (rationem) prazo (placitum), prezar (pretiare), mezinha (medicina);

b) Os verbos em zer, ou zir - aprazer, fazer, jazer, cozer (ao lume), conduzir, induzir, luzir, produzir, e seus compostos;

Nota - Escrever-se-á coser (com s) quando significar ligar por meio de pontos, e do mesmo modo os seus compostos - descoser, recoser, etc.

c) as flexões (z) inho e (z) ito dos diminutivos - florzinha, mãezinha, paizinho, avezita, pobrezito;

d) as palavras de origem arábica, oriental e italiana, que entraram na língua - azáfama, azeite, azul, azougue, azar, azeviche, bazar, ogeriza, gazúia, vizir, bezante bizantino, bizarro, gazeta, e seus derivados;

e) os verbos em izar (lat. izare) - autorizar, batizar, civilizar, colonizar;

f) os substantivos formados dos adjetivos com o sufixo eza (dat. itia) - beleza, fereza, firmeza, madureza, moleza, pobreza;

g) as palavras derivadas de outras que terminam em z final - apaziguar, avezar, cruzado, dezena, felizardo.

NOMES PRÓPRIOS:

XIV - Os nomes próprios, portugueses ou aportuguesados, quer pessoais, quer locativos, serão escritos com z final quando terminados em sílaba longa - Garcez, Queiroz, Luiz, Tomaz, Andaluz, Queluz; e com s final quando terminados em sílaba breve - Alvares, Dias, Fernandes, Nunes, Peres, Pires.

Nota - Os nomes Jesus e Paris conservarão o s, visto a dificuldade de qualquer alteração.

XV - Conservar em nomes próprios estrangeiros as formas correspondentes vernáculas já vulgarizadas: Antuérpia, Berna, Bordéus, Cherburgo, Colônia, Escandinária, Escalda, Florença, Londres, Marselha, Viene, Algéria.

Nota - Sempre que existirem formas vernáculas para nomes de outras línguas, devem elas ser preferidas. Conservarão, portanto, a sua grafia original os que se não prestem à adaptação portuguesa - Anatole France, Byron, Conte Rosso, Carlyle, Carducci, Musset, Shakespeare, Southampton,

#### GRAFIAS DUBITATIVAS:

XVI - Fixar a grafia usualmente dubitativa das seguintes palavras, seus derivados e afins:

a) Brasil e não Brazil;

b) idade, igreja, igual e não edade, egreja, equal;

c) assucar, alvissaras, sossegar, pêssego, dossel, jovem, rossio, criar (alimentar) e crear (tirar do nada), almaço, maciço, solene, alem de outras, e não açucar, alviçaras, socegar, pécego, docel, joven, rocio, almasso, massiço, solemne;

d) ansia, ascensão, cansar, dansar, farsa, pretensão, e não ancia, ascensão, cançar, dançar, farça, pretenção...

#### FINAIS EM ã, ão, am:

XVII - Grafar com ã e não an as palavras oxítonas: amanhã, maçã, talismã...; as femininas das terminadas em ão: aldeã, cristã, irmã...; e as monossílabas: lã, vã, sã...

XVIII - Grafar com ão e não am, os monossílabos - cão, chão, cão; as palavras agudas - coração, verão, alcorão; as formas verbais do futuro - amarão, deverão, farão; e palavras outras que aparecem ora em ão, ora em am - acórdão, bênção, órfão, sótão.

Nota - Deve acentuar-se a sílaba tônica dos anoxítonos em ão: sótão, órfão, bênção, órgão.

XIX - Escrever com am o final átono dos verbos - amam, amavam, amaram, disseram, fizeram expuseram.

#### DITONGOS:

XX - Os ditongos ae e ao passarão a ser escritos com i e u - pai, cai, sai, amais, e não amaes, saes, etc.; grau, mau, pau e não pao, mao, grao.

O ditongo eo passa a ser éu ou eu - céu, véu, chapéu, meu teu e não teo, chapeo, etc.

O ditongo io passará a iu - feriu, partiu, viu e não ferio, partio, vio. etc.

O ditongo oe passará a oi - anzois, doi, heroi, e não anzoes, doe, heroe, etc.

Nota - Quando estas vogais não foram ditongo, nenhuma alteração se fará: - aérides, aéreo, cáos, caótico, teleologia, teologia, rio, tio, oéste e oéta. Escrever-se-á ao e não au, quando for a combinação da preposição a com o artigo o.

XXI - São mantidos os ditongos ãe, õe, ue - mãe, tabeliães, anões, dispões, pões, azues.

O EMPREGO DO g:

XXII - É conservado o g médio - imagem, eleger, legítimo, fugir, pagem, e seus compostos e derivados.

O PRONOME DO g:

XXIII - Manter-se-á a escrita - lo, la, los, las:

- a) com o infinitivo dos verbos - amá-lo, ofendê-la, possuí-los, repô-las;
- b) com as formas verbais em s - ama-lo, etc.; e com aquelas que acabam em z - dí-lo, fá-los;
- c) com os pronomes nós, vós e a forma eis - vo-lo, no-la, ei-lo.

Nota - Aqueles pronomes virão sempre ligados pelo hífen, acentuando-se a vogal tônica do verbo.

A LETRA x:

XXIV - São mantidos os valores prosódicos que no português tem o x - e, z, cs, ss, ch, segundo exemplificam estas palavras: excelente, exacto, fixo, próximo, luxo.

DIVISÃO SILÁBICA:

XXV - A divisão de um vocábulo em sílabas far-se-á foneticamente pela soletração e não pela separação dos seus elementos de derivação, composição ou formação - subs-crever, secção, de-sarmar, in-ha-bil, bi-sa-vô, e-xer-ci-to, exceder.

Para mais facil aplicação desta regra, observem-se os preceitos seguintes:

- a) Separar, pelas duas sílabas sucessivas, as letras que se duplicam - ar-ras-tar, pas-sagem, suc-ção;
- b) Os dos prefixos des, dis, separa-se da consoante que se lhe segue - des-di-zer, dis-con-ti-nu-ar; mas, se se lhe segue vogal, desta se não separa e com ela forma sílaba - de-sen-ganar, de-sen-vol-ver, de-si-lu-são;

c) Conservar na sílaba que a preceder a consoante sonora - con-tac-to, re-cep-ção, es-pec-ta-ti-va;

d) Não separar ditongos - neu-tro, nai-pe, rei-na-do, au-to, i-gual (i-guais);

e) Separar vogais iguais - Co-or-te, Co-or-de-na-da, e vogais consecutivas, que não formem ditongo - vo-ar, po-ei-ra, pro-ê-mio, me-u-do, ci-u-me.

#### HIFEN:

XXVI - Separar-se-ão com hifen os vocábulos compostos cujos elementos conservam sua independência fonética - para-raios, guarda-pó, contra-almirante.

Nota - Não raro o uso reúne, sem o hifen, os elementos dos compostos: clarabóia, parapeito, malmequer, malferido.

#### ACENTUAÇÃO GRÁFICA:

XXVII - Empregar os sinais diacríticos sempre que se fizer mister para a boa fixação da pronúncia, ou para evitar confusões.

Assim limitar-se-á a acentuação gráfica aos casos que se seguem:

a) nas palavras agudas, em a, e, i, o, u - fubá, jacaré, tupí cipó, urubú;

b) nas palavras graves ou esdrúxulas, não vulgares, em que a ausência do acento possa induzir em erro de pronúncia - opímo, aváro, efébo, pegáda, Setúbal, nenúfar, sável, éden, táctil, éxul, ou aeróstato, aerólito, autócrata, azímute, zénite, monólito, ádvena, revérbero, cérbbero, sánscrito, velódromo, crisântemo;

c) usar do acento agúdo, como diferencial, nos vocábulos esdrúxulos com relação aos seus homógrafos que tenham por sílaba predominante a penúltima - escápula (s) e escapula (v.), fábrica (s.) e fabrica (v.), história (s.) e historia (v.), índico (s.) e indico (v.), réplica (s.) e replica (v.), telégrafo (s.) e telegrafo (v.);

d) marcar com o acento circunflexo, como diferencial, as vogais e e o fechadas, sempre que qualquer vocábulo grave, cuja vogal tônica seja e ou o abertos, for homógrafo com outro em que esse e ou o seja fechado - fôrma e forma, côrte e corte, sêde e sede, rês e res, pêlo e pelo, rôgo e rogo, tôpo e topo.

#### ABECEDÁRIO:

XXVIII - O abecedário português passará a se constituir das seguintes letras e suas combinações:

a, b, c, ç, ch, d, e, f, g, h, i, j, l, lh, m, n, nh, o, p, q, r, s, t, u, v, x, z.

Rio de Janeiro, 3 de junho de 1931.

*Fernando Magalhães, presidente.*

*Laudelino Freire, relator.*

*Humberto de Campos.*

*Medeiros e Albuquerque.*

*Gustavo Barroso.*

*Coelho Neto.*

*Ramiz Galvão.*

*João Ribeiro, vencido.*

Aprovado em sessão de 11 de junho de 1931

*Fernando Magalhães*

**ANEXO B – Decreto-lei nº 292, de 23 de fevereiro de 1938.**



**Presidência da República  
Casa Civil  
Subchefia para Assuntos Jurídicos**

**DECRETO-LEI Nº 292, DE 23 DE FEVEREIRO DE 1938.**

Regula o uso da ortografia nacional

**O Presidente da República**, usando da atribuição que lhe confere o Art. 180 da Constituição,

**DECRETA:**

Art. 1º E. obrigatório o uso da ortografia resultante do acordo, a que se refere o decreto n. 20.108, de 15 de junho de 1931, entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Lisbôa, no expediente das repartições públicas e nas publicações oficiais de todo o país, bem como em todos os estabelecimentos de ensino, mantidos pelos poderes públicos ou por eles fiscalizados.

~~Parágrafo único. A acentuação gráfica, nos termos das bases do acordo de que trata este artigo, fica fixada nas regras, que acompanham este decreto-lei. (Revogado pelo Decreto-Lei nº 5.186, de 1943)~~

Art. 3º A partir de 1 de junho de 1939, não serão admitidos, nos estabelecimentos de ensino oficiais ou reconhecidos oficialmente, livros didáticos escritos em ortografia diferente da referida no argo 1º deste decreto-lei.

Art. 4º Revogam-se as disposições em contrário.

Art. 2º Será publicado pelo Ministério da Educação e Saúde, e terá uso obrigatório, nos termos do Art. 1º deste decreto-lei, um vocabulário ortográfico da língua nacional, no qual serão resolvidos os casos especiais de grafia não constantes do acordo entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Lisboa.

Rio de Janeiro, em 23 de fevereiro de 1938, 117º da Independência 50º da República.

**GETULIO VARGAS**  
*M. de Pimentel Brandão*  
*Gustavo Capanema*  
*Francisco Campos*  
*A. de Souza Costa*  
*João de Mendonça Lima*

*Eurico G. Dutra*

*Henrique A. Guilhem*

*M. de Pimentel Brandão*

*Fernando Costa*

*Waldemar Falcão*

**Este texto não substitui o publicado na CLBR de 1938**

**ANEXO C – Decreto-lei nº 5.186, de 13 de janeiro de 1943.**

**Presidência da República  
Casa Civil  
Subchefia para Assuntos Jurídicos**

**DECRETO-LEI Nº 5.186, DE 13 DE JANEIRO DE 1943.**

Regula o uso de ortografia em todo o país.

**O Presidente da República**, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição,

**Decreta:**

Art. 1º Até que seja adotado em definitivo o vocabulário oficial, em, elaboração, que consubstancie, de modo seguro, o acordo celebrado em 1931, entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Lisboa, vigorará, em todo o país, como formulário ortográfica, o do "Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa organizado pela Academia Brasileira de Letras de acordo com a Academia das Ciências de Lisboa", publicado em 1932.

Art. 2º O Ministro da Educação e Saude fixará os prazos de obrigatoriedade relativa à ortografia dos livros didáticos e, bem assim, resolverá; por instruções, toda a matéria atinente, à ortografia.

Art. 3º Fica revogado o parágrafo único do art. 1º do decreto-lei 292, de 23 de fevereiro de 1938, e outras disposições que contrariem o presente decreto-lei.

Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1943, 122º da Independência e 55º da República.

GETÚLIO VARGAS  
*Gustavo Capanema*  
*Alexandre Marcondes Filho*  
*A. de Souza Costa.*  
*Eurico G. Dutra*  
*Henrique A. Guilhem*  
*João a. Mendonça Lima*  
*Ovaldo Aranha.*  
*Apolonio Salles*  
*J. P. Salgado Filho*

**Este texto não substitui o publicado DOU 15.1.1943**

**ANEXO D – Lei nº 5.765, de 18 de dezembro de 1971.**

**Presidência da República  
Casa Civil  
Subchefia para Assuntos Jurídicos**

**LEI Nº 5.765, DE 18 DE DEZEMBRO DE 1971.**

Aprova alterações na ortografia da língua portuguesa e dá outras providências.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA**, faço saber que o CONGRESSO NACIONAL decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art 1º De conformidade com o parecer conjunto da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa, exarado a 22 de abril de 1971 segundo o disposto no artigo III da Convenção Ortográfica celebrada em 29 de dezembro de 1943 entre o Brasil e Portugal, fica abolido o trema nos hiatos átonos; o acento circunflexo diferencial na letra *e* e na letra *o*, a sílaba tônica das palavras homógrafas de outras em que são abertas a letra *e* e a letra *o*, exceção feita da forma *pôde*, que se acentuará por oposição a *pode*; o acento circunflexo e o grave com que se assinala a sílaba subtônica dos vocábulos derivados em que figura o sufixo *mente* ou iniciados por *z*.

Art 2º A Academia Brasileira de Letras promoverá, dentro do prazo de 2 (dois) anos, a atualização do Vocabulário Comum a organização do Vocabulário Onomástico e a republicação do Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa nos termos da presente Lei.

Art 3º Conceder-se-á às empresas editoras de livros e publicações o prazo de 4 (quatro) anos para o cumprimento do que dispõe esta Lei.

Art 4º Esta Lei entrará em vigor 30 dias após a sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 18 de dezembro de 1971; 150º da Independência e 83º da República.

EMÍLIO G. MÉDICI  
*Jarbas G. Passarinho*

**Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 20.12.1971**

**ANEXO E – Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.**

**Presidência da República  
Casa Civil  
Subchefia para Assuntos Jurídicos**

**DECRETO Nº 6.583, DE 29 DE SETEMBRO DE 2008.**

Promulga o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA**, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e

Considerando que o Congresso Nacional aprovou, por meio do Decreto Legislativo nº 54, de 18 de abril de 1995, o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990;

Considerando que o Governo brasileiro depositou o instrumento de ratificação do referido Acordo junto ao Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Portuguesa, na qualidade de depositário do ato, em 24 de junho de 1996;

Considerando que o Acordo entrou em vigor internacional em 1º de janeiro de 2007, inclusive para o Brasil, no plano jurídico externo;

**DECRETA:**

Art. 1º O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, entre os Governos da República de Angola, da República Federativa do Brasil, da República de Cabo Verde, da República de Guiné-Bissau, da República de Moçambique, da República Portuguesa e da República Democrática de São Tomé e Príncipe, de 16 de dezembro de 1990, apenso por cópia ao presente Decreto, será executado e cumprido tão inteiramente como nele se contém.

Art. 2º O referido Acordo produzirá efeitos somente a partir de 1º de janeiro de 2009.

~~Parágrafo único. A implementação do Acordo obedecerá ao período de transição de 1º de janeiro de 2009 a 31 de dezembro de 2012, durante o qual coexistirão a norma ortográfica atualmente em vigor e a nova norma estabelecida.~~

Parágrafo único. A implementação do Acordo obedecerá ao período de transição de 1º de janeiro de 2009 a 31 de dezembro de 2015, durante o qual coexistirão a norma

ortográfica atualmente em vigor e a nova norma estabelecida. (Redação dada pelo Decreto nº 7.875, de 2012)

Art. 3º São sujeitos à aprovação do Congresso Nacional quaisquer atos que possam resultar em revisão do referido Acordo, assim como quaisquer ajustes complementares que, nos termos do art. 49, inciso I, da Constituição, acarretem encargos ou compromissos gravosos ao patrimônio nacional.

Art. 4º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 29 de setembro de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

*Celso Luiz Nunes Amorim*

**Este texto não substitui o publicado no DOU de 30.9.2008**

#### ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Considerando que o projeto de texto de ortografia unificada de língua portuguesa aprovado em Lisboa, em 12 de outubro de 1990, pela Academia das Ciências de Lisboa, Academia Brasileira de Letras e delegações de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, com a adesão da delegação de observadores da Galiza, constitui um passo importante para a defesa da unidade essencial da língua portuguesa e para o seu prestígio internacional,

Considerando que o texto do acordo que ora se aprova resulta de um aprofundado debate nos Países signatários,

a República Popular de Angola,

a República Federativa do Brasil,

a República de Cabo Verde,

a República da Guiné-Bissau,

a República de Moçambique,

a República Portuguesa,

e a República Democrática de São Tomé e Príncipe,

acordam no seguinte:

Artigo 1º

É aprovado o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que consta como anexo I ao presente instrumento de aprovação, sob a designação de Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990) e vai acompanhado da respectiva nota explicativa, que consta como anexo II ao mesmo instrumento de aprovação, sob a designação de Nota Explicativa do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990).

#### Artigo 2º

Os Estados signatários tomarão, através das instituições e órgãos competentes, as providências necessárias com vista à elaboração, até 1 de janeiro de 1993, de um vocabulário ortográfico comum da língua portuguesa, tão completo quanto desejável e tão normalizador quanto possível, no que se refere às terminologias científicas e técnicas.

#### Artigo 3º

O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa entrará em vigor em 1º de janeiro de 1994, após depositados os instrumentos de ratificação de todos os Estados junto do Governo da República Portuguesa.

#### Artigo 4º

Os Estados signatários adotarão as medidas que entenderem adequadas ao efetivo respeito da data da entrada em vigor estabelecida no artigo 3º.

Em fé do que, os abaixo assinados, devidamente credenciados para o efeito, aprovam o presente acordo, redigido em língua portuguesa, em sete exemplares, todos igualmente autênticos.

Assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990.

PELA REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA  
JOSÉ MATEUS DE ADELINO PEIXOTO  
Secretário de Estado da Cultura

PELA REPÚBLICA FEDERATIVA  
DO BRASIL  
CARLOS ALBERTO GOMES CHIARELLI  
Ministro da Educação

PELA REPÚBLICA DE CABO VERDE  
DAVID HOPFFER ALMADA  
Ministro da Informação, Cultura e Desportos

PELA REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU  
ALEXANDRE BRITO RIBEIRO FURTADO  
Secretário de Estado da Cultura

PELA REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE  
LUIS BERNARDO HONWANA  
Ministro da Cultura

PELA REPÚBLICA PORTUGUESA  
PEDRO MIGUEL DE SANTANA LOPES  
Secretário de Estado da Cultura

PELA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE  
LÍGIA SILVA GRAÇA DO ESPÍRITO SANTO COSTA  
Ministra da Educação e Cultura

## ANEXO I

### ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

(1990)

#### Base I

Do alfabeto e dos nomes próprios estrangeiros e seus derivados

1º) O alfabeto da língua portuguesa é formado por vinte e seis letras, cada uma delas com uma forma minúscula e outra maiúscula:

a	A	(á)	j	J	(jota)	s	S	(esse)
b	B	(bê)	k	K	(capa ou cá)	t	T	(tê)
c	C	(cê)	l	L	(ele)	u	U	(u)
d	D	(dê)	m	M	(eme)	v	V	(vê)
e	E	(é)	n	N	(ene)	w	W	(dáblio)
f	F	(efe)	o	O	(ó)	x	X	(xis)
g	G	(gê ou guê)	p	P	(pê)	y	Y	(ípsilon)
h	H	(agá)	q	Q	(quê)	z	Z	(zê)
i	I	(i)	r	R	(erre)			

Obs.: 1. Além destas letras, usam-se o ç (cê cedilhado) e os seguintes dígrafos: *rr* (erre duplo), *ss* (esse duplo), *ch* (cê-agá), *lh* (ele-agá), *nh* (ene-agá), *gu* (guê-u) e *qu* (quê-u).

2. Os nomes das letras acima sugeridos não excluem outras formas de as designar.

2º) As letras k, w e y usam-se nos seguintes casos especiais:

a) Em antropónimos/antropônimos originários de outras línguas e seus derivados: *Franklin, frankliniano; Kant, kantismo; Darwin, darwinismo; Wagner, wagneriano; Byron, byroniano; Taylor, taylorista;*

b) Em topónimos/topônimos originários de outras línguas e seus derivados: *Kwanza, Kuwait, kuwaitiano; Malawi, malawiano;*

c) Em siglas, símbolos e mesmo em palavras adotadas como unidades de medida de curso internacional: *TWA, KLM; K-potássio (de kalium), W-oeste (West); kg-quilograma, km-quilómetro, kW-kilowatt, yd-jarda (yard); Watt.*

3º) Em congruência com o número anterior, mantêm-se nos vocábulos derivados eruditamente de nomes próprios estrangeiros quaisquer combinações gráficas ou sinais diacríticos não peculiares à nossa escrita que figurem nesses nomes: *comtista, de Comte; garrettiano, de Garrett; jeffersônia/jeffersônia, de Jefferson; mülleriano, de Müller, shakespeareiano, de Shakespeare.*

Os vocabulários autorizados registrarão grafias alternativas admissíveis, em casos de divulgação de certas palavras de tal tipo de origem (a exemplo de *fúcsia/ fúchsia* e derivados, *buganvília/ buganvílea/ bougainvillea*).

4º) Os dígrafos finais de origem hebraica ch, ph e th podem conservar-se em formas onomásticas da tradição bíblica, como *Baruch, Loth, Moloch, Ziph*, ou então simplificar-se: *Baruc, Lot, Moloc, Zif*. Se qualquer um destes dígrafos, em formas do mesmo tipo, é invariavelmente mudo, elimina-se: *José, Nazaré*, em vez de *Joseph, Nazareth*; e se algum deles, por força do uso, permite adaptação, substitui-se, recebendo uma adição vocálica: *Judite*, em vez de *Judith*.

5º) As consoantes finais grafadas b, c, d, g e t mantêm-se, quer sejam mudas, quer proferidas, nas formas onomásticas em que o uso as consagrou, nomeadamente antropónimos/antropônimos e topónimos/topônimos da tradição bíblica: *Jacob, Job, Moab, Isaac; David, Gad; Gog, Magog; Bensabat, Josafat.*

Integram-se também nesta forma: *Cid*, em que o d é sempre pronunciado; *Madrid e Valhadolid*, em que o d ora é pronunciado, ora não; e *Calecut* ou *Calicut*, em que o t se encontra nas mesmas condições.

Nada impede, entretanto, que dos antropónimos/antopônimos em apreço sejam usados sem a consoante final *Jó, Davi e Jacó*.

6º) Recomenda-se que os topónimos/topônimos de línguas estrangeiras se substituam, tanto quanto possível, por formas vernáculas, quando estas sejam antigas e ainda vivas em português ou quando entrem, ou possam entrar, no uso corrente. Exemplo: *Anvers*, substituído por *Antuérpia*; *Cherbourg*, por *Cherburgo*; *Garonne*, por *Garona*; *Genève*,

por *Genebra*; *Jutland*, por *Jutlândia*; *Milano*, por *Milão*; *München*, por *Munique*; *Torino*, por *Turim*; *Zürich*, por *Zurique*, etc.

## Base II

### Do *h* inicial e final

1º) O *h* inicial emprega-se:

- a) Por força da etimologia: *haver*, *hélice*, *hera*, *hoje*, *hora*, *homem*, *humor*.
- b) Em virtude de adoção convencional: *hã?*, *hem?*, *hum!*.

2º) O *h* inicial suprime-se:

a) Quando, apesar da etimologia, a sua supressão está inteiramente consagrada pelo uso: *erva*, em vez de *herva*; e, portanto, *ervaçal*, *ervanário*, *ervoso* (em contraste com *herbáceo*, *herbanário*, *herboso*, formas de origem erudita);

b) Quando, por via de composição, passa a interior e o elemento em que figura se aglutina ao precedente: *biebdomadário*, *desarmonia*, *desumano*, *exaurir*, *inábil*, *lobisomem*, *reabilitar*, *reaver*;

3º) O *h* inicial mantém-se, no entanto, quando, numa palavra composta, pertence a um elemento que está ligado ao anterior por meio de hífen: *anti-higiénico/anti-higiênico*, *contra-haste*; *pré-história*, *sobre-humano*.

4º) O *h* final emprega-se em interjeições: *ah!* *oh!*

## Base III

### Da homofonia de certos grafemas consonânticos

Dada a homofonia existente entre certos grafemas consonânticos, torna-se necessário diferenciar os seus empregos, que fundamentalmente se regulam pela história das palavras. É certo que a variedade das condições em que se fixam na escrita os grafemas consonânticos homófonos nem sempre permite fácil diferenciação dos casos em que se deve empregar uma letra e daqueles em que, diversamente, se deve empregar outra, ou outras, a representar o mesmo som.

Nesta conformidade, importa notar, principalmente, os seguintes casos:

1º) Distinção gráfica entre *ch* e *x*: *achar, archote, bucha, capacho, capucho, chamar, chave, Chico, chiste, chorar, colchão, colchete, endecha, estrebucha, facho, ficha, flecha, frincha, gancho, inchar, macho, mancha, murchar, nicho, pachorra, pecha, pechincha, penacho, rachar, sachar, tacho; ameixa, anexim, baixel, baixo, bexiga, bruxa, coaxar, coxia, debuxo, deixar, eixo, elixir, enxofre, faixa, feixe, madeixa, mexer, oxalá, praxe, puxar, rouxinol, vexar, xadrez, xarope, xenofobia, xerife, xícara.*

2º) Distinção gráfica entre *g*, com valor de fricativa palatal, e *j*: *adágio, alfageme, Álgebra, algema, algeroz, Algés, algibebe, algibeira, algido, almargem, Alvorge, Argel, estrangeiro, falange, ferrugem, frigir, gelosia, gengiva, gergelim, geringonça, Gibraltar, ginete, ginja, girafa, gíria, herege, relógio, sege, Tânger, virgem; adjetivo, ajeitar, ajeru (nome de planta indiana e de uma espécie de papagaio), canjerê, canjica, enjeitar, granjear, hoje, intrujice, jecoral, jejum, jeira, jeito, Jeová, jenipapo, jequiri, jequitibá, Jeremias, Jericó, jerimum, Jerónimo, Jesus, jibóia, jiquipanga, jiquiró, jiquitaia, jirau, jiriti, jitirana, laranjeira, lojista, majestade, majestoso, manjerico, manjerona, mucujê, pajé, pegajento, rejeitar, sujeito, trejeito.*

3º) Distinção gráfica entre as letras *s, ss, c, ç* e *x*, que representam sibilantes surdas: *ânsia, ascensão, aspersão, cansar, conversão, esconso, farsa, ganso, imenso, mansão, mansarda, manso, pretensão, remanso, seara, seda, Seia, Sertã, Sernancelhe, serralheiro, Singapura, Sintra, sisa, tarso, terso, valsa; abadessa, acossar, amassar, arremessar, Asseiceira, asseio, atravessar, benesse, Cassilda, codesso (identicamente Codessal ou Codassal, Codesseda, Codessoso, etc.), crasso, devassar, dossel, egresso, endossar, escasso, fosso, gesso, molosso, mozza, obsessão, pêssego, possesso, remessa, sossegar; acém, acervo, alicerce, cebola, cereal, Cernache, cetim, Cinfães, Escócia, Macedo, obcecar, percevejo; açafate, açorda, açúcar, almaço, atenção, berço, Buçaco, caçanje, caçula, caraça, dançar, Eça, enguiço, Gonçalves, inserção, linguiça, maçada, Mação, maçar, Moçambique, Monção, muçulmano, murça, negaça, pança, peça, quiçaba, quiçaça, quiçama, quiçamba, Seiça (grafia que pretere as erróneas/errôneas Ceiça e Ceissa), Seiçal, Suíça, terço; auxílio, Maximiliano, Maximino, máximo, próximo, sintaxe.*

4º) Distinção gráfica entre *s* de fim de sílaba (inicial ou interior) e *x* e *z* com idêntico valor fónico/fônico: *adestrar, Calisto, escusar, esdrúxulo, esgotar, esplanada, esplêndido, espontâneo, espremer, esquisito, estender, Estremadura, Estremoz, inesgotável; extensão, explicar, extraordinário, inextricável, inexperto, sextante, têxtil; capazmente, infelizmente, velozmente.* De acordo com esta distinção convém notar dois casos:

a) Em final de sílaba que não seja final de palavra, o *x = s* muda para *s* sempre que está precedido de *i* ou *u*: *justapor, justalinear, misto, sistino* (cf. *Capela Sistina*), *Sisto*, em vez de *juxtapor, juxtalinear, mixto, sixtina, Sixto*.

b) Só nos advérbios em *-mente* se admite *z*, com valor idêntico ao de *s*, em final de sílaba seguida de outra consoante (cf. *capazmente*, etc.); de contrário, o *s* toma sempre o lugar de *z*: *Biscaia*, e não *Bizcaia*.

5º) Distinção gráfica entre *s* final de palavra e *x* e *z* com idêntico valor fónico/fônico: *aguarrás, aliás, anis, após atrás, através, Avis, Brás, Dinis, Garcês, gás, Gerês, Inês, íris, Jesus, jus, lápis, Luís, país, português, Queirós, quis, retrós, revés, Tomás, Valdés; cálix, Félix, Fénix, flux; assaz, arroz, avestruz, dez, diz, fez* (substantivo e forma do verbo *fazer*), *fiz, Forjaz, Galaaz, giz, jaez, matiz, petiz, Queluz, Romariz, [Arcos de] Valdevez, Vaz*. A propósito, deve observar-se que é inadmissível *z* final equivalente a *s* em palavra não oxítone: *Cádis*, e não *Cádiz*.

6º) Distinção gráfica entre as letras interiores *s*, *x* e *z*, que representam sibilantes sonoras: *aceso, analisar, anestesia, artesão, asa, asilo, Baltasar, besouro, besuntar, blusa, brasa, brasão, Brasil, brisa, [Marco de]Canaveses, coliseu, defesa, duquesa, Elisa, empresa, Ermesinde, Esposende, frenesi ou frenesim, frisar, guisa, improviso, jusante, liso, lousa, Lousã, Luso* (nome de lugar, homónimo/homónimo de *Luso*, nome mitológico), *Matosinhos, Meneses, narciso, Nisa, obséquo, ousar, pesquisa, portuguesa, presa, raso, represa, Resende, sacerdotisa, Sesimbra, Sousa, surpresa, tisana, transe, trânsito, vaso; exalar, exemplo, exibir, exorbitar, exuberante, inexato, inexorável; abalizado, alfazema, Arcozelo, autorizar, azar, azedo, azo, azorrague, baliza, bazar, beleza, buzina, búzio, comezinho, deslizar, deslize, Ezequiel, fuzileiro, Galiza, guizo, helenizar, lambuzar, lezíria, Mouzinho, proeza, sação, urze, vazar, Veneza, Vizela, Vouzela*.

#### Base IV

##### Das seqüências consonânticas

1º) O *c*, com valor de oclusiva velar, das seqüências interiores *cc* (segundo *c* com valor de sibilante), *cç* e *ct*, e o *p* das seqüências interiores *pc* (*c* com valor de sibilante), *pç* e *pt*, ora se conservam, ora se eliminam.

Assim:

a) Conservam-se nos casos em que são invariavelmente proferidos nas pronúncias cultas da língua: *compacto, convicção, convicto, ficção, friccionar, pacto, pictural; adepto, apto, díptico, erupção, eucalipto, inepto, núpcias, raptó*.

b) Eliminam-se nos casos em que são invariavelmente mudos nas pronúncias cultas da língua: *ação, acionar, afetivo, aflicção, aflito, ato, coleção, coletivo, direção, diretor, exato, objeção; adoção, adotar, batizar, Egito, ótimo*.

c) Conservam-se ou eliminam-se, facultativamente, quando se proferem numa pronúncia culta, quer geral, quer restritamente, ou então quando oscilam entre a prolação e o emudecimento: *aspecto e aspeto, cacto e cato, caracteres e carateres, dicção e dição; facto e fato, sector e setor, ceptro e cetro, concepção e conceção, corrupto e corruto, recepção e receção*.

d) Quando, nas seqüências interiores *mpc*, *mpç* e *mpt* se eliminar o *p* de acordo com o determinado nos parágrafos precedentes, o *m* passa a *n*, escrevendo-se, respectivamente *nc*, *nç* e *nt*: *assumpcionista* e *assuncionista*; *assumpção* e *assunção*; *assumptível* e *assuntível*; *peremptório* e *perentório*, *sumptuoso* e *suntuoso*, *sumptuosidade* e *suntuosidade*.

2º) Conservam-se ou eliminam-se, facultativamente, quando se proferem numa pronúncia culta, quer geral, quer restritamente, ou então quando oscilam entre a prolação e o emudecimento: o *b* da seqüência *bd*, em *súbdito*; o *b* da seqüência *bt*, em *subtil* e seus derivados; o *g* da seqüência *gd*, em *amígdala*, *amigdalácea*, *amigdalar*, *amigdalato*, *amigdalite*, *amigdalóide*, *amigdalopatia*, *amigdalotomia*; o *m* da seqüência *mn*, em *amnístia*, *amnístiar*, *indemne*, *indenidade*, *indenizar*, *omnímodo*, *omnipotente*, *omnisciente*, etc.; o *t*, da seqüência *tm*, em *aritmética* e *aritmético*.

## Base V

### Das vogais átonas

1º) O emprego do *e* e do *i*, assim como o do *o* e do *u*, em sílaba átona, regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias:

a) Com *e* e *i*: *ameaça*, *amealhar*, *antecipar*, *arrepilar*, *banhar*, *boreal*, *campeão*, *cardeal* (prelado, ave planta; diferente de *cardial* = “relativo à cárdia”), *Ceará*, *côdea*, *enseada*, *enteado*, *Floreal*, *janeanes*, *lêndea*, *Leonardo*, *Leonel*, *Leonor*, *Leopoldo*, *Leote*, *linear*, *meão*, *melhor*, *nomear*, *peanha*, *quase* (em vez de *quási*), *real*, *semear*, *semelhante*, *várzea*; *ameixial*, *Ameixeira*, *amial*, *amieiro*, *arrieiro*, *artilharia*, *capitânia*, *cordial* (adjetivo e substantivo), *corriola*, *crânio*, *criar*, *diante*, *diminuir*, *Dinis*, *ferregial*, *Filinto*, *Filipe* (e identicamente *Filipa*, *Filipinas*, etc.), *freixial*, *giesta*, *Idanha*, *igual*, *imiscuir-se*, *inigualável*, *lampião*, *limiar*, *Lumiar*, *lumieiro*, *pátio*, *pior*, *tigela*, *tijolo*, *Vimieiro*, *Vimioso*;

b) Com *o* e *u*: *abolir*, *Alpendorada*, *assolar*, *borboleta*, *cobiça*, *consoada*, *consoar*, *costume*, *díscolo*, *êmbolo*, *engolir*, *epístola*, *esbaforir-se*, *esboroar*, *farândola*, *femoral*, *Freixoeira*, *girândola*, *goela*, *jocoso*, *mágoa*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *Páscoa*, *Pascoal*, *Pascoela*, *polir*, *Rodolfo*, *távoa*, *tavoada*, *távola*, *tômbola*, *veio* (substantivo e forma do verbo *vir*); *açular*, *água*, *aluvião*, *arcuense*, *assumir*, *bulir*, *camândulas*, *curtir*, *curtume*, *embutir*, *entupir*, *fémur/fêmur*, *fístula*, *glândula*, *ínsua*, *jucundo*, *légua*, *Luanda*, *lucubração*, *lugar*, *mangual*, *Manuel*, *míngua*, *Nicarágua*, *pontual*, *régua*, *tábua*, *tabuada*, *tabuleta*, *trégua*, *virtualha*.

2º) Sendo muito variadas as condições etimológicas e histórico-fonéticas em que se fixam graficamente *e* e *i* ou *o* e *u* em sílaba átona, é evidente que só a consulta dos vocabulários ou dicionários pode indicar, muitas vezes, se deve empregar-se *e* ou *i*, se *o* ou *u*.

Há, todavia, alguns casos em que o uso dessas vogais pode ser facilmente sistematizado. Convém fixar os seguintes:

a) Escrevem-se com *e*, e não com *i*, antes da sílaba tónica/tônica, os substantivos e adjetivos que procedem de substantivos terminados em – *eo* e – *eia*, ou com eles estão em relação direta. Assim se regulam: *aldeão*, *aldeola*, *aldeota* por *aldeia*; *areal*, *areiro*, *areento*, *Areosa* por *areia*; *aveal* por *aveia*; *baleal* por *baleia*; *cadeado* por *cadeia*; *candeeiro* por *cand eia*; *centeeira* e *centeeiro* por *centeio*; *colmeal* e *colmeeiro* por *colmeia*; *correada* e *corream* por *correia*.

b) Escrevem-se igualmente com *e*, antes de vogal ou ditongo da sílaba tónica/tônica, os derivados de palavras que terminam em *e* acentuado (o qual pode representar um antigo hiato: *ea*, *ee*): *galeão*, *galeota*, *galeote*, *degalé*; *coreano*, de *Coreia*; *daomeano*, de *Daomé*; *guineense*, de *Guiné*; *poleame* e *poleiro*, de *polé*.

c) Escrevem-se com *i*, e não com *e*, antes da sílaba tónica/tônica, os adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos mistos de formação vernácula – *iano* e – *ien*, os quais são o resultado da combinação dos sufixos – *ano* e – *ense* com um *i* de origem analógica (baseado em palavras onde – *ano* e – *ense* estão precedidos de *i* pertencente ao tema: *horaciano*, *italiano*, *duriense*, *flaviense*, etc.): *açoriano*, *acriano* (de *Acre*), *camoniano*, *goisiano* (relativo a *Damião de Góis*), *siniense* (de *Sines*), *sofocliano*, *torriano*, *torriense* (de *Torre(s)*).

d) Uniformizam-se com as terminações – *io* e – *ia* (átonas), em vez de – *eo* e – *ea*, os substantivos que constituem variações, obtidas por ampliação, de outros substantivos terminados em vogal: *cúmio* (popular), de *cume*; *hástia*, de *haste*; *réstia*, do antigo *reste*; *véstia*, de *veste*.

e) Os verbos em – *ear* podem distinguir-se praticamente, grande número de vezes, dos verbos em – *iar*, quer pela formação, quer pela conjugação e formação ao mesmo tempo. Estão no primeiro caso todos os verbos que se prendem a substantivos em – *eo* ou – *eia* (sejam formados em português ou venham já do latim); assim se regulam: *aldear*, por *aldeia*; *alhear*, *alheio*; *cear*, por *ceia*; *encadear*, por *cadeia*; *pear*, por *peia*; etc. Estão no segundo caso todos os verbos que têm normalmente flexões rizotónicas/rizotônicas em – *eo*, – *eias*, etc.: *clarear*, *delinear*, *devanear*, *falsear*, *granjear*, *guerrear*, *hastear*, *nomear*, *semear*, etc. Existem, no entanto, verbos em – *iar*, ligados a substantivos com as terminações átonas – *ia* ou – *io*, que admitem variantes na conjugação: *negoceio* ou *negocio* (cf. *negócio*); *premeio* ou *premio* (cf. *prémio/prêmio*); etc.

f) Não é lícito o emprego do *u* final átono em palavras de origem latina. Escreve-se, por isso: *moto*, em vez de *mótu* (por exemplo, na expressão *de moto próprio*); *tribo*, em vez de *tríbu*.

g) Os verbos em – *oar* distinguem-se praticamente dos verbos em – *uar* pela sua conjugação nas formas rizotónicas/rizotônicas, que têm sempre *o* na sílaba

acentuada: *abençoar* com *o*, como *abençoo*, *abençoas*, etc.; *destoar*, com *o*, como *destoo*, *destoas*, etc.: mas *acentuar*, com *u*, como *acentuo*, *acentuas*, etc.

## Base VI

### Das vogais nasais

Na representação das vogais nasais devem observar-se os seguintes preceitos:

1º) Quando uma vogal nasal ocorre em fim de palavra, ou em fim de elemento seguido de hífen, representa-se a nasalidade pelo til, se essa vogal é de timbre *a*; por *m*, se possui qualquer outro timbre e termina a palavra; e por *n*, se é de timbre diverso de *a* e está seguida de *s*: *afã*, *grã*, *Grã-Bretanha*, *lã*, *órfã*, *sã-braseiro* (forma dialetal; o mesmo que *são-brasense* = de S. Brás de Alportel); *clarim*, *tom*, *vacum*; *flautins*, *semitons*, *zunzuns*.

2º) Os vocábulos terminados em *-ã* transmitem esta representação do *a* nasal aos advérbios em *-mente* que deles se formem, assim como a derivados em que entrem sufixos iniciados por *z*: *cristãmente*, *irmãmente*, *sãmente*; *lãzudo*, *maçãzita*, *manhãzinha*, *romãzeira*.

## Base VII

### Dos ditongos

1º) Os ditongos orais, que tanto podem ser tónicos/tônicos como átonos, distribuem-se por dois grupos gráficos principais, conforme o segundo elemento do ditongo é representado por *i* ou *u*: *ai*, *ei*, *éi*, *ui*; *au*, *eu*, *éu*, *iu*, *ou:braçais*, *caixote*, *deveis*, *eirado*, *farnéis* (mas *farneizinhos*), *goivo*, *goivar*, *lençóis* (mas *lençoizinhos*), *tafuis*, *uivar*, *cacau*, *cacaeiro*, *deu*, *endeusar*, *ilhéu* (mas *ilhezito*), *mediu*, *passou*, *regougar*.

Obs: Admitem-se, todavia, excepcionalmente, à parte destes dois grupos, os ditongos grafados *ae* (= *âi* ou *aî*) e *ao* (= *âu* ou *au*): o primeiro, representado nos antropónimos/antropônimos *Caetano* e *Caetana*, assim como nos respectivos derivados e compostos (*caetaninha*, *são-caetano*, etc.); o segundo, representado nas combinações da preposição *a* com as formas masculinas do artigo ou pronome demonstrativo *o*, ou seja, *ao* e *aos*.

2º) Cumpre fixar, a propósito dos ditongos orais, os seguintes preceitos particulares:

a) É o ditongo grafado *ui*, e não a seqüência vocálica grafada *ue*, que se emprega nas formas de 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo e igualmente na da 2ª pessoa do singular do imperativo dos verbos em- *uir*: *constituis*, *influi*, *retribui*. Harmonizam-se, portanto, essas formas com todos os casos de ditongo grafado *ui* de sílaba final ou fim de palavra (*azuis*, *fui*, *Guardafui*, *Rui*, etc.); e ficam assim em paralelo gráfico-fonético com as formas de 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo e de 2ª pessoa do singular do imperativo dos verbos em - *air* e em - *oer*: *atrais*, *cai*, *sai*; *móis*, *remói*, *sói*.

b) É o ditongo grafado *ui* que representa sempre, em palavras de origem latina, a união de um *u* a um *i* átono seguinte. Não divergem, portanto, formas como *fluido* de formas como *gratuito*. E isso não impede que nos derivados de formas daquele tipo as vogais grafadas *u* e *i* se separem: *fluídico*, *fluidiez* (*u-i*).

c) Além, dos ditongos orais propriamente ditos, os quais são todos decrescentes, admite-se, como é sabido, a existência de ditongos crescentes. Podem considerar-se no número deles as seqüências vocálicas pós-tônicas/pós-tônicas, tais as que se representam graficamente por *ea*, *eo*, *ia*, *ie*, *io*, *oa*, *ua*, *ue*, *uo*: *áurea*, *áureo*, *calúnia*, *espécie*, *exímio*, *mágoa*, *míngua*, *ténue/tênue*, *tríduo*.

3º) Os ditongos nasais, que na sua maioria tanto podem ser tónicos/tônicos como átonos, pertencem graficamente a dois tipos fundamentais: ditongos representados por vogal com til e semivogal; ditongos representados por uma vogal seguida da consoante nasal *m*. Eis a indicação de uns e outros:

a) Os ditongos representados por vogal com til e semivogal são quatro, considerando-se apenas a língua padrão contemporânea: *ãe* (usado em vocábulos oxítonos e derivados), *ãi* (usado em vocábulos anoxítonos e derivados), *ão* e *õe*. Exemplos: *cães*, *Guimarães*, *mãe*, *mãezinha*; *cãibas*, *cãibeiro*, *cãibra*, *zãibo*; *mão*, *mãozinha*, *não*, *quão*, *sótão*, *sotãozinho*, *tão*; *Camões*, *orações*, *oraçõezinhas*, *põe*, *repões*. Ao lado de tais ditongos pode, por exemplo, colocar-se o ditongo *ũi*; mas este, embora se exemplifique numa forma popular como *rũi* = *ruim*, representa-se sem o til nas formas *muito* e *mui*, por obediência à tradição.

b) Os ditongos representados por uma vogal seguida da consoante nasal *m* são dois: *am* e *em*. Divergem, porém, nos seus empregos:

i) *am* (sempre átono) só se emprega em flexões verbais: *amam*, *deviam*, *escreveram*, *puseram*;

ii) *em* (tónico/tônico ou átono) emprega-se em palavras de categorias morfológicas diversas, incluindo flexões verbais, e pode apresentar variantes gráficas determinadas pela posição, pela acentuação ou, simultaneamente, pela posição e pela acentuação: *bem*, *Bembom*, *Bemposta*, *cem*, *devem*, *nem*, *quem*, *sem*, *tem*, *virgem*; *Bencanta*, *Benfeito*, *Benfica*, *benquisto*, *bens*, *enfim*, *enquanto*, *homenzarrão*, *homenzinho*, *nuvenzinha*, *tens*, *virgens*, *amém* (variação de *ámen*), *armazém*, *convém*, *mantém*, *ninguém*, *porém*, *Santarém*, *também*; *convêm*, *mantêm*, *têm* (3<sup>as</sup> pessoas do plural); *armazéns*, *desdéns*, *convéns*, *reténs*; *Belenzada*, *vintenzinho*.

## Base VIII

### Da acentuação gráfica das palavras oxítonas

1º) Acentuam-se com acento agudo:

- a) As palavras oxítonas terminadas nas vogais tónicas/tônicas abertas grafadas *-a*, *-e* ou *-o*, seguidas ou não de *-s*: *está, estás, já, olá; até, é, és, olé, pontapé(s); avó(s), dominó(s), paletó(s), só(s)*.

Obs.: Em algumas (poucas) palavras oxítonas terminadas em *-e* tónico/tônico, geralmente provenientes do francês, esta vogal, por ser articulada nas pronúncias cultas ora como aberta ora como fechada, admite tanto o acento agudo como o acento circunflexo: *bebé* ou *bebê*; *bidé* ou *bidê*, *canapé* ou *canapê*, *caraté* ou *caratê*, *croché* ou *crochê*, *guiché* ou *guichê*, *matiné* ou *matinê*, *nené* ou *nenê*, *ponjé* ou *ponjê*, *puré* ou *purê*, *rapé* ou *rapê*.

O mesmo se verifica com formas como *cocó* e *cocô*, *ró* (letra do alfabeto grego) e *rô*. São igualmente admitidas formas como *judô*, a par de *judo*, e *metrô*, a par de *metro*.

- b) As formas verbais oxítonas, quando, conjugadas com os pronomes clíticos *lo(s)* ou *la(s)*, ficam a terminar na vogal tónica/tônica aberta grafada *-a*, após a assimilação e perda das consoantes finais grafadas *-r*, *-s* ou *-z*: *adorá-lo(s)* (de *adorar-lo(s)*), *dá-la(s)* (de *dar-la(s)* ou *dá(s)-la(s)*), *fá-lo(s)* (de *faz-lo(s)*), *fá-lo(s)-ás* (de *far-lo(s)-ás*), *habitá-la(s)-iam* (de *habitar-la(s)-iam*), *trá-la(s)-á* (de *trair-la(s)-á*);

- c) As palavras oxítonas com mais de uma sílaba terminadas no ditongo nasal grafado *-em* (exceto as formas da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos compostos de *ter* e *vir*: *retêm, sustêm; advêm, provêm; etc*) ou *-ens*: *acém, detém, deténs, entretém, entreténs, harém, haréns, porém, provém, provéns, também*;

- d) As palavras oxítonas com os ditongos abertos grafados *-éi*, *-éu* ou *-ói*, podendo estes dois últimos ser seguidos ou não de *-s*: *anéis, batéis, fiéis, papéis; céu(s), chapéu(s), ilhéu(s), véu(s); corrói* (de *corroer*), *herói(s), remói* (de *remoer*), *sóis*.

## 2º) Acentuam-se com acento circunflexo:

- a) As palavras oxítonas terminadas nas vogais tónicas/tônicas fechadas que se grafam *-e* ou *-o*, seguidas ou não de *-s*: *cortês, dê, dês* (de *dar*), *lê, lês* (de *ler*), *português, você(s); avô(s), pôs* (de *pôr*), *robô(s)*.

- b) As formas verbais oxítonas, quando, conjugadas com os pronomes clíticos *-lo(s)* ou *-la(s)*, ficam a terminar nas vogais tónicas/tônicas fechadas que se grafam *-e* ou *-o*, após a assimilação e perda das consoantes finais grafadas *-r*, *-s* ou *-z*: *detê-lo(s)* (de *deter-lo(s)*), *fazê-la(s)* (de *fazer-la(s)*), *fê-lo(s)* (de *fez-lo(s)*), *vê-la(s)* (de *ver-la(s)*), *compô-la(s)* (de *compor-la(s)*), *repô-la(s)* (de *repor-la(s)*), *pô-la(s)* (de *por-la(s)* ou *pôs-la(s)*).

3º) Prescinde-se de acento gráfico para distinguir palavras oxítonas homógrafas, mas heterofónicas/heterofônicas, do tipo de *cor* (ô), substantivo, e *cor* (ó), elemento da locução *de cor*; *colher* (ê), verbo, e *colher* (é), substantivo. Excetua-se a forma verbal *pôr*, para a distinguir da preposição *por*.

## Base IX

## Da acentuação gráfica das palavras paroxítonas

1º) As palavras paroxítona não são em geral acentuadas graficamente: *enjoo, grave, homem, mesa, Tejo, vejo, velho, voo; avanço, floresta; abençoó, angolano, brasileiro; descobrimento, graficamente, moçambicano.*

2º) Recebem, no entanto, acento agudo:

a) As palavras paroxítonas que apresentam, na sílaba tónica/tônica, as vogais abertas grafadas *a, e, o* e ainda *i* ou *u* e que terminam em *-l, -n, -r, -x* e *-ps*, assim como, salvo raras exceções, as respectivas formas do plural, algumas das quais passam a proparoxítonas: *amável* (pl. *amáveis*), *Aníbal*, *dócil* (pl. *dóceis*), *dúctil* (pl. *dúcteis*), *fóssil* (pl. *fósseis*), *réptil* (pl. *réptéis*; var. *reptil*, pl. *reptis*); *cármem* (pl. *cármenes* ou *carmens*; var. *carne*, pl. *carmes*); *dólmen* (pl. *dólmenes* ou *dolmens*), *éden* (pl. *édenes* ou *edens*), *líquen* (pl. *líquenes*), *lúmen* (pl. *lúmenes* ou *lumens*); *açúcar* (pl. *açúcares*), *almíscar* (pl. *almíscares*), *cadáver* (pl. *cadáveres*), *caráter* ou *carácter* (mas pl. *carateres* ou *caracteres*), *ímpar* (pl. *ímpares*); *Ájax, córtex* (pl. *córtex*; var. *córtice*, pl. *córtices*), *índex* (pl. *index*; var. *índice*, pl. *índices*), *tórax*, (pl. *tórax* ou *tóraxes*; var. *torace*, pl. *toraces*); *bíceps* (pl. *bíceps*; var. *bicípite*, pl. *bicípites*), *fórceps* (pl. *fórceps*; var. *fórcipe*, pl. *fórcipes*).

Obs.: Muito poucas palavras deste tipo, com as vogais tónicas/tônicas grafadas *e* e *o* em fim de sílaba, seguidas das consoantes nasais grafadas *m* e *n*, apresentam oscilação de timbre nas pronúncias cultas da língua e, por conseguinte, também de acento gráfico (agudo ou circunflexo): *sémen* e *sêmen*, *xénon* e *xênon*; *fémur* e *fêmur*, *vómer* e *vômer*; *Fénix* e *Fênix*, *ónix* e *ônix*.

b) As palavras paroxítonas que apresentam, na sílaba tónica/tônica, as vogais abertas grafadas *a, e, o* e ainda *i* ou *u* e que terminam em *-ã(s), -ão(s), -ei(s), -i(s), -um, -uns* ou *-us*: *órfã* (pl. *órfãs*), *acórdão* (pl. *acórdãos*), *órfão* (pl. *órfãos*), *órgão* (pl. *órgãos*), *sótão* (pl. *sótãos*); *hóquei, jóquei* (pl. *jóqueis*), *amáveis* (pl. de *amável*), *fáceis* (pl. de *fácil*), *fósseis* (pl. de *fóssil*), *amáreis* (de *amar*), *amáveis* (id.), *cantaréis* (de *cantar*), *fizéreis* (de *fazer*), *fizésseis* (id.); *beribéri* (pl. *beribéris*), *bílis* (sg. e pl.), *íris* (sg. e pl.), *júri* (pl. *júris*), *oásis* (sg. e pl.); *álbum* (pl. *álbuns*), *fórum* (pl. *fóruns*); *húmus* (sg. e pl.), *vírus* (sg. e pl.).

Obs.: Muito poucas paroxítonas deste tipo, com as vogais tónicas/tônicas grafadas *e* e *o* em fim de sílaba, seguidas das consoantes nasais grafadas *m* e *n*, apresentam oscilação de timbre nas pronúncias cultas da língua, o qual é assinalado com acento agudo, se aberto, ou circunflexo, se fechado: *pónei* e *pônei*; *gónis* e *gônis*, *pénis* e *pênis*, *ténis* e *tênis*; *bónus* e *bônus*, *ónus* e *ônus*, *tónus* e *tônus*, *Vénus* e *Vênus*.

3º) Não se acentuam graficamente os ditongos representados por *ei* e *oi* da sílaba tônica/tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação: *assembleia, boleia, ideia*, tal como *aldeia, baleia, cadeia, cheia, meia; coreico, epopeico, onomatopeico, proteico; alcaloide, apoio* (do verbo *apoiar*), tal como *apoio* (subst.), *Azoia, boia, boina, comboio* (subst.), tal como *comboio, comboias*, etc. (do verbo *comboiar*), *dezoito, estroina, heroico, introito, jiboia, moina, paranoico, zoina*.

4º) É facultativo assinalar com acento agudo as formas verbais de pretérito perfeito do indicativo, do tipo *amámos, louvámos*, para as distinguir das correspondentes formas do presente do indicativo (*amamos, louvamos*), já que o timbre da vogal tônica/tônica é aberto naquele caso em certas variantes do português.

5º) Recebem acento circunflexo:

a) As palavras paroxítonas que contêm, na sílaba tônica/tônica, as vogais fechadas com a grafia *a, e, o* e que terminam em *-l, -n, -r* ou *-x*, assim como as respectivas formas do plural, algumas das quais se tornam proparoxítonas: *cônsul* (pl. *cônsules*), *pênsil* (*pênséis*), *têxtil* (pl. *têxteis*); *cânon*, var. *cânone*, (pl. *cânones*), *plâncton* (pl. *plânctons*); *Almodôvar, aljôfar* (pl. *aljôfares*), *âmbar* (pl. *âmbares*), *Câncer, Tânger; bômbax* (sg. e pl.), *bômbix*, var. *bômbice*, (pl. *bômbices*).

b) As palavras paroxítonas que contêm, na sílaba tônica/tônica, as vogais fechadas com a grafia *a, e, o* e que terminam em *-ão(s), -eis, -i(s)* ou *-us*: *bênção(s), côvão(s), Estêvão, zângão(s); devêreis* (de *dever*), *escrevêsseis* (de *escrever*), *fôreis* (de *ser* e *ir*), *fôsseis* (id.), *pênseis* (pl. de *pênsil*), *têxteis* (pl. de *têxtil*); *dândi(s), Mênfis; ânus*.

c) As formas verbais *têm* e *vêm*, 3<sup>as</sup> pessoas do plural do presente do indicativo de *ter* e *vir*, que são foneticamente paroxítonas (respectivamente /tãjãj/, /vãjãj/ ou /têej/, /vêej/ ou ainda /têjêj/, /vêjêj/; cf. as antigas grafias preteridas, *têem, vêem*), a fim de se distinguirem de *tem* e *vem*, 3<sup>as</sup> pessoas do singular do presente do indicativo ou 2<sup>as</sup> pessoas do singular do imperativo; e também as correspondentes formas compostas, tais como: *abstêm* (cf. *abstém*), *advêm* (cf. *advém*), *contêm* (cf. *contém*), *convêm* (cf. *convém*), *desconvêm* (cf. *desconvém*), *detêm* (cf. *detém*), *entretêm* (cf. *entretém*), *intervêm* (cf. *intervém*), *mantêm* (cf. *mantém*), *obtêm* (cf. *obtém*), *provêm* (cf. *provém*), *sobrevêm* (cf. *sobrevém*).

Obs.: Também neste caso são preteridas as antigas grafias *detêem, intervêem, mantêem, provêem*, etc.

6º) Assinalam-se com acento circunflexo:

a) Obrigatoriamente, *pôde* (3<sup>a</sup> pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo), que se distingue da correspondente forma do presente do indicativo (*pode*).

b) Facultativamente, *dêmos* (1ª pessoa do plural do presente do conjuntivo), para se distinguir da correspondente forma do pretérito perfeito do indicativo (*demos*); *fôrma* (substantivo), distinta de *forma* (substantivo; 3ª pessoa do singular do presente do indicativo ou 2ª pessoa do singular do imperativo do verbo *formar*).

7º) Prescinde-se de acento circunflexo nas formas verbais paroxítonas que contêm um *e* tónico/tônico oral fechado em hiato com a terminação *-em* da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo ou do conjuntivo, conforme os casos: *creem*, *deem* (conj.), *descreem*, *desdeem* (conj.), *leem*, *preveem*, *redeem* (conj.), *releem*, *reveem*, *tresleem*, *veem*.

8º) Prescinde-se igualmente do acento circunflexo para assinalar a vogal tónica/tônica fechada com a grafia *o* em palavras paroxítonas como *enjoo*, substantivo e flexão de *enjoar*, *povoo*, flexão de *povoar*, *voe*, substantivo e flexão de *voar*, etc.

9º) Prescinde-se, quer do acento agudo, quer do circunflexo, para distinguir palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tónica/tônica aberta ou fechada, são homógrafas de palavras proclíticas. Assim, deixam de se distinguir pelo acento gráfico: *para* (á), flexão de *parar*, e *para*, preposição; *pela(s)* (é), substantivo e flexão de *pelar*, e *pela(s)*, combinação de *per* e *la(s)*; *pelo* (é), flexão de *pelar*, *pelo(s)* (ê), substantivo ou combinação de *per* e *elo(s)*; *polo(s)* (ó), substantivo, e *polo(s)*, combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*; etc.

10º) Prescinde-se igualmente de acento gráfico para distinguir paroxítonas homógrafas heterofónicas/heterofônicas do tipo de *acerto* (ê), substantivo e *acerto* (é), flexão de *acertar*; *acordo* (ô), substantivo, e *acordo* (ó), flexão de *acordar*; *cerca* (ê), substantivo, advérbio e elemento da locução prepositiva *cerca de*, e *cerca* (é), flexão de *cercar*; *coro* (ô), substantivo, e *coro* (ó), flexão de *corar*; *deste* (ê), contracção da preposição *de* com o demonstrativo *este*, e *deste* (é), flexão de *dar*; *fora* (ô), flexão de *ser* e *ir*, e *fora* (ó), advérbio, interjeição e substantivo; *piloto* (ô), substantivo, e *piloto* (ó), flexão de *pilotar*, etc.

## Base X

Da acentuação das vogais tónicas/tônicas grafadas *i* e *u* das palavras oxítonas e paroxítonas

1º) As vogais tónicas/tônicas grafadas *i* e *u* das palavras oxítonas e paroxítonas levam acento agudo quando antecedidas de uma vogal com que não formam ditongo e desde de que não constituam sílaba com a eventual consoante seguinte, excetuando o caso de *s*: *adaís* (pl. de *adail*), *aí*, *atraí* (de *atrair*), *baú*, *caís* (de *cair*), *Esauí*, *jacuí*, *Luís*, *país*, etc.; *alaúde*, *amiúde*, *Araújo*, *Ataíde*, *atraíam* (de *atrair*), *atraísse* (id.), *baía*, *balaústre*, *cafeína*, *ciúme*, *egoísmo*, *faisca*, *faúlha*, *graúdo*, *influíste* (de *influir*), *juízes*, *Luísa*, *miúdo*, *paraíso*, *raízes*, *recaída*, *ruína*, *saída*, *sanduíche*, etc.

2º) As vogais tónicas/tônicas grafadas *i* e *u* das palavras oxítonas e paroxítonas não levam acento agudo quando, antecedidas de vogal com que não formam ditongo, constituem sílaba com a consoante seguinte, como é o caso de *nh*, *l*, *m*, *n*, *r* e *z*: *bainha*, *moinho*,

*rainha; adail, paul, Raul; Aboim, Coimbra, ruim; ainda, constituinte, oriundo, ruins, triunfo; at-rainn. demiuñrgo, influir, influirmos; juiz, raiz; etc.*

3º) Em conformidade com as regras anteriores leva acento agudo a vogal tónica/tônica grafada *i* das formas oxítonas terminadas em *r* dos verbos em *-air* e *-uir*, quando estas se combinam com as formas pronominais clíticas *-lo(s)*, *-la(s)*, que levam à assimilação e perda daquele *-r*: *atraí-lo(s)* (de *atrair-lo(s)*); *atraí-lo(s)-ia* (de *atrair-lo(s)-ia*); *possuí-la(s)* (de *possuir-la(s)*); *possuí-la(s)-ia* (de *possuir-la(s)-ia*).

4º) Prescinde-se do acento agudo nas vogais tónicas/tônicas grafadas *i* e *u* das palavras paroxítonas, quando elas estão precedidas de ditongo: *baiuca, boiuno, caula* (var. *cauira*), *cheinho* (de *cheio*), *saiinha* (de *saia*).

5º) Levam, porém, acento agudo as vogais tónicas/tônicas grafadas *i* e *u* quando, precedidas de ditongo, pertencem as palavras oxítonas e estão em posição final ou seguidas de *s*: *Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús*.

Obs.: Se, neste caso, a consoante final for diferente de *s*, tais vogais dispensam o acento agudo: *cauim*.

6º) Prescinde-se do acento agudo nos ditongos tónicos/tônicos grafados *iu* e *ui*, quando precedidos de vogal: *distruiu, instruiu, pauis* (pl. de *paul*).

7º) Os verbos *arguir* e *redarguir* prescindem do acento agudo na vogal tónica/tônica grafada *u* nas formas rizotónicas/rizotônicas: *arguo, arguis, argui, arguem, argua, arguas, argua, arguam*. Os verbos do tipo de *aguar, apaniguar, apaziguar, aproximar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir* e afins, por oferecerem dois paradigmas, ou têm as formas rizotónicas/rizotônicas igualmente acentuadas no *u* mas sem marca gráfica (a exemplo de *averiguo, averiguas, averigua, averiguam; averigue, averigues, averigue, averiguem; enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxague, enxaguem, etc.; delinquo, delinquis, delinqui, delinquem; mas delinquimos, delinquís*) ou têm as formas rizotónicas/rizotônicas acentuadas fónica/fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* radicais (a exemplo de *averíguo, averíguas, averígua, averíguam; averígue, averígues, averígue, averíguem; enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguaim; enxágue, enxágues, enxágue, enxáguem; delínquo, delínques; delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínqua, delínquám*).

Obs.: Em conexão com os casos acima referidos, registre-se que os verbos em *-ingir* (*atingir, cingir, constringir, infringir, tingir, etc.*) e os verbos em *-inguir* sem prolação do *u* (*distinguir, extinguir, etc.*) têm grafias absolutamente regulares (*atinjo, atinja, atinge, atingimos, etc; distingo, distinga, distingue, distinguimos, etc.*)

## Base XI

### Da acentuação gráfica das palavras proparoxítonas

1º) Levam acento agudo:

a) As palavras proparoxítonas que apresentam na sílaba tónica/tônica as vogais abertas grafadas *a*, *e*, *o* e ainda *i*, *u* ou ditongo oral começado por vogal aberta: *árabe*, *cáustico*, *Cleópatra*, *esquálido*, *exército*, *hidráulico*, *líquido*, *míope*, *músico*, *plástico*, *prosélito*, *público*, *rústico*, *tétrico*, *último*;

b) As chamadas proparoxítonas aparentes, isto é, que apresentam na sílaba tónica/tônica as vogais abertas grafadas *a*, *e*, *o* e ainda *i*, *u* ou ditongo oral começado por vogal aberta, e que terminam por seqüências vocálicas pós-tónicas/pós-tônicas praticamente consideradas como ditongos crescentes (-*ea*, -*eo*, -*ia*, -*ie*, -*io*, -*oa*, -*ua*, -*uo*, etc.): *álea*, *náusea*; *etéreo*, *níveo*; *enciclopédia*, *glória*; *barbárie*, *série*; *lírio*, *prélio*; *mágoa*, *nódoa*; *exígua*, *língua*; *exíguo*, *vácuo*.

2º) Levam acento circunflexo:

a) As palavras proparoxítonas que apresentam na sílaba tónica/tônica vogal fechada ou ditongo com a vogal básica fechada: *anacreôntico*, *brêtema*, *cânfora*, *cômputo*, *devêramos* (de *dever*), *dinâmico*, *êmbolo*, *excêntrico*, *fôssemos* (de *ser* e *ir*), *Grândola*, *hermenêutica*, *lâmpada*, *lôstrego*, *lôbrego*, *nêspêra*, *plêiade*, *sôfrego*, *sonâmbulo*, *trôpego*;

b) As chamadas proparoxítonas aparentes, isto é, que apresentam vogais fechadas na sílaba tónica/tônica, e terminam por seqüências vocálicas pós-tónicas/pós-tônicas praticamente consideradas como ditongos crescentes: *amêndoa*, *argênteo*, *côdea*, *Islândia*, *Mântua*, *serôdio*.

3º) Levam acento agudo ou acento circunflexo as palavras proparoxítonas, reais ou aparentes, cujas vogais tónicas/tônicas grafadas *e* ou *o* estão em final de sílaba e são seguidas das consoantes nasais grafadas *m* ou *n*, conforme o seu timbre é, respectivamente, aberto ou fechado nas pronúncias cultas da língua: *académico/acadêmico*, *anatômico/anatômico*, *cênico/cênico*, *cómodo/cômmodo*, *fenómeno/fenômeno*, *género/gênero*, *topônimo/topônimo*; *Amazônia/Amazônia*, *Antônio/Antônio*, *blasfémia/blasfêmia*, *fêmea/fêmea*, *gémeo/gêmeo*, *génio/gênio*, *ténue/tênue*.

## Base XII

### Do emprego do acento grave

1º) Emprega-se o acento grave:

a) Na contração da preposição *a* com as formas femininas do artigo ou pronome demonstrativo *o*: *à* (de *a* + *a*), *às* (de *a* + *as*);

b) Na contração da preposição *a* com os demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas* e *aquilo* ou ainda da mesma preposição com os compostos *aqueloutro* e suas flexões: *àquele(s)*, *àquela(s)*, *àquilo*; *àqueloutro(s)*, *àqueloutra(s)*;

### Base XIII

#### Da supressão dos acentos em palavras derivadas

1º) Nos advérbios em *-mente*, derivados de adjetivos com acento agudo ou circunflexo, estes são suprimidos: *avidamente* (de *ávido*), *debilmente* (de *débil*), *facilmente* (de *fácil*), *habilmente* (de *hábil*), *ingenuamente* (de *ingênuo*), *lucidamente* (de *lúcido*), *mamente* (de *má*), *somente* (de *só*), *unicamente* (de *único*), etc.; *candidamente* (de *cândido*), *cortesmente* (de *cortês*), *dinamicamente* (de *dinâmico*), *espontaneamente* (de *espontâneo*), *portuguesmente* (de *português*), *romanticamente* (de *romântico*).

2º) Nas palavras derivadas que contêm sufixos iniciados por *z* e cujas formas de base apresentam vogas tónica/tônica com acento agudo ou circunflexo, estes são suprimidos: *aneizinhos* (de *anéis*), *avozinha* (de *avô*), *bebezito* (de *bebê*), *cafezada* (de *café*), *chapeuzinho* (de *chapéu*), *chazeiro* (de *chá*), *heroizito* (de *herói*), *ilheuzito* (de *ilhéu*), *mazinha* (de *má*), *orfãozinho* (de *órfão*), *vintenzito* (de *vintém*), etc.; *avozinho* (de *avô*), *bençãozinha* (de *benção*), *lampadazita* (de *lâmpada*), *pessegozito* (de *pêssego*).

### Base XIV

#### Do trema

O trema, sinal de diérese, é inteiramente suprimido em palavras portuguesas ou aportuguesadas. Nem sequer se emprega na poesia, mesmo que haja separação de duas vogais que normalmente formam ditongo: *saudade*, e não *saüdade*, ainda que tetrassílabo; *saudar*, e não *saüdar*, ainda que trissílabo; etc.

Em virtude desta supressão, abstrai-se de sinal especial, quer para distinguir, em sílaba átona, um *i* ou um *u* de uma vogal da sílaba anterior, quer para distinguir, também em sílaba átona, um *i* ou um *u* de um ditongo precedente, quer para distinguir, em sílaba tónica/tônica ou átona, o *u* de *gu* ou de *qu* de um *e* ou *i* seguintes: *arruinar*, *constituiria*, *depoimento*, *esmiuçar*, *faiscar*, *faulhar*, *oleicultura*, *paraibano*, *reunião*; *abaiucado*, *auiqui*, *caiuá*, *cauixi*, *piaiense*; *aguentar*, *anguiforme*, *arguir*, *bilíngue* (ou *bilingue*), *lingueta*, *linguista*, *linguístico*; *cinquenta*, *equestre*, *frequentar*, *tranquilo*, *ubiquidade*.

Obs.: Conserva-se, no entanto, o trema, de acordo com a Base I, 3º, em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros: *hübneriano*, de *Hübner*, *mülleriano*, de *Müller*, etc.

### Base XV

## Do hífen em compostos, locuções e encadeamentos vocabulares

1º) Emprega-se o hífen nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos, de natureza nominal, adjetival, numeral ou verbal, constituem uma unidade sintagmática e semântica e mantêm acento próprio, podendo dar-se o caso de o primeiro elemento estar reduzido: *ano-luz, arcebispo-bispo, arco-íris, decreto-lei, és-sueste, médico-cirurgião, rainha-cláudia, tenente-coronel, tio-avô, turma-piloto; alcaide-mor, amor-perfeito, guarda-noturno, mato-grossense, norte-americano, porto-alegrense, sul-africano; afro-asiático, afro-luso-brasileiro, azul-escuro, luso-brasileiro, primeiro-ministro, primeiro-sargento, primo-infeção, segunda-feira; conta-gotas, finca-pé, guarda-chuva.*

Obs.: Certos compostos, em relação aos quais se perdeu, em certa medida, a noção de composição, grafam-se aglutinadamente: *girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista*, etc.

2º) Emprega-se o hífen nos topónimos/topônimos compostos, iniciados pelos adjetivos *grã, grão* ou por forma verbal ou cujos elementos estejam ligados por artigo: *Grã-Bretanha, Grão-Pará; Abre-Campo; Passa-Quatro, Quebra-Costas, Quebra-Dentes, Traga-Mouros, Trinca-Fortes; Albergaria-a-Velha, Baía de Todos-os-Santos, Entre-os-Rios, Montemor-o-Novo, Trás-os-Montes.*

Obs.: Os outros topónimos/topônimos compostos escrevem-se com os elementos separados, sem hífen: *América do Sul, Belo Horizonte, Cabo Verde, Castelo Branco, Freixo de Espada à Cinta*, etc. O topónimo/topônimo *Guiné-Bissau* é, contudo, uma exceção consagrada pelo uso.

3º) Emprega-se o hífen nas palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina, couve-flor, erva-doce, feijão-verde; benção-de-deus, erva-do-chá, ervilha-de-cheiro, fava-de-santo-inácio; bem-me-quer* (nome de planta que também se dá à *margarida* e ao *malmequer*); *andorinha-grande, cobra-capelo, formiga-branca; andorinha-do-mar, cobra-d'água, lesma-de-conchinha; bem-te-vi* (nome de um pássaro).

4º) Emprega-se o hífen nos compostos com os advérbios *bem* e *mal*, quando estes formam com o elemento que se lhes segue uma unidade sintagmática e semântica e tal elemento começa por vogal ou *h*. No entanto, o advérbio *bem*, ao contrário do *mal*, pode não se aglutinar com palavras começadas por consoante. Eis alguns exemplos das várias situações: *bem-aventurado, bem-estar, bem-humorado; mal-afortunado, mal-estar, mal-humorado; bem-criado* (cf. *malcriado*), *bem-ditoso* (cf. *malditoso*), *bem-falante* (cf. *malfalante*), *bem-mandado* (cf. *malmandado*), *bem-nascido* (cf. *malnascido*), *bem-soante* (cf. *malsoante*), *bem-visto* (cf. *malvisto*).

Obs.: Em muitos compostos, o advérbio *bem* aparece aglutinado com o segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte: *benfazejo, benfeito, benfeitor, benquerença*, etc.

5º) Emprega-se o hífen nos compostos com os elementos *além, aquém, recém e sem*: *além-Atlântico, além-mar, além-fronteiras; aquém-mar, aquém-Pirenéus; recém-casado, recém-nascido; sem-cerimônia, sem-número, sem-vergonha*.

6º) Nas locuções de qualquer tipo, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, não se emprega em geral o hífen, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa*). Sirvam, pois, de exemplo de emprego sem hífen as seguintes locuções:

a) Substantivas: *cão de guarda, fim de semana, sala de jantar;*

b) Adjetivas: *cor de açafraão, cor de café com leite, cor de vinho;*

c) Pronominais: *cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja;*

d) Adverbiais: *à parte* (note-se o substantivo *aparte*), *à vontade, de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; note-se *demais*, advérbio, conjunção, etc.), *depois de amanhã, em cima, por isso;*

e) Prepositivas: *abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, aquando de, debaixo de, enquanto a, por baixo de, por cima de, quanto a;*

f) Conjuncionais: *a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, por conseguinte, visto que.*

7º) Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando, não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares (tipo: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique*), e bem assim nas combinações históricas ou ocasionais de topónimos/topônimos (tipo: *Áustria-Hungria, Alsácia-Lorena, Angola-Brasil, Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.).

## Base XVI

### Do hífen nas formações por prefixação, recomposição e sufixação

1º) Nas formações com prefixos (como, por exemplo: *ante-, anti-, circum-, co-, contra-, entre-, extra-, hiper-, infra-, intra-, pós-, pré-, pró-, sobre-, sub-, super-, supra-, ultra-, etc.*) e em formações por recomposição, isto é, com elementos não autônomos ou falsos prefixos, de origem grega e latina (tais como: *aero-, agro-, arqui-, auto-, bio-, eletro-, geo-, hidro-, inter-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, proto-, pseudo-, retro-, semi-, tele-, etc.*), só se emprega o hífen nos seguintes casos:

a) Nas formações em que o segundo elemento começa por *h*: *anti-higiênico/anti-higiênico*, *circum-hospitalar*, *co-herdeiro*, *contra-harmónico/contra-harmônico*, *extra-humano*, *pré-história*, *sub-hepático*, *super-homem*, *ultra-hiperbólico*; *arqui-hipérbole*, *eletro-higrómetro*, *geo-história*, *neo-helénico/neo-helênico*, *pan-helenismo*, *semi-hospitalar*.

Obs.: Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos *des-* e *in-* e nas quais o segundo elemento perdeu o *h* inicial: *desumano*, *desumidificar*, *inábil*, *inumano*, etc.

b) Nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento: *anti-ibérico*, *contra-almirante*, *infra-axilar*, *supra-auricular*; *arqui-irmandade*, *auto-observação*, *eletro-ótica*, *micro-onda*, *semi-interno*.

Obs.: Nas formações com o prefixo *co-*, este aglutina-se em geral com o segundo elemento mesmo quando iniciado por *o*: *coobrigação*, *coocupante*, *coordenar*, *cooperação*, *cooperar*, etc.

c) Nas formações com os prefixos *circum-* e *pan-*, quando o segundo elemento começa por vogal, *m* ou *n* (além de *h*, caso já considerado atrás na alínea a): *circum-escolar*, *circum-murado*, *circum-navegação*; *pan-africano*, *pan-mágico*, *pan-negritude*.

d) Nas formações com os prefixos *hiper-*, *inter-* e *super-*, quando combinados com elementos iniciados por *r*: *hiper-requintado*, *inter-resistente*, *super-revista*.

e) Nas formações com os prefixos *ex-* (com o sentido de estado anterior ou cessamento), *sota-*, *soto-*, *vice-* e *vizo-*: *ex-almirante*, *ex-diretor*, *ex-hospedeira*, *ex-presidente*, *ex-primeiro-ministro*, *ex-rei*; *sota-piloto*, *soto-mestre*, *vice-presidente*, *vice-reitor*, *vizo-rei*.

f) Nas formações com os prefixos tónicos/tônicos acentuados graficamente *pós-*, *pré-* e *pró-* quando o segundo elemento tem vida à parte (ao contrário do que acontece com as correspondentes formas átonas que se aglutinam com o elemento seguinte): *pós-graduação*, *pós-tónico/pós-tônicos* (mas *pospor*); *pré-escolar*, *pré-natal* (mas *prever*); *pró-africano*, *pró-europeu* (mas *promover*).

2º) Não se emprega, pois, o hífen:

a) Nas formações em que o prefixo ou falso prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por *r* ou *s*, devendo estas consoantes duplicar-se, prática aliás já generalizada em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico. Assim: *antirreligioso*, *antisemita*, *contrarregra*, *comtrassenha*, *cosseno*, *extrarregular*, *infrassom*, *minissaia*, tal como *biorritmo*, *biossatélite*, *eletrossiderurgia*, *microsistema*, *microrradiografia*.

b) Nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por vogal diferente, prática esta em geral já adotada também para os termos

técnicos e científicos. Assim: *antiaéreo, coeducação, extraescolar; aeroespacial, autoestrada, autoaprendizagem, agroindustrial, hidroelétrico, plurianual.*

3º) Nas formações por sufixação apenas se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como *açu, guaçu e mirim*, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim.*

## Base XVII

Do hífen na ênclise, na tmese e com o verbo *haver*

1º) Emprega-se o hífen na ênclise e na tmese: *amá-lo, dá-se, deixa-o, partir-lhe; amá-lo-ei, enviar-lhe-emos.*

2º) Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei de, hás de, hão de*, etc.

Obs.: 1. Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais *quer* e *requer*, dos verbos *querer* e *requerer*, em vez de *quere* e *requere*, estas últimas formas conservam-se, no entanto, nos casos de ênclise: *quere-o(s), requere-o(s)*. Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) *qué-lo* e *requé-lo* são pouco usadas.

2. Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* (*eis-me, ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-lo, vo-las*, quando em próclise (por ex.: *esperamos que no-lo comprem*).

## Base XVIII

Do apóstrofo

1º) São os seguintes os casos de emprego do apóstrofo:

a) Faz-se uso do apóstrofo para cindir graficamente uma contração ou aglutinação vocabular, quando um elemento ou fração respectiva pertence propriamente a um conjunto vocabular distinto: *d' Os Lusíadas, d' Os Sertões; n' Os Lusíadas, n' Os Sertões; pel' Os Lusíadas, pel' Os Sertões*. Nada obsta, contudo, a que estas escritas sejam substituídas por empregos de preposições íntegras, se o exigir razão especial de clareza, expressividade ou ênfase: *de Os Lusíadas, em Os Lusíadas, por Os Lusíadas*, etc.

As cisões indicadas são análogas às dissoluções gráficas que se fazem, embora sem emprego do apóstrofo, em combinações da preposição *a* com palavras pertencentes a conjuntos vocabulares imediatos: *a A Relíquia, aOs Lusíadas* (exemplos: *importância*

*atribuída a A Relíquia; recorro a Os Lusíadas*). Em tais casos, como é óbvio, entende-se que a dissolução gráfica nunca impede na leitura a combinação fonética: *a A = à, a Os = aos*, etc.

b) Pode cindir-se por meio do apóstrofo uma contração ou aglutinação vocabular, quando um elemento ou fração respectiva é forma pronominal e se lhe quer dar realce com o uso de maiúscula: *d'Ele, n'Ele, d'Aquele, n'Aquele, d'O, n'O, pel'O, m'O, t'O, lh'O*, casos em que a segunda parte, forma masculina, é aplicável a Deus, a Jesus, etc.; *d'Ela, n'Ela, d'Aquela, d'A, n'A, pel'A, m'A, t'A, lh'A*, casos em que a segunda parte, forma feminina, é aplicável à mãe de Jesus, à Providência, etc. Exemplos frásicos: *confiamos n'O que nos salvou; esse milagre revelou-m'O; está n'Ela a nossa esperança; pugnemos pel'A que é nossa padroeira*.

À semelhança das cisões indicadas, pode dissolver-se graficamente, posto que sem uso do apóstrofo, uma combinação da preposição *a* com uma forma pronominal realçada pela maiúscula: *a O, a Aquele, a Aquela* (entendendo-se que a dissolução gráfica nunca impede na leitura a combinação fonética: *a O = ao, a Aquela = àquela*, etc.). Exemplos frásicos: *a O que tudo pode; a Aquela que nos protege*.

c) Emprega-se o apóstrofo nas ligações das formas *santo* e *santa* a nomes do hagiólogo, quando importa representar a elisão das vogais finais *o* e *a*: *Sant'Ana, Sant'Iago*, etc. É, pois, correto escrever: *Calçada de Sant'Ana, Rua de Sant'Ana; culto de Sant'Iago, Ordem de Sant'Iago*. Mas, se as ligações deste gênero, como é o caso destas mesmas *Sant'Ana* e *Sant'Iago*, se tornam perfeitas unidades mórficas, aglutinam-se os dois elementos: *Fulano de Santana, ilhéu de Santana, Santana de Parnaíba; Fulano de Santiago, ilha de Santiago, Santiago do Cacém*.

Em paralelo com a grafia *Sant'Ana* e congêneres, emprega-se também o apóstrofo nas ligações de duas formas antroponímicas, quando é necessário indicar que na primeira se elide um o final: *Nun'Álvares, Pedr'Eanes*.

Note-se que nos casos referidos as escritas com apóstrofo, indicativas de elisão, não impedem, de modo algum, as escritas sem apóstrofo: *Santa Ana, Nuno Álvares, Pedro Álvares*, etc.

d) Emprega-se o apóstrofo para assinalar, no interior de certos compostos, a elisão do *e* da preposição *de*, em combinação com substantivos: *borda-d'água, cobra-d'água, copo-d'água, estrela-d'alva, galinha-d'água, mãe-d'água, pau-d'água, pau-d'alho, pau-d'arco, pau-d'óleo*.

2º) São os seguintes os casos em que não se usa o apóstrofo:

Não é admissível o uso do apóstrofo nas combinações das preposições *de* e *em* com as formas do artigo definido, com formas pronominais diversas e com formas adverbiais (excetuado o que se estabelece nas alíneas 1º) a) e 1º) b)). Tais combinações são representadas:

a) Por uma só forma vocabular, se constituem, de modo fixo, uniões perfeitas:

i) *do, da, dos, das; dele, dela, deles, delas; deste, desta, destes, destas, disto; desse, dessa, desses, dessas, disso; daquele, daquela, daqueles, daquelas, daquilo; destoutro, destoutra, destoutros, destoutras; dessoutro, dessoutra, dessoutros, dessoutras; daqueloutro, daqueloutra, daqueloutros, daqueloutras; daqui; daí; dali; dacolá; donde; dantes (= antigamente);*

ii) *no, na, nos, nas; nele, nela, neles, nelas; neste, nesta, nestes, nestas, nisto; nesse, nessa, nesses, nessas, nisso; naquele, naquela, naqueles, naquelas, naquilo; nestoutro, nestoutra, nestoutros, nestoutras; nessoutro, nessoutra, nessoutros, nessoutras; naqueloutro, naqueloutra, naqueloutros, naqueloutras; num, numa, nuns, numas; noutro, noutra, noutros, noutras, noutrem; nalgum, nalguma, nalguns, nalgumas, nalguém.*

b) Por uma ou duas formas vocabulares, se não constituem, de modo fixo, uniões perfeitas (apesar de serem correntes com esta feição em algumas pronúncias): *de um, de uma, de uns, de umas, ou dum, duma, duns, dumas; de algum, de alguma, de alguns, de algumas, de alguém, de algo, de algures, de alhures, ou dalgum, dalguma, dalguns, dalgumas, dalguém, dalgo, dalgures, dalhures; de outro, de outra, de outros, de outras, de outrem, de outrora, ou doutro, doutra, doutros, doutras, doutrem, doutrora; de alguém ou daquém; de além ou dalém; de entre ou dentre.*

De acordo com os exemplos deste último tipo, tanto se admite o uso da locução adverbial *de ora avante* como do advérbio que representa a contração dos seus três elementos: *doravante*.

Obs.: Quando a preposição *de* se combina com as formas articulares ou pronominais *o, a, os, as*, ou com quaisquer pronomes ou advérbios começados por vogal, mas acontece estarem essas palavras integradas em construções de infinitivo, não se emprega o apóstrofo, nem se funde a preposição com a forma imediata, escrevendo-se estas duas separadamente: *a fim de ele compreender; apesar de o não ter visto; em virtude de os nossos pais serem bondosos; o fato de o conhecer; por causa de aqui estares.*

## Base XIX

### Das minúsculas e maiúsculas

1º) A letra minúscula inicial é usada:

a) Ordinariamente, em todos os vocábulos da língua nos usos correntes.

b) Nos nomes dos dias, meses, estações do ano: *segunda-feira; outubro; primavera.*

c) Nos bibliónimos/bibliônimos (após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos, podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios nele contidos, tudo em grifo): *O Senhor do Paço de Ninães*, *O senhor do paço de Ninães*, *Menino de Engenho* ou *Menino de engenho*, *Árvore e Tambor* ou *Árvore e tambor*.

d) Nos usos de *fulano*, *sicrano*, *beltrano*.

e) Nos pontos cardeais (mas não nas suas abreviaturas); *norte*, *sul* (mas: *SW sudoeste*).

f) Nos axiônimos/axiônimos e hagiônimos/hagiônimos (opcionalmente, neste caso, também com maiúscula): *senhor doutor Joaquim da Silva*, *bacharel Mário Abrantes*, *o cardeal Bembo*; *santa Filomena* (ou *Santa Filomena*).

g) Nos nomes que designam domínios do saber, cursos e disciplinas (opcionalmente, também com maiúscula): *português* (ou *Português*), *matemática* (ou *Matemática*); *línguas e literaturas modernas* (ou *Línguas e Literaturas Modernas*).

2º) A letra maiúscula inicial é usada:

a) Nos antropónimos/antropônimos, reais ou fictícios: *Pedro Marques*; *Branca de Neve*, *D. Quixote*.

b) Nos topónimos/topônimos, reais ou fictícios: *Lisboa*, *Luanda*, *Maputo*, *Rio de Janeiro*; *Atlântida*, *Hespéria*.

c) Nos nomes de seres antropomorfizados ou mitológicos: *Adamastor*; *Neptuno* / *Netuno*.

d) Nos nomes que designam instituições: *Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social*.

e) Nos nomes de festas e festividades: *Natal*, *Páscoa*, *Ramadão*, *Todos os Santos*.

f) Nos títulos de periódicos, que retêm o itálico: *O Primeiro de Janeiro*, *O Estado de São Paulo* (ou *S. Paulo*).

g) Nos pontos cardeais ou equivalentes, quando empregados absolutamente: *Nordeste*, por nordeste do Brasil, *Norte*, por norte de Portugal, *Meio-Dia*, pelo sul da França ou de outros países, *Ocidente*, por ocidente europeu, *Oriente*, por oriente asiático.

h) Em siglas, símbolos ou abreviaturas internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: *FAO*, *NATO*, *ONU*; *H<sub>2</sub>O*; *Sr.*, *V. Ex<sup>a</sup>*.

i) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: (*rua* ou *Rua da Liberdade*, *largo* ou *Largo dos Leões*), de templos (*igreja* ou *Igreja do Bonfim*, *templo* ou *Templo do Apostolado Positivista*), de edifícios (*palácio* ou *Palácio da Cultura*, *edifício* ou *Edifício Azevedo Cunha*).

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica, etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

## Base XX

### Da divisão silábica

A divisão silábica, que em regra se faz pela soletração (*a-ba-de*, *bru-ma*, *ca-cho*, *lha-no*, *ma-lha*, *ma-nha*, *má-xi-mo*, *ó-xi-do*, *ro-xo*, *tme-se*), e na qual, por isso, se não tem de atender aos elementos constitutivos dos vocábulos segundo a etimologia (*a-ba-li-e-nar*, *bi-sa-vô*, *de-sa-pa-re-cer*, *dí-sú-ri-co*, *e-xâ-ni-me*, *hi-pe-ra-cú-sti-co*, *i-ná-bil*, *o-bo-val*, *su-bo-cu-lar*, *su-pe-rá-ci-do*), obedece a vários preceitos particulares, que rigorosamente cumpre seguir, quando se tem de fazer em fim de linha, mediante o emprego do hífen, a partição de uma palavra:

1º) São indivisíveis no interior da palavra, tal como inicialmente, e formam, portanto, sílaba para a frente as sucessões de duas consoantes que constituem perfeitos grupos, ou sejam (com exceção apenas de vários compostos cujos prefixos terminam em *b*, ou *d*: *ab-legação*, *ad-ligar*, *sub-lunar*, etc., em vez de *a-blegação*, *a-dligar*, *su-blunar*, etc.) aquelas sucessões em que a primeira consoante é uma labial, uma velar, uma dental ou uma labiodental e a segunda um *l* ou um *r*: *a-blução*, *cele-brar*, *du-plicação*, *re-primir*, *a-clamar*, *de-creto*, *de-glutição*, *re-grado*; *a-tlético*, *cáte-dra*, *períme-tro*; *a-fluir*, *a-fricano*, *ne-vrose*.

2º) São divisíveis no interior da palavra as sucessões de duas consoantes que não constituem propriamente grupos e igualmente as sucessões de *m* ou *n*, com valor de nasalidade, e uma consoante: *ab-dicar*, *Ed-gardo*, *op-tar*, *sub-por*, *ab-soluto*, *ad-jetivo*, *af-ta*, *bet-samita*, *íp-silon*, *ob-viar*, *des-cer*, *dis-ciplina*, *flores-cer*, *nas-cer*, *res-cisão*; *ac-ne*, *ad-mirável*, *Daf-ne*, *diafrag-ma*, *drac-ma*, *ét-nico*, *rit-mo*, *sub-meter*, *am-nésico*, *interam-nense*; *bir-reme*, *cor-roer*, *pror-rogar*, *as-segurar*, *bis-secular*, *sos-segar*, *bissex-to*, *contex-to*, *ex-citar*, *atroz-mente*, *capaz-mente*, *infeliz-mente*; *am-biçã*, *desen-ganar*, *en-xame*, *man-chu*, *Mân-lio*, etc.

3º) As sucessões de mais de duas consoantes ou de *m* ou *n*, com o valor de nasalidade, e duas ou mais consoantes são divisíveis por um de dois meios: se nelas entra um dos grupos que são indivisíveis (de acordo com o preceito 1º), esse grupo forma sílaba para diante, ficando a consoante ou consoantes que o precedem ligadas à sílaba anterior; se nelas não entra nenhum desses grupos, a divisão dá-se sempre antes da última consoante. Exemplos dos dois

casos: *cam- braia, ec- tlipse, em- blema, ex- plicar, in- cluir, ins- crição, subs- crever, trans- gredir, abs- tenção, disp- neia, inters- telar, lamb- dacismo, sols- ticial, Terp- sícore, tungs- tênio.*

4º) As vogais consecutivas que não pertencem a ditongos decrescentes (as que pertencem a ditongos deste tipo nunca se separam: *ai- roso, cadei- ra, insti- tui, ora- ção, sacris- tâes, traves- sões*) podem, se a primeira delas não é *u* precedido de *g* ou *q*, e mesmo que sejam iguais, separar-se na escrita: *ala- úde, áre- as, ca- apeba, co- ordenar, do- er, flu- idez, perdo- as, vo- os.* O mesmo se aplica aos casos de contiguidade de ditongos, iguais ou diferentes, ou de ditongos e vogais: *cai- ais, cai- eis, ensai- os, flu- iu.*

5º) Os digramas *gu* e *qu*, em que o *u* se não pronuncia, nunca se separam da vogal ou ditongo imediato (*ne- gue, ne- guei; pe- que, pe- quei*), do mesmo modo que as combinações *gu* e *qu* em que o *u* se pronuncia: *á- gua, ambí- guo, averi- gueis, longín- quos, lo- quaz, quais- quer.*

6º) Na translineação de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, deve, por clareza gráfica, repetir-se o hífen no início da linha imediata: *ex- - alferes, serená- -los-emos* ou *serená-los- -emos, vice- -almirante.*

## Base XXI

### Das assinaturas e firmas

Para ressalva de direitos, cada qual poderá manter a escrita que, por costume ou registro legal, adote na assinatura do seu nome.

Com o mesmo fim, pode manter-se a grafia original de quaisquer firmas comerciais, nomes de sociedades, marcas e títulos que estejam inscritos em registro público.

## ANEXO II

### NOTA EXPLICATIVA DO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA (1990)

#### 1. Memória breve dos acordos ortográficos

A existência de duas ortografias oficiais da língua portuguesa, a lusitana e a brasileira, tem sido considerada como largamente prejudicial para a unidade intercontinental do português e para o seu prestígio no Mundo.

Tal situação remonta, como é sabido, a 1911, ano em que foi adotada em Portugal a primeira grande reforma ortográfica, mas que não foi extensiva ao Brasil.

Por iniciativa da Academia Brasileira de Letras, em consonância com a Academia das Ciências de Lisboa, com o objetivo de se minimizarem os inconvenientes desta situação, foi aprovado em 1931 o primeiro acordo ortográfico entre Portugal e o Brasil. Todavia, por razões que não importa agora mencionar, este acordo não produziu, afinal, a tão desejada unificação dos dois sistemas ortográficos, fato que levou mais tarde à convenção ortográfica de 1943. Perante as divergências persistentes nos Vocabulários entretanto publicados pelas duas Academias, que punham em evidência os parcos resultados práticos do acordo de 1943, realizou-se, em 1945, em Lisboa, novo encontro entre representantes daquelas duas agremiações, o qual conduziu à chamada Convenção Ortográfica Luso-Brasileira de 1945. Mais uma vez, porém, este acordo não produziu os almejados efeitos, já que ele foi adotado em Portugal, mas não no Brasil.

Em 1971, no Brasil, e em 1973, em Portugal, foram promulgadas leis que reduziram substancialmente as divergências ortográficas entre os dois países. Apesar destas louváveis iniciativas, continuavam a persistir, porém, divergências sérias entre os dois sistemas ortográficos.

No sentido de as reduzir, a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras elaboraram em 1975 um novo projeto de acordo que não foi, no entanto, aprovado oficialmente por razões de ordem política, sobretudo vigentes em Portugal.

E é neste contexto que surge o encontro do Rio de Janeiro, em Maio de 1986, e no qual se encontram, pela primeira vez na história da língua portuguesa, representantes não apenas de Portugal e do Brasil mas também dos cinco novos países africanos lusófonos entretanto emergidos da descolonização portuguesa.

O Acordo Ortográfico de 1986, conseguido na reunião do Rio de Janeiro, ficou, porém, inviabilizado pela reação polêmica contra ele movida sobretudo em Portugal.

## 2. Razões do fracasso dos acordos ortográficos

Perante o fracasso sucessivo dos acordos ortográficos entre Portugal e o Brasil, abrangendo o de 1986 também os países lusófonos de África, importa refletir seriamente sobre as razões de tal malogro.

Analisando sucintamente o conteúdo dos acordos de 1945 e de 1986, a conclusão que se colhe é a de que eles visavam impor uma unificação ortográfica absoluta.

Em termos quantitativos e com base em estudos desenvolvidos pela Academia das Ciências de Lisboa, com base num *corpus* de cerca de 110.000 palavras, conclui-se que o Acordo de 1986 conseguia a unificação ortográfica em cerca de 99,5% do vocabulário geral da língua. Mas conseguia-a sobretudo à custa da simplificação drástica do sistema de acentuação gráfica, pela supressão dos acentos nas palavras proparoxítonas e paroxítonas, o que não foi bem aceito por uma parte substancial da opinião pública portuguesa.

Também o acordo de 1945 propunha uma unificação ortográfica absoluta que rondava os 100% do vocabulário geral da língua. Mas tal unificação assentava em dois princípios que se revelaram inaceitáveis para os brasileiros:

a) Conservação das chamadas consoantes mudas ou não articuladas, o que correspondia a uma verdadeira restauração destas consoantes no Brasil, uma vez que elas tinham há muito sido abolidas.

b) Resolução das divergências de acentuação das vogais tônicas *e* e *o*, seguidas das consoantes nasais *m* e *n*, das palavras proparoxítonas (ou esdrúxulas) no sentido da prática portuguesa, que consistia em as grafar com acento agudo e não circunflexo, conforme a prática brasileira.

Assim se procurava, pois, resolver a divergência de acentuação gráfica de palavras como *António* e *Antônio*, *cómodo* e *cômodo*, *género* e *gênero*, *oxigénio* e *oxigênio*, etc., em favor da generalização da acentuação com o diacrítico agudo. Esta solução estipulava, contra toda a tradição ortográfica portuguesa, que o acento agudo, nestes casos, apenas assinalava a tonicidade da vogal e não o seu timbre, visando assim resolver as diferenças de pronúncia daquelas mesmas vogais.

A inviabilização prática de tais soluções leva-nos à conclusão de que não é possível unificar por via administrativa divergências que assentam em claras diferenças de pronúncia, um dos critérios, aliás, em que se baseia o sistema ortográfico da língua portuguesa.

Nestas condições, há que procurar uma versão de unificação ortográfica que acautele mais o futuro do que o passado e que não receie sacrificar a simplificação também pretendida em 1986, em favor da máxima unidade possível. Com a emergência de cinco novos países lusófonos, os fatores de desagregação da unidade essencial da língua portuguesa far-se-ão sentir com mais acuidade e também no domínio ortográfico. Neste sentido importa, pois, consagrar uma versão de unificação ortográfica que fixe e delimite as diferenças atualmente existentes e previna contra a desagregação ortográfica da língua portuguesa.

Foi, pois, tendo presentes estes objetivos, que se fixou o novo texto de unificação ortográfica, o qual representa uma versão menos forte do que as que foram conseguidas em 1945 e 1986. Mas ainda assim suficientemente forte para unificar ortograficamente cerca de 98% do vocabulário geral da língua.

### 3. Forma e substância do novo texto

O novo texto de unificação ortográfica agora proposto contém alterações de forma (ou estrutura) e de conteúdo, relativamente aos anteriores. Pode dizer-se, simplificando, que em termos de estrutura se aproxima mais do acordo de 1986, mas que em termos de conteúdo adota uma posição mais conforme com o projeto de 1975, atrás referido.

Em relação às alterações de conteúdo, elas afetam sobretudo o caso das consoantes mudas ou não articuladas, o sistema de acentuação gráfica, especialmente das esdrúxulas, e a hifenação.

Pode dizer-se ainda que, no que respeita às alterações de conteúdo, de entre os princípios em que assenta a ortografia portuguesa, se privilegiou o critério fonético (ou da pronúncia) com um certo detrimento para o critério etimológico.

É o critério da pronúncia que determina, aliás, a supressão gráfica das consoantes mudas ou não articuladas, que se têm conservado na ortografia lusitana essencialmente por razões de ordem etimológica.

É também o critério da pronúncia que nos leva a manter um certo número de grafias duplas do tipo de *caráter* e *carácter*, *facto* e *fato*, *sumptuoso* e *suntuoso*, etc.

É ainda o critério da pronúncia que conduz à manutenção da dupla acentuação gráfica do tipo de *económico* e *econômico*, *efémero* e *efêmero*, *género* e *gênero*, *génio* e *gênio*, ou de *bónus* e *bônus*, *sémen* e *sêmen*, *ténis* e *etênis*, ou ainda de *bebé* e *bebê*, ou *metro* e *metrô*, etc.

Explicitam-se em seguida as principais alterações introduzidas no novo texto de unificação ortográfica, assim como a respectiva justificação.

4. Conservação ou supressão das consoantes *c*, *p*, *b*, *g*, *m* e *t* em certas seqüências consonânticas (Base IV)

#### 4.1. Estado da questão

Como é sabido, uma das principais dificuldades na unificação da ortografia da língua portuguesa reside na solução a adotar para a grafia das consoantes *c* e *p*, em certas seqüências consonânticas interiores, já que existem fortes divergências na sua articulação.

Assim, umas vezes, estas consoantes são invariavelmente proferidas em todo o espaço geográfico da língua portuguesa, conforme sucede em casos como *compacto*, *ficção*, *pacto*; *adepto*, *aptidão*, *núpcias*; etc.

Neste caso, não existe qualquer problema ortográfico, já que tais consoantes não podem deixar de grafar-se (v. Base IV, 1º a).

Noutros casos, porém, dá-se a situação inversa da anterior, ou seja, tais consoantes não são proferidas em nenhuma pronúncia culta da língua, como acontece em *acção*, *afectivo*, *direcção*; *adopção*, *exacto*, *ótimo*; etc. Neste caso existe um problema. É que na norma gráfica brasileira há muito estas consoantes foram abolidas, ao contrário do que sucede na norma gráfica lusitana, em que tais consoantes se conservam. A solução que agora

se adota (v. Base IV, 1º b) é a de as suprimir, por uma questão de coerência e de uniformização de critérios (vejam-se as razões de tal supressão adiante, em 4.2.).

As palavras afectadas por tal supressão representam 0,54% do vocabulário geral da língua, o que é pouco significativo em termos quantitativos (pouco mais de 600 palavras em cerca de 110.000). Este número é, no entanto, qualitativamente importante, já que compreende vocábulos de uso muito frequente (como, por ex., *acção*, *actor*, *actual*, *colecção*, *colectivo*, *correccção*, *direcção*, *director*, *electricidade*, *factor*, *factura*, *inspector*, *lectivo*, *óptimo*, etc.).

O terceiro caso que se verifica relativamente às consoantes *c* e *p* diz respeito à oscilação de pronúncia, a qual ocorre umas vezes no interior da mesma norma culta (cf. por ex., *cacto* ou *cato*, *dicção* ou *dição*, *sector* ou *setor*, etc.), outras vezes entre normas cultas distintas (cf., por ex., *facto*, *recepção* em Portugal, mas *fato*, *recepção* no Brasil).

A solução que se propõe para estes casos, no novo texto ortográfico, consagra a dupla grafia (v. Base IV, 1º c).

A estes casos de grafia dupla devem acrescentar-se as poucas variantes do tipo de *súbdito* e *súdito*, *subtil* e *sutil*, *amígdala* e *amídala*, *amnístia* e *anístia*, *aritmética* e *arimética*, nas quais a oscilação da pronúncia se verifica quanto às consoantes *b*, *g*, *m* e *t* (v. Base IV, 2º).

O número de palavras abrangidas pela dupla grafia é de cerca de 0,5% do vocabulário geral da língua, o que é pouco significativo (ou seja, pouco mais de 575 palavras em cerca de 110.000), embora nele se incluam também alguns vocábulos de uso muito frequente.

#### 4.2. Justificação da supressão de consoantes não articuladas (Base IV 1º b)

As razões que levaram à supressão das consoantes mudas ou não articuladas em palavras como *ação* (*acção*), *ativo* (*activo*), *diretor* (*director*), *ótimo* (*óptimo*) foram essencialmente as seguintes:

a) O argumento de que a manutenção de tais consoantes se justifica por motivos de ordem etimológica, permitindo assinalar melhor a similaridade com as palavras congêneres das outras línguas românicas, não tem consistência. Por outro lado, várias consoantes etimológicas se foram perdendo na evolução das palavras ao longo da história da língua portuguesa. Vários são, por outro lado, os exemplos de palavras deste tipo, pertencentes a diferentes línguas românicas, que, embora provenientes do mesmo étimo latino, revelam incongruências quanto à conservação ou não das referidas consoantes.

É o caso, por exemplo, da palavra *objecto*, proveniente do latim *objectu-*, que até agora conservava o *c*, ao contrário do que sucede em francês (cf. *objet*), ou em espanhol (cf. *objeto*). Do mesmo modo *projecto* (de *projectu-*) mantinha até agora a grafia com *c*, tal como acontece em espanhol (cf. *proyecto*), mas não em francês (cf. *projet*). Nestes casos o italiano dobra a

consoante, por assimilação (cf. *oggetto* e *progetto*). A palavra *vitória* há muito se grafa sem *c*, apesar do espanhol *victoria*, do francês *victoire* ou do italiano *vittoria*. Muitos outros exemplos se poderiam citar. Aliás, não tem qualquer consistência a ideia de que a similaridade do português com as outras línguas românicas passa pela manutenção de consoantes etimológicas do tipo mencionado. Confrontem-se, por exemplo, formas como as seguintes: port. *acidente* (do lat. *accidente-*), esp. *accidente*, fr. *accident*, it. *accidente*; port. *dicionário* (do lat. *dictionariu-*), esp. *diccionario*, fr. *dictionnaire*, it. *dizionario*; port. *ditar* (do lat. *dictare*), esp. *dictar*, fr. *dicter*, it. *dettare*; port. *estrutura* (de *structura-*), esp. *estructura*, fr. *structure*, it. *struttura*; etc.

Em conclusão, as divergências entre as línguas românicas, neste domínio, são evidentes, o que não impede, aliás, o imediato reconhecimento da similaridade entre tais formas. Tais divergências levantam dificuldades à memorização da norma gráfica, na aprendizagem destas línguas, mas não é com certeza a manutenção de consoantes não articuladas em português que vai facilitar aquela tarefa.

b) A justificação de que as ditas consoantes mudas travam o fechamento da vogal precedente também é de fraco valor, já que, por um lado, se mantêm na língua palavras com vogal pré-tónica aberta, sem a presença de qualquer sinal diacrítico, como em *corar*, *padeiro*, *oblação*, *pregar* (= fazer uma prédica), etc., e, por outro, a conservação de tais consoantes não impede a tendência para o ensurdecimento da vogal anterior em casos como *accionar*, *actual*, *actualidade*, *exactidão*, *tactear*, etc.

c) É indiscutível que a supressão deste tipo de consoantes vem facilitar a aprendizagem da grafia das palavras em que elas ocorriam.

De fato, como é que uma criança de 6-7 anos pode compreender que em palavras como *concepção*, *excepção*, *recepção*, a consoante não articulada é um *p*, ao passo que em vocábulos como *correção*, *direção*, *objecção*, tal consoante é um *c*?

Só à custa de um enorme esforço de memorização que poderá ser vantajosamente canalizado para outras áreas da aprendizagem da língua.

d) A divergência de grafias existente neste domínio entre a norma lusitana, que teimosamente conserva consoantes que não se articulam em todo o domínio geográfico da língua portuguesa, e a norma brasileira, que há muito suprimiu tais consoantes, é incompreensível para os lusitanistas estrangeiros, nomeadamente para professores e estudantes de português, já que lhes cria dificuldades suplementares, nomeadamente na consulta dos dicionários, uma vez que as palavras em causa vêm em lugares diferentes da ordem alfabética, conforme apresentam ou não a consoante muda.

e) Uma outra razão, esta de natureza psicológica, embora nem por isso menos importante, consiste na convicção de que não haverá unificação ortográfica da língua portuguesa se tal disparidade não for revolvida.

f) Tal disparidade ortográfica só se pode resolver suprimindo da escrita as consoantes não articuladas, por uma questão de coerência, já que a pronúncia as ignora, e não tentando impor a sua grafia àqueles que há muito as não escrevem, justamente por elas não se pronunciarem.

#### 4.3. Incongruências aparentes

A aplicação do princípio, baseado no critério da pronúncia, de que as consoantes *c* e *p* em certas sequências consonânticas se suprimem, quando não articuladas, conduz a algumas incongruências aparentes, conforme sucede em palavras como *apocalítico* ou *Egito* (sem *p*, já que este não se pronuncia), a par de *apocalipse* ou *egípcio* (visto que aqui o *p* se articula), *noturno* (sem *c*, por este ser mudo), ao lado de *noctívago* (com *c* por este se pronunciar), etc.

Tal incongruência é apenas aparente. De fato, baseando-se a conservação ou supressão daquelas consoantes no critério da pronúncia, o que não faria sentido era mantê-las, em certos casos, por razões de parentesco lexical. Se se abrisse tal exceção, o utente, ao ter que escrever determinada palavra, teria que recordar previamente, para não cometer erros, se não haveria outros vocábulos da mesma família que se escrevessem com este tipo de consoante.

Aliás, divergências ortográficas do mesmo tipo das que agora se propõem foram já aceites nas Bases de 1945 (v. Base VI, último parágrafo), que consagraram grafias como *assunção* ao lado de *assumptivo*, *cativo*, a par de *captor* e *captura*, *dicionário*, mas *dicção*, etc. A razão então aduzida foi a de que tais palavras entraram e se fixaram na língua em condições diferentes. A justificação da grafia com base na pronúncia é tão nobre como aquela razão.

#### 4.4. Casos de dupla grafia (Base IV, 1º c, d e 2º)

Sendo a pronúncia um dos critérios em que assenta a ortografia da língua portuguesa, é inevitável que se aceitem grafias duplas naqueles casos em que existem divergências de articulação quanto às referidas consoantes *c* e *p* e ainda em outros casos de menor significado. Torna-se, porém, praticamente impossível enunciar uma regra clara e abrangente dos casos em que há oscilação entre o emudecimento e a prolação daquelas consoantes, já que todas as sequências consonânticas enunciadas, qualquer que seja a vogal precedente, admitem as duas alternativas: *cacto* e *cato*, *caracteres* e *carateres*, *dicção* e *dição*, *facto* e *fato*, *sector* e *setor*; *cetro* e *setro*; *concepção* e *conceção*, *recepção* e *receção*; *assumpção* e *assunção*, *peremptório* e *perentório*, *sumptuoso* e *suntuoso*; etc.

De um modo geral pode dizer-se que, nestes casos, o emudecimento da consoante (exceto em *dicção*, *facto*, *sumptuoso* e poucos mais) se verifica, sobretudo, em Portugal e nos países africanos, enquanto no Brasil há oscilação entre a prolação e o emudecimento da mesma consoante.

Também os outros casos de dupla grafia (já mencionados em 4.1.), do tipo de *súbdito* e *súdito*, *subtil* e *sutil*, *amígdala* e *amídala*, *omnisciente* e *onisciente*, *aritmética* e *a rimética*, muito menos relevantes em termos quantitativos do que os anteriores, se verificam sobretudo no Brasil.

Trata-se, afinal, de formas divergentes, isto é, do mesmo étimo. As palavras sem consoante, mais antigas e introduzidas na língua por via popular, foram já usadas em Portugal e encontram-se nomeadamente em escritores dos séculos XVI e XVII.

Os dicionários da língua portuguesa, que passarão a registrar as duas formas, em todos os casos de dupla grafia, esclarecerão, tanto quanto possível, sobre o alcance geográfico e social desta oscilação de pronúncia.

## 5. Sistema de acentuação gráfica (Bases VIII a XIII)

### 5.1. Análise geral da questão

O sistema de acentuação gráfica do português atualmente em vigor, extremamente complexo e minucioso, remonta essencialmente à Reforma Ortográfica de 1911.

Tal sistema não se limita, em geral, a assinalar apenas a tonicidade das vogais sobre as quais recaem os acentos gráficos, mas distingue também o timbre destas.

Tendo em conta as diferenças de pronúncia entre o português europeu e o do Brasil, era natural que surgissem divergências de acentuação gráfica entre as duas realizações da língua.

Tais divergências têm sido um obstáculo à unificação ortográfica do português.

É certo que em 1971, no Brasil, e em 1973, em Portugal, foram dados alguns passos significativos no sentido da unificação da acentuação gráfica, como se disse atrás. Mas, mesmo assim, subsistem divergências importantes neste domínio, sobretudo no que respeita à acentuação das paroxítonas.

Não tendo tido viabilidade prática a solução fixada na Convenção Ortográfica de 1945, conforme já foi referido, duas soluções eram possíveis para se procurar resolver esta questão.

Uma era conservar a dupla acentuação gráfica, o que constituía sempre um espinho contra a unificação da ortografia.

Outra era abolir os acentos gráficos, solução adotada em 1986, no Encontro do Rio de Janeiro.

Esta solução, já preconizada no I Simpósio Luso-Brasileiro sobre a Língua Portuguesa Contemporânea, realizada em 1967 em Coimbra, tinha sobretudo a justificá-la o fato de a língua oral preceder a língua escrita, o que leva muitos utentes a não empregarem na prática

os acentos gráficos, visto que não os consideram indispensáveis à leitura e compreensão dos textos escritos.

A abolição dos acentos gráficos nas palavras proparoxítonas e paroxítonas, preconizada no Acordo de 1986, foi, porém, contestada por uma larga parte da opinião pública portuguesa, sobretudo por tal medida ir contra atradição ortográfica e não tanto por estar contra a prática ortográfica.

A questão da acentuação gráfica tinha, pois, de ser repensada.

Neste sentido, desenvolveram-se alguns estudos e fizeram-se vários levantamentos estatísticos com o objetivo de se delimitarem melhor e quantificarem com precisão as divergências existentes nesta matéria.

## 5.2. Casos de dupla acentuação

### 5.2.1. Nas proparoxítonas (Base XI)

Verificou-se assim que as divergências, no que respeita às proparoxítonas, se circunscrevem praticamente, como já foi destacado atrás, ao caso das vogais tônicas *e* e *o*, seguidas das consoantes nasais *m* e *n*, com as quais aquelas não formam sílaba (v. Base XI, 3º).

Estas vogais soam abertas em Portugal e nos países africanos recebendo, por isso, acento agudo, mas são do timbre fechado em grande parte do Brasil, grafando-se por conseguinte com acento circunflexo: *académico/acadêmico, cómodo/ cômodo, efémero/ efêmero, fenómeno/ fenômen, génio/ gênio, tónico/ônico, etc.*

Existem uma ou outra exceção a esta regra, como, por exemplo, *cômoro* e *sêmola*, mas estes casos não são significativos.

Costuma, por vezes, referir-se que o *a* tónico das proparoxítonas, quando seguido de *m* ou *n* com que não forma sílaba, também está sujeito à referida divergência de acentuação gráfica. Mas tal não acontece, porém, já que o seu timbre soa praticamente sempre fechado nas pronúncias cultas da língua, recebendo, por isso, acento circunflexo: *âmago, ânimo, botânico, câmara, dinâmico, gerânio, pânico, pirâmide.*

As únicas exceções a este princípio são os nomes próprios de origem grega *Dánae/ Dânae* e *Dánao/ Dânao*.

Note-se que se as vogais *e* e *o*, assim como *a*, formam sílaba com as consoantes *m* ou *n*, o seu timbre é sempre fechado em qualquer pronúncia culta da língua, recebendo, por isso, acento circunflexo: *êmbolo, amêndoa, argênteo, excêntrico, têmpera; anacreôntico, cômputo, recôndito, cânfora, Grândola, Islândia, lâmpada, sonâmbulo, etc.*

### 5.2.2. Nas paroxítonas (Base IX)

Também nos casos especiais de acentuação das paroxítonas ou graves (v. Base IX, 2º), algumas palavras que contêm as vogais tônicas *e* e *o* em final de sílaba, seguidas das consoantes nasais *m* e *n*, apresentam oscilação de timbre, nas pronúncias cultas da língua.

Tais palavras são assinaladas com acento agudo, se o timbre da vogal tônica é aberto, ou com acento circunflexo, se o timbre é fechado: *fémur* ou *fêmur*, *Fénix* ou *Fênix*, *ónix* ou *ônix*, *sémen* ou *sêmen*, *xénon* ou *xênon*; *bónus* ou *bônus*, *ónus* ou *ônus*, *pónei* ou *pônei*, *ténis* ou *tênis*, *Vénus* ou *Vênus*; etc. No total, estes são pouco mais de uma dúzia de casos.

### 5.2.3. Nas oxítonas (Base VIII)

Encontramos igualmente nas oxítonas (v. Base VIII, 1º a, *Obs.*) algumas divergências de timbre em palavras terminadas em *e* tônico, sobretudo provenientes do francês. Se esta vogal tônica soa aberta, recebe acento agudo; se soa fechada, grafa-se com acento circunflexo. Também aqui os exemplos pouco ultrapassam as duas dezenas: *bebé* ou *bebê*, *caraté* ou *caratê*, *croché* ou *crochê*, *guiché* ou *guichê*, *matiné* ou *matinê*, *puré* ou *purê*; etc. Existe também um caso ou outro de oxítonas terminadas em *o* ora aberto ora fechado, como sucede em *cocó* ou *cocô*, *ró* ou *rô*.

A par de casos como este há formas oxítonas terminadas em *o* fechado, às quais se opõem variantes paroxítonas, como acontece em *judô* e *judo*, *metrô* e *metro*, mas tais casos são muito raros.

### 5.2.4. Avaliação estatística dos casos de dupla acentuação gráfica

Tendo em conta o levantamento estatístico que se fez na Academia das Ciências de Lisboa, com base no já referido *corpus* de cerca de 110.000 palavras do vocabulário geral da língua, verificou-se que os citados casos de dupla acentuação gráfica abrangiam aproximadamente 1,27% (cerca de 1.400 palavras). Considerando que tais casos se encontram perfeitamente delimitados, como se referiu atrás, sendo assim possível enunciar a regra de aplicação, optou-se por fixar a dupla acentuação gráfica como a solução menos onerosa para a unificação ortográfica da língua portuguesa.

## 5.3. Razões da manutenção dos acentos gráficos nas proparoxítonas e paroxítonas

Resolvida a questão dos casos de dupla acentuação gráfica, como se disse atrás, já não tinha relevância o principal motivo que levou em 1986 a abolir os acentos nas palavras proparoxítonas e paroxítonas.

Em favor da manutenção dos acentos gráficos nestes casos, ponderaram-se, pois, essencialmente as seguintes razões:

a) Pouca representatividade (cerca de 1,27%) dos casos de dupla acentuação.

b) Eventual influência da língua escrita sobre a língua oral, com a possibilidade de, sem acentos gráficos, se intensificar a tendência para a paroxítona, ou seja, deslocamento do acento tônico da antepenúltima para a penúltima sílaba, lugar mais frequente de colocação do acento tônico em português.

c) Dificuldade em apreender corretamente a pronúncia em termos de âmbito técnico e científico, muitas vezes adquiridos através da língua escrita (leitura).

d) Dificuldades causadas, com a abolição dos acentos, à aprendizagem da língua, sobretudo quando esta se faz em condições precárias, como no caso dos países africanos, ou em situação de auto-aprendizagem.

e) Alargamento, com a abolição dos acentos gráficos, dos casos de homografia, do tipo de *análise(s)/analise(v.)*, *fábrica(s.)/fabrica(v.)*, *secretária(s.)/secretaria(s. ou v.)*, *vária(s.)/varia(v.)*, etc., casos que apesar de serem dirimíveis pelo contexto sintático, levantariam por vezes algumas dúvidas e constituiriam sempre problema para o tratamento informatizado do léxico.

f) Dificuldade em determinar as regras de colocação do acento tônico em função da estrutura mórfica da palavra. Assim, as proparoxítonas, segundo os resultados estatísticos obtidos da análise de um *corpus* de 25.000 palavras, constituem 12%. Destes, 12%, cerca de 30% são falsas esdrúxulas (cf. *gênio*, *água*, etc.). Dos 70% restantes, que são as verdadeiras proparoxítonas (cf. *cômodo*, *gênero*, etc.), aproximadamente 29% são palavras que terminam em *-ico /-ica* (cf. *ártico*, *econômico*, *médico*, *prático*, etc.). Os restantes 41% de verdadeiras esdrúxulas distribuem-se por cerca de duzentas terminações diferentes, em geral de caráter erudito (cf. *espírito*, *ínclito*, *púlpito*; *filólogo*; *filósofo*; *esófago*; *epíteto*; *pássaro*; *pêssames*; *facílimo*; *lindíssimo*; *parêntesi*; etc.).

5.4. Supressão de acentos gráficos em certas palavras oxítonas e paroxítonas (Bases VIII, IX e X)

5.4.1. Em casos de homografia (Bases VIII, 3º e IX, 9º e 10º)

O novo texto ortográfico estabelece que deixem de se acentuar graficamente palavras do tipo de *para* (â), flexão de *parar*, *pelo* (ê), substantivo, *pelo* (é), flexão de *pelar*, etc., as quais são homógrafas, respectivamente, das proclíticas *para*, preposição, *pelo*, contração de *per e lo*, etc.

As razões por que se suprime, nestes casos, o acento gráfico são as seguintes:

a) Em primeiro lugar, por coerência com a abolição do acento gráfico já consagrada pelo Acordo de 1945, em Portugal, e pela Lei nº 5.765, de 18/12/1971, no Brasil, em casos

semelhantes, como, por exemplo: *acerto* (*ê*), substantivo, e *acerto* (*é*), flexão de *acertar*; *acordo* (*ô*), substantivo, e *acordo* (*ó*), flexão de *acordar*; *cor* (*ô*), substantivo, e *cor* (*ó*), elemento da locução *de cor*; *sede* (*ê*) e *sede* (*é*), ambos substantivos; etc.

b) Em segundo lugar, porque, tratando-se de pares cujos elementos pertencem a classes gramaticais diferentes, o contexto sintático permite distinguir claramente tais homógrafas.

#### 5.4.2. Em paroxítonas com os ditongos *ei* e *oi* na sílaba tônica (Base IX, 3º)

O novo texto ortográfico propõe que não se acentuem graficamente os ditongos *ei* e *oi* tônicos das palavras paroxítonas. Assim, palavras como *assembleia*, *boleia*, *ideia*, que na norma gráfica brasileira se escrevem com acento agudo, por o ditongo soar aberto, passarão a escrever-se sem acento, tal como *aldeia*, *baleia*, *cheia*, etc.

Do mesmo modo, palavras como *comboio*, *dezoito*, *estroina*, etc., em que o timbre do ditongo oscila entre a abertura e o fechamento, oscilação que se traduz na facultatividade do emprego do acento agudo no Brasil, passarão a grafar-se sem acento.

A generalização da supressão do acento nestes casos justifica-se não apenas por permitir eliminar uma diferença entre a prática ortográfica brasileira e a lusitana, mas ainda pelas seguintes razões:

a) Tal supressão é coerente com a já consagrada eliminação do acento em casos de homografia heterofônica (v. Base IX, 10º, e, neste texto atrás, 5.4.1.), como sucede, por exemplo, em *acerto*, substantivo, e *acerto*, flexão de *acertar*, *acordo*, substantivo, e *acordo*, flexão de *acordar*, *fora*, flexão de *ser* e *ir*, e *fora*, advérbio, etc.

b) No sistema ortográfico português não se assinala, em geral, o timbre das vogais tônicas *a*, *e* e *o* das palavras paroxítonas, já que a língua portuguesa se caracteriza pela sua tendência para a paroxítonia. O sistema ortográfico não admite, pois, a distinção entre, por exemplo *cada* (*â*) e *fada* (*á*), *para* (*â*) e *tara* (*á*); *espelho* (*ê*) e *velho* (*é*), *janela* (*é*) e *janelo* (*ê*), *escrevera* (*ê*), flexão de *escrever*, e *Primavera* (*é*); *moda* (*ó*) e *toda* (*ô*), *virtuosa* (*ó*) e *virtuoso* (*ô*); etc.

Então, se não se torna necessário, nestes casos, distinguir pelo acento gráfico o timbre da vogal tônica, por que se há-de usar o diacrítico para assinalar a abertura dos ditongos *ei* e *oi* nas paroxítonas, tendo em conta que o seu timbre nem sempre é uniforme e a presença do acento constituiria um elemento perturbador da unificação ortográfica?

#### 5.4.3. Em paroxítons do tipo de *abençoo*, *enjoo*, *voo*, etc. (Base IX, 8º)

Por razões semelhantes às anteriores, o novo texto ortográfico consagra também a abolição do acento circunflexo, vigente no Brasil, em palavras paroxítonas como *abençoo*,

flexão de *abençoar*, *enjoo*, substantivo e flexão de *enjoar*, *moo*, flexão de *moer*, *povoo*, flexão de *povoar*, *voo*, substantivo e flexão de *voar*, etc.

O uso do acento circunflexo não tem aqui qualquer razão de ser, já que ele ocorre em palavras paroxítonas cuja vogal tônica apresenta a mesma pronúncia em todo o domínio da língua portuguesa. Além de não ter, pois, qualquer vantagem nem justificação, constitui um fator que perturba a unificação do sistema ortográfico.

#### 5.4.4. Em formas verbais com *u* e *ui* tônicos, precedidos de *g* e *q* (Base X, 7º)

Não há justificação para se acentuarem graficamente palavras como *apazigue*, *arguem*, etc., já que estas formas verbais são paroxítonas e a vogal *u* é sempre articulada, qualquer que seja a flexão do verbo respectivo.

No caso de formas verbais como *argui*, *delinquis*, etc., também não há justificação para o acento, pois se trata de oxítonas terminadas no ditongo tónico *ui*, que como tal nunca é acentuado graficamente.

Tais formas só serão acentuadas se a seqüência *ui* não formar ditongo e a vogal tônica for *i*, como, por exemplo, *arguí* (1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo).

## 6. Emprego do hífen (Bases XV a XVIII)

### 6.1. Estado da questão

No que respeita ao emprego do hífen, não há propriamente divergências assumidas entre a norma ortográfica lusitana e a brasileira. Ao compulsarmos, porém, os dicionários portugueses e brasileiros e ao lermos, por exemplo, jornais e revistas, deparam-se-nos muitas oscilações e um largo número de formações vocabulares com grafia dupla, ou seja, com hífen e sem hífen, o que aumenta desmesurada e desnecessariamente as entradas lexicais dos dicionários. Estas oscilações verificam-se sobretudo nas formações por prefixação e na chamada recomposição, ou seja, em formações com pseudoprefixos de origem grega ou latina.

Eis alguns exemplos de tais oscilações: *ante-rosto* e *anterrosto*, *co-educação* e *coeducação*, *pré-frontal* e *prefrontal*, *sobre-saia* e *sobressaia*, *sobre-saltar* e *sobressaltar*, *aero-espacial* e *aeroespacial*, *auto-aprendizagem* e *autoaprendizagem*, *agro-industrial* e *agroindustrial*, *agro-pecuária* e *agropecuária*, *alvéolo-dental* e *alveolodental*, *bolbo-raquidiano* e *bolborraquidiano*, *geo-história* e *geoistória*, *micro-onda* e *microonda*; etc.

Estas oscilações são, sem dúvida, devidas a uma certa ambiguidade e falta de sistematização das regras que sobre esta matéria foram consagradas no texto de 1945. Tornava-se, pois, necessário reformular tais regras de modo mais claro, sistemático e simples. Foi o que se tentou fazer em 1986.

A simplificação e redução operadas nessa altura, nem sempre bem compreendidas, provocaram igualmente polémica na opinião pública portuguesa, não tanto por uma ou outra incongruência resultante da aplicação das novas regras, mas sobretudo por alterarem bastante a prática ortográfica neste domínio.

A posição que agora se adota, muito embora tenha tido em conta as críticas fundamentadas ao texto de 1986, resulta, sobretudo, do estudo do uso do hífen nos dicionários portugueses e brasileiros, assim como em jornais e revistas.

## 6.2. O hífen nos compostos (Base XV)

Sintetizando, pode dizer-se que, quanto ao emprego do hífen nos compostos, locuções e encadeamentos vocabulares, se mantém o que foi estatuído em 1945, apenas se reformulando as regras de modo mais claro, sucinto e simples.

De fato, neste domínio não se verificam praticamente divergências nem nos dicionários nem na imprensa escrita.

## 6.3. O hífen nas formas derivadas (Base XVI)

Quanto ao emprego do hífen nas formações por prefixação e também por recomposição, isto é, nas formações com pseudoprefixos de origem grega ou latina, apresenta-se alguma inovação. Assim, algumas regras são formuladas em termos contextuais, como sucede nos seguintes casos:

a) Emprega-se o hífen quando o segundo elemento da formação começa por *h* ou pela mesma vogal ou consoante com que termina o prefixo ou pseudoprefixo (por ex. *anti-higiênico*, *contra-almirante*, *hiper-resistente*).

b) Emprega-se o hífen quando o prefixo ou falso prefixo termina em *m* e o segundo elemento começa por vogal, *m* ou *n* (por ex. *circum-murado*, *pan-africano*).

As restantes regras são formuladas em termos de unidades lexicais, como acontece com oito delas (*ex-*, *sota-* e *soto-*, *vice-* e *vizo-*; *pós-*, *pré-* e *pró-*).

Noutros casos, porém, uniformiza-se o não emprego do hífen, do modo seguinte:

a) Nos casos em que o prefixo ou o pseudoprefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por *r* ou *s*, estas consoantes dobram-se, como já acontece com os termos técnicos e científicos (por ex. *antirreligioso*, *microsistema*).

b) Nos casos em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por vogal diferente daquela, as duas formas aglutinam-se, sem hífen, como já sucede igualmente no vocabulário científico e técnico (por ex. *antiaéreo*, *aeroespacial*).

#### 6.4. O hífen na ênclise e tmese (Base XVII)

Quanto ao emprego do hífen na ênclise e na tmese mantêm-se as regras de 1945, exceto no caso das formas *hei de*, *hás de*, *há de*, etc., em que passa a suprimir-se o hífen. Nestas formas verbais o uso do hífen não tem justificação, já que a preposição *de* funciona ali como mero elemento de ligação ao infinitivo com que se forma a perífrase verbal (cf. *hei de ler*, etc.), na qual *de* é mais proclítica do que apoclítica.

### 7. Outras alterações de conteúdo

#### 7.1. Inserção do alfabeto (Base I)

Uma inovação que o novo texto de unificação ortográfica apresenta, logo na Base I, é a inclusão do alfabeto, acompanhado das designações que usualmente são dadas às diferentes letras. No alfabeto português passam a incluir-se também as letras *k*, *w* e *y*, pelas seguintes razões:

- a) Os dicionários da língua já registram estas letras, pois existe um razoável número de palavras do léxico português iniciado por elas.
- b) Na aprendizagem do alfabeto é necessário fixar qual a ordem que aquelas letras ocupam.
- c) Nos países africanos de língua oficial portuguesa existem muitas palavras que se escrevem com aquelas letras.

Apesar da inclusão no alfabeto das letras *k*, *w* e *y*, mantiveram-se, no entanto, as regras já fixadas anteriormente, quanto ao seu uso restritivo, pois existem outros grafemas com o mesmo valor fônico daquelas. Se, de fato, se abolisse o uso restritivo daquelas letras, introduzir-se-ia no sistema ortográfico do português mais um fator de perturbação, ou seja, a possibilidade de representar, indiscriminadamente, por aquelas letras fonemas que já são transcritos por outras.

#### 7.2. Abolição do trema (Base XIV)

No Brasil, só com a Lei nº 5.765, de 18/12/1971, o emprego do trema foi largamente restringido, ficando apenas reservado às sequências *gu* e *qu* seguidas de *e* ou *i*, nas quais *u* se pronuncia (cf. *aguentar*, *arguente*, *eloquente*, *equestre*, etc.).

O novo texto ortográfico propõe a supressão completa do trema, já acolhida, aliás, no Acordo de 1986, embora não figurasse explicitamente nas respectivas bases. A única ressalva, neste aspecto, diz respeito a palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros com trema (cf. *mülleriano*, de *Müller*, etc.).

Generalizar a supressão do trema é eliminar mais um fator que perturba a unificação da ortografia portuguesa.

#### 8. Estrutura e ortografia do novo texto

Na organização do novo texto de unificação ortográfica optou-se por conservar o modelo de estrutura já adotado em 1986. Assim, houve a preocupação de reunir, numa mesma base, matéria afim, dispersa por diferentes bases de textos anteriores, donde resultou a redução destas a vinte e uma.

Através de um título sucinto, que antecede cada base, dá-se conta do conteúdo nela consagrado. Dentro de cada base adotou-se um sistema de numeração (tradicional) que permite uma melhor e mais clara arrumação da matéria aí contida.

ANEXO F – Decreto nº 7.875, de 27 de dezembro de 2012.



**Presidência da República  
Casa Civil  
Subchefia para Assuntos Jurídicos**

**DECRETO Nº 7.875, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012**

Altera o Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008, que promulga o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

**A PRESIDENTA DA REPÚBLICA**, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, **caput**, inciso IV, da Constituição,

**DECRETA:**

Art. 1º O Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008, passa a vigorar com as seguintes alterações:

“Art. 2º .....

Parágrafo único. A implementação do Acordo obedecerá ao período de transição de 1º de janeiro de 2009 a 31 de dezembro de 2015, durante o qual coexistirão a norma ortográfica atualmente em vigor e a nova norma estabelecida.” (NR)

Art. 2º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 27 de dezembro de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF  
*Ruy Nunes Pinto Nogueira*

**Este texto não substitui o publicado no DOU de 28.12.2012**

## ANEXO G – Instruções para a organização do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa

### INSTRUÇÕES PARA A ORGANIZAÇÃO DO VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA.

O VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA terá por base o VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA da Academia das Ciências de Lisboa, edição de 1940, consoante a sugestão do Sr. Ministro da Educação e Saúde, aprovada unânimemente pela Academia Brasileira de Letras, em 29 de janeiro de 1942. Para a sua organização se obedecerá rigorosamente aos itens seguintes:

- 1.º — Inclusão dos brasileirismos consagrados pelo uso.
- 2.º — Inclusão de estrangeirismos e neologismos de uso corrente no Brasil e necessários à língua literária.
- 3.º — Substituição de certas formas usadas em Portugal pelas correspondentes formas usadas no Brasil, consoante a pronúncia e a morfologia consagradas.

## XVIII

## FORMULÁRIO ORTOGRÁFICO

4.º — Fixação da grafia de vocábulos cuja etimologia ainda não está perfeitamente demonstrada, consignando-se em primeiro lugar a de uso mais generalizado.

5.º — Fixação das grafias de vocábulos sincréticos e dos que têm uma ou mais variantes, tendo-se em vista o étimo e a história da língua, e registro de tais vocábulos um a par do outro, de maneira que figure em primeira plana, como preferível, o de uso mais generalizado.

6.º — Evitar duplicidade gráfica ou prosódica de qualquer natureza, dando-se a cada vocábulo uma única forma, salvo se nele há consoante que facultativamente se profira, ou se há mais de uma pronúncia legitimada pelo uso ou pela etimologia, casos em que se registrarão as duas formas, uma em seguida à outra, colocando-se em primeiro lugar a de uso mais generalizado.

7.º — Registro de um significado ou da definição de todos os vocábulos homófonos não homógrafos, bem como dos homógrafos heterofônicos, — mas não dos homógrafos perfeitos, — fazendo-se remissão de um para outro.

8.º — Registro, entre parênteses, da vogal ou sílaba tônica de todo e qualquer vocábulo cuja pronúncia é duvidosa, ou cuja grafia não mostra claramente a sua ortoépia; não sendo, porém, indicada a sílaba tônica dos infinitos dos verbos, salvo se forem homógrafos heterofônicos.

9.º — Registro, entre parênteses, do timbre da vogal tônica de palavras sem acento diacrítico, bem como da vogal da sílaba pretônica ou postônica, sempre que se faça mister, em especial quando há metafonia, tanto no plural dos nomes e adjetivos quanto em formas verbais. Não será indicado, porém, o timbre aberto das vogais e e o nem o timbre fechado das dos vocábulos compostos ligados por hífen.

10.º — Fixação dos femininos e plurais irregulares, que serão inscritos em seguida ao masculino singular.

11.º — Registro de formas irregulares dos verbos mais usados em *ear* e *iar*, especialmente das do presente do indicativo, no todo ou em parte.

12.º — Todos os vocábulos devem ser escritos e acentuados gráficamente de acordo com a ortoépia usual brasileira e sempre seguidos da indicação da categoria gramatical a que pertencem.

Para acentuar gráficamente as palavras de origem grega, ou indicar-lhes a prosódia entre parênteses, cumpre atender ao uso brasileiro: registra-se a pronúncia consagrada, embora esteja em desacordo com a primordial; mas, se ela é de uso apenas em certa arte ou ciência, e ainda esteja em tempo de se corrigir, convém seja corrigida, inscrevendo-se a forma etimológica em seguida à usual.

O Vocabulário conterá:

- a) o formulário ortográfico, que são estas instruções;
- b) o vocabulário comum;
- c) registro de abreviaturas.

O Vocabulário Onomástico será publicado separadamente, depois de aprovado por decreto especial.

## I

### ALFABETO.

1. O alfabeto português consta fundamentalmente de vinte e três letras: a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, z.

2. Além dessas letras, há três que só se podem usar em casos especiais: k, w, y.

## K, W, Y.

3. O k é substituído por qu antes de e, i, e por c antes de outra qualquer letra: breque, caqui, caulim, faquir, niquel, etc.

4. Emprega-se em abreviaturas e símbolos, bem como em palavras estrangeiras de uso internacional: K. = potássio; Kr. = criptônio; kg = quilograma; km = quilômetro; kw = quillowatt; kwh = quillowatt-hora, etc.

5. Os derivados portugueses de nomes próprios estrangeiros devem escrever-se de acôrdo com as formas primitivas: frankliniano, kantismo, kepleriano, perkinismo, etc.

6. O w substitui-se, em palavras portuguesas ou aportuguesadas, por u ou v, conforme o seu valor fonético: sanduiche, talvegue, visigodo, etc.

7. Como símbolo e abreviatura, usa-se em kw = quillowatt; W. = oeste ou tungstênio; w = watt; ws = watt-segundo, etc.

8. Nos derivados vernáculos de nomes próprios estrangeiros, cumpre adotar as formas que estão em harmonia com a primitiva: darwinismo, wagneriano, zwinglianista, etc.

9. O y, que é substituído pelo i, ainda se emprega em abreviaturas e como símbolo de alguns termos técnicos e científicos: Y = itrio; yd = jarda, etc.

10. Nos derivados de nomes próprios estrangeiros, devem usar-se as formas que se acham de conformidade com a primitiva: **byroniano**, **maynardina**, **taylorista**, etc.

## III

## H.

11. Esta letra não é propriamente consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma, se conserva no princípio de várias palavras e no fim de algumas interjeições: **haver**, **hélice**, **hidrogênio**, **hóstia**, **humildade**; **hã!**, **hem?**, **puh!**; etc.

12. No interior do vocábulo, só se emprega em dois casos: quando faz parte do **ch**, do **lh** e do **nh**, que representam fonemas palatais, e nos compostos em que o segundo elemento, com **h** inicial etimológico, se une ao primeiro por meio do hífen: **chave**, **malho**, **rebanho**; **anti-higiênico**, **contra-haste**, **pré-história**, **sobre-humano**; etc.

Observação. — Nos compostos sem hífen, elimina-se o **h** do segundo elemento: **anarmônico**, **hebdomadário**, **coonestar**, **desarmonia**, **exausto**, **inabilitar**, **lobisomem**, **reaver**, etc.

13. No futuro do indicativo e no condicional, não se usa o **h** no último elemento, quando há pronome intercalado: **«má-lo-ei**, **dir-se-ia**, etc.

14. Quando a etimologia o não justifica, não se emprega: **arpejo** (substantivo), **ombro**, **ontem**, etc. E mesmo que o justifique, não se escreve no fim de substantivos nem no começo de alguns vocábulos que o uso consagrou sem este símbolo: **andorinha**, **erva**, **felá**, **inverno**, etc.

15. Não se escreve h depois de c (salvo o disposto em o n.º 12) nem depois de p, r e t; o ph é substituído por f, o ch (gutural) por qu antes de e ou i e por c antes de outra qualquer letra: corografia, cristão, querubim, química; farmácia, fósforo; retórica, ruibarbo; teatro, turíbulo; etc.

## IV

## CONSOANTES MUDAS.

16. Não se escrevem as consoantes que se não proferem: asma, assinatura, ciência, diretor, ginásio, inibir, inovação, officio, ótimo, salmo, e não asthma, assignatura, sciencia, director, gymnasio, inhibir, innovação, officio, optimo, psalmo.

Observação. — Escreve-se, porém, o s em palavras como *descer*, *florescer*, *nascer*, etc., e o x em vocábulos como *exceto*, *excerto*, etc., apesar de nem sempre se pronunciarem essas consoantes.

17. Em sendo mudo o p no grupo mpc ou mpt, escreve-se nc ou nt: *assuncionista*, *assunto*, *presunção*, *prontificar*, etc.

18. Devem-se registrar os vocábulos cujas consoantes facultativamente se pronunciam, pondo-se em primeiro lugar o de uso mais generalizado, e em seguida o outro. Assim, serão consignados, além de outros, estes: *aspecto* e *aspeto*, *característico* e *caraterístico*, *circunspecto* e *circunspeto*, *conectivo* e *conetivo*, *contacto* e *contato*, *corrupção* e *corrução*, *corruptela* e *corrutela*, *dactilografia* e *datilografia*, *espectro* e *espetro*, *excepcional* e *excecional*, *expectativa* e *xpetativa*, *infecção* e *infeção*, *optimismo* e *otimismo*, *respectivo* e *respe-tivo*, *secção* e *seção*, *sinóptico* e *sinótico*, *sucção* e *sução*, *suntuoso* e *suntuoso*, *tacto* e *tato*, *tecto* e *teto*.

## V

## SC.

19. Elimina-se o s do grupo inicial sc: celerado, cena, cenografia, ciência, cientista, cindir, cintilar, ciografia, cisão, etc.

20. Os compostos dessa classe de vocábulos, quando formados em nossa língua, são escritos sem o s antes do c: anticientífico, contracenar, encenação, etc.; mas, quando vieram já formados para o vernáculo, conservam o s: consciência, consciência, imprescindível, insciente, inscio, multisciente, nescio, presciência, prescindir, proscênio, rescindir, rescisão, etc.

## VI

## LETRAS DOBRADAS.

21. Escrevem-se rr e ss quando, entre vogais, representam os sons simples do r e s iniciais; e ce ou çç quando o primeiro soa distintamente do segundo: carro, farra, massa, passo; convicção, occipital; etc.

22. Duplicam-se o r e o s tôdas as vèzes que a um elemento de composição terminado em vogal se segue, sem interposição do hífen, palavra começada por uma daquelas letras: albirrosado, arritmia, altissono, derrogar, prerrogativa, presentir, ressentimento, sacrossanto, etc.

## VOGAIS NASAIS.

23. As vogais nasais são representadas no fim dos vocabulos por *ã* (*ãs*), *im* (*ins*), *om* (*ons*), *um* (*uns*): *afã*, *cãs*, *flautim*, *folhetins*, *semitom*, *tons*, *tutum*, *zunzuns*, etc.

24. O *ã* pode figurar na sílaba tônica, pretônica ou átona: *ãatá*, *cristãmente*, *maçã*, *órfã*, *romãzeira*, etc.

25. Quando aquelas vogais são iniciais ou mediais, a nasalidade é expressa por *m* antes de *b* e *p*, e por *n* antes de outra qualquer consoante: *ambos*, *campo*; *contudo*, *enfim*, *enquanto*, *homenzinho*, *nuvenzinha*, *vinteminho*; etc.

## DITONGOS

26. Os ditongos orais escrevem-se com a subjuntiva *i* ou *u*: *aipo*, *caí*, *cauto*, *degrau*, *dei*, *fazeis*, *idéia*, *mausoléu*, *neurose*, *retorqui*, *rói*, *sois*, *sou*, *souto*, *uivo*, *usufruí*, etc.

Observação. — Escrevem-se com *i*, e não com *e*, a forma verbal *fuí*, a 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do presente do indicativo e a 2.<sup>a</sup> do singular do imperativo dos verbos terminados em *uir*: *afuí*, *fruí*, *retribuí*, etc.

27. O ditongo ou alterna, em numerosos vocábulos, com oi: balouçar e baloiçar, calouro e caloiro, dourar e doirar, etc. Cumpre registrar em primeiro lugar a forma que mais se usa, e em seguida a variante.

28. Escrevem-se assim os ditongos nasais: *ãe, âi, ão, am, em, en(s), ôe, ui* (proferido *ũi*): *mãe, pães, cãibra, acórdão, irmão, leãozinho, amam, bem, bens, devem, pôe, repões, muito, etc.*

Observação 1.<sup>a</sup> — Dispensa-se o til do ditongo nasal *ui* em *mul* e *muito*.

Observação 2.<sup>a</sup> — Com o ditongo nasal *ão* se escrevem os monossílabos, tônicos ou não, e os polissílabos oxítonos: *cão, dão, grão, não, quão, são, tão*; *alcorão, capitão, cristão, então, irmão, senão, sentirão, servirão, viverão, etc.*

Observação 3.<sup>a</sup> — Também se escrevem com o ditongo *ão* os substantivos e adjetivos paroxítonos, acentuando-se, porém, a sílaba tônica: *orfão, órgão, sócio, etc.*

Observação 4.<sup>a</sup> — Nas formas verbais anoxítonas se escreve *am*: *amaram, deveram, partiram, puseram, etc.*

Observação 5.<sup>a</sup> — Com o ditongo nasal *ãe* se escrevem os vocábulos oxítonos e os seus derivados; e os anoxítonos primitivos grafam-se com o ditongo *âi*: *capitães, mães, pãezinhos; cáibo, váibo; etc.*

Observação 6.<sup>a</sup> — O ditongo nasal *êi(s)* escreve-se *em* ou *en(s)* assim nos monossílabos como nos polissílabos de qualquer categoria gramatical: *bem, cem, convém, convéns, mantem, manténs, nem, sem, virgem, virgens, voragem, voragens, etc.*

29. Os encontros vocálicos átonos e finais que podem ser pronunciados como ditongos crescentes escrevem-se da seguinte forma: *ea* (áurea), *eo* (cetáceo), *ia* (colônia), *ie* (espécie), *io* (exímio), *oa* (nódoa), *ua* (continua), *ue* (lênue), *uo* (triduo), etc.

## IX

## HIATOS.

30. A 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do presente do conjuntivo e a 3.<sup>a</sup> do singular do imperativo dos verbos em *uar* escrevem-se com *oe*, e não *oi*: *abençoe*, *amaldiçoes*, *perdoe*, etc.

31. As três pessoas do singular do presente do conjuntivo e a 3.<sup>a</sup> do singular do imperativo dos verbos em *uar* escrevem-se com *ue*, e não *ui*: *cultue*, *habitues*, *preceitue*, etc.

## X

## PARÔNIMOS E VOCÁBULOS DE GRAFIA DUPLA.

32. Deve-se fazer a mais rigorosa distinção entre os vocábulos parônimos e os de grafia dupla que se escrevem com *e* ou com *i*, com *o* ou com *u*, com *e* ou *q*, com *ch* ou *x*, com *g* ou *j*, com *s*, *ss* ou *c*, *ç*, com *s* ou *x*, com *s* ou *z*, e com os diversos valores do *x*.

33. Deve-se registrar a grafia que seja mais conforme à etimologia do vocábulo e à sua história, mas que esteja em harmonia com a prosódia geral dos brasileiros, nem sempre idêntica à lusitana. E quando há dois vocábulos diferentes, v. g., um escrito com *e* e outro escrito com *i*, é necessário que ambos sejam acompanhados da sua definição ou do seu significado mais vulgar, salvo se forem de categorias gramaticais diferentes, porque, neste caso, serão acompanhados da indicação dessas categorias. Ex.: *consório*, adj. Cf. *sensório*, adj. e s. 14.

Assim, pois, devem ser inscritos vocábulos como: *antecipar, criador, criança, criar, diminuir, discricionário, dividir, filintiano, filipino, idade, igreja, igual, imiscuir-se, invés, militar, ministro, pior, quase, quepe, tigela, tijolo, vizinho, etc.*

34. Palavras como *cardeal e cardial, desfeiar e desfiar, descrição e discrição, destinto e distinto, meado e miado, re-crear e recriar, se e si* serão consignadas com o necessário esclarecimento e a devida remissão. Por exemplo: *descrição, s. f.: ação de descrever. Cf. discrição. | Discrição, s. f.: qualidade do que é discreto. Cf. descrição.*

35. Os verbos mais usados em *ear* e *iar* serão seguidos das formas do presente do indicativo, no todo ou em parte.

36. De acôrdo com o critério exposto, far-se-á rigorosa distinção entre os vocábulos que se escrevem

a) com *o* ou com *u*: *frágua, lugar, mágoa, manuelino, polir, tribo, urdir, veio* (v. ou subst.), etc.

b) com *c* ou *q*: *quatorze* (seguido de *catorze*), *cinquenta, quociente* (seguido de *cociente*), etc.

c) com *ch* ou *x*: *anexim, bucha, cambaxirra, charque, chimarrão, coxia, estrebuchar, faxina, flecha, tachar* (notar; censurar), *taxar* (determinar a taxa; regular), *xicara*, etc.

d) com *g* ou *j*: *estrangeiro, jenipapo, genitivo, giria, jeira, jeito, jibóia, jirau, laranjeira, lojista, majestade, viagem* (subst.), *viagem* (do v. *viajar*), etc.

e) com *s*, *ss* ou *c*, *ç*: *ânsia, anticéptico, boça* (cabo de navio), *bossa* (protuberância; aptidão), *bolçar* (vomitar), *bol-*

sar (fazer bolsos), caçula, censual (relativo a censo), sensual (lascivo), etc.

Observação. — Não se emprega ç em início de palavra.

f) com s ou x: espectador (testemunha), expectador (pessoa que tem esperança), experto (perito; experimentado), esperto (ativo; acordado), esplêndido, esplendor, extremoso, flux (na locução a flux), justafluvial, justapor. misto, etc.

g) com s ou com z: alazão, alcaçuz (planta), alisar (tornar liso), alizar (s. m.), anestésiar, autorizar, bazar, blusa, brasileiro, buzina, coliscu, comezinho, cortês, dissensão, empresa, esfuziar, esvaziamento, frenesi (seguido de frenesim), garcês, guízo (s. m.), improvisar, irisar (dar as côres do iris a), irizar (atacar [o iriz] o cafézeiro), lambuzar, luzidio, mazorca, narcisar-se, obséquio, pezunho, prioresa, rizotônico, sacerdot/sa, sazão, tapiz, trânsito, xadrez, etc.

Observação 1.<sup>a</sup> — É sonoro o s de obséquio e seus derivados, bem como o do prefixo trans, em se lhe seguindo vogal, pelo que se deverá indicar a sua pronúncia entre parênteses; quando, porém, a esse prefixo se segue palavra iniciada por s, só se escreve um, que se profere como se fôra dobrado: obsequiar (ze), transoceânico (zo); transecular (se), transsubstanciação (su); etc.

Observação 2.<sup>a</sup> — No final de sílaba atona, seja no interior, seja no fim do vocabulo, emprega-se o s em lugar do z: asteca, endes, mesquita, etc.

37. O x continua a escrever-se com os seus cinco valores, bem como nos casos em que pode ser mudo, qual em *excerto*, *excerto*, etc. Tem, pois, o som de

1.<sup>o</sup> — ch, no princípio e no interior de muitas palavras: *xairé*, *xerife*, *xica*, *a*, *ameixa*, *enxoval*, *peixe*, etc.

Observação. — Quando tem esse valor, não será indicada a sua pronúncia entre parênteses.

2.º — es, no meio e no fim de várias palavras: **anexo**, **complexidade**, **convexo**, **bórax**, **látex**, **sifex**, etc.

3.º — z, quando ocorre no prefixo **exo**, ou **ex** seguido de vogal: **exame**, **êxito**, **êxodo**, **exosmose**, **exotérmico**, etc.

4.º — ss: **aproximar**, **auxiliar**, **máximo**, **proximidade**, **simtaxe**, etc.

5.º — s final de sílaba: **contexto**, **fênix**, **pretextar**, **sexto**, **textual**, etc.

38. No final de sílabas iniciais e interiores se deve empregar o s em vez do x, quando não o precede a vogal e: **justafluvial**, **justaposição**, **misto**, **sistino**, etc.

## XI

### NOMES PRÓPRIOS.

39. Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo portugueses ou aportuguesados, estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns.

40. Para salvaguardar direitos individuais, quem o quiser manterá em sua assinatura a forma consuetudinária. Poderá também ser mantida a grafia original de quaisquer firmas, sociedades, títulos e marcas que se achem inscritos em registro público.

41. Os topônimos de origem estrangeira devem ser usados com as formas vernáculas de uso vulgar; e quando não têm formas vernáculas, transcrevem-se consoante as normas

estatuídas pela Conferência de Geografia de 1926 que não contrariarem os princípios estabelecidos nestas **Instruções**.

42. Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo "Bahia", que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao Estado e à cidade que têm esse nome.

**Observação.** — Os compostos e derivados desses topônimos obedecerão as normas gerais do vocabulário comum.

## XII

## ACENTUAÇÃO GRÁFICA.

43. A fim de que a acentuação gráfica satisfaça às necessidades do ensino, — principal escopo da simplificação e regularização da ortografia nacional —, e permita que todas as palavras sejam lidas corretamente, estejam ou não marcadas por sinal diacrítico, no Vocabulário será indicada, entre parênteses, a sílaba ou a vogal tônica e o timbre desta em todos os vocábulos cuja pronúncia possa dar azo a dúvidas.

A acentuação gráfica obedecerá às seguintes regras:

1.<sup>a</sup> — Assinalam-se com o acento agudo os vocábulos oxítonos que terminam em a, e, o abertos, e com o acento circunflexo os que acabam em e, o fechados, seguidos, ou não, de s: *cajá, háa, jacaré, pés, seridó, sóa; dendê, lês, pôa, trisavô*; etc.

**Observação.** — Nesta regra se incluem as formas verbais em que, depois de a, e, o, se assimilaram o r, o s e o x ao l do pronome lo, la, les, las, caindo depois o primeiro l: *dá-lo, contá-la, fá-lo-a, fê-los, movê-las-la, pô-los, quê-los, sabê-lo-emos, trá-lo-ás*, etc.

2.<sup>a</sup> — Todas as palavras proparoxítonas devem ser acentuadas graficamente: recebem o acento agudo as que têm na antepenúltima sílaba as vogais a, e, o abertas ou i, u; e levam acento circunflexo as em que figuram na sílaba predominante as vogais e, o fechadas ou a, e, o seguidas de m ou n: árabe, exército, gótico, límpido, louvaríamos, público, úmbrico; devêssemos, fôlego, lâmina, lâmpada, lémures, pêndula, quilômetro, recôndito; etc.

Observação. — Incluem-se neste preceito os vocábulos terminados em encontros vocálicos que podem ser pronunciados como ditongos crescentes: área, espontâneo, ignorância, imundície, lírio, mágoa, régua, ténue, vácuo, etc.

3.<sup>a</sup> — Os vocábulos paroxítonos finalizados em i ou u, seguidos, ou não, de s, marcam-se com acento agudo quando na sílaba tônica figuram a, e, o abertos, i ou u; e com acento circunflexo quando nela figuram e, o fechados ou a, e, o seguidos de m ou n: beribéri, bônus, dândi, íris, júri, lápis, miosótis, ténis, etc.

Observação 1.<sup>a</sup> — Os paroxítonos terminados em um, uns têm acento agudo na sílaba tônica: álbum, albuns, etc.

Observação 2.<sup>a</sup> — Não se acentuam os prefixos paroxítonos acabados em i: semi-histórico, etc.

4.<sup>a</sup> — Põe-se o acento agudo no i e no u tônicos que não formam ditongo com a vogal anterior: ai, balaústre, cafeína, cais, contraí-la, distribuí-lo, egoísta, faisca, heroína, juízo, país, peúga, saía, saúde, timbouva, viúvo, etc.

Observação 1.<sup>a</sup> — Não se coloca o acento agudo no i e no u quando, precedidos de vogal que com eles não forma ditongo, são seguidos de l, m, n, r ou z que não iniciam sílabas e, ainda, nh: adail, contribuinte, demiurgo, juiz, paul, retribuirdes, ruim, tainha, ventinha, etc.

Observação 2.<sup>a</sup> — Também não se assinala com acento agudo a base dos ditongos tônicos iu e ui, quando precedidos de vogal: atrain, contribuiu, paus, etc.

5.<sup>a</sup> — Assinala-se com o acento agudo o u tônico precedido de g ou q e seguido de e ou i: *argúi*, *arguis*, *averigúe*, *averigues*, *obliquê*, *obliquês*, etc.

6.<sup>a</sup> — Põe-se o acento agudo na base dos ditongos abertos *êi*, *êu*, *ôí*, quando tônicos: *assembleia*, *bacharéis*, *chapêu*, *jibôia*, *lôio*, *paranoico*, *rouxinóis*, etc.

7.<sup>a</sup> — Marca-se com o acento agudo o e da terminação em *ou ens* das palavras oxítonas de mais de uma sílaba: *alguém*, *armazém*, *convém*, *convêns*, *detêm-lo*, *mantêm-na*, *parabêns*, *retêm-no*, *também*, etc.

Observação 1.<sup>a</sup> — Não se acentuam graficamente os vocábulos paroxítonos finalizados por *ens*: *imagens*, *jovens*, *nuvens*, etc.

Observação 2.<sup>a</sup> — A 3.<sup>a</sup> pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter*, *vir* e seus compostos recebe acento circunflexo no e da sílaba tônica: *(eles) contém*, *(elas) convêm*, *(eles) têm*, *(elas) vêm*, etc.

Observação 3.<sup>a</sup> — Conserva-se, por clareza gráfica, o acento circunflexo do singular *erê*, *dê*, *lê*, *vê* no plural *erêm*, *dêm*, *lêm*, *vêm* e nos compostos desses verbos, como *descreêm*, *desdecem*, *releêm*, *revêm*, etc.

8.<sup>a</sup> — Sobrepõe-se o acento agudo ao a, e, o abertos e ao *i* ou *u* da penúltima sílaba dos vocábulos paroxítonos que acabam em *l*, *n*, *r* e *x*; e o acento circunflexo ao e, o fechados e ao a, e, o seguidos de *m* ou *n* em situação idêntica: *agúcar*, *afável*, *alúmen*, *córtex*, *éter*, *hífen*; *aljôfar*, *âmbar*, *cânon*, *êxul*, *fênix*, *vómer*, etc.

Observação. — Não se acentuam graficamente os prefixos paroxítonos terminados em *r*: *inter-helênico*, *super-homem*, etc.

9.<sup>a</sup> — Marca-se com o competente acento, agudo ou circunflexo, a vogal da sílaba tônica dos vocábulos paroxítonos acabados em ditongo oral: *ágeis*, *devêreis*, *escrevêsseis*, *fariéis*, *férteis*, *fósseis*, *fósseis*, *imóveis*, *jóquei*, *pênséis*, *pusêsseis*, *quisêsseis*, *tínheis*, *túneis*, *uteis*, *variáveis*, etc.

10.<sup>a</sup> — Recebe acento circunflexo o penúltimo *o* fechado do hiato *oo*, seguido, ou não, de *s*, nas palavras paroxítonas: *abençoô, enjôos, perdôo, vôos, etc.*

11.<sup>a</sup> — Usa-se o til para indicar a nasalização, e vale como acento tônico se outro acento não figura no vocábulo: *afã, capitães, coração, devoções, pôem, etc.*

Observação. — Se é átona a sílaba onde figura o til, acentua-se graficamente a predominante: *acórdão, bênção, órfã, etc.*

12.<sup>a</sup> — Emprega-se o trema no *u* que se pronuncia depois de *g* ou *q* e seguido de *e* ou *i*: *agüentar, argüição, eloqüente, tranqüilo, etc.*

Observação 1.<sup>a</sup> — Não se põe acento agudo na sílaba tônica das formas verbais terminadas em *qüe, quem*: *apropi.êüe, delinquêem, etc.*

Observação 2.<sup>a</sup> — É lícito o emprego do trema quando se quer indicar que um encontro de vogais não forma ditongo, mas hiato: *saúde, vaidade* (com quatro sílabas), etc.

13.<sup>a</sup> — Mantêm-se o acento circunflexo e o til do primeiro elemento nos advérbios em *mente* e nos derivados em que figuram sufixos precedidos do infixo *z* (*zada, zal, zeiro, zinho, zista, zito, zona, zorro, zudo, etc.*): *cômodamente, cortêsmente, dendêzeiro, ôvozito, pêssegozinho; chãmente, cristãzinha, leõezinhos, mãozada, romãzeira, etc.*; e o acento agudo do primeiro elemento passará a ser acento grave nos derivados dessa natureza: *avôzinha, cafézeiro, faiscazinha, indelêvelmente, opúsculozinho, sômente, sózinho, terrivelmente, voluntáriozinho, volúvelmente, etc.*

14.<sup>a</sup> — Emprega-se o acento circunflexo como diferencial ou distintivo no *e* e no *o* fechados da sílaba tônica das palavras que estão em homografia com outras em que são abertos *esse* e *esse o*: *acêrto* (s. m.) e *acerto* (v.); *aquele*, *aqueles* (adj. ou pron. dem.) e *aquele*, *aqueles* (v.); *côr* (s. f.) e *cor* (s. m.);

**côrte, côrtes** (s. f.) e **corte, cortes** (v.); **dêle, dêles** (contr. da prep. de com o pron. pess. êle, êles) e **dele, deles** (v.); **devéras** (v.) e **deveras** (adv.); **êsse, êsses, êste, êstes** (adj. ou pron. dem.) e **esse, esses, este, estes** (s. m.); **fêz** (s. m. e v.) e **fez** (s. f.); **fôr** (v.) e **for** (s. m.); **fôra** (v.) e **fora** (adv., interj. ou s. m.); **fôsse** (dos v. ir e ser) e **fosse** (do v. fossar); **nêle, nêles** (contr. da prep. em com o pron. pess. êle, êles) e **nele, neles** (s. m.); **pôde** (perf. ind.) e **pode** (pres. ind.); **sôbre** (prep.) e **sobre** (v.); etc.

**Observação 1.<sup>a</sup>** — Emprega-se também o acento circunflexo para distinguir de certos homógrafos inacentuados as palavras que têm e ou o fechados: **pêlo** (s. m.) e **pelo** (per e lo); **pêra** (s. f.) e **pera** (prep. ant.); **pôlo, pôlos** (s. m.) e **polo, polos** (por e lo ou los); **pôr** (v.) e **por** (prep.); **porquê** (quando é subst. ou quando vem no fim da frase) e **porque** (conj.); **quê** (s. m., interj., ou pron. no fim da frase) e **que** (adv., conj., pron. ou part. expletiva).

**Observação 2.<sup>a</sup>** — Quando a flexão do vocábulo faz desaparecer a homografia, cessa o motivo do emprêgo do sinal diacrítico. Acentuam-se, por exemplo, o masculino singular **enfermo** e as formas femininas **enferma** e **enfermas**, em razão de existirem **enfermo, enferma** e **enfermas**, com e aberto, do verbo **enfermar**, porém não se acentua gráficamente o substantivo plural **enfermos**, visto não haver igual forma com e aberto; **colhêr** e **colhêres**, formas do infinito e do futuro do conjuntivo do verbo **colhêr**, recebem acento circunflexo para se diferenciarem dos homógrafos heterofônicos **colher** e **colheres**, substantivos femininos que se proferem com e aberto, mas não levam acento gráfico as outras pessoas daquele modo e tempo, em virtude da inexistência de formas cujo timbre da vogal tônica seja aberto.

**15.<sup>a</sup>** — Recebem acento agudo os seguintes vocábulos, que estão em homografia com outros: **às** (s. m.), cf. **às** (contr. da prep. a com o art. ou pron. as); **pára** (v.), cf. **para** (prep.); **pêla, pélas** (s. f. e v.), cf. **pela, pelas** (agl. da prep. per com o art. ou pron. la, las); **pêlo** (v.), cf. **pelo** (agl. da prep. per com o art. ou pron. lo); **pêra** (el. do s. f. comp. **pêra-fita**), cf.

pera (prep. ant.); pólo, pólos (s. m.), cf. polo; pólos (agl. da prep. por com o art. ou pron. lo, los); etc.

Observação. — Não se acentua gráficamente a terminação amos do pretérito perfeito do indicativo dos verbos da 1.<sup>a</sup> conjugação.

16.<sup>a</sup> — O acento grave, além de marcar a sílaba pretônica de que trata a regra 13.<sup>a</sup>, assinala as contrações da preposição a com o artigo a e com os adjetivos ou pronomes demonstrativos a, aquêle, aqueloutro, aquilo, os quais se escreverão assim: à, ás, àquele, àqueia, aqueles, àqueias, àquilo, àqueloutro, àqueloutra, àqueloutros, àqueloutras.

Observação. — Aquêle e àqueles dispensam o acento circunflexo, em razão de o acento grave os diferenciar dos homógrafos heterofônicos aquêle e aqueles.

## XIII

## APOSTROFO.

41. Limita-se o emprego do apóstrofo aos seguintes casos:

1.<sup>o</sup> — Indicar a supressão de uma letra ou letras no verso, por exigência da metrifcação: c'roa, esp'rança, of'recer, 'star, etc.

2.<sup>o</sup> — Reproduzir certas pronúncias populares: 'tá, 'teve, etc.

3.<sup>o</sup> — Indicar a supressão da vogal, já consagrada pelo uso, em certas palavras compostas ligadas pela preposição de: cope-d'água (planta; lanche), galinha-d'água, mãe-d'água, ôlho-d'água, pau-d'água (árvore; êbrio), pau-d'alho, pau-d'arco, etc.

Observação. — Restringindo-se o emprego do apóstrofo a esses casos, cumpre não se use dêle em nenhuma outra hipótese. Assim, não sera empregado:

a) nas contrações das preposições de e em com artigos, adjetivos ou pronomes demonstrativos, indefinidos, pessoais e com alguns advérbios: del (em aqui-del-rei); dum, duma (a par de de um, de uma), num, numa (a par de em um, em uma); dalgum, dalguma (a par de de algum, de alguma), nalgum, nalguma (a par de em algum, em alguma); dalguem, nalguem (a par de de alguém, em alguém); doutrem, noutrem (a par de de outrem, em outrem); dalgo, dalgures (a par de de algo, de algures); daquém, dalém, dacolá (a par de de aquém, de além, de acolá); doutro, noutro (a par de de outro, em outro); dêle, dela, nêle, nela; dêste, desta, neste, nesta, daquele, daquela, naquele, naquela; disto, nisto, daquilo, naquilo; daqui, daí, dacolá, donde, dantes, dentre; doutrora (a par de de outrora), noutrora; doravante (a par de de ora avante); etc.

b) nas combinações dos pronomes pessoais: mo, ma, mos, mas, te, ta, tos, tas, lho, lha, lhos, lhas, no-lo, no-la, no-los, no-las, vo-lo, vo-la, vo-los, vo-las.

c) nas expressões vocabuliares que se tornaram unidades fonéticas e semânticas: dessarte, destarte, homessa, tarrengo, tescunjuro, rivalma, etc.

d) nas expressões de uso constante e geral na linguagem vulgar: co, coa, ca, cos, cas, coas (= com o, com a, com os, com as), plo, pla, plos, plas (= pelo, pela, pelos, pelas), pra (= para), pro, pra, pros, pras (= para o, para a, para os, para as), etc.

## XIV

## HIFEN.

45. Só se ligam por hifen os elementos das palavras compostas em que se mantém a noção da composição, isto é, os elementos das palavras compostas que mantêm a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido.

46. Dentro desse principio, deve-se empregar o hifen nos seguintes casos:

1.º — Nas palavras compostas em que os elementos, com a sua acentuação própria, não conservam, considerados isoladamente, a sua significação, mas o conjunto constitui uma unidade semântica: *água-marinha*, *arco-iris*, *galinha-d'água*, *couve-flor*, *guarda-pó*, *pé-de-meia* (mealheiro; peculio), *pára-choque*, *porta-chapéus*, etc.

Observação 1.ª — Incluem-se nesta norma os compostos em que figuram elementos foneticamente reduzidos: *bel-prazer*, *és-sueste*, *mal-pecado*, *su-sueste*, etc.

Observação 2.ª — O antigo artigo *el*, sem embargo de haver perdido o seu primitivo sentido e não ter vida a parte na lingua, une-se por hífen ao substantivo *rei*, por ter este elemento evidência semântica.

Observação 3.ª — Quando se perde a noção do composto, quase sempre em razão de um dos elementos não ter vida própria na lingua, não se escreve com hífen, mas aglutinadamente: *abrolhos*, *bancarrota*, *fidalgo*, *vinagre*, etc.

Observação 4.ª — Como as locuções não têm unidade de sentido, os seus elementos não devem ser unidos por hífen, seja qual for a categoria gramatical a que elas pertençam. Assim, escreve-se, v. g., *vós outros* (locução pronominal), *a desoras* (locução adverbial), *a fim de* (locução prepositiva), *contanto que* (locução conjuntiva), porque essas combinações vocabulares não são verdadeiros compostos, não formam perfeitas unidades semânticas. Quando, porém, as locuções se tornam unidades fonéticas, devem ser escritas numa só palavra: *acérca* (adv.), *afinal*, *apesar*, *debaixo*, *decerto*, *defronte*, *depressa*, *devagar*, *deveras*, *resvés*, etc.

Observação 5.ª — As formas verbais com pronomes enclíticos ou mesoclíticos e os vocábulos compostos cujos elementos são ligados por hífen conservam seus acentos gráficos: *amá-lo-a*, *amáreis-me*, *amásseis-vos*, *devê-lo-ia*, *fá-la-emos*, *pô-las-íamos*, *possui-las*, *provém-lhes*, *retêm-nas*; *água-de-colônia*, *pão-de-ló*, *pára-sois*, *pesa-pa-péis*; etc.

2.º — Nas formas verbais com pronomes enclíticos ou mesoclíticos: *ama-lo* (amas e lo), *amá-lo* (amar e lo), *dê-se-lhe*,

fá-lo-á, oferecê-la-ia, repô-lo-eis, serenou-se-te, traz-me, vedou-te, etc.

Observação. — Também se unem por hífen as enclíticas *lo, la, los, las* aos pronomes *nos, vos* e á forma *eis*: *no-lo, no-las, vo-la, vo-los, ei-la*, etc.

3.<sup>o</sup> — Nos vocábulos formados pelos prefixos que representam formas adjetivas, como *anglo, greco, histórico, infero, latino, lusitano, luso, póstero, súpero*, etc.: *anglo-brasileiro, greco-romano, histórico-geográfico, infero-anterior, latino-americano, lusitano-castelhano, luso-brasileiro, póstero-palatal, súpero-posterior*, etc.

Observação. — Ainda que esses elementos prefixais sejam reduções de adjetivos, não perdem a sua individualidade morfológica, e por isso devem unir-se por hífen, como succede com *austro* (= *austriaco*), *dólico* (= *dolicocéfalo*), *euro* (= *europen*), *telégrafo* (= *telegráfico*), etc.: *austro-húngaro, dólico-louro, euro-africano, telégrafo-postal*, etc.

4.<sup>o</sup> — Nos vocábulos formados por sufixos que representam formas adjetivas, como *açu, guaçu e mirim*, quando o exige a pronúncia e quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada gráficamente: *andá-açu, amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu*, etc.

5.<sup>o</sup> — Nos vocábulos formados pelos prefixos:

a) *auto, contra, extra, infra, intra, neo, proto, pseudo, semi e ultra*, quando se lhes seguem palavras começadas por vogal, *h, r* ou *s*: *auto-educação, contra-almirante, extra-oficial, infra-hepático, intra-ocular, neo-republicano, proto-revolucionário, pseudo-revelação, semi-selvagem, ultra-sensível*, etc.

**Observação.** — A única exceção a esta regra é a palavra *extra-ordinário*, que já está consagrada pelo uso.

b) *ante*, *anti*, *arqui* e *sobre*, quando seguidos de palavras iniciadas por *h*, *r* ou *s*: *ante-histórico*, *anti-higiênico*, *arquirabino*, *sobre-saia*, etc.

c) *supra*, quando se lhe segue palavra encetada por vogal, *r* ou *s*: *supra-axilar*, *supra-renal*, *supra-sensível*, etc.

d) *super*, quando seguido de palavra principiada por *h* ou *r*: *super-homem*, *super-requintado*, etc.

e) *ab*, *ad*, *ob*, *sob* e *sub*, quando seguidos de elementos iniciados por *r*: *ab-rogar*, *ad-renal*, *ob-reptício*, *sob-roda*, *sub-reino*, etc.

f) *pan* e *mal*, quando se lhes segue palavra começada por vogal ou *h*: *pan-asiático*, *pan-helenismo*, *mal-educado*, *mal-humorado*, etc.

g) *bem*, quando a palavra que lhe segue tem vida autónoma na língua ou quando a pronúncia o requer: *bem-ditoso*, *bem-aventurança*, etc.

h) *sem*, *sota*, *soto*, *vice*, *vizo*, *ex* (com o sentido de cessamento ou estado anterior), etc.: *sem-cerimônia*, *sota-piloto*, *soto-ministro*, *vice-reitor*, *vizo-rei*, *ex-diretor*, etc.

i) *pós*, *pré* e *pró*, que têm acento próprio, por causa da evidência dos seus significados e da sua pronúncia, ao contrário dos seus homógrafos inacentuados, que, por diversificados foneticamente, se aglutinam com o segundo ele-

mento: pós-meridiano, pré-escolar, pró-britânico; mas *pospor*, *preanunciar*, *proconsul*; etc.

### DIVISÃO SILÁBICA.

47. A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia.

48. Fundadas neste princípio geral, cumpre respeitar as seguintes normas:

1.<sup>a</sup> — A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: *eni-do-se*, *dze-ta*, *gno-ma*, *mne-mô-ni-ca*, *pneu-má-ti-co*, etc.

2.<sup>a</sup> — No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a consoante não seguida de vogal: *at-ti-car*, *ac-ne*, *bet-sa-mi-ta*, *daf-ne*, *drac-ma*, *ét-ni-co*, *nup-cial*, *ob-fir-mar*, *op-ção*, *sig-ma-tis-mo*, *sub-por*, *sub-ju-gar*, etc.

3.<sup>a</sup> — Não se separam os elementos dos grupos consonânticos iniciais de sílaba nem os dos digramas *ch*, *lh* e *nh*: *a-blu-ção*, *a-bra-sar*, *a-che-gar*, *fi-lho*, *ma-nhã*, etc.

Observação. — Nem sempre formam grupos articulados as consoâncias *hl* e *br*: nalguns casos o *l* e o *r* se pronunciam separadamente, e a isso se atenderá na partição do vocábulo; e as consoantes *dl*, a não ser no termo onomatopéico *dlm*, que exprime toque de campainha, proferem-se desligadamente, e na divisão silábica ficará — hífen entre essas duas letras. Ex.: *sub-lin-gual*, *sub-ro-gar*, *ad-le-ga-ção*, etc.

4.<sup>a</sup> — O *s* no interior do vocábulo biparte-se, ficando o *s* numa sílaba, e o *c* na sílaba imediata: *a-do-les-cen-te*, *con-va-les-cer*, *des-cer*, *ins-ci-en-te*, *pres-cin-dir*, *res-ci-são*, etc.

Observação. — Forma sílaba com o prefixo antecedente o *s* que precede consoante: *abs-tra-ir*, *ads-cre-ver*, *ins-cri-ção*, *ins-pe-tor*, *ins-tru-ir*, *in-ter-s-ti-cio*, *pers-pi-caz*, *subs-cre-ver*, *subs-ta-be-le-cer*, etc.

5.<sup>a</sup> — O *s* dos prefixos *bis*, *cis*, *des*, *dis*, *trans* e o *x* do prefixo *ex* não se separam quando a sílaba seguinte começa por consoante; mas, se principia por vogal, formam sílaba com esta e separam-se do elemento prefixal: *bis-ne-to*, *cis-pla-ti-no*, *des-li-gar*, *dis-tra-ção*, *trans-por-tar*, *ex-tra-ir*; *bi-sa-vô*, *ci-san-dí-no*, *de-ses-pe-rar*, *di-sen-té-ri-co*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *e-xér-ci-to*; etc.

6.<sup>a</sup> — As vogais idênticas e as letras *cc*, *çç*, *rr* e *ss* separam-se, ficando uma na sílaba que as precede, e outra na sílaba seguinte: *ca-a-tin-ga*, *co-or-de-nar*, *du-ún-vi-ro*, *fri-is-si-mo*, *ge-e-na*, *in-te-lec-ção*, *oc-ci-pi-tal*, *pror-ro-gar*, *res-sur-gir*, etc.

Observação. — As vogais de hiatos, ainda que diferentes uma da outra, também se separam: *a-ta-ú-de*, *cai-ais*, *ca-i-eis*, *ca-ir*, *do-er*, *du-e-lo*, *fi-el*, *flu-ú*, *fru-ir*, *gra-ú-na*, *je-su-i-ta*, *le-al*, *mi-ú-do*, *po-ei-ra*, *ra-i-nha*, *sa-ú-de*, *vi-vi-eis*, *vo-ar*, etc.

7.<sup>a</sup> — Não se separam as vogais dos ditongos — crescentes e decrescentes — nem as dos tritongos: *ai-ro-so*, *a-ni-mais*, *au-ro-ra*, *a-ve-ri-güeis*, *ca-ú*, *cru-éis*, *en-jei-tar*, *fo-ga-rêu*, *fu-giu*, *gló-ria*, *guai-ar*, *i-guais*, *ja-mais*, *jói-as*, *ó-dio*, *quais*, *sá-bio*, *sa-guão*, *sa-guões*, *su-bor-nou*, *ta-fuis*, *vá-rio*, etc.

Observação. — Não se separa do *u* precedido de *g* ou *q* a vogal que o segue, acompanhada, ou não, de consoante: *am-bi-guo*, *e-qui-valer*, *guer-ra*, *u-bi-quo*, etc.

### EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS.

49. Emprega-se letra inicial maiúscula:

1.º — No começo do periodo, verso ou citação direta: Disse o PADRE ANTÔNIO VIEIRA: "Estar com CRISTO em qualquer lugar, ainda que seja no Inferno, é estar no Paraíso."

"Auriverde pendão de minha terra,  
Que a brisa do Brasil beija e balança,  
Estandarte que à luz do sol encerra  
As promessas divinas da Esperança..." (CASTRO ALVES.)

Observação. — Alguns poetas usam, à espanhola, a minúscula no principio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê em CASTILHO:

"Aqui, sim, no meu cantinho,  
vendo rir-me o candeciro,  
gozo o bem de estar sòzinho  
e esquecer o mundo inteiro."

2.º — Nos substantivos próprios de qualquer espécie — antropônimos, topônimos, patronímicos, cognomes, alcunhas, tribos e castas, designações de comunidades religiosas e políticas, nomes sagrados e relativos a religiões, entidades mitológicas e astronómicas, etc.: José, Maria, Macedo, Freitas, Brasil, América, Guanabara, Tietê, Atlântico, Antoninos, Afonsinhos, Conquistador, Magnânimo, Coração de Leão, Sem Pavor, Deus, Jeová, Alá, Assunção, Ressurreição, Júpiter, Baco, Cérbero, Via Láctea, Canopo, Vênus, etc.

Observação 1.ª — As formas onomásticas que entram na composição de palavras do vocabulário comum escrevem-se com inicial

minúscula quando constituem, com os elementos a que se ligam por hífen, uma unidade semântica; quando não constituem unidade semântica, devem ser escritas sem hífen e com inicial maiúscula: *água-de-colônia, João-de-barro, maria-rosa (palmeira), etc.*; além *Andes, aquém Atlântico, etc.*

**Observação 2.<sup>a</sup>** — Os nomes de povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam habitantes ou naturais de um estado, provincia, cidade, vila ou distrito, mas ainda quando representam coletivamente uma nação: *amazonenses, baianos, estremenhos, fluminenses, guarapuavanos, jequienses, paulistas, pontalenses, romenos, russos, suiços, uruguaiois, venezuelanos, etc.*

**3.<sup>o</sup>** — Nos nomes próprios de eras históricas e épocas notáveis: *Hégira, Idade Média, Quinhentos (o século XVI), Seiscentos (o século XVII), etc.*

**Observação.** — Os nomes dos meses devem escrever-se com inicial minúscula: *janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro.*

**4.<sup>o</sup>** — Nos nomes de vias e lugares públicos: *Avenida de Rio Branco, Beco do Carmo, Largo da Carioca, Praia do Flamengo, Praça da Bandeira, Rua Larga, Rua do Ouvidor, Terreiro de São Francisco, Travessa do Comércio, etc.*

**5.<sup>o</sup>** — Nos nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas: *Igreja (Católica, Apostólica, Romana), Nação, Estado, Pátria, Raça, etc.*

**Observação.** — Esses nomes se escrevem com inicial minúscula quando são empregados em sentido geral ou indeterminado.

**6.<sup>o</sup>** — Nos nomes que designam artes, ciências ou disciplinas, bem como nos que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber: *Agricultura, Arquitetura, Educação Física, Filologia Portuguesa, Direito, Medicina, Engenharia, História do Brasil, Geografia, Matemática, Pintura, Arte, Ciência, Cultura, etc.*

**Observação.** — Os nomes idioma, idioma pátrio, língua, língua portuguesa, vernáculo e outros análogos escrevem-se com inicial maiúscula quando empregados com especial relevo.

7.º — Nos nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos: **Papa, Cardeal, Arcebispo, Bispo, Patriarca, Vigário, Vigário-Geral, Presidente da República, Ministro da Educação, Governador do Estado, Embaixador, Almirantado, Secretário de Estado, etc.**

8.º — Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações, edifícios e estabelecimentos públicos ou particulares: **Diretoria Geral do Ensino, Inspetoria do Ensino Superior, Ministério das Relações Exteriores, Academia Paranaense de Letras, Circulo de Estudos "Bandeirantes", Presidência da Republica, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Tesouro do Estado, Departamento Administrativo do Serviço Público, Banco do Brasil, Imprensa Nacional, Teatro de São José, Tipografia Rolandiana, etc.**

9.º — Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas: **Imitação de Cristo, Horas Marianas, Correio da Manhã, Revista Filológica, Transfiguração (de RAFAEL), Norma (de BELLINI), Guarani (de CARLOS GOMES), O Espirito das Leis (de MONTESQUIEU), etc.**

**Observação.** — Não se escrevem com maiúscula inicial as partículas monossilábicas que se acham no interior de vocábulos compostos ou de locuções ou expressões que têm iniciais maiúsculas: **Queda do Império, O Crepúsculo dos Deuses, Histórias sem Data, A Mão e a Luva, Festas e Tradições Populares no Brasil, etc.**

10.º — Nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes empreendimentos públicos: **Centenario da Independência do Brasil, Descobrimento da América, Questão Religiosa, Reforma Ortográfica, Acôrdo Luso-Brasi-**

leiro, Exposição Nacional, Festa das Mães, Dia do Município, Glorificação da Língua Portuguesa, etc.

Observação. — Os nomes das festas pagãs ou populares escrevem-se com inicial minúscula: carnaval, entrudo, saturnais, etc.

11.º — Nos nomes de escolas de qualquer espécie ou grau de ensino: Faculdade de Filosofia, Escola Superior de Comércio, Ginásio do Estado, Colégio de Pedro II, Instituto de Educação, Grupo Escolar de Machado de Assis, etc.

12.º — Nos nomes comuns, quando personificados ou individuados, e de seres morais ou fictícios: A Capital da República, a Transbrasiliana, moro na Capital, o Natal de Jesus, o Poeta (CAMÕES), a ciência da Antiguidade, os habitantes da Península, a Bondade, a Virtude, o Amor, a Ira, o Medo, o Lobo, o Cordeiro, a Cigarra, a Formiga, etc.

Observação. — Incluem-se nesta norma os nomes que designam atos das autoridades da República, quando empregados em correspondência ou documentos oficiais: A Lei de 13 de maio, o Decreto-lei n.º 292, o Decreto n.º 20.108, a Portaria de 15 de junho, o Regulamento n.º 737, o Acórdão de 3 de agosto, etc.

13.º — Nos nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões: Os povos do Oriente; o falar do Norte é diferente do falar do Sul; a guerra do Ocidente; etc.

Observação. — Os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com inicial minúscula quando designam direções ou limites geográficos: Percorri o país de norte a sul e de leste a oeste.

14.º — Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência: D. (Dom ou Dona), Sr. (Senhor), Sr.ª (Senhora), DD. ou Dig.<sup>mo</sup> (Digníssimo), MM. ou M.<sup>mo</sup> (Meritíssimo), Rev.<sup>mo</sup> (Reverendíssimo), V. Rev.ª (Vossa Reverência), S. E. (Sua Eminência), V. M. (Vossa Majestade), V. A. (Vossa Alteza), V. S.ª (Vossa Senhoria), V. Ex.ª (Vossa

Excelência), V. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> (Vossa Excelência Reverendíssima), V. Ex.<sup>as</sup> (Vossas Excelências), etc.

Observação. — As formas que se acham ligadas a essas expressões de tratamento devem ser também escritas com iniciais maiúsculas: D. Abade, Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> Diretora, Sr. Almirante, Sr. Capitão-de-Mar-e-Guerra, MM. Juiz de Direito, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Arcebispo Primaz, Magnífico Reitor, Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Eminentíssimo Senhor Cardeal, Sua Majestade Imperial, Sua Alteza Real, etc.

15.<sup>o</sup> — Nas palavras que, no estilo epistolar, se dirigem a um amigo, a um colega, a uma pessoa respeitável, as quais, por deferência, consideração ou respeito, se queira realçar por esta maneira: meu bom Amigo, caro Colega, meu prezado Mestre, estimado Professor, meu querido Pai, minha amável Mãe, meu bom Padre, minha distinta Diretora, caro Dr., prezado Capitão, etc.

## XVII

## SINAIS DE PONTUAÇÃO.

50. Aspas. — Quando a pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas:

"Aí temos a lei", dizia o Florentino. "Mas quem as há de segurar? Ninguém." (Rui Barbosa.)

"Misera! tivesse eu aquela enorme, aquela  
Claridade imortal, que toda a luz resume!"

"Por que não nasce eu um simples vaga-lume?"

(MACHADO DE ASSIS.)

51. Parênteses. — Quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses; mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação:

“Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não: o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida.” (Rui Barbosa.)

“A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento.” — “(Carta inserta nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. I.)” (Carlos de Laet.)

52. Travessão. — Emprega-se o travessão, e não o hífen, para ligar palavras ou grupos de palavras que formam, pelo assim dizer, uma cadeia na frase: O trajeto Mauá — Casca-dura; a estrada de ferro Rio — Petrópolis; a linha aérea Brasil — Argentina; o percurso Barcas — Tijuca; etc.

53. Ponto final. — Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide com aquêle, tem dupla serventia. Ex.: “O ponto abreviativo põe-se depois das palavras indicadas abreviadamente por suas iniciais ou por algumas das letras com que se representam: v. g.: V. S.<sup>as</sup>; Il.<sup>mo</sup>; Ex.<sup>as</sup>; etc.” (Dr. ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO.)



*Aprovadas unanimemente  
na sessão de 12 de agosto de 1943.*

*José Carlos de Almeida Soares  
Presidente da Academia Brasileira de Letras.*